UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

MARCELA BONETTI

A memória de moradores da Vila Padre Manoel da Nóbrega sobre a prática de manifestações culturais afro-brasileiras: a presença negra na Vila.

São Paulo

2016

MARCELA BONETTI

A memória de moradores da Vila Padre Manoel da Nóbrega sobre a prática de manifestações culturais afro-brasileiras: a presença negra na Vila.

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia, do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais

Área de Concentração: Cultura, Política e Identidades

Orientador: Professor Doutor Ricardo Santhiago Corrêa

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Bonetti, Marcela

A memória de moradores da Vila Padre Manoel sobre a prática de manifestações culturais afro-brasileiras : a presença negra na Vila / Marcela Bonetti ; orientador, Ricardo Santhiago Corrêa. – São Paulo, 2016

291 f. : il

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Versão original

1. Cultura afro-brasileira – Campinas (SP). 2. História oral. 3. Identidade cultural. 4. Memória social. I. Corrêa, Ricardo Santhiago, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 306.098161

Nome: BONETTI, Marcela

Título: A memória de moradores da Vila Padre Manoel da Nóbrega sobre a prática de manifestações culturais afro-brasileiras: a presença negra na Vila.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia, do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais

Área de Concentração: Cultura, Política e Identidades

Aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Dedico este trabalho às pessoas inspiradoras, em especial à minha maior inspiração, Luigi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos moradores da Vila Padre Manoel da Nóbrega, que me receberam e se dedicaram a relatar suas lembranças do bairro;

Agradeço à Prof^a. Valéria Barbosa Magalhães, por ter me orientado na primeira fase do mestrado, até a qualificação;

Agradeço ao Prof. Ricardo Santhiago Corrêa, pela orientação e pelo aprendizado, a partir da qualificação;

Agradeço à minha família, pelo apoio durante esse período e ao Willian Higa pelas trocas intelectuais constantes;

Agradeço a família que ganhei, representada por Jackeline Campos e Nilcéia Marques, pelo carinho. Sem elas não teria sido possível;

Agradeço aos amigos da Secretaria de Cultura de Campinas, pela compreensão e apoio;

Aos funcionários da biblioteca da EACH, apoiadores constantes nos diversos serviços;

Aos amigos, pela compreensão da ausência momentânea, por motivos de força maior;

À Margareth Somazz, pelo apoio e *“help”*;

A duas amigas que dividiram comigo as diversas fases da pós-graduação, com apoio constante, Beth Rossin e Juliana Macedo.

*“Tambor bateu na serra
Marimba retumbou no mar
O candomblé ainda é
A voz que faz o negro se juntar
O samba é canção de guerra
Não foi feito só pra brincar
Pra ser feliz ainda não dá
Enquanto um negro, um só negro,
Um só chorar
Nagô é o rei da Terra
Seu canto se espalhou no ar
O samba quer manter de pé
O povo negro pronto pra lutar
Quem segue a voz nagô não erra
Foi Zambi quem mandou falar
Pra ser feliz ainda não dá
Enquanto um negro, um só negro,
Um só chorar”.*

(Vasconcelos, Naná. “Voz Nagô”.
Minha Lôa. Fábrica, 2002. CD.)

RESUMO

BONETTI, Marcela. **A memória de moradores da Vila Padre Manoel da Nóbrega sobre as manifestações culturais afro-brasileiras: a presença negra na Vila.** 2016. 291 f. Dissertação (Mestrado em ESTUDOS CULTURAIS) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Versão original

O presente estudo tem como objetivo registrar as memórias sobre as manifestações culturais afro-brasileiras praticadas na Vila Padre Manoel da Nóbrega, em Campinas, como a capoeira e o afoxé, e sobre a presença do terreiro de candomblé e umbanda. A pesquisa teve como referência dois espaços: o terreiro de Mãe Iberecy e o Instituto Baobá – Ibaô, Ponto de Cultura e Memória, presentes no local, respectivamente desde os anos 1980 e 2007, que representam a espacialização das práticas de matriz africana e se relacionam à formação identitária do grupo social envolvido. O estudo baseia-se em entrevistas de história oral realizadas com dez moradores, praticantes e não praticantes, selecionados de acordo com o seguinte critério: ser morador do bairro desde o início, o que variou de acordo com as fases de entrega dos imóveis, entre 1975 e 1982. Os entrevistados narraram suas trajetórias e suas memórias acerca das práticas culturais no bairro, entre elas as manifestações afro-brasileiras. Os conceitos de memória, identidade e cultura são norteadores da presente pesquisa, que tem a história oral como metodologia. O contexto da criação do bairro, dentro de uma política de habitação que vigorava nos anos 1970, e o processo de urbanização no município, foram considerados dentro de um modelo de exclusão das camadas populares dos centros das cidades para as periferias, com a criação dos conjuntos habitacionais. O tema do racismo também se revelou presente, relacionado à temática da intolerância religiosa sofrida. A recuperação das manifestações culturais afro-brasileiras ocorre também como parte de um processo de resistência cultural que as comunidades envolvidas empreendem visando legitimar e afirmar sua identidade cultural.

Palavras-chave: Memória. História oral. Cultura afro-brasileira. Identidade. Racismo

ABSTRACT

BONETTI, Marcela. **The memory of residents of Vila Padre Manoel da Nóbrega about the Afro-Brazilian cultural manifestations**: the black presence in Village. 2016. 291 f. Dissertation (Master of Science Cultural Studies) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2016. Original version.

The present study aimed to record the memories about the Afro-Brazilian cultural manifestations have practiced in the neighborhood called “Padre Manoel da Nóbrega, located in the city of Campinas, Cultural manifestations like capoeira, samba and the presence of the yard of candomblé and umbanda, through the stories of its residents, practitioners and non-practitioners. The research had as reference two spaces located in the neighborhood:” Mother Iberecy’s yard of Cambomble and Umbanda that existed from the 1980s and “Instituto Baobá – Ibaô, Ponto de Cultura e Memória,” Baobad Tree Institute-Ibao, Center of Culture and Memory, since 2007 representing the spatialization of African bases and practices relating to the identity formation of the involved social group. The interviews were carried out with ten residents and had initial criteria: it was necessary to be resident since the beginning of the neighborhood, which varied according to the delivery stages of the property between 1975 and 1982. Interviewees narrated their histories and their memories about cultural practices in the neighborhood including the Afro-Brazilian manifestations. The concepts of memory, identity and culture are guiding this research as their oral history as methodology. The context of the creation of the neighborhood within a housing policy that prevailed in the 1970s, and the urbanization process in the county were considered a model of exclusion of the popular layers of population from the center of the city towards the periphery with the creation of the housing. Racism theme also proved this , related to the theme of religious intolerance suffered . The recovery of Afro-Brazilian cultural manifestations also occurs as part of a cultural resistance process where the communities involved are there in order to legitimize and assert their cultural identity.

Key-words: Memory. Oral history. Afro-Brazilian Culture. Identity. Racism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	HISTÓRIA DO PROJETO	13
1.2	PANORAMA	16
1.3	TRILHAS DA PESQUISA	21
1.3.1	Preocupações Éticas: A Bússola Da Trilha	25
2	A HISTÓRIA ORAL E A TRÍADE DE CONCEITOS MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA	27
2.1	CULTURA	27
2.2	MEMÓRIA	34
2.3	IDENTIDADE	37
3	A PRESENÇA NEGRA EM CAMPINAS	39
3.1	A URBANIZAÇÃO, AS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO E A POPULAÇÃO EXCLUÍDA	39
3.2	MEMÓRIAS NEGRAS	43
4	AS ENTREVISTAS	56
4.1	MÃE IBERECY	58
4.2	DAVID	80
4.3	TONINHA	126
4.4	ISABEL	135
4.5	TAVARES	155
4.6	SANDRA	164
4.7	ADEMAR	192
4.8	TONINHO	206
4.9	SEBASTIÃO	212
4.10	CIDA	223
4.11	MESTRE MARQUINHOS	229
4.12	ARI	235
5	LENDO MEMÓRIAS	261
5.1.	A REORGANIZAÇÃO URBANA E AS MANIFESTAÇÕES	269

5.2. O IBAÔ E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS	
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	283
REFERÊNCIAS	287

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura fazer o registro das memórias sobre as manifestações culturais afro-brasileiras em um conjunto habitacional na região Noroeste de Campinas, a Vila Padre Manoel da Nóbrega. Para compreender como cheguei ao bairro, ao terreiro de candomblé e à roda de capoeira, considero necessário contar a história do projeto e apresentar o percurso metodológico que segui, nomeando-o de trilhas da pesquisa.

Utilizo a história oral como fio condutor, que me guiou na construção do roteiro de entrevista, bem como na escolha dos entrevistados, ampara a análise e interpretação das entrevistas, considerando os aspectos subjetivos e as diferentes experiências individuais. Sobre isso, Neves (2000, p. 23) considerou que por ser “orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou.” Deste modo, a autora destacou o aspecto multivocal, característico da história oral. As entrevistas foram a matéria-prima para que eu pudesse ter acesso às memórias do bairro e a história oral possibilitou a interpretação, além das palavras, de gestos, entonações de voz, silêncios e esquecimentos.

Os silêncios e esquecimentos remetem ao tema da memória, apresentado no capítulo 1, onde estão inseridas as referências teóricas que norteiam o presente trabalho. Início a exposição com autores como Le Goff (2012) e Pollak (1989, 1992), que assertam sobre o conceito de memória e as relações de poder envolvidas. Ambos autores avaliam que as críticas à originalidade das fontes, não devem ser feitas apenas às orais, mas também às documentais.

Os autores Bosi (2003), Delgado (2000, 2010) e Portelli (2007) são representantes da história oral e dão suporte ao presente trabalho, com relatos de suas experiências com entrevistas, as técnicas utilizadas e a teoria que pressupõe a prática.

O conceito de cultura pelo viés dos Estudos Culturais procura responder às questões que se mostram presentes na pesquisa, na perspectiva da cultura como

ordinária (WILLIAMS, 1958), cotidiana. Williams e Hall são os representantes desta filiação teórica, à qual o presente trabalho segue.

Estudos sobre cultura negra e cultura popular fundamentam a compreensão do objeto de estudo. Destaca-se neste ponto o caráter multidisciplinar da história oral, que permitiu o diálogo entre as teorias da Antropologia, da Sociologia e dos Estudos Culturais, e os autores destacados são Arantes (1984, 1991), Ortiz (1985, 2001, 2005 e 2015) e Hall (2003, 2006),

O conceito de identidade completa a tríade de conceitos que embasam a presente dissertação. Os estudos de Pollak (1989, 1992) são a referência sobre a identidade social e os trabalhos de Hall (1996, 2003 e 2006) sobre identidade cultural. A história oral orienta o debate sobre identidade em seu caráter relacional com a memória e a cultura. Nesta composição, os autores participantes são: Bosi (2003), Delgado (2010) e Simson (2007).

O contexto da criação do bairro dentro da política de habitação e do desenvolvimento urbano representa o ambiente de exclusão das camadas populares dos centros das cidades para as periferias, com a criação dos conjuntos habitacionais. Trato do assunto no capítulo 2, referente à presença negra. Destarte, relaciono as políticas habitacionais e a urbanização às questões sociais ocorridas, como pano de fundo, que revelam o preconceito racial e social existentes.

O tema do racismo fica evidenciado na intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana, porém era apenas uma das facetas mostradas pelo preconceito racial. Estudos acadêmicos auxiliam na identificação do fenômeno e apontam, em seus levantamentos históricos, aspectos concretos ocorridos no município. As análises das pesquisadoras Barbosa (1983), Koffes (1976) e Giesbrecht (2011) contribuem para compor o panorama em que a pesquisa se insere. Campinas foi um dos municípios mais violentos na história da escravidão e o preconceito racial também foi uma característica da cidade após esse período.

Importante ressaltar que Campinas não “caminhava sozinha” em direção ao preconceito racial e à exclusão da população negra e pobre. Por meio de estudos sobre o movimento negro e os processos de urbanização ocorridos em cidades do

Brasil, é possível reconhecer a similitude de práticas higienistas e demais processos envolvidos no projeto de modernização do país.¹

Em relação às questões ligadas às manifestações afro-brasileiras utilizo como referenciais teóricos os autores Prandi (1991, 2004), Silva (2000), Sodré (2005), Hofbauer (2006) e Schwarcz (2010). Embora não tenha sido intenção desse trabalho pesquisar a respeito das práticas em si, delimitarei o conteúdo sobre o universo das práticas religiosas de matriz africana, para compreender as referências utilizadas pelos praticantes nas entrevistas.

1.1 HISTÓRIA DO PROJETO

A história deste projeto começa alguns anos atrás, como parte de meu interesse profissional em compreender as histórias e o contexto cultural no município de Campinas. Ao atuar como agente cultural na prefeitura de Campinas, considero requisito básico conhecer os bairros e as práticas dos grupos campineiros.

Ao trabalhar na Secretaria de Cultura e atuar na área do patrimônio cultural em sua dimensão imaterial, tive contato com uma discursividade relacionada à comunidade negra na região Noroeste de Campinas e os seus fazeres culturais, em especial práticas afro-brasileiras na Vila Padre Manoel da Nóbrega, o que me provocou a estudar o assunto.

No desenvolvimento da política de patrimônio imaterial no município², da qual fui responsável pela implementação, dois grupos foram atuantes: o Jongo Dito Ribeiro e o Ibaô, grupos de jongo e capoeira, respectivamente. Os praticantes dessas duas manifestações, já reconhecidas na política de patrimônio cultural em âmbito nacional, buscavam o reconhecimento de suas práticas, o que ocorreu no mesmo ano pelo Condepacc, conselho composto de representantes do poder público e da sociedade civil, responsável pela chancela do patrimônio cultural campineiro.

¹ Os processos envolvidos foram os migratórios, o êxodo rural, a periferização, entre outros, dos quais não são objetivos a serem desenvolvidos na presente dissertação. Para tal consultar Rodrigues (2008)

² Que resultou na aprovação da lei Municipal 14.701/2013, sobre o programa municipal do patrimônio imaterial no município de Campinas.

Duas mulheres se destacaram e trouxeram inspiração, como exemplo de militância cultural, dentro dos movimentos sociais relacionados ao movimento negro e à área da cultura: Alessandra Gama, do Ibaô e Alessandra Ribeiro, do jongo Dito Ribeiro. Elas também atuam de forma original no âmbito acadêmico, com suas pesquisas (RIBEIRO, A., 2011), reflexos também de suas práticas. O envolvimento delas como representantes da sociedade civil se mostrou, em seu papel de provocar o Estado, no sentido de cobrar a execução das políticas públicas pertinentes.

Os diálogos e questionamentos acerca do patrimônio cultural com os grupos, em audiências públicas, seminários, as conversas informais e as “rodas de cultura”, nas questões envolvidas nessa “constelação”³, me motivaram a procurar as respostas no universo acadêmico.

Ao estudar a história de Campinas me deparei, na prática, na Secretaria de Cultura, com as manifestações culturais afro-brasileiras e a diversidade envolvida, como escolas de samba, afoxés, samba de bumbo, terreiro, capoeira, jongo e tiririca entre outras. A oralidade dos representantes destes grupos foi fundamental para chamar a atenção do poder público, sobre a lacuna de informações a respeito da presença negra e seu legado cultural.

Uma clivagem entre a história oficial de Campinas, terra de barões, do progresso e do café, conhecida como Princesa D'Oeste, e a história da parcela da população que não aparece, os escravizados, os pobres, que com o fim da escravidão sofreram práticas racistas, como aponta Silva (1988) e Lapa (1989), sugere a necessidade de mais estudos sobre as manifestações afro-brasileiras e a presença da população afrodescendente no município.

É sob esse cenário que o presente trabalho se insere, a partir desse interesse busco o mestrado no programa de Estudos Culturais da Escola de Artes, Cultura e Humanidades. Utilizo a metodologia da história oral na pesquisa, para registrar a memória dos moradores da vila acerca de manifestações culturais e a frase inspiradora de Portelli (1997, p.22): “*a arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir*”.

³ Utilizo o termo constelação de empréstimo, das aulas de Ortiz (2016), ao destacar as áreas da cultura como: culto erudito, cultura popular e indústria cultural, faz analogia a elas como sendo “diferentes constelações”.

1.2 PANORAMA

O panorama encontrado na pesquisa de campo está relacionado à região onde se localiza o bairro, em Campinas. Os relatos procuram trazer ao leitor um pouco do que existe no local. Para fins de visualização, insiro acima duas imagens⁴ do bairro, que reportam à localização, próximo a avenidas e rodovias e detalham o nome das ruas que compõem o bairro, com nomes de pássaros.

A Vila Padre Manoel da Nóbrega está situada na região Noroeste de Campinas, próxima à Avenida John Boyd Dunlop, principal via de acesso à região, cortada pelas rodovias Bandeirantes e Anhanguera. A divisão administrativa municipal que faz referência à região é a Unidade Territorial Básica (UTB) 44, em que estão localizados os bairros Jardim Londres, Jardim Garcia, Vila Padre Manoel da Nóbrega, Vila Castelo Branco e Parque dos Eucaliptos.

Contudo, as relações de vizinhança mencionadas nas entrevistas se estabeleceram com a Vila Castelo Branco, conjunto habitacional contíguo à Vila Padre Manoel da Nóbrega, entregue a população alguns anos antes, em 1967. Algumas entrevistas mencionam o Jardim Garcia, referenciando-o como um bairro de maior poder aquisitivo, inclusive por sua origem, de loteamento particular. O Jardim Londres não foi mencionado como uma referência geográfica dos entrevistados.

O bairro foi entregue em três etapas, oficialmente pela Cohab. A primeira etapa foi em 1976, embora alguns moradores se refiram a 1975, e foram entregues 254 casas; a segunda etapa, em 1978 foram 448 apartamentos e 842 casas e a terceira e última etapa a ser entregue em 1982, com 480 apartamentos, totalizando mil e noventa e seis casas e novecentos e vinte e oito apartamentos.⁵ Possui, em sua infraestrutura, comércio nas ruas principais e equipamentos públicos das áreas da saúde, segurança e educação, que foram elencados a seguir:

⁴ <https://www.google.com/maps/place/Vila+Padre+Manoel+de+Nobrega,+Campinas+-+SP,+Brasil/@-22.9114456,-47.121282,16z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94c8c80ad467a7f3:0x5104d7836dfe146!8m2!3d-22.9100136!4d-47.1155059?hl=pt-BR>

⁵ Informações retiradas do site da Cohab, disponível em http://www.cohabcp.com.br/empre/uhs_campinas.html acesso em 20/06/2014.

- Escola Municipal de Ensino Infantil Professora Cristina Ricci, conhecida popularmente por “crechinha”, atende crianças de 0 a 5 anos,
- Escola Estadual Mário Natividade, conhecido pelos moradores por “Mana”, atende ao ensino fundamental e médio. Lá estudaram os filhos dos entrevistados e David;
- Centro de Saúde Integração: Unidade básica de saúde, atende a população dos bairros Vila Castelo Branco, Vila Padre Manoel da Nóbrega, Parque dos Eucaliptos, Jardim Garcia e Jardim Londres;
- Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Integração;
- Base da Guarda Municipal de Campinas;
- Praça dos Trabalhadores, na divisa como o Nóbrega, abriga a Casa de Cultura Tainã, descrita a seguir:

Desde 1989, localizada em uma praça de esportes municipal, é um Ponto de Cultura que trabalha manifestações culturais como Maracatu, projeto Tambores de Aço e Mídia livre, com crianças e adolescentes, sua missão é possibilitar o acesso à informação, fortalecendo a prática da cidadania e a formação da identidade cultural, visando contribuir para a formação de indivíduos conscientes e atuantes na comunidade.⁶

A Casa de Cultura Tainã desenvolve atividades culturais, sendo a primeira casa de cultura do município que permanece aberta. Foi inspiração para o programa Cultura Viva⁷, idealizado por Turino, que relatou sobre essa experiência em seu livro:

O ponto de cultura Tainã, em Campinas, como o pássaro que lhe empresta o nome, ganhou asas e voou. Esse voo livre foi decorrente de sua autonomia. Mas como se chegou a ela? Antes de o pássaro Tainã levantar voo, já estava expresso o protagonismo daqueles que formariam o ponto de cultura. (TURINO, 2010, p. 68/69)

Além dos equipamentos públicos citados, descreverei abaixo os lugares de resistência negra no bairro⁸, que são objeto de estudo da presente pesquisa, o terreiro Mamãe Oxum, de Candomblé e Umbanda, em que Mãe Iberecy é lalorixá e

⁶ Dados do site da Casa de Cultura Tainã, disponível em <http://www.taina.org.br/casa.php> acesso em 15/04/2015

⁷ O programa Cultura Viva foi desenvolvido pelo Ministério da Cultura, em 2004.

⁸ A Casa de Cultura Tainã é referência cultural no município, no contexto da resistência negra, com a ocupação cultural do espaço desde a década de 1980. Sobre sua história, consultar Giesbrecht (2011).

o Instituto Baobá, Ibaô, espaço cultural que desenvolve práticas culturais de matriz africana.

O terreiro Mamãe Oxum, de Mãe Iberecy está localizado na Vila Padre Manoel da Nóbrega desde 1987, possui uma característica singular: abriga as duas práticas religiosas afro-brasileiras mais populares, o Candomblé e a Umbanda. Seus cultos ocorrem em diferentes dias da semana. Embora possam ter semelhanças, em especial aos olhos dos leigos, por suas vestimentas, orixás, ou mesmo o culto realizado em terreiros, possuem em comum a matriz africana, porém o desenvolvimento das religiões se diferenciam historicamente e as práticas também possuem outros significados. A Umbanda é uma religião brasileira, que uniu os elementos africanos, indígenas e católicos europeus, o Candomblé é um panteão de orixás de origem africana. A maioria dos eventos ocorrem no período noturno. Para fins de pesquisa, o presente trabalho se refere ao candomblé e suas práticas.

Ibaô – O Instituto Baobá é uma Organização Social, que atua na difusão e recuperação das manifestações culturais afro-brasileiras, a partir da capoeira como linha central. David Rosa, contra-mestre de capoeira, desenvolve a prática da capoeira afiliado à Escola Raízes do Brasil, que tem sua sede em Brasília desde 1980. Foi selecionado com Ponto de Cultura e Memória pelo Ministério da Cultura pelo programa Cultura Viva em 2008 e pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo em 2010. Recebeu o título de Utilidade Pública da Câmara de Campinas em 2014..

“O Instituto Baobá (Ibaô) foi fundado em 2007, fruto do histórico que se inicia na década de 1982, alicerçado na prática da Capoeira e dos seus fundamentos em diálogo com as diferentes formas de (re) construção e (re) significação das referências afro-brasileiras na comunidade e, portanto, tem a ver com o nosso pertencimento identitário.”⁹

Com a finalidade de trazer os elementos presentes na construção do trabalho, segue abaixo um pequeno relato a respeito dos entrevistados:

Ari Fernandes – Professor aposentado da Faculdade de Arquitetura e urbanismo da PUC Campinas, ex-secretário de habitação do município de campinas

⁹ Dados do blog do Ibaô, disponível em <https://institutobaoba.wordpress.com/ibao/> acesso em 08/06/2016

e ex-presidente do PT Campinas. Ari é um militante político, que estudou os processos de urbanização de Campinas e região e esteve envolvido em um movimento histórico no município de Campinas, a Assembléia do Povo, que unia intelectuais, a população e a Igreja católica, em prol da urbanização de favelas. Ari foi a entrevista inicial da pesquisa e revelou muitas histórias sobre o município.

Mestre Marquinhos – Mestre Marquinhos é um dos poucos mestres de capoeira de Campinas, praticante de uma manifestação cultural afro-brasileira quase extinta, a Tiririca, conhecida também por capoeira paulista. Recebeu o título de mestre Griô¹⁰ do Ministério da Cultura. Não morou na Vila Padre Manoel da Nóbrega, mas esteve lá no início da Sociedade Amigos do Bairro, durante a gestão do Sr. Tavares e relatou sobre essa experiência. Dava aulas de capoeira na sede da Sociedade de amigos do bairro, e as mesmas eram abertas a moradores de outros bairros também.

Mãe Iberecy – lalorixá do terreiro, ou popularmente conhecida como Mãe de Santo, em sua entrevista apresentou aspectos da religião, presentes em todas as dimensões de sua vida. Contou ter iniciado sua vida religiosa aos 12 anos e desde então tem desenvolvido sua prática. É lalorixá há 35 anos. Sua fala é pausada e reflexiva, com a presença de muitas palavras referentes à religiosidade. Possui dois filhos “carnais”, como os chama, e é avó de três netos.

David – Se mudou para a Vila Padre Manoel da Nóbrega com um ano de idade, com seus pais, um irmão mais velho e uma irmã mais nova. É contra-mestre de capoeira desde a década de 1990, porém revelou na entrevista que participa da capoeira desde os 11 anos, quando conheceu seu Mestre, Tedi, a quem faz referências até os tempos atuais. Representa a Escola Raízes do Brasil para ministrar vivências de Capoeira e cultura afro-brasileira. Sua primeira viagem foi em 2005 e já esteve em diversos países: Venezuela, Itália, Suíça, Portugal, Noruega,

¹⁰ Para ser um mestre griô é necessário ser reconhecido por sua comunidade como detentor do conhecimento das tradições orais. A palavra griô vem de griot, em francês. A palavra tem sua origem em bamanan, língua do noroeste da África, antigo império do Mali, e significa “o sangue que circula”. Assim como o significado da palavra, são reconhecidos como griôs aqueles que fazem com que as tradições circulem entre as novas gerações, preservando a identidade cultural de cada povo.

Suécia, Espanha, Holanda, Dinamarca, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau. É ogã no terreiro de candomblé¹¹. É ele quem bate os atabaques e faz os cânticos.

Dona Toninha – Moradora do bairro, Dona Toninha foi a primeira pessoa entrevistada e indicou a Dona Isabel. Já idosa, em virtude de cirurgia no joelho estava no momento com a mobilidade reduzida, seus relatos contribuíram para conhecer a dinâmica social dos moradores da época. Aparentou participar ativamente das atividades do PROGEN (projeto Gente Nova).¹² e da Igreja católica, como apareceu em sua entrevista. Mora na casa com o marido, senhor Nelson e tem uma filha, adulta, que mora em Piracicaba.

Dona Isabel – Costureira do bairro, a referência como é conhecida no bairro, conheci-a por intermédio de Dona Toninha. Mora na casa alugada e aluga o seu apartamento, porque disse que no apartamento não cabia seu ateliê de costura, um quarto nos fundos da casa onde me recebeu. Mora na casa com o marido, uma filha, divorciada e o neto.

Senhor Tavares – O primeiro presidente da Sociedade Amigos de Bairro, é conhecido no bairro todo, aparentando ser uma forte referência na lembrança dos moradores, em relação à melhorias de infraestrutura. Mora na casa com sua esposa, dona Shirley e tem 86 anos. Ao visita-lo pude perceber em sua expressão corporal sequelas de alguma ocorrência de saúde que limitam sua mobilidade e sua fala. Durante a entrevista foi acompanhado por sua esposa, que o auxiliava na fala.

Dona Sandra – Moradora em um dos prédios do conjunto habitacional, me recebeu em sua casa, quando tive oportunidade de conhecer o apartamento. Conheci-a ao participar de evento no Ibaô a respeito do bairro. É negra, evangélica e mora sozinha. É separada e tem um filho casado, que mora em Valinhos. Sua entrevista chamou atenção pelas interpretações que dava a momentos de sua vida. Foi moradora da Vila Castelo Branco, na infância, com sua mãe e irmãs. Relatou que aos 12 anos trabalhava como empregada doméstica no centro de Campinas, para onde seguia de ônibus diariamente e durante a entrevista comentou que viu a Vila Padre Manoel da Nóbrega “nascer”.

¹¹ Localizei as duas grafias, ogan e ogã, embora David tenha utilizado a grafia ogã, palavra de origem yorubá, significa chefe, é uma função importante dentro do terreiro, depois da lalorixá (mãe de santo) ou Babalorixá (pai de santo).

¹² Organização social que oferece práticas de lazer a crianças, adolescentes e a moradores da terceira idade.

Senhor Ademar – Foi apresentado por mim pelo David, ao passar na frente do Ibaô. Frequenta a praça do Nóbrega, onde ficam outros colegas no período da tarde. Aposentado, como motorista da Unicamp, mora com a esposa, tem 3 filhos, que não moram no bairro.

Senhor Toninho – Aposentado, também frequentador da praça. Quis ser entrevistado ao ver o senhor Ademar respondendo às perguntas sobre o bairro. Morador desde 1982 no bairro. Mora com a esposa, tem duas filhas que não moram no bairro.

Senhor Sebastião – Aposentado, cuida da praça do Nóbrega desde que se aposentou, há dezenove anos, faz a jardinagem. Responsável também por plantar algumas das árvores que estão na praça. Foi indicado pela dona Toninha e Senhor Nelson. Mora com a esposa e um filho solteiro e duas filhas, que não moram no bairro. Tem três netos.

Dona Cida – proprietária da banca de jornal, foi moradora do bairro, porém se mudou para um bairro próximo, o Jardim Aurélia. É casada e tem uma filha, que mora em outro bairro. Seu trabalho ocorre no período da manhã, até às 13 horas diariamente, depois fecha a banca. Foi indicada pelo David e por Dona Isabel nas entrevistas.

1.3 TRILHAS DA PESQUISA

Este subtítulo não foi criado por mim, mas facilmente aceito ao pensar as possibilidades infinitas que traz. A definição de “trilhas” segundo o dicionário Houaiss¹³: *é a ação ou efeito de trilhar, percorrer, entretanto em sua segunda acepção, se refere a um caminho rudimentar, estreito e tortuoso, entre vegetação.* Neste mesmo dicionário, em seu sentido figurado, aparece como *caminho a ser seguido, modelo.*

Penso no trilhar, que significa *signalizar com pegadas, deixar vestígios*, e esse é o objetivo desta seção, deixar as pistas do caminho, que no início *parecia*

¹³ Dicionário eletrônico: <http://houaiss.uol.com.br/>

“rudimentar, estreito e tortuoso”, porém nos leva a ouvir as narrativas de sujeitos históricos da Vila Padre Manoel da Nóbrega e as direções seguidas, pelo viés da história oral, para reconstruir suas memórias ainda não registradas sobre o bairro.

O recorte foi dado em função das manifestações de matriz africana, com a particularidade de o bairro ser uma vila de Cohab, criada a partir de uma concepção vigente na segunda metade do século XX, sobre vilas populares na política de habitação e no processo de urbanização das cidades brasileiras, do qual trato ao analisar o contexto envolvido na pesquisa, no capítulo 2.

Pesquisas bibliográfica e documental A pesquisa bibliográfica me levou a materiais interessantes tanto sobre a cidade, como sobre o bairro e em especial, sobre a presença negra em Campinas e suas memórias. Um sítio eletrônico¹⁴ da USP, resultado de pesquisas acadêmicas sobre a imprensa negra do Estado de São Paulo na primeira metade do século XX, permitiu a visualização de um exemplar, na íntegra, de Campinas, chamado O Baluarte, de 1904.

Por meio de dissertações, teses e livros, que evidenciam os conflitos raciais existentes em Campinas, é possível localizar pistas que coincidem com os relatos orais, que procuram contar as memórias de moradores, que não compõem os livros oficiais do município.

Encontrei trabalhos acadêmicos com estudos sobre a Vila Padre Manoel da Nóbrega, acerca da habitação popular, da urbanização (SEMEGHINI, 1988 e RODRIGUES, F. 2008), da segregação espacial (RODRIGUES, M. 2008) e um estudo que mostra a planta dos imóveis da referida vila, premiada em seminário sobre habitação popular (SANVITTO, 2011). Entretanto, um trabalho relevante na construção dessa pesquisa, sobre as manifestações culturais afro-brasileiras existentes em Campinas, é fruto de uma tese de doutoramento (GIESBRECHT, 2011), que trabalha as memórias negras e os legados musicais do município.

Sobre o preconceito racial no município desde o período da escravidão até os tempos recentes, foram localizados estudos que abordaram a discriminação racial posterior à escravidão (MACIEL, 1985, LAPA, 1989), estudos que datam da década

¹⁴ A USP possui um portal sobre imprensa negra paulista, entre eles a campineira, com alguns exemplares disponíveis, no link: <http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/>. O acervo está relacionado à pesquisa de FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

de 1980 e demonstraram ocorrências, como o trabalho de Barbosa (1983). Sobre o Movimento Negro Unificado (MNU), as dissertações de Silva (2007) e Domingues (2007) foram as referências que me levaram a localizar as informações sobre a imprensa negra campineira. Francisco (2010) é um autor que dá suporte ao tema do racismo, relacionado à identidade cultural

Koffes (1976) realizou um estudo etnográfico na década de 1970, essa experiência está relatada em sua dissertação sobre preconceito e discriminação racial na Vila Costa e Silva, empreendimento da Cohab Campinas. Buscou caracterizar um corpus da representação do preconceito racial, das relações dentro da vila que pesquisava, em que menciona a semelhança entre as “vilas de Cohab” e seu estudo colaborou na compreensão do objeto da presente pesquisa, pela “situação de moradia” similar à Vila Padre Manoel da Nóbrega.

Os estudos citados acima forneceram pistas centrais para ampliar, sobretudo, o repertório acerca da memória e da cultura da comunidade negra, tema do capítulo seguinte. Ao mesmo tempo que possui em seu passado um rastro de repressão e violência, Campinas é bravamente um lugar de resistência dos negros.

A respeito das referências teóricas da metodologia deste trabalho, autores da história oral deram suporte à pesquisa: Alberti (2005), Simson (2007), Portelli (2007), Delgado (2010) e Lang (2013), que tratam das etapas do processo detalhadamente e reproduziram suas experiências de modo estruturado. Como exemplo, Bosi (2003, p. 56) compartilhou análises e experiências, quando sugeriu: *“Importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação, porque são o mapa afetivo da sua experiência e a experiência de seu grupo”*.

A referência de Simson (2007) deu suporte teórico em função da temática, sobre as manifestações culturais afro-brasileiras no município, e contribuíram também na análise das entrevistas, ao tratar sobre diferenças na oralidade de negros e brancos na compreensão e vivência das práticas culturais.

O fato de eu ser pesquisadora e também servidora pública, exigia de mim um cuidado mais acurado, com aspectos éticos e a questão da neutralidade da pesquisa. Dos entrevistados, apenas David sabia sobre minha identidade profissional. Minha identificação com os entrevistados era no papel de pesquisadora do programa de mestrado em Estudos Culturais na USP. David possui um papel

central na pesquisa; sua atuação também pode ser pensada, como Delgado (2010) definiu, como de pessoa chave, nuclear e auxiliou com a sugestão de nomes de potenciais entrevistados.

Esse caminho levou a um fio condutor que estruturou a escolha dos entrevistados. Para a escolha, estabeleci alguns critérios, que se construíram no processo das entrevistas. O critério inicial era a pessoa ter se mudado para o Nóbrega a partir da entrega das casas do bairro. A escolha dos entrevistados, e o roteiro para a entrevista também ocorreram em meio ao processo de entrevistas, sem definições de questões e sim de temas comuns, sobre o início da vida no bairro.

Era importante observar que o primeiro conjunto de casas foi entregue em 1975, o último em 1982, portanto para entrevistar moradores que estejam no bairro desde o início, o período varia de 34 a 41 anos atrás, por isso os entrevistados, exceto David, são idosos.

Misturei alguns modelos do que pude observar na literatura sobre história oral. A partir do critério inicial de ser morador do bairro desde a entrega das casas, considerei que os entrevistados fossem personagens ativos na história do bairro, como sugeriu Delgado (2010) e foram feitas indicações, como no sistema de rede de entrevistados, este, porém, não foi um critério exclusivo.

Iniciei as entrevistas no bairro¹⁵ em duas frentes simultâneas, com dona Toninha e com David. Em uma conversa informal sobre as memórias, David me mostrou fotos antigas que guarda ainda sem saber como utilizar. Essa primeira conversa foi importante, pois algumas informações que ouvi sobre o bairro vieram através dele, porém em função da relação profissional da secretaria de cultura com a entidade representada por ele.

Naquele momento, David e eu retomávamos a conversa sobre o bairro, porém considerei relevante recontratarmos a relação para o campo da pesquisa acadêmica, e expliquei a ele qual era a pesquisa, sobre as entrevistas e o papel do Ibaô como organização que busca recuperar as manifestações culturais afro-brasileiras, entre elas a capoeira e a relação com o terreiro de candomblé e umbanda.

¹⁵ Antes das entrevistas no bairro entrevistei duas pessoas, Ari Fernandes, professor de urbanismo aposentado da PUCC e Mestre Marcos Simplício, mestre de capoeira e que deu aula na VPMN em 1978 (qualificação)

Através do David, tive acesso a Mãe Iberecy, em sua casa, em que o terreiro fica nos fundos. As entrevistas com David, como praticante da capoeira e gestor do Ibaô e com Mãe Iberecy, guia espiritual de uma comunidade religiosa de matriz africana são entrevistas temáticas, como define Delgado (2010) e conduzem este trabalho, no sentido de fornecer "elementos, informações, versões e interpretações" (p. 22) sobre o objeto da pesquisa e serão transcritas na íntegra.

Enquanto a entrevista com a Mãe Iberecy não ocorria, em função de falta de disponibilidade, em meio às cerimônias religiosas e ações de apoio espiritual a seus filhos de santo, considerei partir para outra frente de entrevistas com a finalidade de checar como o morador, escolhido de forma aleatória, lembrava das manifestações culturais afro-brasileiras no bairro considerando que seja não praticante.

Obtive, por meio de contatos pessoais a indicação de um casal, com quem fiz a primeira entrevista, senhor Nelson e Dona Toninha, que tinham poucas informações do bairro, mas indicaram outros moradores, com quem realizei as entrevistas: A Dona Isabel, costureira do bairro e o Senhor Sebastião, que voluntariamente cuidava da praça, além do senhor Tavares, primeiro presidente da Associação de Amigos do bairro.

A ideia de saturação na entrevista, quando as informações começam a se repetir, incluída por Alberti (2005) e Delgado (2006) foi uma forma considerada adequada na mensuração da quantidade de entrevistas necessárias. Foram realizadas dez entrevistas com as pessoas do bairro e duas com pessoas de fora do bairro, conforme já mencionado.

1.3.1 Preocupações Éticas: A Bússola Da Trilha

Os cuidados éticos foram observados e destacados sempre, porém na história oral são levantados alguns pontos específicos¹⁶. Imprescindível a presença deles em trabalhos que tem como fundamento a entrevista, o contato com o outro ser humano.

¹⁶ Utilizei como referência o trabalho de Santhiago e Magalhães (2015) e Portelli (1997)

Destaco abaixo um apanhado do que se tornou essencial na experiência:

Ao entrevistar alguém é importante explicar qual o projeto, como será utilizada a entrevista, quais são os objetivos da pesquisa. É necessário pedir a autorização escrita (carta de cessão) para a utilização do material produzido e cuidar para que o teor da entrevista não ofereça riscos ao narrador.

A relação respeitosa com o entrevistado é uma condição básica, mas vale ressaltar que essa condição inclui não criar “juízo de valor” sobre a fala do outro, nem o forçar a dizer nada que não queira.

A discussão sobre ética – e dos princípios que deveriam norteá-la – se torna ampla por tratar de valores relacionados ao comportamento humano, uma discussão implícita mencionada nos livros e que aparece na obra consultada, diz respeito ao sentido ideológico, a fonte oral não possui a credibilidade da fonte escrita na sociedade atual.

Não coube neste trabalho entrar nessa discussão, mas considerei importante mencionar que existe a preocupação com a capacidade crítica do pesquisador. O fato de o trabalho privilegiar as classes letradas, que sempre foram ouvidas, ou os grupos populares, não classifica uma pesquisa na história oral como mais ou menos legítima.

2 A HISTÓRIA ORAL E A TRÍADE DE CONCEITOS MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA

No presente estudo, optei por apresentar previamente os conceitos envolvidos na compreensão dos temas, levantados nas entrevistas realizadas na pesquisa de campo, para que o leitor pudesse apreender o referencial teórico adotado. O processo de assimilação das teorias, que procuraram explicar os fenômenos relacionados, ocorreu de forma dialética à pesquisa de campo. Isso se deveu também à metodologia da história oral, na qual os temas emergiram dos sujeitos entrevistados, a partir de suas lembranças.

Os conceitos sobre cultura, memória e identidade serão apresentados individualmente no decorrer deste capítulo, todavia, a denominação de tríade se deu em função do caráter relacional estabelecido entre tais conceitos durante o desenvolvimento da pesquisa e sua respectiva análise.

A história oral possibilita o uso de fontes orais como fontes históricas, o que oferece outras perspectivas para a pesquisa histórica, todavia, essa é apenas uma de suas possibilidades. No presente estudo ela se tornou essencial por se tratar de uma fonte que deu acesso a memórias, que não estão inscritas em nenhum lugar, estão relacionadas a manifestações de tradição oral.

Portelli (1997) expressou em seu texto sobre a história oral um argumento, que contempla o propósito de sua utilização no presente trabalho e reproduzo-o abaixo:

Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história de classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de modo nenhum inúteis) para a história das classes dominantes, que tem tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante (PORTELLI, 1997, p. 37).

2.1 CULTURA

Iniciei o tema da cultura, a princípio um tema polissêmico, e ao seguir o campo dos Estudos Culturais detive-me na obra de Williams. Parte de sua obra foi dedicada às problematizações sobre o conceito de cultura compreendida como alta

cultura e defendia uma concepção do cotidiano, das práticas do vivido, dentre a série de significados possíveis. Seus trabalhos contribuíram para uma nova teoria da cultura¹⁷, entre eles destaquei: A cultura é ordinária (1958), Cultura e sociedade (1969) e Palavras-chave (2007).

Sua obra é paradigmática no sentido de ter pesquisado o termo e sua evolução ao longo do tempo. No século XVI, o termo se referia a idéia de cultivo e seguiu nesse sentido até o século XVIII, porém, no século XIX começa a ser conhecido e se aproximou da ideia de civilização.

O importante adjetivo **cultural** parece datar de 1870 e tornou-se comum por volta da década de 1890. A palavra só esteve disponível no sentido moderno quando o substantivo independente, nos sentidos artístico, intelectual ou antropológico tornou-se familiar. (Williams, 2007, p. 123)

Williams (2007) em seu estudo da palavra cultura, ao longo dos séculos, pode descobrir que ela ganhou força no século XIX, porém a associação da palavra com distinções de classe provocou hostilidade. Correlacionou que esse sentimento se apresentava quando a palavra era vinculada a usos que faziam distinções entre alta cultura e arte e entretenimento populares, ou que de alguma forma fizessem menção a um conhecimento superior.

Ela registra, portanto, uma história social real e uma fase muito difícil e confusa do desenvolvimento social e cultural. É interessante que o uso social e antropológico em constante expansão de cultura e cultural e de formações como subcultura (a cultura de um grupo discernível menor) tenha ou eludido ou diminuído a hostilidade e o mal-estar e embaraço que lhe são associados, exceto em certas áreas (notadamente no entretenimento popular) (Williams, 2007, p.123/124).

Williams (1969) desenvolveu sua teoria a respeito das manifestações dominantes, residuais e emergentes, da qual destaquei o trecho:

O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. Assim, certas experiências, significados e valores que não se podem expressar, ou verificar substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo – cultural bem como

¹⁷ Ortiz (2016) apontou ser o autor que definiu de forma mais completa o conceito de cultura.

social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior (Williams, 1969, p.125).

Williams (1969) utilizou o conceito de hegemonia como base para a compreensão da cultura, em que a sociedade possui um sistema central, efetivo e dominante de significados e valores, que seriam um conjunto de práticas, que são organizadas e vividas pelas pessoas, da qual é difícil se livrar, em várias esferas da vida, sobre a qual as pessoas não exercem controle e não é estática. Em outras palavras, Williams acreditava que as práticas culturais determinam e são determinadas pela ordem social, a qual chamou de cultura dominante..

Sobre a hegemonia, conceito “gramsciano” que supõe a ideia de totalidade, em profundidade, que satura a sociedade, Williams, ao pensar sobre cultura e suas práticas sociais, considerou que o conceito de hegemonia se aplicava, por exemplo, quando uma determinada classe dominava e subordinava, isto é, impunha, significados, valores e crenças relacionadas a elas a outras classes.

Williams teceu considerações sobre o conceito de tradição seletiva, pensado por ele, em que o ponto chave é a seleção, o que é selecionado de um passado para ser considerado importante. Apesar da importância do conceito de tradição seletiva, nesse estudo o mesmo foi utilizado para explicar o mecanismo do que Williams chamou de cultura dominante, como abordado anteriormente. Portanto, é por meio do que foi selecionado, por instâncias da sociedade, como família, escola ou organização do trabalho, que ocorre um contínuo fazer e refazer de uma cultura dominante eficaz.

Williams compreendeu que sistemas alternativos à cultura dominante poderiam se estabelecer de duas formas, dependendo também do momento da sociedade, de variações históricas: cultura opositora e cultura residual. Sobre a cultura opositora, interessou a este estudo saber que ao negligenciar uma cultura residual, esta pode se tornar um opositor à cultura dominante.

A forma de cultura residual colaborou em compreender o objeto de estudo da presente pesquisa. A cultura residual, como resíduos, tanto culturais, como sociais, procura um jeito alternativo à cultura dominante e está relacionada a soluções individuais ou de pequenos grupos. Para Cevalco (2003), “Raymond Williams reconheceu que a cultura dominante incorpora algumas práticas residuais”.

O debate, sobre a incorporação da cultura residual pela dominante, interessou diretamente a esta pesquisa, pois as práticas culturais afro-brasileiras tem sido incorporadas pelos universitários, pesquisadores e pessoas da classe média em geral, porém ao incorporá-las, como exemplo as Festas de São João no Nordeste, são “higienizadas” e perdem seu caráter de cultura popular.

Hall (2003) foi o autor que utilizei para tratar de um recorte mais específico quanto ao tema da cultura, e que interessava ao objeto de estudo, as culturas negra e popular. Para tal, Hall baseava-se em um referencial diaspórico, que o acompanhava, considerava que a cultura negra estava sempre acompanhada das influências que recebeu, nunca estava sozinha.

O conceito de multiculturalismo desenvolvido por ele, que ampara a compreensão da presente dissertação, é o conceito que transcrevia abaixo:

Com esta denominação, multicultural nos auxilia a descrever o movimento dinâmico que descreve características sociais em que diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo que retêm algo de sua identidade original (HALL, 2006, p. 51).

Hall desenvolveu sua obra, no sentido de compreender os temas da cultura no âmbito da cultura popular, porém alertou sobre os riscos de colocar esse referencial em conceitos binários, de oposição, como autêntica ou não autêntica. Para ele, a cultura popular é um campo de engajamento da luta contra ou a favor da cultura dos poderosos. Reconheceu a importância de R. Williams criar as distinções sobre os processos culturais, tais como “emergentes, residuais e incorporados” e avaliou que era preciso “expandir e desenvolver esse esquema rudimentar. O importante é observá-lo dinamicamente como um processo histórico. As forças emergentes ressurgem sob velhos disfarces” (HALL, 2003, p. 259).

Hall considerou a cultura negra a partir do referente da cultura popular, com a expressão cultura popular negra. Considerou as identidades negras para tal, a experiência diaspórica não poderia estar desvinculado da articulação entre dois pontos, o da semelhança e o da diferença, sendo este o eixo central de sua teoria.

A semelhança diz respeito à busca da ancestralidade, pois os negros escravizados, ao serem retirados de seus lugares no violento processo de escravidão, buscavam as raízes culturais que perderam. A diferença se estabeleceu

no próprio desenraizamento, em sua trajetória diaspórica, foi incorporando novas culturas e costumes em um referencial sincrético. Com matrizes culturais diversas, os repertórios culturais negros são sempre resultados de “confluências de mais de uma tradição cultural” (HALL, 2003, p. 343), portanto, não podem ser consideradas puros, como inerentes aos negros.

A sociologia da cultura, tendo como expositor Renato Ortiz, acompanhou a trajetória da noção de cultura brasileira e identidade nacional, que procurou reforçar símbolos nacionais para demarcar o espaço da cultura. O autor analisou o período em que se iniciava a discussão sobre cultura no Brasil, em especial cultura popular. Embora as culturas populares sempre tenham realizado suas manifestações culturais, reflexos de suas práticas e de seu cotidiano, os debates na década de 1980 sobre o assunto carregavam um outro referencial intrínseco a ela, a identidade nacional.

Nesse período, concebia-se uma ideia de nação e alguns elementos foram selecionados para representá-la, como “o samba, o futebol e a cachaça”, símbolos de uma brasilidade. Havia por trás dessas escolhas um arcabouço de proposições sobre um Brasil ainda na perspectiva de periférico, de colonizado. Ortiz (1985, p. 142) afirmou: “Não existe assim uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”.

Em seu livro *A Moderna tradição brasileira*, Ortiz (2001) retomou a problemática da cultura brasileira, porem em relação a um outro contexto, da efervescência da Indústria Cultural no Brasil e suas consequências já previstas pelos teóricos da Escola de Frankfurt. Estabeleceu um debate, sobre a modernização e o processo de industrialização do Brasil. Ainda ao pensar um a perspectiva da oposição binária Centro X Periferia, escreveu: “*Na verdade, o estudo da cultura popular é uma forma de manifestação da consciência regional quando ela se opõe ao Estado*” (ORTIZ, 2001, p. 161/162).

Ao debater a cultura brasileira em relação à ideia de mundialização, Ortiz (2007) adiantou-se a um fenômeno que estava por vir, a globalização. Isso mostra que o autor se encontrava em fins do século XX a pensar na mudança de paradigma que propunha esse novo rearranjo mundial.

Ainda não chamada de globalização, o desafio era pensar na cultura globalizada, não mais nacional. Para tratar dessa questão, o autor se adiantou a algo que ainda estava por vir. A transformação dos modos de pensar a cultura como nação e junto com a globalização iniciavam os problemas que ainda não eram sabidos, de uma cultura “desterritorializada” e suas consequências.

Entretanto, a partir de seus livros: Ortiz atualizou sua teoria, e no anexo *Imagens do Brasil* (2015), demonstrou um certo pessimismo em relação à Cultura popular. Partindo de um referencial de que a identidade é uma construção simbólica que se faz em relação a um referente, na atualidade os referentes são múltiplos, e como há uma desterritorialização, considera que determinados signos são ressemantizados no espaço da modernidade-mundo. Para Ortiz (2015), não existe, nem existirá uma cultura global, trata-se agora de diversidade. E se aproxima do tema da atual pesquisa, com a afirmação de que:

A reivindicação política fundamenta-se na afirmação identitária. [...]. Para que os negros representem-se e atuem como grupo é necessário estabelecer uma distinção, uma especificidade que lhe seja própria. Surge assim, uma série de conflitos e acomodações entre a representação do nacional e as identidades particulares (ORTIZ, 2015, p. 156/157).

A partir desse raciocínio, Ortiz (2015) deduz que os movimentos sociais recuperariam sua dimensão política e dá exemplos, como os quilombolas, “que buscam os direitos negados ao longo de uma história de opressão” (Ortiz, 2015, p. 157). E continua nesse tom:

Todas essas manifestações amparam-se em objetos simbolicamente investidos de sentido: afoxé, candomblé, blocos afros, pajelança, mitos e idiomas minoritários são emblemas da identidade em disputa, eles contrastam com os símbolos da cultura brasileira. (ORTIZ, 2015, p. 157).

Ortiz (2015) inseriu após essa colocação sobre a atuação do Estado, no modelo da globalização e considerou que esta poderia se dar em duas esferas:

Nas políticas culturais, que devem enfrentar questões como a elaboração de regras para circulação de bens culturais, e na criação de condições favoráveis para manifestações diversas. Observou que o Estado deve assegurar os direitos, formalizar determinadas linhas de ação, e estabelecer uma ponte entre setores estanques, como cultura e economia. “É no seio do Estado que se travam as disputas ideológicas em torno do público e do privado, ou seja, em que

medida os bens culturais articulam-se a uma política pública ou exclusivamente à demanda de mercado” (ORTIZ, 2015, p. 157)

A partir daqui abordarei dois autores que tratam da temática da cultura negra, considerando referências de autores negros, como Stuart Hall (2003) e Muniz Sodré (2005), que traz uma outra vertente, que não a visão ocidental, herdeira de uma lógica europeia cristã, que afirmou uma identidade branca. Para Sodré (2005, P.33), “as variadas definições de cultura em circulação no mundo acadêmico não escapam à postura etnocentrista clássica”.

Sobre as origens da cultura negra, Sodré (2005) remeteu ao período da escravidão, quando chegaram os africanos no Brasil, em que eram permitidos os “folguedos, as danças e os batuques – a brincadeira negra”. Nesse espaço permitido os negros reviviam seus ritos e cultuavam seus deuses. Sobre a cultura negra, um outro referencial se apresentou:

[...] a troca não é dominada pela acumulação linear de um resto (o resto de uma diferença), porque é sempre simbólica e, portanto, reversível: a obrigação de dar e a reciprocidade (receber e restituir) são as regras básicas (SODRÉ, 2005, p. 95).

Arantes (1984) considerou o movimento da cultura popular ao realizar seu estudo e trouxe contribuições para o entendimento dos mecanismos existentes na “captura” de uma manifestação cultural popular. Ao se dedicar ao tema, observou que os livros didáticos ainda traziam confusões entre a cultura popular e o folclore, considerando que “esse ponto de vista está profundamente arraigado entre muitos e notáveis pesquisadores” (ARANTES, 1984, p. 16).

Importante ressaltar que o livro *O que é cultura popular* foi escrito na década de 1980 e a crítica de Arantes feitas acima é válida na atualidade, revelando que o preconceito ainda existe. Também presente nos tempos atuais a produção artística realizada por grupos que retiram as dimensões sociais fundamentais da cultura popular e a cristalizam, apropriam-se de manifestações, que são partes de um processo, não se realizam de modo estanque. O resultado desse procedimento é uma reconstituição falsa do que seria a expressão da cultura popular. Mais uma vez suas considerações continuam atuais, mostrando a atemporalidade de seus escritos.

Arantes (1991) publicou um artigo a respeito da memória social, em que procurou abordar a memória e os processos culturais contemporâneos, revelando a construção de um conjunto de práticas sociais que legitimavam as trajetórias das elites dirigentes:

No Brasil, em que pese o fato da ideologia da democracia racial informar grande parte das manifestações do que se pretende que seja a cultura nacional, o investimento governamental privilegiou e tem privilegiado a concretização de uma imagem de nação que é católica, branca e luso-brasileira (ARANTES, 1991, p. 234).

2.2 MEMÓRIA

Le Goff (2012), em seu livro *História e memória*, considerou a memória o elemento essencial da identidade individual ou coletiva e também um instrumento de poder:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2012, p. 408).

Para o autor, toda história deve ser uma história social. Neste trabalho, utilizei essa referência, no sentido de apresentar suas reflexões ao tema da memória, embora seu trabalho tenha abarcado diversos conteúdos, com um olhar crítico da História, fundamental no presente debate sobre a História em oposição à memória.

O autor utilizou a expressão: “O documento é monumento” para expor sua crítica sobre a noção de documento, pois não considerou um material “inocente”, objetivo, e sim resultado de um processo de construção do historiador a partir de seus pressupostos teóricos. Compreendeu que não bastava falar sobre os silêncios da historiografia tradicional, avaliou ser necessário questionar a documentação histórica sobre as lacunas, os esquecimentos. “[...] *esta história lenta que encontramos na cultura ‘popular’ é, com efeito, uma espécie de anti-história, na medida em que se opõe à história ostentatória e animada dos dominadores*” (LE GOFF, 2012, p. 72)

No mesmo sentido que Le Goff, encontrei a obra de Neves (2000) para a compreensão do conceito de memória na presente dissertação. A autora procurou dissecar o conceito de memória para posteriormente abordar seu aspecto relacional com a identidade. Para Lucília (2000), “a memória é uma forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda” (NEVES, 2000, p. 109).

Porém a construção da lembrança ocorre no momento presente, o ato de lembrar é a forma como o indivíduo de hoje recorda um fato do passado, com a oportunidade de olhar para trás e enxergar esse caminhar das experiências e identificações que o guiaram, que o constituíram como o sujeito que é na atualidade. Ao abordar a memória como a capacidade de lembrança do indivíduo, a relacionaríamos também com as identidades dos sujeitos históricos.

Neves (2000) descreveu a função de outro tipo de memória, ligada à coletividade de sujeitos, destacando assim, sua função social de dar suporte à identidade coletiva. Deste modo, tem-se a definição dada pela autora, de que a memória social se estabelece por meio de mitos fundadores, dos quais são produzidas diferentes formas de registro.

Para a relação entre História e memória, Neves (2000) apresentou um levantamento histórico sobre o tema, desde os tempos antigos, situando o papel de cada uma na produção de fontes e considerou que a História disciplina a memória, pois retira dela seu caráter espontâneo. Considerou que são duas as formas da história e a memória se relacionarem. Para os objetivos do presente texto, optei por utilizar o referencial da primeira alternativa: a memória como uma das fontes de informação e construção do saber histórico. A saber, a segunda forma aproxima a História da cultura erudita. Apesar de localizar as duas formas possíveis de articulação entre memória e História, Neves (2000) desconstrói a ideia de oposição entre elas e as considera complementares.

“Memória e História são processos sociais, são construções dos próprios homens – que tem como referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade” (NEVES, 2000, p. 113).

A memória é também o registro da pluralidade, das múltiplas raízes do ser humano, e assim funciona também como antídoto do esquecimento, e em especial na atualidade, em que a sociedade parece viver um processo de desenraizamento.

Sobre as narrativas, Delgado (2010) descreveu como importantes instrumentos de preservação e transmissão das tradições e heranças identitárias, e considerou-as importantes como estilo de transmissão das experiências mais simples da vida, do cotidiano, passadas de geração a geração, “são suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo” (DELGADO, 2010, p. 43).

Neste sentido, alerta para a velocidade e superficialidade das relações no mundo contemporâneo, avaliando que os narradores espontâneos que fazem das lembranças “lastros de pertencimento e sociabilidade”. Ainda ao tratar das narrativas, considerou as produzidas pela história oral – narrativas históricas – como referências cronológicas mais próximas de um tempo recente.

Sobre o desenraizamento, a referência foi a obra de Bosi (2003), que aborda a questão do desenraizamento como condição desagregadora da memória. Atribuiu aos processos migratórios e como Neves (2000) à questão da sociedade moderna e de consumo. Considerou o processo contrário, de enraizamento, possível na sociedade atual, e viu na liturgia, a saída para o problema:

O enraizamento é um direito humano esquecido, O migrante vem chegando à cidade com as raízes partidas: a liturgia poderia enraizá-lo, criar e reviver tradições valere, lembranças que dão sentido à vida (BOSI, 2003, p. 208).

Para Bosi (2003), existem dois princípios enraizadores: o alimento e a música. Avaliou que a celebração do culto envolve ambos. E utilizou o Candomblé como exemplo: “O Candomblé enraíza profundamente, uma vez que integra o batuque e o canto, a oração e a dança” (BOSI, 2003, p. 204).

Portelli (1997) escreveu sobre a memória social e procurou evitar o termo coletivo, por compreender que há sempre uma influência do meio social em que o indivíduo se inscreveu. porém a lembrança se reportou a ele, ao modo como se expressou, “o ato e a arte de lembrar” (PORTELLI, 1997, p. 16).

Considerou que “a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”

(PORTELLI, 1997, p. 17). A partir deste referencial, em que Portelli se refere à sociedade contemporânea, os relatos orais dos diferentes sujeitos revelam “fragmentos de muitas recordações sociais diferentes” (PORTELLI, 1997, p. 16) e isso os diferencia – o prisma a partir do qual os sujeitos interpretam suas lembranças.

Desta forma, Portelli denominou de experiência multivocal a possibilidade ofertada pela história oral de ouvir sobre uma determinada lembrança por diferentes vozes.

2.3 IDENTIDADE

Importante ressaltar que há diferentes formas de abordar o conceito, escolhi tratar da identidade no que se refere a seu aspecto coletivo, considerando o estudo de Hall (1996, 2003 e 2006) sobre as identidades culturais e a referência de Pollak (1992) sobre identidades sociais.

A discussão do conceito de identidade, relacionado ao fenômeno da globalização, processo global em que se evidencia a fragmentação das identidades, mostrando-as como instáveis e suscetíveis às mudanças globais, trouxe mudanças de paradigmas nesse referencial teórico a partir de fins do século XX.

Hall revisou o conceito de identidade desde o Iluminismo até a pós modernidade, para tratar da crise da identidade, que não é mais única e sim fragmentada e múltipla, não está mais presa ao sentido de nação, e sim desterritorializada. Entretanto, as identidades culturais provem de alguma parte, tem histórias, sofrem transformações constantes, deste modo, não só o passado longínquo constitui, mas também as experiências traumáticas do período colonial, “a expressão íntima da identidade cultural deforma e leva à invalidez” (HALL, 1996, p. 70).

Importante característica, a identidade cultural possui dois lados: da semelhança que aproxima, causando uma identificação dos sujeitos, como a diferença, que os distingue. Em seu livro, Canclini (2006) tratou sobre o estudo das identidades por Stuart Hall. Resumiu: “identidade é um lugar que se assume, uma

costura de posição e contexto, não uma essência ou substância a ser examinada” (CANCLINI, 2006, p. 15).

Pollak (1992), que tratou das identidades sociais em situações limite, compreendeu que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, e ao pensar em identidade social da forma mais superficial, diz respeito à imagem de si, para si e para o outro. Deve ser compreendida “como um fenômeno que se produz em referência ao outro”. (POLLAK, 1992, P. 5)

Identidade e memória são também matéria prima para a história oral. É por meio das narrativas dos sujeitos que se tem acesso às suas memórias nas entrevistas da história oral. As memórias são do passado, mas são abordadas com o olhar do presente por quem conta

Simson (2007), ao estudar o carnaval popular paulistano, tratou da formação de sua identidade sociocultural e destacou as influências culturais na criação dos desfiles dos cordões carnavalescos e pode assim verificar “as vertentes que confluíram na elaboração do folguedo carnavalesco típico da população negra e pobre da cidade de São Paulo” (SIMSON, 2007, p. 115), que dizem respeito às festas de caráter religioso e profano, e

Uma outra forma de vivenciar essa cultura negra mais tradicional no contexto da própria cidade de São Paulo: a participação em festas realizadas pela comunidade negra na periferia da cidade [...] montadas em grades terrenos existentes em bairros mais afastados de São Paulo (SIMSON, 2007, p. 116)

A essas influências, Simson chamou de caleidoscópio cultural e pode constatar que as motivações dos integrantes se referiam a uma relação de parentesco, em geral com a figura materna, e confirmavam a questão da transmissão de geração a geração, e salientavam a importância desse processo. Importante também que esses eventos também “propiciavam a criação de novos laços de parentesco, por casamento, ou de compadrio, em virtude da estreita convivência nas atividades de lazer” (SIMSON, 2007, p. 125) e formaram genuínas redes de relacionamentos familiares, que também serviam para “trocas e auxílios mútuos”. A autora também pode constatar a importância das relações de vizinhança.

3. A PRESENÇA NEGRA EM CAMPINAS

Os estudos sobre urbanização, industrialização e habitação, do município de Campinas, auxiliaram na compreensão do processo de apropriação do espaço urbano. As políticas de habitação para as classes populares levaram para a periferia a população negra, retirando inicialmente os moradores de cortiços da área central. Para compreender o objeto do presente trabalho, foi necessário incluir o referencial da pesquisa sobre a comunidade negra e o preconceito racial e somente assim foi possível desvelar o preconceito racial subjacente a partir desse prisma.

Considerando os contextos envolvidos na temática da presente dissertação, subdividi o capítulo em dois subitens relacionados ao pano de fundo que envolveu a pesquisa e a interpretação da mesma. Início com algumas informações sobre o modo como ocorreu a urbanização do município e partir dela as políticas de habitação voltadas para as classes populares.

3.1 URBANIZAÇÃO: AS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO E A POPULAÇÃO EXCLUÍDA

“E a peça basilar para a compreensão de uma política pública de desenvolvimento para a cidade em todas as suas possíveis articulações é a política urbana” (Rodrigues, 2008, p.141)

Ao pesquisar sobre o conjunto habitacional da Vila Padre Manoel da Nóbrega em Campinas foi necessário introduzir outros temas atrelados à política habitacional, além de considerar aspectos históricos e de âmbito nacional, como os processos de urbanização, migração e industrialização, que em parte explicam como a cidade estabelece sua dinâmica cultural.

As referências históricas sobre o desenvolvimento do município auxiliam na compreensão da atual dinâmica das relações sociais da população na produção do espaço urbano. Entretanto, o foco da pesquisa consiste nas mudanças ocorridas a partir da década de 1970, cenário da implantação do conjunto habitacional da Vila Padre Manoel da Nóbrega.

Campinas e as transformações urbanas no século XX

Campinas passa a se modernizar com o plano diretor de 1938, elaborado por Prestes Maia¹⁸, em que houve uma diretriz no sentido de a cidade incentivar a produção industrial. A partir de então passa a formar um parque produtivo e a construção das rodovias Anhanguera e Bandeirantes (CAMARGO, 1991), além de um aeroporto.

O plano de melhoramentos urbanos, com o pressuposto de tratar das condições sanitárias dos cortiços da região central, orienta no sentido da construção de habitações populares, por meio de Vilas operárias, levando a classe trabalhadora para áreas distantes da região central, próximas da área industrial e das rodovias (SEMEGHINI, 1998).

Nesse período ocorreu um intenso surto especulativo imobiliário, com inúmeros loteamentos, que surgiram na Região Sudoeste de Campinas, mesma região onde as indústrias se estabeleceram, próximo à Rodovia Anhanguera, inaugurada em 1947, em que Semeghini (1988) localizou o surgimento de regiões periféricas em Campinas.

Outros períodos com a presença de urbanização acelerada e de crescimento populacional são apontados na história de Campinas, entretanto a partir de 1950 o município passou a receber um fluxo migratório intenso, em função de novo surto imobiliário especulativo, que trouxe indústrias nacionais e estrangeiras. A população urbana aumentou, chegando em 1960 a 60% da população de Campinas e região.

Campinas foi apontada, segundo Baeninger (1992), como o mais importante polo econômico-populacional do Interior do Estado de São Paulo e com o processo de urbanização cresceram as áreas periféricas da cidade.

Rodrigues (2008) ao analisar aspectos demográficos do município de Campinas, considerou que a partir da década de 1970 há um forte incremento populacional, em razão dos fluxos migratórios que ocorriam “no cenário de consolidação da urbanização brasileira” (p. 131). Esse cenário compreendia a desruralização, resultando em forte deslocamento populacional para a capital e seu

¹⁸ Plano de melhoramentos urbanos, de 1937

entorno, como Campinas e região, tanto com migração intra-estadual como interestadual.

Para Semeghini (1988) o modelo econômico, concentrador de renda e excludente, teve à sua disposição um exército industrial de reserva que reuniu desde um proletariado com bom nível de qualificação profissional até um contingente de trabalhadores subempregados, aumentando a má distribuição de renda no município.

Com a explosão urbana e a crescente migração de 1970 a 1980, as cidades paulistas concentram contingentes populacionais com condições precárias de habitação (DEÁK & SCHIFFER, 1999). Bairros e loteamentos distantes e desaparelhados são expressão das contradições e desajustes do processo de industrialização do país e em Campinas não é diferente.

Porém, com o crescimento de um contingente não absorvido pelo mercado formal de trabalho, surge o aumento sensível de níveis de criminalidade e violência, favelização e marginalidade, em que o censo de 1980 traz um quadro alarmante da população economicamente ativa: 38% sem rendimento, 28,9% entre 0 e 2 salários mínimos e apenas 12,5% ganhavam acima de 5 salários. (SEMEGHINI, 1988, p.231).

Ao tratar de fatores estruturais que condicionaram a urbanização recente, Semeghini (1988) responsabilizou a dinâmica da acumulação do capital mercantil, em especial o imobiliário, pelo perverso padrão de expansão da malha urbana e do processo de apropriação, uso e ocupação do solo.

Ao se estudar processo histórico de urbanização de Campinas, nota-se a demasiada importância que adquire a configuração do espaço urbano, que em muitos aspectos acompanha o processo de urbanização presente no país, em outros demonstra características peculiares que renderam um capítulo sobre a cidade, para que possibilite o entendimento sobre a região noroeste do município e sua ocupação.

Estudos apontam que o processo de urbanização no Brasil (DEÁK & SCHIFFER, 1999) seguiu a lógica de expulsão da classe trabalhadora das áreas centrais para periferias. Campinas se caracteriza também por esse processo, em

que se acrescenta o fluxo de migração intenso que ocorreu desde a década de 1950 e a ocupação periférica da cidade, que culmina com a criação da região metropolitana de Campinas, na década de 1990.

No período a partir da década de 1970, os serviços públicos para as camadas menos favorecidas foram comprimidos, caem as ofertas de atendimento médico e oferta de vagas em escolas municipais, segundo Semeghini, que afirma que “Campinas reproduz o típico padrão de crescimento urbano vigente nas grandes cidades brasileiras”. (p.240)

Semeghini aponta que na década de 1980 cresceu a organização popular, que reivindicava por direitos sociais, melhores condições de vida, ocorre a ocupação de áreas reurbanizadas, construção de prédios de apartamentos, e o crescimento da periferia, com a abertura de novos loteamentos.

O poder público não absorveu o aumento populacional e os índices de qualidade de vida do município caem, segregando espacialmente a população mais pobre. Em 1980, um terço da população urbana vivia em habitação subnormal, segundo Censo do IBGE daquele ano.

Sobre a habitação popular e a Companhia de Habitação Popular de Campinas – a COHAB Campinas

Com o desenvolvimento da cidade a distância dos loteamentos da área central se amplia. A Cohab é inaugurada em 1965, com a incumbência de implementar a política de habitação no município, responsável pelos primeiros conjuntos habitacionais de uma série, que buscam resolver o problema de moradia, de 1967 a 1970.

Os primeiros conjuntos habitacionais foram o Conjunto Habitacional Vila Rica, depois o Vila Bela¹⁹, em 1967 e apenas em 1976 são entregues as primeiras unidades do conjunto habitacional Vila Padre Manoel da Nóbrega, com as fases seguintes entregues em 1978 e 1982.

Constantino (2001, p. 114) destaca duas fases de atuação da Cohab:

1ª fase: de 1965 a 1974, diretriz de pequenos conjuntos para serem assimilados pela malha urbana, mesmo que periféricas. Foram

¹⁹ O conjunto habitacional Vila bela muda de nome para homenagear o presidente Castelo Branco,

entregues 8.097 unidades, dos quais apenas 532 eram apartamentos. A Vila Rica possuía um perfil de moradores com faixa de renda de 1 a 3 salários mínimos e muitos são provenientes de cortiços;

2ª fase: a partir de 1974, o conjunto Habitacional da Vila Padre Manoel da Nóbrega, já com outras referências, com a previsão de comércio no próprio conjunto do prédio, o perfil era para população com renda familiar acima de 3 salários.

A exclusão da parcela trabalhadora migrante para fora da cidade, área formada por municípios vizinhos leva a formação de uma nova periferia metropolitana, em que a Cohab Campinas, segundo Semeghini (1988), contribuiu para a segregação social, ao concentrar seus empreendimentos em regiões específicas da cidade.

A criação de conjuntos habitacionais e de moradias populares, com ausência de equipamentos sociais que assegurem minimamente as necessidades humanas é uma constante nas políticas de habitação, segundo Gonçalves (2002), bem como processos de urbanização que privilegiam áreas geográficas em detrimento de outras.

A dissertação de Gonçalves (2002) analisa que a Vila Padre Manoel da Nóbrega, em comparação com dados da vizinha Vila Castelo Branco, possuía maior diversidade de atividades, mais movimentado, maior nível de satisfação e menor porcentagem de ocorrências policiais. E conclui que a precariedade dos espaços públicos limita também as atividades e relações sociais que poderiam enriquecer a vivência dos moradores.

3.2 MEMÓRIAS NEGRAS

A lacuna percebida, a partir dos estudos desenvolvidos, é sobre a lembrança das manifestações culturais afro-brasileiras localizadas na Vila Padre Manoel da Nóbrega, como o Terreiro mamãe Oxum, a capoeira e o afoxé, na perspectiva dos moradores do bairro e dos representantes das práticas referidas.

As pistas que destaquei a seguir, trazidas pelos materiais pesquisados, foram fundamentais para a compreensão da trajetória da comunidade negra no município. Também mostraram evidências da invisibilidade das manifestações culturais afro-

brasileiras e de seus praticantes, com foco na Vila Padre Manoel da Nóbrega, região Noroeste de Campinas.

O trabalho acadêmico de Koffes (1976) tratou da relação entre vila popular e racismo. Trouxe elementos presentes no bairro que estudou – Vila Costa e Silva, em Campinas, como a imagem da vila popular e as relações internas na vila, para compor um “corpus” de representações a respeito dos sinais do que era “ser de cor”. A categoria “cor” possuía variações como preto, mulato, de cor e negro, e o preconceito se mostrava quando os moradores a associavam à ideia de “fazer negrice” – isso tem importância na classificação das pessoas, no sentido de estigmatiza-las.

Quanto à imagem da vila popular, Koffes avaliou:

Há um conjunto de atributos que formam a imagem que os habitantes de Campinas constroem sobre a vila popular: perigosa, desordeira, moradia de favelados e de mocambeiros, moradia de preto. Esta imagem, ao mesmo tempo em que valora negativamente a vila popular, homogeneiza seus moradores. (KOFFES, 1976, p. 15)

Para concluir, Koffes tratou da construção social da imagem do negro e considera que

...mais do que tentar entender, ‘negro/branco’ como identidade étnica em contato, em interação, por exemplo, preferi buscar o negro entre os pobres. Na existência concreta dos segundos, a existência ideológica dos primeiros. Existência esta que permite, também entre ‘iguais’, marcar o ‘desigual. (KOFFES, 1976, p. 136)

Importante lembrar que essa pesquisa ocorreu na década de 1970, em que o racismo em Campinas era explícito, com cerceamentos de direitos à população negra, como discorreremos a seguir.

Barbosa (1983) utilizou dados obtidos de sua pesquisa, realizada entre os anos de 1975 e 1976, para escrever um estudo sobre a socialização e as relações sociais de famílias negras em Campinas. Por meio de história de vida e entrevistas informais com as famílias sócias do Clube Cultural Recreativo Campinas, conhecido popularmente como “O Cultural”, procurou conhecer um pouco sobre a dinâmica familiar dos pesquisados.

O Cultural” era frequentado pelas famílias negras que não eram recebidas em outros clubes ou atividades sociais destinadas aos

brancos: “as instalações do clube refletem as dificuldades econômicas enfrentadas por uma ‘elite negra’, que procura formas de lazer próximas aos padrões de lazer do branco de classe média (BARBOSA, 1983, p. 17).

Sobre o clube foi relevante conhecer a sua história, pois tornou-se atualmente um marco de resistência da comunidade negra e seu nome atual homenageia o fundador, Centro Cultural Recreativo Benedito Carlos Machado, popularmente conhecido como “O Machadinho”. Foi fundado em 08 de maio de 1945 e busca apoio do poder público por seu reconhecimento e fomento de atividades até os dias atuais.²⁰

Entre 1975 e 1976 ocorriam encontros de um grupo (Sociedade Afro-Brasileira de Apoio Mútuo) “n’O Cultural” para discutir as situações de racismo e Barbosa (1983) buscava informações sobre a socialização e as relações raciais em Campinas, culminando em conhecer como se dava a estrutura organizadora, para as situações de enfrentamento do racismo.

Ainda segundo os estudos de Barbosa (1983), as famílias negras com possibilidades de melhorias no nível de escolaridade e nos recursos econômicos, em função da empregabilidade, passavam de uma situação de resignação a uma tomada de consciência que possibilitou preparar melhor os filhos para enfrentar a discriminação racial.

Assim, na orientação dos filhos para os problemas raciais, existe uma preocupação em descobrir uma fórmula socializadora que prepare a criança para enfrentar situações desagradáveis, de forma a evitar o choque da aquisição de uma identidade racial que tanto transtornou sua geração. (BARBOSA, 1983, p. 143)

Nesse estudo foi possível também conhecer a informação sobre Campinas ter recebido

Considerável número de negros vindos de outras cidades ou estados próximos, que somados aos descendentes de escravizados, formam atualmente o expressivo contingente negro da população da cidade (BARBOSA, 1983, p. 26).

A autora citou os estudos de Florestan Fernandes em que estava localizada a informação sobre o município ser conhecido por sua crueldade com os escravizados e os levantes maciços de escravos e sobre os reflexos deste tratamento entre pretos e brancos para os netos dos escravocratas e as famílias tradicionais em Campinas

²⁰ <http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=14418>

Seguindo a literatura sobre o tema, uma das principais referências encontradas nos estudos sobre a discriminação racial em Campinas, Maciel Silva (1985) trouxe relevantes informações do período pós-abolição até 1926. Temas como a imprensa negra, a religião africana considerada bruxaria, a tentativa de reorganizar o trabalho e a relação entre negros e brancos após a abolição, traz como consequência a violência policial, a intolerância e os crimes, em um panorama que mostrou um período de intensa opressão ao negro.

Assim como Koffes (1976), Maciel (1987) em sua pesquisa também considerou as categorias de cor de pele classificando a população negra, como pode ser localizada nos trabalhos acadêmicos de ambos autores. Sendo os homens de cor pessoas com condições econômicas melhores; brasileiros pretos, condição socioeconômica desfavorecida, porém possuíam casa e trabalho, o que lhes permitia a consideração da nacionalidade “brasileira”; mulatos, pardos e mestiços eram os descendentes anônimos de negros que viviam de forma miserável e pretos e pretas os desprovidos totalmente de recursos.

Ressaltou a diferença existente entre a elite negra existente, formada por sujeitos negros que viviam de forma isolada ao contexto do preconceito racial e a camada popular. Por sua condição econômica eram diferenciados na sociedade e classificados como homens de cor. As entidades negras agiam coletivamente em nome da causa da resistência ao preconceito e muitas delas deixaram poucos vestígios de sua existência.

A pesquisa de Maciel (1987) apresentou os jornais existentes na época e o tratamento dado à população negra, de onde retirou a classificação acima. Seu estudo mostrou os jornais existentes no período, o que representou um movimento de resistência por parte da população negra, embora tenham restado poucos exemplares de alguns.

A imprensa negra trazia denominações contraditórias em relação as atribuições dadas as diferentes tonalidades de pele dos negros, pois referia-se às vezes com a mesma nomenclatura dos demais jornais, porém utilizava-se de outras expressões como raça negra, raça pigmentada, raça em evolução, raça infeliz, raça africana; brasileiro negro, homem de cor preta, ou escura e gente negra brasileira.

Dentro do conceito de classe se referia à classe dos patrícios, nossa classe, classe explorada e classe preta.

Caberiam estudos sobre a presença da imprensa negra em Campinas de modo mais sistematizado. Foram localizados nomes de jornais de diferentes épocas, com um papel relevante na luta contra a discriminação racial no município, porém fogem do escopo deste trabalho. A título de conhecimento, seguem os nomes localizados:

- *O Baluarte* (Centro Literário dos Homens de Cor) – 1904;
- *D'O Bandeirante* - 1910;
- *O Combate* – 1912;
- *A União* (União cívica dos homens de cor – 1917;

Até 1926 outros jornais ligados aos movimentos negros circularam por até pelo menos cinco anos: *A Juventude*; *O Discípulo*, *A Renascença* e *O Raio*.

O Getulino foi um jornal de destaque no período de junho de 1923 a maio de 1926 com 1500 exemplares. Seu nome homenageava o abolicionista Luiz Gama, pois esse era seu “nome de guerra”. Como oposição ideológica a *O Getulino* existiu o jornal *A protetora*, da Associação Brasileira dos Pretos.

A respeito da dissertação de Maciel (1985) e de seu significado na historiografia de Campinas, Lapa (1989) apresenta um artigo intitulado “O day after à abolição”, em que reafirma as relações violentas que se davam entre brancos e negros. Ao resenhar o trabalho de Maciel, informa ser esse o volume nº 1 da coleção Campiniana, uma série lançada pela Unicamp sobre a evolução histórica de Campinas.

O artigo de Ricci (2007) contribuiu para o conhecimento sobre a religiosidade, cultura e sociabilidade nas igrejas e largos de Campinas até meados do século XX. Muito além disso, evidenciou as implicações da discriminação racial: a segmentação e a restrição dos espaços destinados aos afrodescendentes.

Esta pesquisadora tratou em seu artigo sobre as relações entre memória, identidade e sociabilidade, envolvidas nas festas religiosas, porém apontou para o

esforço em manter vivas as tradições afro-brasileiras “frente a uma sociedade que sofria grandes impactos, com o racismo e a discriminação racial” (p. 2).

Em sua análise, considerou três locais históricos, que tiveram a ocorrência de manifestações culturais negras. Descrevo-os abaixo:

1. o Largo Santa Cruz, onde inicialmente havia a forca, era considerado *lugar maldito*, em que ocorre o enforcamento do escravo Elesbão (sobre essa história ler OLIVEIRA, 2016). Porém, com a retirada daquela, ao longo do tempo se transformou em lugar de comércio, procissões e casamentos da Igreja Católica, onde se distinguiram as finas indumentárias da sociedade campineira.
2. A igreja de São Benedito, construída por um ex-escravizado, Mestre Tito²¹, em fins do século XIX, se destinou ao culto dos negros, após ser proibido o acesso destes na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Na década de 1980 recebe uma réplica do monumento da Mãe Preta.²²
3. Igreja de Nossa Senhora do Rosário: construída no século XIX, possuía a sua frente um Largo, que levava o mesmo nome, onde os afrodescendentes realizavam suas práticas culturais, profanas e religiosas, apesar de serem proibidos de entrar na Igreja. A Igreja foi demolida em 1956 e o motivo oficial foi o desenho da atual avenida Francisco Glicério, central na cidade. O largo, apesar de ter seu nome modificado para Praça Visconde de Indaiatuba, até hoje é conhecido como Largo do Rosário.

Ricci (2007) avaliou que a partir da década de 1960, com a urbanização, algumas manifestações culturais pareceram caminhar para o fim, mas se mantiveram, ao lado da quermesse, com grande participação popular. Na década de 1970/80 há nova ruptura em relação à liturgia das práticas, fatores da modernidade e mudanças nos modelos. “Todavia, o racismo e a discriminação social ainda afloram nesses rituais populares.” (RICCI, 2007, p.6).

A partir do olhar da memória social, a pesquisa de Giesbrecht (2011) contribuiu em conhecer e compreender um universo cultural relacionado à memória

²¹ http://www.centrodememoria.unicamp.br/sarao/revista32/SERIE/PDF/sarao_se_ruas_texto_01_acrobat_pdf.pdf

²² O monumento original da Mãe preta está situado ao lado da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Paçandu em São Paulo.

negra, com informações relevantes a respeito desse universo da cultura negra em Campinas. A tese aborda fatos da cultura popular campineira, os associa como parte da resistência da comunidade negra e entrelaça ao estudo de Connerton (apud GIESBRECHT, p. 97, 2011) sobre memória social: “A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, e está incrustada na história dos grupos dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade”.

Destarte, colocou as cerimônias, rituais e comemorações como meios privilegiados de incorporação da memória social. Neste ponto, foi possível identificar as manifestações afro-brasileiras da Vila Padre Manoel da Nóbrega, como as práticas das religiões, como Umbanda, Candomblé, a prática do afoxé, da capoeira e o elemento intrínseco do samba e do tambor.

Giesbrecht (2011) dialogou também com autores da antropologia para propor um novo olhar sobre a descontinuidade histórica em determinadas manifestações culturais afro-brasileiras no município. Destina um capítulo de sua tese para tratar do conceito de re-tradicionalização, o qual compartilho abaixo:

Preferencialmente, o que defendo, mesmo admitindo descontinuidades entre passado e presente, é que tal apropriação do passado, reconstruído e imaginado, é uma potencialização identitária dos negros do Brasil contemporâneo, estejam eles agrupados ou não. (Re) tradicionalizar ou retomar uma tradição reinventando seus valores simbólicos é uma estratégia dentro dos processos identitários que em nada deslegitima sua relação com o passado de etnias dissolvidas nas subcultura(s) negra(s) (GIESBRECHT, 2011, p. 93).

Discorreu em sua pesquisa sobre a reconstrução da memória negra em Campinas a partir da década de 1990, e afirmou, amparada também pelo conceito de memórias subterrâneas de Pollak (1989), a potencialidade das memórias marginalizadas, das camadas populares, que emergem em momentos de crise e disputam espaço com a “memória oficial”.

Giesbrecht (2013) fez um levantamento acerca de aspectos da cultura negra em Campinas, ligados à produção musical, aos aspectos tradicionais, como samba de bumbo e jongo, e às comemorações, em que há transmissão de memórias inerentes aos grupos sociais, como a lavagem da escadaria da Igreja Matriz de Campinas, que ocorre há 31 anos e reúne diversos grupos.

Sua pesquisa buscou também dados sobre o município de Campinas ao constatar que as vilas receberam uma parcela da população negra do município, considerada espaços negros e de uma população que foi deslocada para a região Oeste, o outro lado da Anhanguera, considerada periferia da cidade.

Nogueira (2009) em sua tese de doutorado sobre o batuque de umbigada paulista, a memória familiar e a educação não-formal, afirmou que “famílias negras migraram para as periferias das cidades levando consigo a memória das manifestações afro-brasileiras” (p. 54). As manifestações da cultura afro-brasileira se enredam em meios a significados e interpretações que foram construídos pelo grupo a que estão associadas e seus membros tornaram-se intérpretes e transmissores. A esse respeito, utilizou o conceito de Simson (2003) de “guardiões da memória”, em que os mais velhos são responsáveis por “transmitir às novas gerações de seu grupo social os fatos e vivências que foram retidos como fundamentais para a sobrevivência do grupo” (NOGUEIRA, 2009, p.16).

Simson (2003), ao realizar estudo sobre o samba de bumbo em Campinas, trouxe informação relevante de dados encontrados a respeito da migração dos escravizados, presença de negros também vindos de estados do Nordeste brasileiro, em função da rota de escravizados, que contribuiu para as reminiscências de manifestações culturais populares, como o maracatu e a influência do samba. Por meio de registros orais conseguiram

Retraçar uma espécie de panorama dessa manifestação de origem profano-religiosa que se tornou uma marca cultural da nossa cidade. Nesse panorama percebemos a importância dessa forma própria de se dançar o samba e a relevância dos grupos familiares negros na manutenção dessa importante tradição (SIMSON, 2003, p.6).

Os estudos citados acima possibilitaram ampliar o repertório acerca da memória e cultura da comunidade negra em Campinas. Ao mesmo tempo que esta cidade resguarda em seu passado um rastro de repressão e violência, é bravamente um lugar de resistência dos negros, sendo um dos polos do Movimento Negro Unificado (MNU).

A esse respeito, Domingues fez alguns apontamentos, traçando um panorama geral do movimento negro, com as tendências que nortearam a luta

antirracista no país e considerou que o histórico do movimento podia ser dividido em três fases:

1ª fase – de 1889 a 1937;

2ª fase – de 1945 a 1964;

3ª fase de 1978 a 2000.

O autor considerou que a 1ª e a 2ª fase foram ligadas a grupos mais conservadores e de direita e na 3ª fase os movimentos sociais se aproximaram da esquerda e do marxismo, incluindo a discussão da luta de classes. É na 3ª fase que o Movimento Negro Unificado é um dos representantes do período em que surgiram centenas de movimentos ligados à comunidade negra.

Uma 4ª fase poderia se construir através de movimentos contemporâneos, culturais, como o hip hop que adquiriu um caráter social e está ligado ao movimento cultural das periferias

O movimento negro organizado desenvolveu estratégias desde a abolição no sentido de incluir o negro e superar o racismo na sociedade brasileira. Em Campinas houve a forte presença do MNU – Movimento Negro Unificado, a partir de 1978. A esse respeito Domingues (2007) nos auxilia na compreensão:

Hoje não dá mais pra sustentar posições culturalistas, intelectualistas, coisas que tais, e divorciadas da realidade vivida pelas massas negras. Sendo contra ou a favor, não dá mais pra ignorar essa questão concreta, colocada pelo MNU: a articulação entre raça e classe. (GONZALEZ, apud DOMINGUES, 2007, p. 113)

Silva (2007), em seu estudo sobre a história do Movimento Negro Unificado afirma que o MNU é um dos principais articuladores de uma identidade étnico-racial. “A identidade negra nos textos do MNU é uma construção política e histórica formada, em parte, através da elaboração de uma memória sobre a escravidão e a discriminação racial pós-abolição (p. 16).

O tema do racismo intriga e a própria ausência de histórias, de lembranças chama atenção. Schwarcz (2010) defendeu que não só o racismo fosse delatado, mas que se refletisse sobre essa situação. Deste modo, em seu texto, parafraseou a ideia de um racismo mestiço e cordial para denominar o preconceito existente e o absurdo – o preconceito de ter preconceito.

A autora colocou em discussão a forma de dialogar com uma população negra que considera o branqueamento uma solução. Refletiu sobre os dados de uma pesquisa que coordenou: 98% da população negou ter preconceitos, porém 99% conheciam alguém que tinha e além disso, afirmaram possuir relação próxima com esse alguém. Considerei esse dado importante na análise das entrevistas.

Dois documentários históricos foram marcos sobre o assunto. O primeiro, da TV Cultura retrata a Quinzena do negro, evento realizado na USP em 1977²³. O segundo trata-se de um filme Ori²⁴, lançado pela cineasta e socióloga Raquel Gerber. O filme contou a história dos movimentos negros no Brasil entre 1977 e 1988. Tendo como fio condutor a vida da historiadora e ativista, Beatriz Nascimento, o filme traçou um panorama social, político e cultural do país, em busca de uma identidade que contemple também as populações negras, e mostrando a importância dos quilombos na formação da nacionalidade.

Do filme, dois trechos foram transcritos a seguir e auxiliam a compreender o debate dado no filme, sobre a identidade e a inclusão dos negros no Brasil:

No Brasil, você pode encontrar nos terreiros, nas escolas de samba, nos grupos de maracatu, nos ranchos, nos blocos de frevo, pode encontrar os reinos africanos recriados, as sociedades africanas recriadas, mas recriadas dentro das condições possíveis nesse meio adverso. (CIRO NASCIMENTO, no documentário sobre o evento da Quinzena do negro, na USP, 1977)

Francisco (2010) ao tratar sobre identidade cultural e racismo, considerou três modos de ver o negro ao longo do tempo no Brasil:

- 1º modo: harmonia das raças (hegemônico – G. Freyre) O diluir-se, desaparecer na metarraça;
- 2º modo: fruto de pesquisa e reflexão científica e crítica – contribuições movimento negro anos 1920 e 30: Frente negra brasileira e anos 40 e 50 congressos afro-brasileiros e teatro experimental do negro
- 3º modo: Afrodescendente, patrimônio e herança: Emerge nos anos 1970, por meio de lideranças religiosas e culturais negras. “Apesar da escravidão, da

²³ <http://www.geledes.org.br/o-negro-da-senzala-ao-sul-um-documentario-da-tv-cultura1977>

²⁴ Ôrí significa cabeça, um termo de origem Iorubá, povo da África Ocidental, que, por extensão, também designa a consciência negra na sua relação com o tempo, a história e a memória.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DBxLx8D99b4>

marginalização, discriminação e repressão de suas manifestações políticas e culturais, o negro foi e é sujeito de sua história e de seu destino” (p. 141).

Francisco considerou que a criação de traços de identificação orienta o afrodescendente em seu processo de afirmação.

[...] não são as dificuldades sociais e econômicas que identificam o negro, mas a capacidade de, a partir de certo ambiente e de certas condições históricas, reconhecer o que o negro faz para ser etnicamente e culturalmente negro. Ou seja, o negro, apesar de ser imerso em condições socioeconômicas e políticas adversas, logrou preservar, reelaborar e sustentar sua cultura e desdobrar a herança africana (tradição é o que se entrega e o que se recebe). Assim é que foi possível ao negro, coletivamente e individualmente falando, recriar e restabelecer no Brasil sua identidade humana. (FRANCISCO, 2010, p. 143)

O autor alertou que “a identidade nacional e popular continua sendo desenhada pela mestiçagem, e em consequência, há um esforço continuado de construir a invisibilidade social, histórica e cultural comunitária do negro” (p. 145). E continuou o argumento da invisibilidade, situando em que espaços a percebe que o esforço de tornar o negro invisível desdobrou-se nas “formas contemporâneas de discriminação do negro, na mídia, nos discursos políticos e até mesmo em certo nível de produção científica” (FRANCISCO, 2010, p.145).

Ao concluir, Francisco (2010) compreendeu, como solução para superar esse caminho, o reconhecimento da diferença. Pois a partir da diferenciação é possível a abertura de diálogo para estabelecer a semelhança, não a igualdade.

As manifestações culturais de matriz africana: capoeira e candomblé

As manifestações culturais afro-brasileiras constantes no presente estudo estão envolvidas pela temática do racismo e aqui trataremos sobre duas delas especificamente, o candomblé e a capoeira. A presença do terreiro e da capoeira, permeada pela prática do samba, do batuque e do tambor, fazem parte das práticas da população negra. O objetivo de tratar destas duas formas de expressão a partir da cultura negra é mostrar o panorama social em que estão inseridas.²⁵

²⁵ Maiores informações sobre as práticas estão localizadas em Freire (2005), Gonçalves (2000), Hofbauer (2006) e Prandi (2000). Sobre a capoeira Dornelles e Goellner (2013), Freire (2005) e IPHAN (2008).

Uma marca comum para a capoeira e para o candomblé foi a clandestinidade. Embora os negros tenham trazido parte de sua cultura na diáspora africana, eram proibidos de vivenciá-las. Sodré (2005), em seu capítulo sobre cultura negra, afirma que os cultos negros só foram praticados abertamente em Salvador em meados do século XIX... “os negros reviviam clandestinamente os ritos, cultuavam os deuses e retomavam a linha do relacionamento comunitário” (SODRÉ, 2005, p.93).

Hofbauer (2006) procurou conhecer as relações entre o movimento negro e as religiões, em que buscava estudar a noção de resistência negra, porém encontrou dificuldades em unir esses aspectos, do político e do cultural-religioso. Em seu livro cita a dificuldade da pesquisa, por escassez de fontes históricas escritas. Ao denunciar a ideologia do branqueamento ao longo dos séculos no Brasil, o autor relata a obrigação dos escravizados de seguir o calendário festivo católico, as crenças populares nas figuras de santos – o que considera como fatores importantes para aproximação de orixás e santos, que resultam no sincretismo religioso que deu origem a diversas religiões afro-brasileiras.

A história do candomblé sempre foi uma história de discriminação e durante muito tempo, de perseguição policial. Apenas a partir da década de 1930, com a preocupação do Estado em preservar o espaço de culto afro-brasileiro como símbolo nacional é que diminui a repressão. A presença de brancos “como clientes”, entre eles artistas e personalidades chama a atenção de uma classe média branca. Essa aproximação faz parte de uma importante estratégia de legitimação da religião (estigmatizada e perseguida).

O autor retrata também o acolhimento que ocorria dentro dos terreiros.

As casas de candomblé constituíram certamente, desde sempre, comunidades de solidariedade, nas quais adeptos podem também encontrar conforto e criar forças para enfrentar as discriminações e frustrações do dia a dia. E até hoje funcionam como espaços de acolhimento que atendem pessoas à procura de conselhos e ajuda para os diversos problemas pessoais (HOFBAUER, 2006, p. 327).

Aponta a disseminação do candomblé a partir de meados do século XX e a ocorrência de variações ritualísticas, com diferentes interpretações dos orixás em diferentes regiões do país. Considera que houve mudança desse tempo para a atualidade em relação aos adeptos, que antigamente se diziam católicos apesar de frequentadores do terreiro e agora se reconhecem como tal.

Gonçalves (2000) ao descrever os terreiros, também os exemplifica como espaços de solidariedade, ao afirmar a identidade cultural e proporcionar conforto espiritual.

Os terreiros, que como vimos, estavam presentes nas cidades brasileiras desde o período colonial, tornaram-se também núcleos privilegiados de encontro, lazer e solidariedade para negros, mulatos e pobres em geral, que encontraram neles o espaço onde reconstituir suas heranças e experiências sociais, afirmando sua identidade cultural. (GONÇALVES, 2000, p.56)

Em sua obra, Gonçalves (2000) fez diversos apontamentos sobre as religiões afro-brasileiras, sobre o candomblé e a organização social dos terreiros às denominações regionais dadas a religiões de matriz africana, como cabula, macumba e catimbó, entre outras. Dedicou um capítulo à Umbanda, sua organização social e sua identidade com santos católicos, em um sincretismo que a diferencia do candomblé e a configura como uma religião brasileira.

Gonçalves (2000) analisou os dois modelos mais conhecidos das religiões de matriz africana: o candomblé e a umbanda. Essa análise auxiliou o presente estudo como referência, por se aproximar mais da realidade do terreiro da Vila Padre Manoel da Nóbrega, relacionando seus filhos de santo à capoeira, ao afoxé e ao samba - influências culturais da musicalidade e da dança dos terreiros. A respeito do afoxé, o autor explica: “os afoxés são versões semiprofanas dos cultos aos orixás, executadas por grupos constituídos originariamente de pessoas ligadas ou próximas aos terreiros.” (GONÇALVES, 2005, p.131).

Sobre a capoeira²⁶,

Sodré (2005) escreveu sobre o aspecto da resistência, que aproxima as origens da maior parte das artes de corpo e guerra – “resistência marcial aos dispositivos repressivos de ordem escravagista” (SODRÉ, 2005, p.155).

Mas a capoeira implicava, como toda estratégia cultural dos negros no Brasil, um jogo de resistência e acomodação. Luta com aparência de dança, dança que aparenta combate, fantasia de luta, vadiação, mandinga, a capoeira sobreviveu por ser jogo cultural. Um jogo de destreza e malícia em que se finge lutar e finge-se tão bem que o conceito de verdade da luta se dissolve aos olhos do espectador e – ai dele – do adversário desavisado. (SODRÉ, 2005, p.161)

²⁶ A capoeira é reconhecida como patrimônio cultural imaterial no município de Campinas e na esfera federal, pelo IPHAN. Com a chancela de patrimônio mundial da humanidade pela Unesco, desde 2014, a capoeira representa um pouco da “brasilidade” de nossa cultura.

4 AS ENTREVISTAS

Aqui apresentarei o núcleo documental da pesquisa: as entrevistas de história oral, conduzidas ao longo do projeto que servem de base para os apontamentos. A partir destas, procurei confrontar os aspectos desenvolvidos no conteúdo das entrevistas, as expressões e formas de falar do entrevistado, bem como as expressões corporais durante o encontro.

A história oral é utilizada para conhecer a realidade social em vários de seus aspectos, com base na palavra gravada de contemporâneos que relatam fatos, experiências, opiniões, fornecem informações referidas a situações que vivenciaram ou que lhes foram transmitidas (LANG, 2011, p.78).

A frase acima inicia o capítulo por concentrar em si uma das características da experiência vivida durante a pesquisa de campo. Procurar pessoas, entrevistá-las e, durante o diálogo, evocar suas lembranças do período em que se mudaram para o bairro foi essencial para conhecer a Vila Padre Manoel da Nóbrega, além do Ibaô e do terreiro.

As entrevistas foram realizadas com doze pessoas, sete homens e cinco mulheres, dentre os quais, dez eram moradores desde que o conjunto habitacional foi entregue. Todos se inscreveram no programa de habitação popular da Cohab e participaram do sorteio das casas e apartamentos, com exceção de David e Dona Sandra, que eram crianças na época.²⁷

Duas pessoas não moravam na Vila Padre Manoel da Nóbrega, porém contribuíram com informações a respeito da formação do bairro com seus testemunhos. Mestre Marquinhos Simplício, mestre de Capoeira, que conta sobre as aulas de capoeira no bairro. Ari Fernandes, com seus relatos a respeito da cidade de Campinas juntou “peças de um quebra-cabeça”, sobre a formação da cidade, que não está em livro, e a presença negra.

²⁷ Entrevistei duas pessoas previamente, que não se enquadravam no perfil, pois não eram moradores. Foram referências iniciais sobre o bairro. O professor Ari Fernandes e o Mestre Marquinhos. Suas entrevistas estão na íntegra no fim deste capítulo e as informações sobre eles se encontram na introdução, quando descrevo os entrevistados.

As visitas ao bairro foram realizadas no período de agosto de 2015 a março de 2016. Dentre as entrevistas, dois depoimentos são a espinha dorsal do estudo. As entrevistas de David e Mãe Iberecy iniciam o capítulo, acrescentadas pelas demais, fruto de diversas visitas ao bairro e a casa de pessoas. Os depoimentos foram colocados na íntegra nesse capítulo. Três entrevistas foram realizadas na praça do bairro e uma na banca de jornal que fica de frente a praça, na calçada do Ibaô. Estive na casa de três pessoas e no apartamento de uma das entrevistadas, além do terreiro e do Ibaô.

A quantidade de pessoas entrevistadas, a escolha de quem seriam os entrevistados e o tipo de entrevista a ser feita, foram orientados pelo referencial da história oral, especialmente com a bibliografia das autoras Alberti (2005) e Delgado (2006), considerando a adequação ao objeto de estudo. A literatura de ambas trouxe contribuições na definição das características das entrevistas no que se refere à sua tipologia: temáticas ou de histórias de vida e se apresenta no capítulo I, sobre a metodologia da pesquisa.

4.1 MÃE IBERECY

“... nós devemos viver em passos pequenos. Não devemos ter pressa. As vezes a vida tumultua um pouco. Eu entro aqui cantando em passos pequenos...”

Na primeira vez que fui à casa de mãe Iberecy, estava acompanhada de David, para agendarmos um horário. Sua função de lalorixá toma seu tempo e sua agenda integralmente, missão a qual dedica sua vida. Entrei na casa, na frente do terreiro e David foi ao quarto de mãe Iberecy, de onde saíram os dois para falar comigo. Aguardei no sofá da sala, onde estavam sua filha e sua neta, bebê de cinco meses na época.

Mãe Iberecy nos levou ao terreiro, nos fundos de sua casa. Passamos pela cozinha, onde sua nora, Marilene, irmã de David, fritava acarajé para comida do santo. Mãe Iberecy chegou ao terreiro e sentou em sua cadeira, ao lado do altar com as imagens dos santos. Ela se desculpou e disse não estar passando bem, com pressão alta, por isso não poderia conversar comigo naquele dia.

Ao mesmo tempo, ao querer saber sobre o assunto, começou a contar algumas coisas sobre sua chegada ao bairro. Eu estava sem o gravador, mas anotei parte do que disse, que depois serviu para iniciarmos a entrevista, no encontro posterior, dois meses depois, com a gravação do áudio da entrevista, transcrito a seguir.

Durante esse período que não consegui remarcar com a Mãe Iberecy, frequentei o terreiro em uma cerimônia aberta de fim de ano do candomblé, chamada **Toque de orixá**, onde David participa como ogã, nos tambores, além de duas outras oportunidades, no Balaio das Águas – cerimônia de chegada do balaio com o grupo de afoxé do Ibaô para Mãe Iberecy abençoar – e no afoxé, que ocorreu na sexta-feira de carnaval, com percurso saindo do terreiro e seguindo para a frente do Ibaô, com concentração na praça. Durante o cortejo do afoxé, Mãe Iberecy seguiu cantando a frente do grupo.

Todas as cerimônias são acompanhadas de tambores, música, cantos com referências à língua africana, yorubá, que buscam estar em harmonia com a ancestralidade da matriz africana. Ao ouvir novamente o relato de Mãe Iberecy, me emocionei com suas falas, que por longos trechos são espiritualizadas, versaram sobre a sua missão e entoadas com cantos do candomblé e do afoxé, também de sua autoria.

No início da entrevista, em meio a sua fala, Mãe Iberecy canta e David toca o tambor em um cântico religioso:

*"Eu vou levar um presente a lemanjá,
Eu vou levar um presente a lemanjá,
Vou saudar minha rainha,
Vou levar flores no mar,
Salve, salve lemanjá,
Lá Yá lá yá, salve, salve lemanjá.
Um anel de pedraria para ela irei levar,
Antes de romper o dia,
A promessa irei pagar.
Vou saudar minha rainha,
Vou jogar flores no mar,
Salve, salve lemanjá,
Lá Yá lá yá,
Salve a lemanjá."*

Após esse momento, David se despede por ter outro compromisso e ficamos Mãe Iberecy e eu ali, no Terreiro. O terreiro é um espaço grande que fica nos fundos da casa dela, porém nem sempre cabem todos os filhos de santo na área interna e algumas pessoas ficam também na área externa ao barracão, que é o corredor para a cozinha da casa de Mãe Iberecy.

Mãe Iberecy continua seu relato por mais uma hora aproximadamente e sua entrevista se encontra a seguir.

Marcela: Passo tudo e depois eu mando pra senhora para autorizar...

Mãe Iberecy: O ventilador está forte... aí corrido minha filha...

Marcela: Começou o ano, né?

Mãe Iberecy: O ano começou daquele jeito, e eu não abri nem a minha agenda de búzios. E tem tanta gente esperando abrir agenda...

Marcela: A ideia é saber um pouco, não sei o que o David já contou pra senhora, a ideia é fazer a pesquisa, esse trabalho, pensando um pouco nessas manifestações afro-brasileiras aqui no Nóbrega. No dia que eu vim aqui e o David estava junto a gente, você começou me contando um pouco de como foi o primeiro terreiro, que mudou de lugar, conta um pouco dessas memórias e como foi esse trabalho, como foi essa chegada no Nóbrega. Como foi a recepção das pessoas, e como as pessoas veem o terreiro, a senhora. Como a senhora se sente.

Mãe Iberecy: Eu nem imagino como veem...

Marcela: Ouvir também, quando mudou, contar essa história um pouco.

Mãe Iberecy: Quando eu mudei para cá, eu já, no Nóbrega mesmo, eu comecei a fazer meu terreiro junto com a minha mãe de santo no Jardim Garcia, mas só que aí, eu contei mais ou menos naquele dia, a minha irmã era meio cabeça dura, tinha um marido, aí arrumou um amante. Tenho uma entidade que não aceita muito. Eu precisei deixá-la, porque minha entidade falou: *“olha, aqui você não fica mais.”* Eu tinha feito um terreiro no fundo da casa dela. Aí que eu vim pro Nóbrega, porque a minha mãe na verdade, eu não tinha pegado casa aqui ainda. Eu fiz inscrição da COHAB, mas eu não tinha pegado a casa. Aí o meu pai quando soube que a gente tocou o terreiro uns sete anos.

Marcela: Lá no Garcia?

Mãe Iberecy: Lá no Jardim Garcia... aí meu pai falou assim, a irmã do meu pai, da minha mãe, que morou comigo aqui também, ela ficou viúva, e a minha mãe, eles tinham uma casa lá, que ficou lá, a minha mãe mudou para lá a casa dela ficou vazia aqui, nessa rua do lado de lá, a casa da mamãe é ali embaixo. Meu pai veio e perguntou para mim, eu pagava aluguel nessa época. Se eu queria fazer um terreiro para mim, porque eu parei. Chamei os filhos que tinha e falei: *‘gente, vou parar porque eu não posso mais, eu não posso mais ficar aqui, porque recebi uma ordem da casa da minha mãe que eu tenho que sair, porque a Cassia está fazendo coisas que ele não admite’*. E aí que eu vim pro Nóbrega, meu pai veio e ofereceu a casa dele pra mim morar, e perguntou assim: *filha, dá pra você fazer um terreiro?* Isso foi em 82. Dá para você fazer um terreiro aqui no fundo dessa casa?

Marcela: Que não é essa?

Mãe Iberecy: Que não é essa. Essa aqui já é a terceira etapa já, e ali ele falou assim pra mi: *‘Eu vou te dar dois milheiro de tijolo, dez sacos de cimento, vou te dar ferro, areia pra você começar, como você tem muitos seguidores, depois você...’* chegou até assim, até pra pôr telha. E ali eu fiz meu terreiro. Ali eu fiquei um bocado de tempo. Ai depois foi que esse mesmo pai que me deu, ele cansou. Porque, aí nessa época saiu um apartamento para mim. Aí fui morar em cima da farmácia ali, onde tem uma farmácia, eu morava em cima ali. Ai eu saí da casa do meu pai, porque eu morava na frente, o terreiro ficou no fundo. Aí meu pai voltou pra casa dele. E eu já tinha meu apartamento. E eu ia bater terreiro no fundo da casa do meu pai. E aí esse mesmo pai que me deu essa casa, para mim fazer o terreiro no fundo, no quintal dele, um dia ele cansou. Ele cansou e falou assim: *"minha filha eu preciso conversa com você"*. Ele falou: *"eu acho que já vivi bastante, você tem uma turma grande, eu quero pedir uma coisa para você, eu quero que você desocupa, eu dou três meses para você desocupar"*, e tal..., eu já tinha a minha casa, o apartamento, aí eu chamei meus filhos de novo e falei: *‘gente, cada um pega seu santo, meu pai deu três meses pra gente desocupar...’* *"Mãe, mas vai fechar?"* Falei: *vou, como vou levar vocês pro meu apartamento?* E aí tudo mundo chorava e falava, eu tinha bastante filho de santo assim que, que ajudava a manter o terreiro.

Falei: *‘vamos procurar uma casa no Nóbrega e vou ver se faço uma troca com a casa, né?’* E aí nós encontramos essa casa aqui. Aqui era muro alto, aqui tinha pé de laranja, limão, um quartinho de despejo aqui, ali onde tem aquela porta ali era uma garagem que cabia três carros, até lá na frente. Está vendo aquela porta? Como é que chama... era um abrigo enorme. E eu vim aqui e falei pro senhor que estava procurando uma casa pra comprar, eu falei quanto o senhor paga? Ele estava com uma plaquinha de vende-se. Eu falei: *quanto o senhor está pedindo pela casa?* Ele falou: *oito mil cruzeiros*. Eu falei: *o senhor não faz negociação com apartamento?* Meu apartamento estava bonito, estava lustroso, encarpetado, aquela época de carpete e tudo. Tudo azulejado, área de serviço, estava bonitinho o apartamento. Meu pai era marceneiro e fez tudo, meus armários embutidos, estava bonitinho. E ele falou: *"não quero negócio não, minha casa..."*. Cheguei lá e falei assim, pra uma mocinha que morava comigo, ela era nora do meu pai de santo, que morava comigo. Marido largou ela com duas crianças, e veio pro meu apartamento. E eu sempre tive um bom coração, falei: *‘Shirlinha o homem quer oito mil cruzeiros, de onde vou tirar oito mil cruzeiros pra comprar a casa desse homem? E ele não faz negócio’*. Mas

Deus é tão bom minha filha, porque Deus é tão bom pra minha vida que ele dá assim de bandeja pra mim, você sabe que passou uns três dias, o seu Carlos, o Carlos da perna torta. Ele foi lá embaixo, assim, e o meu apartamento era no segundo andar. Ele gritou "Dona Vani", lá debaixo, eu: 'quem está me chamando pela janela?' Eu abri a janela e ele "Dona Vani, eu acho que vai dar negócio, o Baiano falou pra senhora subir lá, quer conversar com a senhora", eu falei o que? Eu tive lá e ele disse que quer oito mil cruzeiros, eu não tenho oito mil cruzeiros, eu quero negociar meu apartamento com ele. "Vai lá que eu acho que vai dar negócio". Eu vim minha filha, quando eu vim, aí ele falou assim: É, eu pensei direito, você falou do teu apartamento reformado coisa e tal, eu quero conhecer seu apartamento, se eu gostar nós vamos fazer negócio. Aí eu desci toda feliz, cheguei lá e falei Shirlinha, você não acredita! O homem disse que vem amanhã para conhecer meu apartamento, se ele gostar nós vamos fazer negócio. Ai filha, ele foi e gostou do meu apartamento, aí eu falei: eu tenho uma diretoria, que a gente tem que falar, né? Aí falei assim "o senhor dá quanto no meu apartamento? O senhor quer oito mil cruzeiros para comprar? Para vender a sua casa... quanto o senhor dá?" Ele falou "Dou três". "Três? Como o senhor vai me dar três, o senhor quer oito. Não sei, vou chamar a minha diretoria, vou ver com os meus diretores, e nós vamos lá na casa do senhor para conversar, pra fazer negócio. Porque o senhor está me dando três mil no meu apartamento e o restante eu não tenho". Aí eu tinha dois filhos de santo na época, dois empresários que estava já comigo e falou assim: bom, mãe, eu dou mil reais. E mil reais naquela época era dinheiro. O outro falou dou mais mil. Cinco. Três do meu apartamento, e aí minha filha, esses outros três pra dar oito nós fizemos quermesse lá onde é o Ibaô. Fizemos quermesse. Pra fazer o dinheiro, e nós demos cinco mil pra ele, e foi assinado umas promissórias de mais três mil reais. E nós aqui, quermesse. Fizemos um monte de quermesse ali no Ibaô, que não era Ibaô. É ali, frequentava... ali era um centro social, que a sociedade de amigos de bairro já estava meia parada. E foi pra lá, eu sei que a gente pagou esse homem, a última promissória que a gente pagou ele, ele pegou e falou assim: "oh madame, eu vou dizer uma coisa pra senhora, até hoje eu não sei como eu vendi a minha casa pra você". Eu falei 'é, mas o senhor já vendeu agora pagamos tudo'. Chamava Veritiano. Era um baiano que não deixava ninguém sentar na calçada dele. Vivia com revólver na cintura, morria de medo do homem. Olha de quem eu fui comprar a casa...

Marcela: E ele morou no apartamento?

Mãe Iberecy: Magina! Nunca morou. Vendeu o apartamento e negociou. Ele era um homem assim sabe... e aí minha filha eu falei bom, vamos continuar fazendo quermesse, a gente tinha um fundo de quermesse, e começamos a fazer trabalho aqui com lona.

Marcela: Reformar? Não, depois?

Mãe Iberecy: Lona, foi feito lona...

David: Era só quintal, sem lona.

Mãe Iberecy: Só quintal.

Marcela: Você lembra?

David: Não

Mãe Iberecy: Eu comecei a bater²⁸ aqui no quintal, aí chovia muito eu não fazia. Aí levantava a lona assim e caia água no chão. Ai a gente começou a fazer. Fizemos uma estrutura aqui que dá para dois andares, mas quando começou a construir o dinheiro acabou e falei: vamos deixar no um mesmo. Se um dia eu quiser levantar para cima a gente melhora, mas esse um dia passou mais de trinta anos.

Marcela: Neste imóvel está desde que ano?

Mãe Iberecy: Faz uns trinta/trinta e dois anos que tô aqui. Acabamos ficando aqui. E aqui nós ficamos. Esse foi o começo da minha vida espiritual. Então eu fui, eu comecei no Jardim Garcia, a bater com minha irmã, casa aberta, pra atender o povo. Eu construí o terreiro e no fim, eu construí porque nessa época era casada e tinha marido e trabalhava, e o marido era pedreiro. No fim larguei o terreiro por causa da cabeça fraca da minha irmã. Porque tenho uma entidade que não aceita coisa errada, entendeu? E aí deu sete dias para mim me retirar, você acredita? Essa mãe, que era minha mãe, que é a Maria José, que vai fazer 82 anos, foi a primeira iniciada, eu fiz ela lá na pequena. E ela acompanha eu até hoje, está velhinha, faz 82 anos. E aí ela foi uma grande guerreira junto comigo. A gente trabalhou muito juntos. Fazia muita festa, tudo que a gente podia fazer pra ajudar a gente fazia. E eu tô aqui até hoje, o chão é meu, divorciei depois de 40 anos de separação, faz 3 anos que eu divorciei, agora tô arrumando toda a minha papelada, a papelada da casa, que a casa ficou pra mim na separação. E os filhos tão grandes. O Rogério está com 42 anos, Fabiana vai fazer 41, filhos biológicos só tenho dois. Agora filhos de santo eu perdi a conta. É muita gente que me acompanha. E tô aqui até hoje, então muita,

²⁸ Bater ganha o sentido da manifestação do corpo, nas práticas de Umbanda e candomblé. Pode-se bater cabeça, ritual de reverenciar o santo, ou bater par o santo, que é o toque dos atabaques para os orixás.

a trajetória da religião na verdade, naquela época, eles viam assim com pouca visão. Porque essa igreja Maria Mãe do Povo não existia, eles faziam missa também, começou um tempo a fazer aqui embaixo.

David: No Ibaô.

Mãe Iberecy: Onde é o Ibaô.

Marcela: Ah é?

Mãe Iberecy: Esse barracão já foi...

David: Fazia a reunião deles ali.

Mãe Iberecy: Fazia reuniões, os terços, fazia também muita quermesse. Eu cheguei a fazer mais quermesse aí sem ser pra pagar aqui o seu Veritiano, o Baiano, já morreu. Então a igreja também funcionou muito no prédio, esse prédio já foi mercadinho, já foi sociedade amiga de bairro, o povo da igreja católica já frequentava, foi centro social, entendeu? Quando a Dona Nena tomava conta daí a gente podia fazer quermesse, quando era apuro, fazer uma festa no terreiro, ela dava, mas não dava, assim, não gostava muito, porque era espírita, né? A religião nunca agradou muito, mas a gente não ligava não, a gente fazia, porque era um direito que a gente tinha, né? Ela cobrava 10% de tudo que se fazia ali, a gente tinha que dar, tudo descritinho. Balanço, que comprou, que gastou, o que rendeu, o que sobrou e o que pagou. Era tudo assim, então, da religião eles sempre torceram o nariz pra religião dos espíritas. Mas a gente continuou, assim mesmo.

Marcela: Mas com a senhora pessoalmente não, mas com o terreiro?

Mãe Iberecy: É, de mim não. Comigo eles sempre me respeitaram e me respeitam até hoje, entendeu? É da religião mesmo, o pessoal, até hoje a gente sofre intolerância religiosa, né? Aqui eu até tinha bons vizinhos, sabe? Sempre tive bons vizinhos, a gente nunca teve nada de muito ruim, só aqui do lado que tinha uma família que tinha um tempo e mudou, depois que entrou a segunda pessoa que comprou essa casa aqui, que eles mudaram pra um lugar mais longe, não parou ninguém aqui nessa casa. Mas a gente nunca fez nada que atrapalhasse, o japonês comprou o terreno depois de muitos anos, este terreno ficou cheio de mato aí, todo mundo que entrava não ficava, eu não sei se era por causa do terreiro, mas eu me dava com todo mundo, o pessoal respeita. Eu nunca tive problema mesmo. Tem vizinhos nessa rua que eu nem conheço que já mudaram.

David: A mãe na verdade não sai muito, né?

Mãe Iberecy: Eu não saio muito, eu trabalho aqui dia e noite.

Marcela: Mais as pessoas que vem pra cá...

Mãe Iberecy: É, as pessoas mais vêm do que eu vou. Eu não saio, tem vizinho que fala Fulano de Tal e eu quem é? Da onde? Nossa mãe, mora aqui há não sei quantos anos, aí eu não sei quem é.

David: Aí geralmente pra Mãe Iberecy sair daqui, por exemplo, da comunidade, é, a gente fazia festa aqui... Cosme e Damião na rua, né Mãe Iberecy? E o que mais? Aqui na comunidade mesmo, na rua.

Mãe Iberecy: Tinha uma festa.... Tem ainda...

David: É, mas fazia na rua...

Mãe Iberecy: Porque era tanta criança, tanta gente que, assim, não comportava. A gente ia pra rua.

David: E agora com o Afoxé. Assim, atos ligados a religiosidade que Mãe Iberecy sai, é como fazer a festa aqui e o Afoxé que sai aqui.

Mãe Iberecy: Eu fiz muita festa de lemanjá, muita.

David: Aí não era na comunidade, ia pra praia.

Mãe Iberecy: Ia pra praia, saia daqui com três, quatro ônibus de fiéis acompanhando a festa de lemanjá. A gente tinha andor e tudo, eu sempre fiz a festa de lemanjá junto com o andor. Porque eu sou filha de Oxum, eu sou filha de água doce, e lemanjá representa o mar, a água salgada. Então, eu ia representar lemanjá, leva-la ela no andor. Eu ficava com uma dó de minha mãe, mas a Mãe Iberecy Oxum, vocês trabalham também tudo junto, eu fazia o andor, eu tinha um filho de santo que já não vem mais, porque hoje ele tem mais de 90 anos, seu Jardim. O David conhece o seu Jardim. Alberto Jardim.

David: Quantos anos está hoje?

Mãe Iberecy: Deve estar com uns noventa, seu Jardim fazia o andor, então ele punha lemanjá, que era festa de lemanjá, num andor de cima. E o pedestalzinho pra baixo Oxum. Oxum ia na frente, lemanjá em cima. E a gente saia com o andor era lindíssimo. E a gente cantava:

*"Eu vou levar um presente a lemanjá,
Eu vou levar um presente a lemanjá,
Vou saudar minha rainha,
Vou levar flores no mar,
Salve, salve lemanjá, lá lá lá yá,*

Salve, salve lemanjá.

Um anel de pedraria para ela irei levar,

Antes de romper o dia, a promessa irei pagar.

Vou saudar, minha rainha,

Vou jogar flores no mar,

Salve, salve lemanjá,

lá lá lá yá, salve a lemanjá." [David bate tambor].

Mãe Iberecy continua: Aí a gente saía com o andor, e o andor ia pro ônibus, aí cada filho meu eu punha responsável por cada ônibus, porque quatro ônibus não é fácil, aquela multidão de gente.

Marcela: E eram daqui do bairro ou eram de vários lugares?

Mãe Iberecy: De vários lugares. Gente de outra cidade, eu tenho filhos nos Estados Unidos, na Inglaterra, em Portugal. Tenho filhos fora do Brasil.

Marcela: Pelo mundo...

Mãe Iberecy: Pelo mundo, e cidade vem gente de Jaguariúna, vem gente de Minas, de São José do Rio Preto, São Carlos, Hortolândia, tem bastante gente de cidade vizinha que vem para cá, tem muita gente que frequenta minha casa.

Marcela: Desculpa a ignorância, mas essas pessoas que são mais próximas da senhora, elas são daqui do bairro ou não necessariamente?

Mãe Iberecy: Não necessariamente, tem gente do bairro, mas muita gente que vem...

Marcela: Mesmo esse pessoal que está mais perto?

Mãe Iberecy: É. Vem muita gente de outros bairros.

Mãe Iberecy: Vem gente do bairro aqui, aqui dos predinhos, né? Da vila debaixo, daqui desse bairro aqui, da Vila Bela, vem muita gente, do outro bairro de lá da John Boyd Dunlop. Vem bastante gente daqui das redondezas. Jardim Garcia, mas muita gente de longe de Campinas vem aqui.

Marcela: As pessoas ficam sabendo e elas vem...

Mãe Iberecy: Elas ficam sabendo, umas vão falando pra outra. Tem gente que vem e "ah, mas eu moro longe, a senhora deixa eu passar primeiro?" Eu falo: minha filha... "mas eu moro longe"... minha filha eu vou ver o que faço pra você, mas como você veio achar o terreiro se você mora tão longe? "Eu tenho um amigo que frequenta a sua casa já tem 5 anos, diz que o terreiro é maravilhoso". E um vai

falando para o outro. Nunca precisei fazer cartãozinho, sabe? A turma, um fala pro outro. Quando vê está aqui. "Ah, filho, tudo bem, aqui a casa é pequena, o coração é grande, mas a casa é pequena". Aí aquela pessoa vem, e já traz mais duas, três. E é isso. E a casa fica lotada de gente. A gente liga o forno aí que a gente não aguenta. O Feijão quer pôr mais dois ventiladores aqui dentro.

Marcela: Eu vim aqui ano passado na última festa. Estava cheio.

Mãe Iberecy: Eu falei pra pôr, mas aonde vamos pôr? Quero pôr mais um...
[ventilador]

Marcela: Ar-condicionado é ruim?

David: É porque fica aberto, a fumaça, né?

Mãe Iberecy: Fica aberto, aí eu fiz esses dois, aqui tem três chaminés. Uma ali, uma aqui e uma aqui...

Mãe Iberecy: Essa chaminé é pra sair o vapor daqui, porque não tem pra onde ir, ele sai lá em cima do telhado. Quem fez essa chaminé lá no telhado foi o Roberto... Então, minha filha, estou aqui. Aí tenho um filho que é médico, não sei se conhece, chama Marcos Prado. Ele é diretor da Maternidade de Campinas. Aí ele sugeriu chamar os filhos mais velhos, porque ele tem mais de 20 anos de santo na minha casa, para comprar esse terreno. Pra aumentar o terreiro. Só que aí eu não tive coragem, aí eu falei pelo amor de Deus, Marcos, não inventa moda. Pelo amor de Deus, vamos pega os mais velhos e vamos fazer um financiamento compra aqui do lado. Eu falei não.

Marcela: Mas é uma boa oportunidade, né? Está o terreno aí...

Mãe Iberecy: Agora não está mais porque ele já fez, o japonês...

Marcela: Ah, já construiu...

Mãe Iberecy: Já construiu, tem uma casa boa aí, eu perguntei pra ele o que você vai fazer, vai morar aí ou vai vender? "Sabe que ainda não sei..." ele falou. É uma casa boa, fui lá ver....

Eles venderam, mas era o que morava mais tempo.

Marcela: E conta um pouco pra mim do Afoxé, porque eu me lembro da história, acho que agora, pouco tempo, esse ano eu ouvi inclusive. Existia e aí voltou a existir, não? Existia a viagem pra homenagem de Iemanjá, o Afoxé...

Marcela: Mas que tem a ver aqui com o terreiro?

Mãe Iberecy: Porque aí, falando da parte de Iemanjá, eu fiquei muitos anos fazendo essa excursão para a Iemanjá. Meu pai era marceneiro, como eu falei. Ele fazia o

barco. Na época, muito tempo atrás, a gente não falava balaio, a gente falava barco. E ele fazia o barco desse tamanho, um metro e meio, com velinha e tudo e ali era depositado todos os presentes como são depositados no balaio. Que hoje é o balaio que vai, né? Não tem mais o barco, ainda alguns terreiros ainda usa o barco, meu pai fazia o barco pra gente. E a gente levava o barco. Então essa festa de lemanjá a gente saía daqui com o barco cheio de oferenda, e eu tinha umas pessoas que iam na frente, eles saíam meio dia daqui. Eles pegavam lugar, montavam, cercava tudo, fazia altar e a gente chegava.

Mãe Iberecy: A gente punha a volta inteira, a gente já tinha as estacas, tudo com cerquinha, o terreiro ficava lindíssimo. Meia noite e pouco eu estava chegando lá. E a gente já ia pra lá. Então o terreiro era iluminado só com vela, a volta inteirinha. Tinha a entrada, que nem aqui, né? Fechava ali. É... Era retangular. E a gente batia ali a noite inteira. A noite inteirinha. Só que o tempo foi passando, fui envelhecendo, fui cansando, falei, gente a mãe não vai mais pra praia. Porque os filhos foram ficando mais velhos, cansado também, né? E aí veio o balaio. O balaio começou lá no Ibaô.

Mãe Iberecy: Aí eu falei, "mas tudo que eu parei, que eu cansei, vocês querem começar de novo? Agora não é o barco, é o balaio?"

Marcela: Mas olha que interessante, tem um significado, né?

Mãe Iberecy: Então nós começamos o balaio, eu fiz a música pro balaio entrar aqui. Que você estava aí no dia que o balaio entrou?

Marcela: Estava. Fiquei lá fora...

*O balaio das águas chegou,
O balaio das águas chegou.
Vem trazer presente para lemanjá,
Vem trazer flores a Rainha do Mar.
O balaio das águas chegou.
O balaio das águas chegou.
Oxum veio bailar, junto com lemanjá,
No balaio das águas, do rio e do mar
Que se encontram para nós abençoar.
O balaio das águas chegou.*

Mãe Iberecy: Linda, né?

Marcela: Lindo mesmo.

Mãe Iberecy: Eu sou compositora intuitiva desde 12 anos de idade, eu fiz a primeira música pra Iemanjá. Eu tenho intuição, eu escrevo a letra e faço a melodia. Eu vou cantando. E aí tenho que pôr no gravador porque depois eu fico com a letra, porque se não tiver no gravador eu perco a melodia. Porque o que eu tenho de música você não acredita, muita música.

Mãe Iberecy: Eu que fiz muito enredo... A gente pedia permissão pro santo e onde é o quarto do santo, onde tem o santo acertado dos filhos feitos. Punha os santos todos lá, e fazia um barracão aqui, eu fiz muito samba-enredo pra escola de samba. Inclusive uma das pessoas que ajudou a comprar isso aqui foi o falecido Dadão. Só que ele era do Lourenço, que era o presidente da escola Renascença, foi ele uns do que deu mil reais pra comprar essa casa aqui.

Mãe Iberecy: Ele era filho de santo aqui.

Marcela: E aí ele saiu?

Mãe Iberecy: Não, ele não saiu não... Ele morreu.

Marcela: Não. A Renascença, a escola...

Mãe Iberecy: É porque a escola era de lá. Só que nós éramos daqui. A gente fazia a escola aqui.

Marcela: Entendi.

Mãe Iberecy: E algumas alas eram feitas lá. Mas aí... Eu fiz onze anos samba enredo pro Dadão. O Tedi frequentou aqui o meu terreiro [Tedi era o mestre de capoeira de David]

Mãe Iberecy: E a gente chegou a fazer a rua do samba. Ali em frente ao Ibaô. A gente fazia a rua do samba

Marcela: Em que época? Muito tempo?

Mãe Iberecy: Muito tempo. A gente fazia, o falecido Dadão trazia o caminhão, que ele tinha também transportadora de caminhão, trazia carga, trazia um caminhão, pra Tarsila trazer microfone, e a gente fazia acarajé, a gente vendia acarajé na rua do samba. E ali a turma cantava, batuque. Tinha o pessoal que vinha fazer cachorro quente, pipoca, amendoim, tudo pra angariar fundo...

Marcela: Não tem ainda? E a rua do samba não tem... tem a ver com esse sambado.

Mãe Iberecy: Eu vou ver se dentro não sei porque. Eu tenho algumas fotos.

Marcela: Era difícil tirar foto, né?

Mãe Iberecy: Era muito difícil. Eu pouco vinha também, a barraca de acarajé não vencia fazer acarajé.

Marcela: Essa rua do samba era organizada pela senhora?

Mãe Iberecy: É, era organizada por nós daqui. Eu, minha irmã, falecido Dadão que era o dono da escola. Vinha o pessoal da Vila 31 de março, que a gente se dava bem. Eu era compositora e fazia os enredos. Eu saí um ano em que a escola ganhou, acho que fizemos tricampeonato. Eu sei que nós fomos fazendo, só ganhando. O reino dos Orixás. Eu fiz uma história com um pouquinho de cada orixá, do reino de orixá, muito lindo.

Marcela: Deve ter ficado...

Mãe Iberecy: Cada coisa boa que a gente vivenciou...

Marcela: Tem que registrar essas histórias, né

Mãe Iberecy: Essa etapa que eu moro foi a primeira a ser construída...

Mãe Iberecy: Essa primeira etapa... Pra lá é a terceira.

Marcela: O lado de lá é.....

Mãe Iberecy: É, a parte mais velha é essa daqui.

Marcela: Terceira parte, foi o final, é a última, né?

Mãe Iberecy: É. Nossa muita coisa...

Marcela: E essa rua do samba ficou quanto tempo?

Mãe Iberecy: Ficou muitos anos...

Marcela: Anos? Poxa...

Mãe Iberecy: Todo ano chegava perto do carnaval fazia a rua do samba.

Marcela: Tipo um balaio também, que é um movimento parecido, tem música, cultura...

Mãe Iberecy: Era uma beleza, viu? Pegou quadra de samba, ficava cheio aquela rua ali, aí o falecido Dadão pedia para fechar a rua...

Mãe Iberecy: Não, aqui bem do lado ali...

Mãe Iberecy: É, aquele pedaço ali. Era tudo ali. Naquele pedaço, tudo ali. Nossa! Quanta coisa nós fizemos de bom aqui no bairro, mas a gente...

Marcela: Tem que registrar isso.

Mãe Iberecy: Mas hoje se registra tudo, antigamente era difícil...

Marcela: Mas tem que registrar essas memórias, essas histórias agora, é um pouco essa ideia da nossa pesquisa.

Mãe Iberecy: Nossa senhora, muita coisa a gente vivenciou nesse bairro, muita coisa boa.

Então, menina, eu sei que muita coisa mesmo a gente vivenciou nesse bairro. Nossa quanta coisa boa. Que a gente não tinha mania de registrar tudo, eu acho que devo ter alguma foto, mas eu não sei se eu tenho...

Marcela: E dessas pessoas que moravam aqui a senhora percebe diferença? Eu entendi que a senhora não sai muito, pelo que a senhora vive aqui de ver, mudou muito o bairro nesses anos? Como está agora?

Mãe Iberecy: É, mudou bastante gente aqui no bairro. Eles já sabem, porque tantos anos fazendo essa espiritualidade. E eu não saio muito, mas sempre que eu saio eles me cumprimentam, o pessoal me cumprimenta, entendeu? Não tem aquela mania assim de... esses vizinhos aqui meu, quantos anos que eu moro aqui, meu Deus, vou na casa do meu vizinho, vizinho é aqui... quando virar o ano a gente se abraça, se respeita. E eu não tenho esse costume, não sei se é porque eu trabalho muito, e chega o final do ano eu tô assim, sabe, naquele baque. Então eu procuro viajar um pouco, esfriar a cabeça, depois eu volto pra retornar, agora tô tomando, eu sou diabética, mas eu não tomo insulina, só tomo remédio, mas com esse negócio de eu não ter horário certo pra trabalhar, as vezes... o ano passado eu tomei todos remédios, e sabe que o diabético tem que comer de 3 em 3 horas, agora eu tô...

Marcela: É bom, né?

Mãe Iberecy: Tô comendo de 3 em 3 horas, tô fazendo uma dietinha, estava com anemia um pouco, tomando sulfato ferroso, porque é muita gente. O meu terreiro é um terreiro que vem muita gente, eu sou muito procurada. Eu não sei se é porque o pessoal gosta de conversar comigo. Eu sei que eles gostam da minha casa, é tão pequeno meu templo, mas eles gostam tanto de vir aqui que você não imagina...

Marcela: Mas não é o tamanho, né?

Mãe Iberecy: Eu falo, tamanho pequeno, meus filhos, mas o coração é grande. Eu sou uma pessoa que ouço todo mundo, dou atenção pra todo mundo, não faço diferença. Isso, mas eu sou assim desde menininha. Desde dos anos que eu comecei a fazer a primeira música, que eu entrei no terreiro tinha 12 anos. Eu fui assim, muito perturbada pelos espíritos. Com sete anos de idade eu tinha visões, deu um pouco de trabalho pra mamãe. Hoje minha mãe está com 80 anos, meu pai já faleceu. E dei um pouco de trabalho e_entrei muito cedo na espiritualidade pelo dom. Porque eu via as coisas, dava medo, eu gritava, nessa época eu morava lá no

Vila Nova. Nós moramos no Vila Nova porque vovô tinha casa lá, então a gente morava. Era uma rua Buarque de Macedo, que atravessava e saia na outra rua, era um... ali tinha um monte de casa assim, era a casa do vovô e vovó, aí vinha casa de mamãe, depois casa de titio, aí tinha uma parte que era um galinheiro, tinha horta, depois que saia onde passava o trem. Olha o tamanho do terreno, entendeu? E a gente morava quase todo mundo perto.

Marcela: Família toda de Campinas?

Mãe Iberecy: Tudo de Campinas, sou campineira. Então, e assim, e aqui no bairro, a religião, não sei, as pessoas não bolem comigo aqui. Eu tô aqui, bato tambor em determinada hora, todo mundo já acostumou. Para mim, porque é muitos anos que eu tô aqui, hoje a gente para, só fica na entidade dando passe, trabalhando, para não perturbar. A não ser uma festa de Cosme e Damião que a gente começa muito cedo, durante o dia, então eu nunca tive problema aqui com vizinhança, nunca tive.

Marcela: E a senhora faz ainda festa de São Cosme e Damião?

Mãe Iberecy: Faço, faço festa de Cosme.

Marcela: Todo ano?

Mãe Iberecy: Todo ano eu faço.... Então, no bairro aqui eu sou muito respeitada. As pessoas que são do bairro há muito tempo, eu nunca fui encrenqueira, eu sou uma pessoa conciliadora, quando vejo o negócio pegando fogo eu já: gente, calma, calma. Sabe? Não gosto de briga. Nunca briguei com Dona Nena, o pessoal da igreja, nunca briguei com eles, sempre respeito, cada um faz a religião que quer, cada um é cada um. A igreja fez e fez quermesse. Quantas quermesse nós fomos da igreja, outra igreja está lá. Já veio alguns, umas pessoas evangélicas também que ocupou o espaço, onde eu vou hoje.

Marcela: Ah é?

Mãe Iberecy: Algum tempo, não agora, lá atrás. Eles achavam no direito de fazer alguma coisa, então chegou uma época que a Dona Nena foi obrigada a ceder o espaço pra ser feito alguma coisa, umas reuniões. Mas também durou pouco. Eu de Minas, podia fazer pra angariar fundos pro terreiro. Eu me dou bem com todo mundo aqui no bairro, não tenho inimizade com ninguém, né? Eu sou conhecida, o pessoal conhece eu.

Marcela: As pessoas do bairro são tranquilas também, né?

Mãe Iberecy: São tranquilas também, são bastante gente que acabou envelhecendo, que nem a Isabel. A Isabel é minha costureira e a minha casa da minha mãe é umas quatro casas pra baixo da casa da Isabel.

Marcela: Eu entrevistei ela...

Mãe Iberecy: Você entrevistou a Isabel, né? Isabel é um amor de pessoa...

Marcela: Ela que foi a primeira pessoa que disse que a senhora tinha uma voz linda.

Mãe Iberecy: Ah é?

Marcela: Ela tem uma voz linda..

Mãe Iberecy: Então, a Isabel... gosto tanto da Isabel. Uma pessoa boa vizinha quando eu morava lá, hoje mamãe mora com Leandro.

Marcela: Eu conheci.

Mãe Iberecy: Você conheceu, né? Trato de irmão. Foi passar uns dias e amanhã traz ela. Nós somos em 8 irmãos, mas ela gosta de ficar aqui, porque vem bastante gente, ela adora...

Marcela: O movimento...

Mãe Iberecy: Mas é assim, então, eu acabei me dando bem aqui no bairro, eu não tenho tempo pra fofoca...

Marcela: Pro resto, né?

Mãe Iberecy: Não dá tempo, entendeu? Quando tem uma coisa no Ibaô a gente desce, participa, depois volta pra casa, vou pra São Paulo, vou pra Itanhaém, vou pra Bahia, quando dá. Eu andei de avião, agora não vou mais, já falei que não vou mais...

Marcela: De avião?

Mãe Iberecy: De avião, peguei medo. Na volta de Salvador quando eu fui, fui com David, Alessandra, meu filho, minha nora, menina, pra ir foi uma beleza, na volta nós pegamos uma turbulência, uns quinze minutos, peguei um medo de avião. Vai de navio, aí o navio afunda... você viu o Titanic? O que aconteceu? Aí viro comida de tubarão, vou nada. Eu vou só onde a roda leva.

Marcela: Mais confortável, mas dá pra ir pra Salvador de carro também, demora, mas dá, para um pouquinho num lugar, dorme.

Mãe Iberecy: Pois é, uns 4 dias a gente chega lá, para numa pousada...

Marcela: Uma viagem gostosa.

Mãe Iberecy: Então, eu sou assim, uma pessoa feliz, não tenho... meu marido não aguentou minha vida espiritual. Minha casa sempre cheia de gente, eu sempre

ocupada. E na Bahia tem as mulheres do Axé, a maioria das mães de santo é tudo largada de marido. Porque marido não deu tempo, entendeu? Essa parte espiritual da gente. Porque existem algumas obrigações que você tem que guardar preceitos. Você não pode manter relações sexuais com marido, então você tem que resguardar o corpo, quando vai se iniciando o ritual de leitura do santo. Então, se um marido é de dentro ele entende e acostuma. Se o marido não, então ele vai buscar mulher na rua. Aí as mães ficam sozinhas, então eu sou uma mulher, não sou sozinha, porque eu tenho tantos filhos e vivo, assim, rodeada de entidades, que não dá tempo de falar que sou sozinha. De tanta gente que procura... então você vem com aquele dom. Você vem já marcada com aquilo. E eu virei lalorixá, eu fui uma pessoa que já fui escolhida, tô até hoje, vou morrer trabalhando. Gosto do que eu faço, amo o pessoal que vem, eu dou atenção para todo mundo, pessoal fala assim: nossa mãe, que coisa, a senhora pode estar cansada, mas a senhora dá atenção para todo mundo. Eu falo com o mais pobrezinho que tiver ali, eu dou atenção.

Marcela: É dom mesmo.

Mãe Iberecy: É um dom, entendeu? Não tem separação, as pessoas são todas iguais. Todas elas precisam de uma orientação, então se Deus me deu esse dom, para mim fazer o que eu faço, é porque eu nasci para isso. Entendeu? E eu gosto muito da minha religião. Eu sou muito rezadeira. Eu faço uma novena todos os dias, 9 Salve Rainha. É pra ser nove dias faço num dia só logo, todo dia. No meu quarto tem uma vela dessas que é de Nossa Senhora da Conceição, porque eu faço lá no meu quarto, né? Eu faço sempre antes de dormir, ou quando eu levanto de manhã eu já faço. Ou faço de manhã, ou faço a noite antes de dormir. Eu sou uma pessoa muito rezadeira.

E essa daqui é irmã dessa, e essa daqui mora junto com essa. São duas senhoras de 80 e poucos anos. Essa daqui tem 85 e essa aqui já tem 70 anos, e essa aqui tem a minha idade e está... ficou entubada não sei quantos, aí ela ligou pra mim, e o nome está aqui pra mim rezar. E eu vou rezar para essa pessoa. Para poder entregar na mão de Deus, porque a gente não pode fazer nada a não ser orar e pedir aos búzios, aos guias, aos bons médicos, né. Do espaço, corrente dos anjos, para depois pôr a mão sobre essas pessoas que as vezes tão sofrendo, o médico não consegue dar jeito, e a pessoa fica ali expurgando, pedindo a misericórdia de Deus, para que Deus tenha misericórdia e olhe por aquela pessoa. Então é essa a nossa missão.

Marcela: Linda missão.

Mãe Iberecy: Nossa missão, e eu faço com muito gosto, eu gosto do que eu faço. Então todo mundo sabe que eu sou rezadeira. "Aí mãe, por favor, a senhora pega o nome do meu irmão que sofreu um acidente, está tudo bem, mas senhora ora por ele? Eu oro filho, dá o nome..." aí já escrevo o nome, já ponho aqui. É um dom....

Marcela: É, tem que usar, não tem jeito...

Mãe Iberecy: Tem que usar, não tem como, entendeu? É uma coisa que não tem explicação. Não é um fanatismo, porque quando tem que fechar o terreiro, eu fecho. Quando tenho que viajar eu viajo, entendeu? Mas é uma coisa que parece que a gente... na oração a gente chega mais perto de Deus, dos guias espirituais do que que a gente está acostumada a conversar pelo espírito. Então, e o pessoal busca.

Marcela: E conforta as pessoas, né?

Mãe Iberecy: E conforta. Quando eu falei que ela ligou e falou da irmã eu falei "me dê o nome", ela já falou para a outra, "aí, vai fazer corrente para ela, que maravilha!", uma coisa assim, ela ficou toda feliz quando eu falei que quero o nome dela, que hospital ela está. E a pessoa fica tão feliz. De fazer uma oração, num momento que você fala com Deus, com Nossa Senhora, com a devoção que a gente tem, com a fé que a gente fala mesmo, porque a gente fala com Deus mesmo porque deus está dentro do nosso coração, todo dia. Deus está dentro de nós. O amor que nós temos ao nosso semelhante, é a luz de Deus. A luz lá dentro que está assim, florescendo, alerta. Esse é o amor que a gente tem no próximo. Não importa quem, não importa se ele é católico, se ele é de Jeová, se é presbiteriano, que religião que for. E nós, eu pelo menos, respeito a todos. Eu tenho amizade com todo mundo de outra religião. Dentro da minha família tenho gente Batista, gente de Jeová, eu vou casa na deles, eles vêm na minha e me respeitam, porque eu acho que cada um segue aquilo que está predestinado. Desde que você ponha a luz divina do pai dentro do seu coração, não importa, todas as religiões são boas, cada um tem o seu. Todas. Então a minha não é melhor, a do Papa não é melhor, a do pastor não é melhor. O importante é você ter Deus e falar a verdade para as pessoas, respeitar, louvar a Deus, como nós precisamos, nas nossas orações, é isso que é importante. Não falar mal do vizinho, não brigar com as pessoas. Eu me dou com todo mundo, sou paz e amor. O pessoal vinha atrás de mim, vai fazer uma festa lá e eles querem que eu vou lá. Eu sou mãe de santo da esposa dele, eles têm uma casa lindíssima, e ele vem terreiro. Vai fazer uma festa e quer que eu vá lá, eu

vou. Se eu consigo ir. Não dá pra cumprir toda a agenda, sabe? Eu me dou com um monte de pai de santo, Baba Toloji, Mãe Dango, "Ah, mãe Iberecy, você não vai lá em casa? Vai na festa", minha filha, meu Deus, eu sei que a festa da sua casa é maravilhosa, mas eu tô tão cansada, eu trabalho muito. Então a gente cansa, e a idade vai chegando, eu fui muito maior. Falaram pra você que era grandona? Eu já tive 160kg. Se você ver a fotografia, eu era enorme. E hoje eu tô assim. Um pouco mais leve, graças a Deus, né? Porque você vai envelhecendo você não pode ficar do jeito que estava gorda, porque você vai em passos pequenos, né? Hoje eu não sou velha, mas eu tô com 66 anos, então já viu né? Daqui a quatro anos é 70. Então a gente vai indo né filha? Mas eu tô cansada, tô cansando cedo. Você acha 12 anos. Até hoje nunca parei.

Marcela: 50 e poucos anos...

Mãe Iberecy: Eu nunca parei...

Marcela: E também essa demanda toda de pessoas deve gastar muito energia da senhora, imagino...

Mãe Iberecy: Gasta muita energia, eu nem abri minha agenda de búzios, porque búzios eu converso bastante, eu vou falando tudo que vai acontecendo, né? Assim, no mundo espiritual, tem pessoas que tiver amarrada, tem pessoas infeliz, tem que ver o lado espiritual que não está batendo, né? Deus é maravilhoso, ele te cuida... Que fizemos lá atrás, essa parte espiritual minha é o resgate, eu já fui uma sacerdotisa numa outra vida, eu faço o resgate espiritual por causa disso, lá bem lá atrás, isso que eu já tive 9 reencarnações. Uma pessoa que fez meu mapa astral, veio aqui e a senhora não quer fazer? E eu quero fazer? Faz. Nossa! Você já teve 9 reencarnações. Eu até acredito que sim, porque eu tenho uma sabedoria. Eu estudei só até a quarta série só. Eu não estudei, eu sei de coisas que está nos livros, eu tenho uma filha professora, que falou "mãe, como você sabe isso?" E eu "ah, falaram pra mim que é isso aí", e ela "então, isso aí está no livro mãe". Eu falei nunca estudei, eles que contam pra mim. Então é assim, eles passam pra mim coisas que eu nunca estudei na vida...

Mãe Iberecy: É uma coisa impressionante. Eles trazem um aprendizado para gente quando você tem um dom espiritual, que me faz muito, meu Deus do céu. O David falou assim: mãe, eu fiz o refrão da quem está remando? Quem está regendo? É meu oxalá, que é Deus pai, ele que está regendo pra mim. O David falou se eu fiz o refrão da música que nós vamos cantar no Afoxé, né? Mas eu não tô conseguindo o

resto. Vamos fazer uma parceria pro resto da música? Eu só tô com o refrão. Eu falei: David eu vou viajar pra Poços de Caldas, que adoro aquelas arvores, pra ver o passarinho cantar, eu adoro Poços de Caldas. Eu falei assim, você me dá o refrão, que eu vou fazer pra você. Eu fiz no hotel.

Marcela: Fez lá?

Mãe Iberecy: É. Viu o Afoxé?

Marcela: Vi.

Mãe Iberecy: Aquela segunda parte lá fui eu que fiz. Ele faz assim:

*“Oxalá, Oxalá,
Orixá vem me valer.
Oxalá, Oxalá,
Dai axé pro meu ilê...”*

Aí queria que eu fizesse o resto da letra, não tô com cabeça, tô cansada. Eu vou viajar, e eu vou levar esse refrão, eu faço e quando voltar eu te entrego. E fui. Quer saber de uma coisa? Peguei o gravador, o caderninho, deixa fazer a nota pro David. Ai que veio assim, vou começar de novo, aí de ali que eu cantei:

*“Oxalá, Oxalá, Oxalá vem me valer.
Oxalá, Oxalá, dai axé pro meu Ilê.
Ele é minha luz, me dá todo saber,
dá o seu amor pra todo o meu viver.
Ele é o senhor da paz, traz sabedoria,
a luz do meu pai é tudo que eu queria.
Ele é minha luz, me traz todo saber,
dá o seu amor para todo o meu viver.
Ele é o senhor da paz, traz sabedoria,
a luz do meu pai é tudo que eu queria.
Axé! Axé! Oh meu pai!
Axé, axé pro meu ilê.
Axé, axé, oh meu pai!
Axé! Axé para o meu ilê”.*

Então eu fiz essa parte, quando eu voltei e disse assim: David, vem que a música está pronta. Ele entrou no meu quarto, minha sobrinha estava aí, eu comecei a cantar, quando ele escutou ele ficou vermelho, ele pegou um banquinho e começou a bater, ele adorou, ele falou: nossa mãe, que lindo!

Marcela: E aquelas luzes, estava muito bonito, mesmo com a chuva, acho que a chuva até, né? As luzes e as pessoas... estava muito bonito.

Mãe Iberecy: E ele... falei assim meu filho está pronto, sabe... aí ele veio e pôs o gravador, e assim que cheguei falei venha ver. Põe no seu gravador que eu preciso passar a música. E a vida é assim minha filha, coisas assim que te tornam tão difícil pra uma pessoa, eu faço assim rapidamente, então eu me acho assim, iluminada por Deus, entendeu? Eu sou iluminada por Deus. Se eu não puder ajudar eu jamais vou atrapalhar. E aqui a gente só trabalha com a luz. É só com amor mesmo. Porque o amor que você traz dentro do seu coração é a luz do nosso pai. A luz de Deus está dentro de nós pelo amor que você carrega ao seu semelhante, qualquer pessoa. Amai-vos uns aos outros como vos amei. Vocês acham, quando você ama seu semelhante você traz a luz de Deus dentro de você. Não tem outra coisa. Eu não sou melhor que ninguém, sou uma pessoa pacífica. Sou uma pessoa muito procurada, tem que tomar, fazer as dietas direitinho da diabetes pra segurar o baque, porque não é fácil, é bastante gente. Mas aí eu vou em passos pequenos, que nem eu faço aquela música, quando eu vou abrir aqui eu canto passos pequenos, nós devemos viver em passos pequenos. Não devemos ter pressa. As vezes a vida tumultua um pouco. Eu entro aqui cantando em passos pequenos...

Marcela: Eu vim um dia aqui...

Mãe Iberecy: O dia que você escutou passos pequenos, né? Eu faço em passos pequenos. Toda aquela música que eu canto no começo do gira, a maioria é músicas que eu fiz. Então, passos pequenos é uma música que a gente fala, porque tem tanta gente que atropela todo mundo, passa por cima, e não é isso. A gente tem que ir em passos pequenos, e pedindo a luz divina de Deus, né? Quer que eu canto pra você?

“Passos pequenos, devagar.

Eu caminho em passos pequenos,

Devagar eu caminho,

Eu preciso te encontrar para o meu caminhar.

Oxalá, minha luz. Luz bendita,

Luz da minha vida, luz que acalma o meu viver.

Por onde eu caminhar tu estará Oxalá!

Sempre comigo por onde eu caminhar,

Tu estarás Oxalá, sempre comigo”.

Então é isso, Deus pra mim é o ar que respiro, é a água que eu bebo. É o alimento que eu planto, é o fruto que eu como. Deus está em cada partícula que eu tô, da humanidade. Então nós devemos respeitar tudo e a todos.

Marcela: Muito agradecida.

4.2 DAVID

"Disse pro meu sobrinho: o sangue que corre em você aí é um sangue de guerra, de vencer guerra", é um sangue de uma família, de seres humanos, que nunca foi fácil, e sabe, a gente não começou assim não, e nem somos assim".

David é contra-mestre de capoeira, militante cultural no movimento negro, e coordenador do Instituto Baobá. Apesar de conhecê-lo há alguns anos, estava ali em um outro papel e marcamos para conversarmos no Ibaô, momento em que pudemos recontratar a relação, no sentido de não adulterar o resultado das entrevistas. Precisamos remarcar algumas vezes, em função de impossibilidades mútuas, porém em duas semanas conseguimos realizar a entrevista, sempre no período noturno, horário disponível para David. Antes de tudo ele conta sobre o afoxé, que inicia a entrevista.

David conta sobre o **afoxé**:

David: É iniciativa de filhos de santo daqui, que são do Ibaô, que pensaram nessa situação de reativar essa. De tentar conseguir esse suporte pra ir e voltar a fazer, e envolver a parte cultural que seria o balaio lá embaixo né? Aquela programação cultural. Então foi essa ideia. O terreiro e o Ibaô juntos.

Marcela: O balaio?

David: Parte religiosa aqui e a parte profana lá.

Marcela: E depois tem a parte do Afoxé também? Isso foi ao mesmo tempo?

David: O Afoxé começa quando eu já era filho de santo aqui. Eu dava aula de capoeira na sede lá, acaba as aulas de capoeira e a gente fazia um, tocava e cantava músicas de terreiro e tal. Como uma espécie de voltar a calma ali, de enfim, eu particularmente nunca separei a religião da capoeira...

Marcela: Sim, era como um fechamento, um ritual...

David: É, pra mim era como se a gente fazia um ritual pra finalizar, e isso a gente fez sempre informalmente ali fechado dentro do Ibaô. Ai 2008 e por aí, a gente... quando eu falo a gente, na verdade a gente é movido por uma energia que a gente depois

que vai entender, o porquê das coisas. Eles que querem, nós somos instrumentos, então os Orixás que... então quando a gente teve esse chamado. A gente veio, conversamos com a Mãe Iberecy, pra jogar os oráculos, os búzios, pra...

David: No bairro você vai falar com as pessoas aí e vai ver o preconceito em todos os lugares, infelizmente isso aí é uma coisa, uma coisa que vai ser maioria, infelizmente inclusive. Então, mas eu acho legal na sua abordagem, você usar uma coisa mais amena... não que mais amena assim sabe, mas de falar religião espírita dentro do bairro tal, eu tenho quase certeza que eles vão atrelar, associar a questão da Umbanda, porque eles só têm preconceito, que é falta de conhecimento, né, então não vai discernir candomblé de umbanda. Tudo para eles vai falar que é macumba.

Marcela: Eu acho que vou ter que esmiuçar essa coisa do que ele acha da manifestação afro, o que ele sabe o que é isso, sabe o que é....

David: Mas porque eu estou te falando isso? Porque eu acho interessante você ouvir eles falarem, que de repente você já falar candomblé, umbanda eles já vão se bloquear e não vão falar de repente.... Porque podem surgir falas interessantes, né.... Que de repente não seria nem preconceito, mas... a gente está querendo acreditar que as pessoas com o tempo vão perdendo essa ignorância...

Marcela: Não conhecendo...

David: Para provocar eles falarem mesmo, não eles acharem que é macumba e pararem. E não fala mais nada a não conheço. e vão te falar "ah, é pessoal lá em cima lá", a gente sabe que tem um pessoal que bate tambor lá em cima né? Porque a rua Pardal é a rua da Vó Nézia, que é mãe da Mãe Iberecy, mãe carnal da Mãe Iberecy. Aí eu sei que um terreiro da Mãe Iberecy, foi no quintal da Vó Nézia, o pai dela cedeu o espaço, que ela estava recém-saída da casa da irmã dela de Santo, que era aqui no Jardim Garcia, a Cassia, era a Mãe Iberecy e a Cassia. As duas eram filhas desse pai de santo, que é o Tata Bidó, e elas abriram um terreiro junto no Jardim Garcia. E aí por algumas questões a Mãe Iberecy saiu de lá e não tinha lugar para continuar, né? E aí inclusive nessa época a Mãe Iberecy morava nesse apartamento aqui, nesse prédio que fica em cima da farmácia aqui do lado, ela morava aí. Que aí depois...

Marcela: Mas ela fazia na casa dela?

David: Aí o pai dela cedeu, ela até estranhou, porque o pai dela é uma pessoa bem, né, rígido e tudo mais, aí ele cedeu um espaço no quintal para ela...

Marcela: Que o dele era casa...

David: Da casa dele...

Marcela: Mas aqui também na Vila?

David: Na Pardal, na Pardal ali. De lá ele chegou e falou: já deu tempo, agora você precisa... foi aí que ela comprou ali onde é até hoje, que é uma rua paralela, que agora é a Canário, subindo ali em direção, canário com esquina com a Azulão. Onde fica o terreiro ali de esquina, né? Eles vão falar... E a gente sabe que tem tambor ali, né? Que tem um pessoal da religião ali, vão falar que queria ir com você, vão até ficar curioso...

Marcela: Eu fui na rua Pardal, a Dona Isabel mora na rua Pardal, ali, tem uma costureira...

David: Se eu não me engano é a costureira que a Mãe Iberecy faz coisas com ela lá, roupas né? Que a Mãe Iberecy, hoje ela está bem mais... né? Mas ela era bem mais obesa, então a Mãe Iberecy tinha que fazer roupas sob medida, e essa mulher fez muitas, se for ela que tô pensando, ali eu acho que só ela é costureira, Isabel, ela mesmo.

Marcela: E ela é antiga no bairro...

David: Quase certeza que é ela, e a vó Nézia, que é mãe da Mãe Iberecy mora acho que umas cinco seis quadras para baixo dela, cinco, seis, sete casas...

Marcela: Aí você está falando que ela fez no pai dela...

David: O primeiro terreiro, o segundo né? Porque era com a mãe de santo no Jardim Garcia. O segundo foi no quintal da mãe e do pai dela, e agora na casa que ela está hoje, o terceiro aí... que está aí mais de quarenta anos acho...

Marcela: e ela mora também?

David: Ela mora na frente e o terreiro no fundo...

Marcela: É comum isso? Os terreiros serem na casa da pessoa mesmo?

David: É comum...

Marcela: Eu fui uma vez no São Bernardo num lugar, há mais de vinte anos atrás...

David: É comum, é bastante comum ser na casa...

Marcela: E você frequenta lá?

David: Lá, eu... eu comecei na capoeira aqui, né? Em 88, e a mãe de sangue, a mãe carnal do mestre Ted era lalorixá também, ela tinha um terreiro, né? No Jardim

Aurélia, onde é o Correio hoje no Jardim Aurélia, onde é o prediã do Correio era a casa, ela vendeu e eles construíram o Correio lá hoje. E lá que era a casa deles, e a casa dela também era no fundo, e era a casa de umbanda dela no quintal... eu conheci, eu estive lá já em algumas oportunidades, eu já tive, não no terreiro, na casa, né? E aqui como o Ted, né?

Marcela: O mestre Ted morava aqui?

David: Não, ele morava no Jardim Aurélia...

Marcela: Mas ele fazia capoeira aqui?

David: Aí ele começou a dar aula aqui...

Marcela: Depois do mestre Marquinhos?

David: Não, não, o mestre Marquinhos deu aula lá na primeira etapa, que são três etapas, né, no Nóbrega...

Marcela: Mas ele já tinha parado? Ou era junto?

David: Então, mas a gente nem conhecia aqui, entendeu? A gente nem sabia que tinha. O mestre Marquinhos ali, para você ter ideia dessa história, fui saber não faz muito tempo, com ele, né? Porque acredito que ele não deve ter ficado muito tempo, né? Por isso no bairro não reverberou e tal...

Marcela: É muito do começo do bairro, né?

David: É, dependendo do ano era. Porque eu desconhecia assim, porque para gente era só aqui mesmo, porque o Ted começou capoeira com o mestre Pelé, quando ele se formou na capoeira ele estava procurando espaço para dar aula, aí ele começou a dar aula lá no Parque dos Eucaliptos, no fundo dos prédios lá que era uma área aberta, era uma mata assim, começou lá aberto, aí daqui a pouco ele conseguiu aqui, depois de um pouco tempo conseguiu o espaço aqui para dar aula, pagava uma mensalidade, aí ele dava aula aqui, começou a dar aula aqui...

Marcela: Então as pessoas falam da aula aqui, era ele? Porque já teve gente que eu entrevistei que falou que tinha capoeira aqui.

David: Mestre Ted.

Marcela: E você começou aqui?

David: Comecei aqui.

Marcela: E quantos anos você tinha?

David: Eu tinha onze anos.

Marcela: E você morava no bairro?

David: Moro no bairro desde 77.

Marcela: Você veio no começo do bairro...

David: É, eu nasci a gente morava num aglomerado de casinhas entre a Vicente Cury e o Costa e Silva. Meus pais moravam lá.

Marcela: E não era COHAB lá ainda?

David: Não, era COHAB lá, lá é COHAB se não me engano, aí tinha uma espécie, que eu ficaria muito feliz se conseguisse, se não conseguir puxar no Google, não sei, chamava gateiro, não sei se é HT (Agá-Te) ou se é GATE (Gê-A-Te-É). Que meu pai só falava que morava lá no "gatê". Que era esse aglomerado de casinhas, sabe? Bem simples, que moravam ali, não sei como surgiu...

Marcela: Tem cara de HT, né?

David: É deve ser Habitação...

Marcela: Rua A, rua B...

David: Não, H, habitação.... Te, sei lá o que... que derrubaram e não sei mais o que é lá hoje, eu precisava pegar meu pai com o carro e me falar onde que era ali, porque ele cresceu ali, né? Então ele vai conhecer e falar para me contar essa história aí, mas o que eu sei que a gente veio para cá, eu era bebê, minha irmã era um ano mais velha...

Marcela: Você nasceu em?

David: Em 76. Acho que foi em 77 que a gente veio para cá e aí fiquei até meus vinte e poucos anos, depois começou um pouco... minha família foi pro Nova Europa, e aí do Nova Europa eu fui pro Anchieta, que fiquei morando junto até hoje.

Marcela: Mas seus pais conseguiram a casa da COHAB?

David: Conseguiram um apartamento, pagavam o apartamento todo mês.

Marcela: Aí eles deixaram? Eles revenderam?

David: Aí o apartamento o que aconteceu? Meu pai chegou e cansou. Meu queria morar em uma casa, ter mais privacidade e blá blá blá, aí o que ele fez? Vou alugar o apartamento aqui do Nóbrega, vou alugar para alugar uma casa em algum lugar. Foi isso que ele fez. Ele alugou o apartamento aqui e fomos para o Nova Europa morar numa casa, Jardim Nova Europa. Aí o cara ficou poucos anos, porque meu irmão já conheceu uma moça, em Paulínia, ele trabalhava com essa moça e conheceu ela, que é a minha cunhada Kátia. E aí eles resolveram se casar e o que aconteceu? Virou para o meu pai e "olha, não tem como a gente ir para o apartamento?", aí ele se acertou com meu pai, nem lembro se pagava aluguel, nem lembro. E foi morar aí. E ficou alguns anos aí, casado e tal, morando aí, até que ele

se mudou para o Vila Flora, foi aí que ele se mudou para o Vila Flora, aí meu pai vendeu o apartamento. Ele não ia voltar para cá.

Marcela: Ele nunca quis mesmo.

David: Principalmente no final, né? No final ele estava de saco cheio já, porque apartamento é complicado para algumas coisas...

Marcela: Sim, você não pode fazer muita mudança...

David: E ele gostou também da Vila Flora lá, ele vendeu, fez um bem bolado e comprou lá na Vila Flora. Foi essa história aí, mas nesse meio tempo eu já nem estava mais com ele lá no Nova Europa, eu já estava no Padre Anchieta já. E estou aqui até hoje.

Marcela: E você estudou aqui?

David: E estudei aqui na Padre Manoel da Nóbrega, estudei na... chama, não sei hoje, E.E.P.S.G Doutor Mário Natividade. Que é conhecida como Mana, que é MA de Mário e NA de Natividade, Mana. Que é o nome da escola, que tinha até a camiseta vermelha escrito MANA assim...

Marcela: Agora é só E.E. de Escola Estadual, antes era de Primeiro e Segundo Grau...

David: Estudei lá até a quarta, quinta série, porque aí eu fiz o SENAI. Fiz SENAI, consegui passar na empresa Lix da Cunha, aí fiz serralheria por empresa no SENAI pela construtora Lix da Cunha.

Marcela: No Bentão você também fez técnico...

David: O Bentão foi depois... aí depois que eu fui para o SENAI, me formei, aí eu me formei fui para a empresa, você se forma tem a empresa, já está empregado praticamente, mas é uma ilusão, porque é época de quartel. Eu fiquei no SENAI, em dois anos eu fiz a quinta e a sexta, a sétima e a oitava. SENAI é assim, semestre, um ano por semestre. Então quinta, sexta, sétima e oitava, então me formei no ensino e beleza. Sai com uma profissão de serralheiro, só que quando eu cheguei na Lix da Cunha, que hoje nem existe mais ali na beira da Anhanguera, era entrada por ali também, mas tinha entrada pelo Jardim Garcia. Que a entrada pelo Jardim Garcia era ali e entrada pela Anhanguera ali era Cumprelux. Era o mesmo grupo...

Marcela: Que aqueles passam todos da Pedreira ali, que hoje...

David: Não é na Pedreira.... É por aqui, antes da John Boyd, você está na Anhanguera, antes de entrar na John Boyd é ali, um pouco antes tem uma entrada, você vê ali tudo, não tem mato, é prédios, né? Era ali, só que como eu era de

menor, e a Lix da Cunha era construtora, então as obras eram fora da empresa, eram externas. Prédios, construções e tal, e eu de menor não podia ir até as obras, eu era de menor, e a serralheria era nas obras. O que eu devia ficar fazendo? Me formei, cheguei lá e me botaram para lavar peça de caminhão e trator. Na mecânica de transporte da empresa. Eu fiquei lá um tempo, era tudo arrebitado, de 17 para 18 anos, eu cheguei, não acreditei que eu fiz isso, mas eu fiz. Eu fiquei sabendo que no almoxarifado estavam precisando de gente para trabalhar... pô, me formei em serralheria, tinha até uma serralheria pequena lá do lado da mecânica, mas era dois funcionários era o bastante, não tinha demanda ali, a demanda era nas construções. E aí como eu não tinha como ser aprendiz lá eu falava para o Clidão, chamava Euclides, o nome do encarregado da mecânica geral ali, falei "Clidão, eu queria falar com o senhor porque né, surgiu uma oportunidade ali no almoxarifado e eu me formei em serralheria..." expliquei toda a situação para ele e ele "então vai lá". Não acreditei, e fui. Fiquei lá, de lá eu já estava de auxiliar de compras, depois do almoxarife eu fui trabalhar no setor de auxiliar de compras, aí que veio a grande frustração, né? Que é época de quartel. Quartel já sabe, né? Te manda embora, não vai esperar um ano, você no quartel, aí eu peguei e fui para o.... e era o contrato que acabava nessa idade, acabou o contrato não ia renovar, enfim, aí fiquei desempregado...

Marcela: É quase um estágio né?

David: Fiquei desempregado...

Marcela: E você serviu?

David: Não, eu me alistei e deu excesso de contingente. Ninguém da minha família, que é homem lógico, serviu quartel. Nem meus tios, eram cinco, era meu pai e mais quatro, no da minha mãe uns três, quatro, ninguém serviu quartel, meus primos, ninguém serviu quartel. Que me lembro ninguém. Louco né? Enfim, não servi quartel, fiquei fazendo bico de servente de pedreiro, o que aparecia eu fazia. Ai numa dessas eu fiz um...

Marcela: Aí você não estudava mais? Aí você foi fazer o ensino médio?

David: Não, eu continuava estudando, quando me formei no SENAI eu sai com a oitava série, eu continuei a primeiro, segundo e terceiro colegial. Continuei.

Marcela: Mas não era Bentão ainda?

David: Não, quando eu comecei o primeiro colegial eu não tinha vaga no Mana, foi uma grande época da minha vida que foi bem triste, só tinha no Lencastre, não que

não tinha vaga, mas eu conhecia a Zezé que era diretora lá. Salete filha dela era amiga da minha irmã e tal, aí minha mãe conversou com a Zezé para dar um, se ela não podia conseguir uma vaga, e conseguiu...

Marcela: O Lencastre é em que bairro?

David: Jardim Garcia. Se você pega a transamazônica de lá para cá ela fica bem no meio da transamazônica, do lado direito, você vê um prédio, escola estadual Carlos Lencastre. Aí fui lá e não consegui ficar muito tempo, e graças a Deus surgiu vaga no Mana, aí eu vim.

Marcela: porque, era ruim?

David: É, porque é outro bairro para gente, Jardim Garcia, cara... as pessoas não conversavam comigo.

Marcela: É isso que eu queria saber, uma diferença social?

David: De classe social. Tinha pobre no Jardim Garcia, mas a maioria não era.

Marcela: E negro?

David: Na nossa...

Marcela: Na escola...

David: Nossa, raríssimo! Não tinha, era tudo um povo, a gente falava que era nariz empinado, né? E era mesmo, eu não fiz uma amizade, para você ter ideia...

Marcela: Quanto tempo você ficou?

David: Fiquei alguns meses, pouquíssimos, aí surgiu vaga no Mana [escola Mario Natividade], eu voltei e terminei primeiro, segundo e terceiro, aí quando eu terminei isso aí eu estava na... deixa ver se eu lembro. Nessa de desemprego, de tempo que fiquei desempregado eu comecei a fazer bico, aí surgiu...

Marcela: Que ano era isso?

David: Então, isso foi 18 anos. Oitenta e....

Marcela: 86?

David: Eu nasci em 76...

Marcela: 94

David: É, por aí. Eu me formei no SENAI em 91. E agora?

Marcela: É, em 96 você fez 20.

David: 96 eu fiz 20. Então menos quatro...

Marcela: 96... 92.

David: 92. É, 92. Me formei no SENAI em 92. Então em 93 fiz o primeiro, em 94 o segundo, e 95 o terceiro...

Marcela: Ficou direto? Não ficou nenhum ano sem estudar?

David: Não.

Marcela: Estudante toda...

David: E reprovei a quarta série, por causa de jogar truco. Estava viciado em jogar truco...

Marcela: Quarta série de oito a nove anos?

David: Quarta série, eu tinha 10 anos... minha mãe chegou com o boletim, estava na entrada do apartamento, do prédio: "Oh o truco aqui!", meus amigos tudo jogando ela bateu com o boletim assim... "Oh o truco aqui! Pode levar para o seu pai...", eu falei "Nossa...", repeti de ano por truco, viciado em truco, você acha? 10 anos de idade...

Marcela: Não tinha Facebook, internet...

David: Periferia...

Marcela: Todo mundo jogava? Seus amigos?

David: É, a maioria. Ai beleza, aí esses trampinhos que eu arrumava, eu arrumei um de fim de temporada, em lojas, aí fui onde eu entrei na Skina Magazine. Ali na esquina da 13 de maio com a...

Marcela: Da igreja...

David: É, atrás da igreja, da catedral. Ali eu fiquei quase dois anos ali, trabalhando de vendedor.

Marcela: Só para não perder essa, que você falou assim... jogava truco. Criança de periferia...

David: Criança de periferia...

Marcela: O que criança de periferia faz? O que vocês faziam no tempo livre?

David: Eu não tinha videogame...

Marcela: O que vocês faziam?

David: A gente? Fazia de tudo, principalmente brincar. A nossa brincadeira era várias, desde pegar bundinha de formiga, de pitu e assar e comer. Pega latinha de leite ninho, fazer um buraco aqui, botar uma alça, botar o pé e andar de noite "nos buracão", que era tudo buracão isso daqui...

Marcela: Então, esse de noite aqui, tinha luz, né?

David: Tinha luz...

Marcela: Mas teve uma época que não tinha luz na rua, me contaram isso...

David: Tinha luz, é que tinha muito buracão que não tinha, não era iluminado. Que os espaço do campo que você vê ali era tudo buracão, aquilo não tinha iluminação...

Marcela: Não tinha o campo?

David: Tinha o campo.

Marcela: Vocês tinham o campo para jogar?

David: Tinha o campo, mas não era como é hoje não, era um campinho bem fulo mesmo...

Marcela: Vocês jogavam?

David: Jogava bola lá, de tudo. Jogava bola, de pique, como é? Esconde-esconde, polícia e ladrão, a gente gostava mais do polícia e ladrão, tinha os caras que eram artistas, eles incorporavam quando tomavam um tiro e fazia aquelas coisas e caia, aquilo ali era mágico. "Pô, o cara é bom!" E aí todo mundo tentava imitar, jogar bolinha, também. Pipa então, Ave Maria! Aqui você pode ver que o risco é diferente...

Marcela: Cerol?

David: Cerol, cortou que quase arrancou meu dedo. Pipa era o dia inteiro, fazer cerol, cortar os outros. Era pipa, rabiola, dava trabalho, viu. E não tinha dinheiro. Tinha que ser corda dez. A linha dez... Marcela, olha ..., você está me fazendo viajar...

Marcela: É, é isso...

David: Quando pegava aquele carretel novinho assim, aquilo para mim era ouro. Você não tem noção, aquilo para mim era, nossa... era um carro. Sabe assim? O sentimento? 100 metros era.

Marcela: Tem o maior e o maiorzão...

David: Quando você pegava aquela gordona assim e falava "Nossa!", era uma coisa assim que você não tem ideia, o olho devia brilhar. Eu não via, mas devia brilhar mais que uma estrela, porque era difícil. Eu nunca tive, em casa eu nunca passei fome, e assim, nunca passei frio, de não ter cobertor, essas coisas assim.

Marcela: Mas seus pais trabalhavam?

David: Meu pai sempre trabalhou, minha mãe não trabalhava.

Marcela: Ela era do lar?

David: Era aquela época da mulher que a mulher não podia trabalhar, né? Só o homem. Mulher era para ficar em casa vendo criança. E aí, e assim, nunca deixaram e tal, mas eu sempre tive vontade de coisas que eu não tinha condição. Desde doce,

tênis, chuteira, era vidrado em futebol. Nunca tive uma chuteira de marca. Estava falando dia desses para o meu sobrinho ainda, que minha cunhada ligou sexta-feira: "Oh, você pode levar o Caleb lá em Jaguariúna, na Ponte Preta", que ele passou e estava jogando lá, treinando lá. Agora em dezembro ele faz 10 anos de idade ele. Falei "levo, demorou!" Eu estava com o evento da capoeira, doido, tri-louco, mas fui lá, peguei ele, levei. Meu tio era jogador profissional, depois meu tio, eu que da família esperavam que fosse sucessor, não foi. Meu irmão chegou até a Portuguesa, aí não foi para frente, por causa de estudo e um monte de coisa, ele chegou a morar em São Paulo várias vezes. Várias vezes não, um tempo, mas não tinha estudo lá e foi difícil. E eu peguei e falei "não! Faço todo o esforço que eu puder fazer e...", ele está trabalhando na Honda agora externo, né? Então ele viaja muito, a região dele é Mato Grosso, Tocantins, acho que até o Paraguai, estava no Paraguai inclusive, mandou mensagem, saindo da reunião lá da CSCC na quinta-feira, ele me mandou mensagem e tudo. Aí chegou na sexta-feira eu peguei ele, só que o cara se cobra muito, ele é muito perfeccionista, ele tem... e isso gera um medo nele. E aí eu cheguei e vi que ele não veio me cumprimentar na sexta assim. O João Felipe veio, me abraçou, tio, e ele ficou lá enrolando. E aí minha cunhada "sabe o que está acontecendo? Diz que não quer ir não. Diz que não quer ir." Pô, mobilizou o tio, fez tudo e não quer ir? Aí sei que depois de começar a fazer aquela investigação ele falou que era amistoso, ou seja, tinha jogo, e ele tem medo de errar e essas coisas toda, deve misturar com orgulho, com sei lá o que, cobrança dele com ele mesmo, enfim, sei que ela brigou, ele foi. E quando eu cheguei lá em Jaguariúna, ele deu outro piti, que não queria, porque não queria, porque não queria, porque não ia entrar. E se entrar ia falar para o técnico não colocar ele para jogar. Aí eu entrei na mente dele, né? Ai depois chorei igual, ele chorava de um lado e eu chorava do outro, mas mostrei para ele ...

Marcela: Foi duro?

David: É.... falei para ele, falei, contei a história, olha só a gente nunca teve uma chuteira cara, que você tem aí, seu pai te dá tudo, eu trouxe de Milão uma chuteira para você, e a capoeira me deu a oportunidade de ir a Milão, comprar uma chuteira e te trouxe a chuteira, e agora você chega aqui e não joga? O tio também é assim, perfeccionista, não gosta de errar, mas o tio teve que aprender, teve que aprender a lidar com isso e eu quero que você aprenda também, é o seguinte, você tem de ir lá e fazer, porque só vai errar quem vai lá e faz as coisas, se é que erra, se a pessoa

não fazer não vai errar. Ele só olhando e meio chorando ainda, e eu berrando por dentro, mas não podia chorar, chorei depois que ele saiu. Depois que eu vi que ele foi, eu chorei porque é difícil. Fui entrando na mente dele, e então, você tem que ir lá e fazer, o Neymar errou pênalti de cima... lembrei né? Nem tô acompanhando muito futebol, mas eu vi um noticiário de longe que o Neymar tinha dado lá num jogo lá, Barcelona e não sei quem, na semana passada, Neymar errou um pênalti e aí? Porque ele errou? Porque ele teve lá a coragem de bater! Só vai errar quem faz isso, aí eu entrei na mente dele e falei "o sangue que corre em você aí é um sangue de guerra, de vencer guerra", nossa eu fui viajando para o moleque poder, é um sangue de uma família, de seres humanos que nunca foi fácil, e sabe, você tem, você estuda em escola particular hoje, das melhores, mas a gente não começou assim não, e nem somos assim. Graças a Deus seu pai tem como dar essa condição para você. Seu pai e sua mãe, entendeu? Entrei na mente dele grande assim, porque ele foi que foi, "onde que é mesmo tio?", você sabe onde é, você vem treinar aqui todo dia, toda quarta-feira, vai lá dentro e pergunta que campo que é, você tem o campo. Ele estava tão que foi, foi jogou...

Marcela: Mas ele vai lembrar disso...

David: O time não foi, não teve amistoso, teve só treino.

Marcela: Toda essa conversa.

David: Loucura. Que loucura.

Marcela: Foi bom, ele vai lembrar dessa conversa.

David: Eu não sei nem onde estava, mas lembrei disso aí, né?

Marcela: Porque você estava falando que vocês jogavam, mas que vocês não tinham condição de comparar a chuteira...

David: É, aí lembrei do meu sobrinho, né? Então assim, minha família nunca deixou faltar, mas muitas coisas que eu gostaria de ter tido eu não tive. Eu lembro assim do carro do Batman, quando meu pai me deu, que foi também espetacular, um carrinho do Batman. Outra coisa foi a bicicleta BMX, quando ele me deu uma, aquilo ali... e o primeiro videogame foi um cara que não deve ser mais vivo, meu pai sempre gostou muito de futebol, e durante muito tempo ele trabalhou na... ali no trabalho que ele sempre teve, ele fazia de fim de semana jogos de armador de Campinas, ele era... chama delegado, que é representante, que preenche ali a sumula do jogo sabe? As ocorrências, o representante que fala... representante de... eu não lembro agora, enfim, e aí eu lembro como se fosse hoje que chegou um puta de um negãozão,

dois metros de altura, chegou em casa, King, acho que era King o apelido desse cara, que eu preciso até saber que bairro que ele era, era bem conhecido. King lá em casa, bateu lá e entrou, conversou com meu pai, começou para cá, começou para lá, trouxe um presente aqui. Na época eu nem tchum né? Mas ele abriu um videogame, acho que era um Atari, aquele Atari...

Marcela: Eu não tive...

David: Trouxe para os seus filhos, um presente para os seus filhos, tal e até hoje eu não sei, meu pai era envolvido com time de futebol lá, eu não sei...

Marcela: Quis agradar...

David: É, quis agradar, enfim. Ele levou esse videogame, olha só como surgiu um videogame, aí levou o videogame e beleza, né? Eu lembro quando surgiu o telefone, a gente não tinha telefone, quando colocou em casa, meu Deus do Céu.

Marcela: Mas não era comum ter telefone...

David: Não era, ixi Maria, quando chegou esse telefone, não lembro o ano, mas demorou bem...

Marcela: Fui ter telefone em casa com oito, nove anos...

David: Ainda era... como era o número? 481168, até hoje eu lembro. 481168, era o número do telefone de casa, depois meu pai perdeu esse telefone para uma advogada, sei lá o rolo que ele se meteu, teve que dar o telefone para advogada, e ainda falou que ia matar essa advogada. E eu não quis perguntar...

Marcela: Passou...

David: A vida dele é a vida dele. Se foi cagada dele eu não sei o que foi, e aí foi.

Marcela: E esses amigos seus da infância eram daqui do bairro também?

David: Era.

Marcela: E eles são seus amigos ainda?

David: Engraçado que da HT vieram duas famílias que eu me lembro, pode ter sido que tinha mais, meu pai poderia saber falar, mas vieram duas famílias, uma morou vizinho de casa, porta a porta. Que eu morava no 13, essa família morava no 12, 14! 13 e 14! Hoje eles moram numa casa aqui no bairro mesmo, e o filho caçula mora nesse apartamento ainda hoje. E outros moravam, sabe a padaria que você estava? Na padaria tem um condomínio ainda, não tem? Para baixo? O que fica na frente desse condomínio, essa família mudou para lá, que eram as três, com a gente as duas que vieram de lá, interessante, né? [

Marcela: Legal, mas vocês eram amigos? Os filhos?

David: Aqui era, mas a gente veio bebê também, aí cresceu junto...

Marcela: E cada um foi para um lado...

David: Hoje? Hoje cada um foi para um lado...

Marcela: Vocês nem se veem mais...

David: Sei de alguns onde estão, como estão..., mas não tem aquela convivência que eu tinha, né?

Marcela: Tem algum amigo dessa época de infância, não? Não de pequenininho, mas de infância que você vê ainda aqui no bairro?

David: Tem, são poucos, mas tenho.

Marcela: Muita gente mudou?

David: Muita gente mudou, uns escolheram caminho ruim, de crime, uns morreram, outros foram presos...

Marcela: Nossa, teve bastante caso?

David: Tem.

Marcela: O Nóbrega tem uma alta incidência de pessoas que foram presas? Você lembra da sua geração?

David: Na minha geração tiveram várias pessoas que foram presas...

Marcela: Por?

David: Por tráfico de droga, roubo...

Marcela: E quanto tempo o mestre Ted ficou aqui?

David: Então Marcela, o ano correto eu tô para buscar ainda, eu ainda tenho pessoas que foram a primeira turma dele, mas eu preciso encontrar essas pessoas que não moram mais... acho que eu fui a segunda ou terceira geração de alunos. Ele começou bem antes. Eu acredito que o ano, o ano mesmo, porque eu comecei em 88 aqui, e eu sou terceira geração, acho que terceira geração, e cada geração é um ano, você tem que fazer um ano para dar a corda para pessoa, quando eu comecei já tinha gente que já era verde, verde-amarelo, amarela, então era terceira ou quarta geração, então pegar 88 vai dar 85 ou 84.

Marcela: Aí ele ficou até?

David: Até 92, quando ele veio e falou, em 92 quando peguei, que ele me formou instrutor, né? Aí ele passou pouco tempo, no mesmo ano, em dezembro de 92, foi em dezembro. Sempre no fim do ano que ele fazia. No início de 93 que ele veio falando que é pressão, né? Família, já tinha um filho, e a família sem trabalhar, a capoeira não dá camiseta para ninguém, então assim, acho que um aluno dele

arrumou um emprego para ele na Singer. Ele tinha de várias faixas etárias, né? Ai um dos alunos estava trabalhando na Singer lá, acho que ficou sabendo de emprego e falou para ele, aí ele foi lá trabalhar na Singer, só que o horário era a noite...

Marcela: Largou a capoeira?

David: É, teve que parar de dar aula, não capoeira, parar de dar aula aqui, né? Porque em pouco tempo ele já estava dando aula dentro da Singer. Não tinha como ele ficar longe, ele era capoeira. Aí ele começou a dar aula na Singer, a gente ficou sabendo, a gente ia lá na Singer. Ia pegar aula lá na Singer lá com ele lá de fim de semana.

Marcela: A Singer é em que bairro?

David: A Singer é lá na Santos Dumont indo para sentido Indaiatuba, do lado esquerdo, antes do aeroporto. Viracopos, do lado esquerdo. Na mão que vem para Campinas, naquela mão.

Marcela: Não tem mais Singer...

David: Acho que fechou, faliu, não sei, não existe mais eu acho...

Marcela: A máquina Singer eu acho que existe ainda...

David: É?

Marcela: Talvez não seja mais em Campinas...

David: Ele trabalhou também um tempo, acho que foi um ano. Um ano, que ele morreu em 94, né?

Marcela: Morreu cedo, morreu novo.

David: Morreu, eu até estava com o coiso dele aqui, tô com a certidão de óbito dele aqui, que a Alessandra está fazendo no mestrado dela, escrevendo umas coisas, né? Ela precisava das datas e tal. Aí tem um aluno meu...

Marcela: Morreu do que?

David: Morreu assassinado. Eu tenho um aluno que é sobrinho dele, entendeu? Aí perguntou para os tios e paras tias e levantou...

Marcela: Mora aqui ou não?

David: Mora num bairro para baixo do Bassoli, chama Jardim São Bento, região lá do Campo Grande, e aí ele conseguiu e me mandou até a cópia.

Marcela: Mas porque assassinado?

David: Porque foi assim, a gente estava falando do terreiro e já está aqui, nem terminamos o terreiro, que foi a capoeira, como ele era filho de Ialorixá que tinha, conhecia mais ou menos, aí a Mãe Iberecy, o terreiro da Mãe Iberecy era o coração

de uma escola de samba que era Renascença do Dadão. Dadão era filho de santo dela, mas morava no 31 de março.

Marcela: É de lá...

David: É, até hoje é de lá, mas era de lá e daqui. Todos os anos que ela foi campeã, aquela coisa grande era Nóbrega e 31 de março. A escola era dos dois bairros.

Marcela: Tinha, assim, um lugar físico?

David: De onde saía todas as fantasias era do terreiro, que era a Mãe Iberecy e a Bá, que era a filha de santo dela mais velha que costurava. O terreiro fechava, era só, virava salão para costurar as fantasias, e teve um ano, sempre teve, era cultural de ter um... nas escolas de samba de ter uma ala de capoeira. Aqui em Campinas sempre foi assim, todo ano tinha uma ala que tinha que ter os capoeiristas...

Marcela: Não sabia...

David: Estando ou não no enredo, no canto, na letra da música da escola de samba, no samba. Independente se tinha no samba, lá na letra do samba, tinha capoeira ou não, tinha um grupo de capoeira.

Marcela: Como a ala das baianas, tinha a ala da capoeira...

David: E aí o que aconteceu? O Ted chegou.

Marcela: Todas escolas?

David: Todas as escolas, o Ted chegou e falou "olha, nós vamos ali em cima para medir a fantasia, que nós vamos sair na escola de samba tal", dai beleza, né? Subimos, fomos lá, quando eu entrei, que vi que era o terreiro eu já... me admirou.

Marcela: Você nunca teve nenhum contato com terreio até então?

David: Tive criança, mas não lembrava, minha mãe me levava.

Marcela: Sua mãe era também...

David: É, meu pai era muito amigo de um filho de santos mais ativos dela, que já morreu, que era o Zé Antônio. Meu cabelereiro, que cortou meu cabelo na infância toda, ele que cortou. Tinha um cabelereiro aqui, depois ele tinha um cabelereiro lá no balão da Vila Teixeira, na Vilac [rua Joaquim Vilac, na Vila Teixeira]. Na Vilac não, perto da John Boyd ali. Tinha um cabelereiro bem ali...

Marcela: Perto do supermercado Santa Catarina...

David: Isso, do lado, para baixo, descendo o Santa Catarina tinha um cabelereiro ali, o Zé Antônio. E então, mas eu era criança, né? E eu entrei ali, aquilo me chamou a atenção, e depois desse dia, e aí, me chamou a atenção, eu acho que tinha 13 anos, que firmei mesmo. 14 anos me firmei dentro da religião... e....

Marcela: Com a Mãe Iberecy também?

David: É, com a Mãe Iberecy também. Quando foi em 90, ele morreu em 94 ou 95, acho que foi 95 que eu...

Marcela: Você estava contando como ele morreu...

David: É.

Marcela: E ele foi assassinado.

David: Antes era o que? Estava conversando sobre o terreiro...

Marcela: É, mas...

David: Aí no terreiro foi isso aí, aí foi a capoeira que me levou nessa situação de lá ser o lugar que fazia as fantasias, e a gente foi lá medir, eu gostei e tal, aí tinha uns alunos de capoeira do Ted que também era envolvido com a religião, aí sabe aquela coisa, aquele misticismo, aquele poder sobrenatural, aquela coisa toda, aí fiquei um tempo afastado, era a época que trabalhava a noite, trabalhava durante o dia, estudava de noite. Aí passei um tempão e retornei e tô até hoje.

Marcela: Retornou em? Você lembra quando?

David: O ano que eu retornei foi em 2000, acho que foi 2000 ou 2001, que eu voltei com compromisso, porque eu fiquei afastado mesmo, assim, e aí...

O Ted, como o Ted faleceu. O Ted casou com a Solange, o nome dela era Solange, inclusive o filho dele nasceu no ano que eu comecei capoeira. O filho dele chama Thierry, enfim, aquela história toda, dificuldade, ele dava aula de capoeira, ele não conseguia dar um conforto para família e tal. E isso ele era cobrado constantemente, eu lembro que teve evento de capoeira que a gente fazia e vinha para cá comemorar e ela pegava no pé dele para ir embora, vamos embora. E aí eles brigavam, eu era criança, mas já via, já percebia, eles brigavam, porque deu graduação alta para um, dois, três ali e ele precisa conversar, mas na verdade ele era festeiro e queria ficar na festa mesmo. Gostava de uma cerveja, e aí... era direto isso aí, até que ela não aguentou, teve um... chegou num certo momento que ela não aguentou, sei lá. E o Ted quando parou de dar aula aqui e foi para Singer, o Ted já estava morando lá na região do Campo Grande lá, ela estava morando também, a mãe dela, a família dela no Parque Valença, que é do lado do Terminal Campo Grande, terminal de ônibus. E aí ele começou a dar aula no bosque do Parque Valença, no bosquinho. Que foi a época também que não tinha mais aula aqui, a gente ia para lá. Não, minto, quando ele dava aula aqui ele já dava aula lá no Parque Valença, foi antes da Singer ainda. Então já tinha esse trânsito aí, essa coisa toda. Então ele teve alunos lá no Parque

Valença que até hoje eu encontro um ou outro. Hoje eu encontrei um que é advogado e tal, era policial e virou advogado. Enfim, tem uma galera lá que tenho contato ainda. E o que aconteceu? Eles estavam morando naquela região do Valença. E a Solange veio, deu ultimato, separaram, mas ele nunca aceitou. E aí tinha o Thierry no meio, ele nunca aceitou. Mas depois nesse final ele já não estava mais morando com ela, ele estava separado mesmo, então ele lá para ver o filho, para ver o Thierry no Parque Valença. E esse 24 de dezembro de 94.

Marcela: Natal?

David: Era véspera de Natal quando ele foi para lá para ver o Thierry. Só que antes disso, eu acredito que chegou um mês, ou um pouco mais de um mês antes desses 24 de dezembro, chegou a notícia que o Ted entrou numa briga lá no Parque Valença e que nego deu um monte de tiro na reta dele e não acertou ele. Mas eu não sabia o que tinha acontecido. E do lado, no terminal, você chegando na frente do terminal assim, a sogra dele morava para baixo desse terminal, na parte de cima, ou seja, na rua de cima do terminal tinha um bar chamado Lambada. Esse bar Lambada era do pai de um dos alunos do Ted, dois irmãos que treinavam, Ricardo e o outro que não lembro o nome. E o Ted sempre ia nesse bar e tal, já cheguei a ir também, porque era alunos dele, né? Tinha amizade com o pai dele e tudo mais, então o Ted estava sempre por ali. E foi nesse bar essa confusão, mas o que aconteceu, a Solange quando largou do Ted, aí eu acho que já foi o próximo já, depois que ela largou ele ela se envolveu com um rapaz, que eu não lembro o nome, que passou lá pela capoeira que o Ted dava aula. Foi aluno do Ted. Ai... eu era jovem, né? Nunca perguntei nada para eles sobre essa questão, e a gente ficou sabendo depois da ocasião, mas enfim, se engraçou com o cara, e tal. E parece que nesse dia aí ela estava no bar e ele estava também, esse cara estava com ela, parece, não sei se ele chegou depois ou se ele já estava antes, não sei. E também não sei como foi passo a passo, só sei que no final, resumindo, chegou a notícia para gente que ele e a Solange, esse cara e a Solange estavam no bar, o Ted também estava, a família desse cara também estava perto, e diz que o Ted foi agredir não sei quem, se foi ele ou se foi a Solange que o Ted foi agredir, que a mãe desse cara entrou no meio. E o Ted acertou essa mulher. Tipo, a mãe do cara. Não sei se já estava armado, ou se foi atrás de arma, sei que deu um monte de tiro e não acertou o Ted. Isso deu até B.O. Foram parar na delegacia. Então foi feito o B.O. e tal, tal, tal. E tinha um samba aqui no Jardim Ipaussurama nessa época. Que eu

estava no Jardim Ipaussurama no samba, quem chega? O Ted. Eu já estava afastado da capoeira. Nessa época eu estava trabalhando durante o dia e estudando a noite. Eu estava bem afastado, não estava mais direto... e aí ele falou, comentou, aí eu não sei se fui eu que comentei, fiquei sabendo, ele deu os detalhes, assim, falou aconteceu e falou "Meu santo é forte, pegou nenhum", aí passou um carro ligeiro ele já, ele falou é o cara, eu falei espera que fulano está chegando aí, que era meu amigo que andava armado. Falei "espera, fica aqui, que daqui a pouco fulano está aqui, está armado e não dá nada", ele ficou todo esperto, porque tinha acabado de acontecer, e o cara como não acertou ele, jurou ele de morte. E aí o que aconteceu? Quando chegou 24 de dezembro de 94, ele estava no evento de capoeira, e aí, ou de capoeira ou festa de capoeiristas. Que teve um desses capoeiristas, deve estar ativo ainda, que foi que deu carona para ele até o Valença, levou ele até o Valença e deixou ele lá. Ai quando ele chegou no Valença na casa da sogra, chamou lá, a sogra atendeu e falou "o Thierry não está", ele foi lá ver o Thierry, levar o presente, não sei, Natal, né? Ai não está, saíram. Ele falou então está. Não sei se ele falou para sogra que ia no Lambada, mas enfim, ficou no Lambada esperando. Passa hora no Lambada para depois ver se o Thierry tinha chegado. E aí quando ele estava nesse bar Lambada que foi quando passou o cara, não sei se foi de moto ou bicicleta, e ele estava na entrada do bar, tinha uma árvore, ele estava do lado da árvore, o cara passou e passou atirando. Pegou um monte de tiro na árvore e um só pegou, que raspou...

.... Pegou a veia, artéria, né? E aí ele chegou vivo na PUC, mas já entrou em óbito porque perdeu muito sangue, né? Hemorragia aquilo, imagina. Aí ele faleceu.

Marcela: E o cara foi preso?

David: Não por isso. Mas o cara era tranqueira, depois morreu, foi preso por outras coisas e blá blá blá, e a última vez que eu fiquei sabendo tinha morrido. Mas também nem lembro mais o nome dele. Eu sei que o pai, a família dele tinha um comércio de construção, casa de construção sabe? Essas casas de construção de bairro lá no Parque Valença. Essa daqui é a mãe dele, a mãe do Ted e a irmã dele.

Marcela: Elas são vivas?

David: Não, a irmã é, essa irmã aqui acho que é, agora a mãe não, a mãe morreu.

Marcela: Que bonita, foto bonita.

David: Peguei desse sobrinho dele que eu falei para você, peguei na rede social...

Marcela: Tinha que imprimir em se colocar um momento, fazer uma exposição, ia ser legal...

David: Então foi assim que ele faleceu, eu estava no amigo...

Marcela: Mas você estava afastado quando isso aconteceu?

David: Eu estava afastado, eu não estava ativo...

Marcela: Mas você sentiu muito na época?

David: Quando chegou para mim eu senti, né? Eu vim chorando de lá.

Marcela: Ele era muito querido, né?

David: Era, ele chegou a estar na minha casa, né? Ele estava assim, ele entrava dentro da minha casa, difícil as pessoas que entravam, naquela época, dentro da sua casa. E meu pai, sabe, respeitava ele. Teve várias vezes de eu pegar meu pai, como ele era, falei para você, envolvido com futebol ali, meu pai sempre gostou. Aí ele punha um terno tal, ia para um as coisinhas tal e tal, e quando ficava pequenas as coisas, ele "falava, "leva para o Ted lá", já levei vários, levava roupa para o Ted. Roupas assim mais, ele gostava muito de samba, né? Tocava, tinha um cavaquinho branco, tocava muito cavaquinho. Era campeão de samba-rock. Ganhou vários concursos de samba-rock, E aí o Ted várias vezes não podia dar aula porque estava doente, a mulher dele vinha e deixava a chave em casa para eu dar aula. Durante uma época eu... era bem próximo e aí eu estava na casa desse meu amigo aqui no Jardim Londres, bairro vizinho aqui, aí um amigo que, uns dos meus amigos de infância que morreu assassinado, bem depois, o Toh. Chegou e falou: "ficou sabendo que o Ted morreu?" E eu o que? "O Ted morreu, sei que lá..." Ai como eu já tinha encontrado com ele e teve essa questão aí do cara eu sabia que só podia ter sido isso... o cara jurou ele, e lembro até hoje, desci chorando e fiquei mal, mal, mal.

Marcela: E aí ficou afastado ainda?

David: É um pai, né? Paizão. Não, aí perdi, aí já não tinha nenhuma chance de voltar, minha referência era o Ted, né? Vou fazer o que na capoeira? Naquela época a gente não fazia capoeira para dar aula, fazia porque gostava, não tinha essa ideia de vou chegar na graduação... a graduação que eu cheguei com ele podia dar aula já, mas não. Continuei querendo ficar do lado do meu mestre, dentro da capoeira e acabou. E aí, quando chegou em 97, em outubro de 97, um dos alunos do mestre Ted dava aula aqui no Perseu, o Mestiço, ele cresceu no Perseu aí, o Mestiço foi aluno do mestre Pelé, né? E aí o Ted foi aluno do mestre Pelé, os mais velhos. Só que depois...

Marcela: Mas o Mestiço também é antigo, né?

David: É antigo. E aí ele começou a treinar com o Ted. Ele saiu do Pelé lá e ficou com o Ted. O Ted ficou sendo o mestre dele. E aí o Ted, quando eu peguei a primeira graduação, foi em 88, né? O Mestiço pegou a graduação de professor ou foi azul? Mas foi uma graduação alta também que ele pegou esse ano. Mas enfim, em 97 eu voltei, tem que recomeçar em algum lugar e tal, o Mestiço me encontrava as vezes na Skina Magazine e falava "e aí, você não vai voltar para capoeira? Tamo lá, qualquer coisa aparece lá". Sempre que encontrava com alguém, né? Que era o mais perto que tinha, né? Que ele ainda estava continuando. Na época já estava, que era assim, o Ted era Grupo de Capoeira Pelourinho, o Mestiço usava o nome, que era muito comum antigamente, filhos da Pelourinho. Então vamos supor, a academia do mestre dele era Beira Mar, ele colocava grupo dele, filhos da Beira Mar. Aí o aluno dele, neto da Beira Mar.

Marcela: Que legal.

David: Até hoje tem o Amaralina, que é do mestre... finado mestre, um dos pioneiros daqui, o mestre Antônio, que morreu já. Tinha aí Praia de Amaralina, que era o grupo dele. Ai hoje tem até bisneto da Praia da Amaralina, se não me engano. Antigamente era comum...

Marcela: E não se usa mais isso?

David: Não, hoje não se faz mais não, ficou muito fechado, grupismo, né? Aquela coisa da camiseta e seu logo, antigamente eu lembro que a gente ia em evento de outros grupos e tinha camiseta do evento lá, a gente vinha com a camiseta do grupo, não tinha problema nenhum...

Marcela: Agora tem que demarcar...

David: Agora não, não é comum. Agora não, há bastante tempo isso, né? Mas enfim, não tinha essa coisa, eu fui lá e falei "vou pegar uns treinos de capoeira", também não tinha aquela ideia de "vou voltar a treinar para dar aula", não eu tinha graduação para dar aula.

Marcela: Você queria treinar.

David: Queria treinar. Gosto, sempre gostei de capoeira. Então queria ir para lá para reativar minha... e tal. Outubro, novembro, dezembro. Aí eu comentei com o Peninha, que é meu vizinho, peguei uns treinos com o Mestiço lá. Ai conversando com ele, conversa vai e conversa vem, "porque a gente não dá aula aí, pô? A gente pode dar aula". O Ted graduou a gente a instrutor, porque a gente não dá aula na

sede lá? E reativa o trabalho do Ted? Aí lembro que na primeira eu fiquei "será? Será que rola?". Aí ele falou vamos lá, botou pilha, chamou a molecada dos prédios, que era os mais novos, da idade do meu irmão, o meu irmão é caçula, né? Nasceu na década de 80 ele, 80, 79, chamamos essa molecada toda, que eram os vizinhos. E começamos. Em 2 de fevereiro, não em 4 de fevereiro de 98. A gente voltou e eu não parei mais. Ele ficou comigo até 2000.

Marcela: Nossa, daqui a pouco vai fazer 20 anos.

David: É. Ele ficou comigo até 2000, que eu comecei a perder muito aluno, que foi a época que eu estava já, em 98, em 99, eu já tinha saído da Skina Magazine e estava trabalhando de auxiliar de escritório, que na verdade era office boy da Adere Fitas Adesivas. Nessa época, em 2000, foi quando eu cheguei, já não era mais office boy e já era auxiliar de escritório interno mesmo, já tinha outro office boy no meu lugar, e eu já tinha subido de cargo, vamos dizer assim. Ai em 2000, eu lembro que em 2000 eu peguei e fiz a prova no Bentão. No Bentão e passei para fazer curso técnico em contabilidade. Técnico Contábil. Aí eu fiz lá e me formei tudo, aí o gerente chegou, ele viu, o cara tem futuro... e me promoveu em encarregado administrativo de vendas. E aí eu, durante aí eu fazia o Bentão a noite, aí como ficou? Terça e quinta o Peninha dava aula, e de sábado eu dava aula, sábado e fim de semana era meu. Semana ele e fim de semana eu. Aí fiquei, fiquei, me formei, aí comecei a dar durante a semana também.

Marcela: Isso foi no bairro?

David: Em 99, 2000. Foi aqui. Aqui já.

Marcela: Aqui nessa associação!

David: Aqui, era associação de moradores na época. Já era aqui. No Mestiço eu fiquei até o fim do ano lá, fiquei de outubro a novembro, um mês, dois meses, só ali com a galera que já conhecia um ou outro, né? E aí...

Marcela: Então você está aqui desde? Não era mais associação de moradores? Vocês tinham um horário dentro da associação?

David: Era associação, isso, isso.

Marcela: Era seu Tavares ainda? [

David: Não, já era Dona Nena. Dona Nena.

Marcela: E você está aqui desde então... caramba, eu não sabia que você estava aqui desde tanto tempo.

David: Desde 98. 98 começou, e aí quando a gente, na minha volta eu começo a saber como está a capoeira e fico sabendo que o pessoal Mestiço e um dos mestres do Ted estavam usando o nome do Ted, Grupo de Capoeira Pelourinho. Falei estou dentro do meu grupo de novo, então usava Grupo de Capoeira Pelourinho. Era outro logo, não era o logo do Ted, o logo do Ted era logo laranja, com dois capoeiristas aqui dentro. E aí usava Grupo de Capoeira Pelourinho, e ao Mestiço era Filhos da Pelourinho na minha época, mas nessa época que eu voltei ele já estava Pelourinho. Usando Pelourinho porque o Cezão, porque o mestre foi o Cezão, é o Cezão, foi um dos mestres do Ted, foi o Pelé, e depois de uma época o Cezão também começou a dar aula junto com o Pelé. E aí o Cezão ficou sendo presidente do Grupo de Capoeira Pelourinho. E ficou até 2000, 2001, 2002 vai, mas já em 2002 o Mestiço já não estava mais, o grupo já tinha diminuído muito, né? Muita vaidade, muita inveja, muita fofocaiada. Eu sei que no final ficou eu e o Cezão. E aí já viajava muito a capoeira, ia para outros estados, a Alessandra pegou essa época aí. Viajava, já fomos para Florianópolis com o dinheiro contadinho, tanto que a galera ia para praia, eu e a Alessandra ficamos lá naquela universidade de Florianópolis, o pessoal indo para praia e a gente sentado porque não tinha dinheiro. E aí, enfim, fui vendo que a capoeira está bem, né? Preciso me atualizar, preciso né... alguns mestres me chamavam na época para entrar no grupo deles, mas eu falava que não ia entrar num grupo que só para ter nome, que é um grupo que sabe que... não ser tratado como mais um, mas como ser humano. E os grupos que eu via era muita questão de comércio, a primeira coisa que os caras falava era que tem que pagar para comer, essas coisas me afastavam muito. Mas aí, em 2002, eu liguei para, eu conheci o Raízes do Brasil pela internet.

Marcela: Raízes do Brasil já existia?

David: Raízes do Brasil já existia.

Marcela: Aonde?

David: A matriz é em Brasília, foi fundado lá. E aí foi quando eu conversei com o mestre pelo telefone, ele me atendeu de um jeito que parecia que fazia 10 anos que a gente se conhecia. Você tem que conhecer o Ralil, o Ralil é uma pessoa, não é perfeito, mas é um ser humano bacana demais. Ai nessa conversa eu já falei é aqui mesmo, já estava uns dois, três anos rodando. Rodando pela e para capoeira. Se surgir um mestre. Porque tinha essa preocupação de surgir um mestre, sempre tive. Não de chegar e me auto intitular mestre, que eu sempre aprendi que com a

capoeira tem que, é a questão da transmissão do conhecimento, da oralidade, de ter um mestre, sabe. E aí eu cheguei para o Cezão, porque já estava decidido entrar na Raízes do Brasil, fui lá em Hortolândia na casa dele e falei "mestre, é o seguinte..." e ele já não estava mais interagindo com a capoeira da atualidade, ele estava interagindo com um tal de mestre Tim. Que é ligado com o tal de Sergio Vieira, da Confederação Brasileira de Capoeira. E aí que eu falei vou sumir, né? Não quero isso aí..

Aí eu peguei e falei Cezão, ele falou, também tô lá com o Tim Araras lá, que é Tim o nome do cara lá. Que começou com o Godoy e Maia, que era da Coquinho Baiano, aí ele foi para Araras lá, Capoeira é Tradição, chama o grupo dele. Tô com o Tim lá, eu falei então beleza, a amizade é mesma e tal, e foi, me filiei ao Raízes do Brasil e tô até hoje.

Marcela: E aqui em Campinas só tem o seu grupo.

David: Só tem eu.

Marcela: Você é o representante do Raízes do Brasil em Campinas?

David: Eu sou, na verdade, de São Paulo, do estado. Eu sou o mais graduado do estado de São Paulo...

Marcela: Mas tem outras cidades que tem?

David: Só Campinas e Franca.

Marcela: Campinas e Franca.

David: Cidade de Franca, eu sou contramestre né?

[...]. Assim como meu mestre, eu percebia nele²⁹ eu percebia uma pessoa importante que estava ali desenvolvendo algo na cultura afro brasileira, né? Na matriz africana mesmo assim, é pessoa fundamental dentro daquele segmento, né? Mas meu lance era a capoeira. Meu lance era a capoeira e então nunca cheguei a querer conhecer mais. E aí depois aconteceu do, porque onde é o clube dos trabalhadores ali era um lixão antigamente, construíram ali sem tem essa preocupação, sem saber o que aconteceu na época, né?

Marcela: E o lixão está embaixo?

David: Construíram a piscina e não foi muito tempo começou, a terra começou a puxar a piscina para baixo. E aí eles tiveram que levar a piscina para parte de cima do clube, não sei se você conhece lá dentro como é, para cima do clube, e com isso

²⁹ David se refere ao TC, da casa de cultura Tainã.

o vestiário todo ficou, a parte do vestiário todo ali da piscina ficou vazia. Aí ele aproveitou e ocupou. Da COBAL, que era uma salinha pequenininha, da COBAL ele foi e ocupou as salas dos vestiários ali, e é o que é hoje, depois ele foi modificando a estrutura, teve um apoio da SANASA, estruturou tudo lá, tem um estúdio no subsolo, que era onde era a casa das máquinas da piscina. Aí ele estruturou e....

Marcela: É, eu conheci lá em 98 mais ou menos. E agora já está diferente.

David: 98 foi quando eu reassumi aqui o espaço, as atividades, né? Em 98.

Marcela: A gente falou disso?

David: Aí inclusive... falamos... aí inclusive, eu lembro que, não sei se foi, teve mais de um evento na COBAL, que o próprio mestre Ted fez lá, esses eventos que a gente faz de capoeira anual, ele fez lá. Dois eu tenho certeza que aconteceram que eu lembro assim muito bem.

Marcela: Na COBAL, na Administração Regional (AR)³⁰?

David: A COBAL assim, ela tinha entrada de cima e a entrada de baixo. Onde a piscina ficava era na entrada de baixo. Que também tinha um espaço grande ali, fora a sala que eu ficava tinha um espaço grande. E lá na frente também tinha um espaço grande. Então um, que foi mais ou menos em 90. No ano de 90, 90 ou 91, o Ted, meu mestre de capoeira fez um evento lá na frente. Que eu lembro que peguei cordão amarelo. Então eu tinha dois, três anos de capoeira aí. Teve na minha formatura de instrutor foi onde o TC tinha lá o espaço, né? Inclusive o Ted, na época, como não foi lá na frente, foi atrás, o Ted conversou com o TC também, foi lá conversar com o TC para poder usar o espaço e tal. E aí fizemos o evento lá e tal, foi em 92, dezembro de 92 isso aí. E aí eles se conheciam também, não tinham muito contato de fazer nada junto, mas um sabia da importância do outro... O Ted ele é da região, a família dele é da região de São Bernardo, bairro São Bernardo, depois vieram para o Jardim Aurélia, mestre Ted cresceu no Jardim Aurélia, aí como ele cresceu no Jardim Aurélia ele tinha contato ali no Jardim Pacaembu que é próximo. E aí existe a Assoban, que é Associação dos Moradores do Bandeirantes, aqueles condomínios todos tem um clube, e esse clube o Ted fez, deu aula inclusive de capoeira lá, e já fez vários, a maioria dos eventos que a gente fez de capoeira, que ele fez de capoeira eram lá. Meu primeiro inclusive, meu batizado foi lá. E foi assim, e é fácil entender como ele veio parar aqui, né?

³⁰ AR é a divisão regional de serviços públicos municipais,

Marcela: É muito do lado também, né?

David: Quem passa por debaixo da Anhanguera é Jardim Garcia e Nóbrega.

Marcela: Aqueles prédios quando a gente atravessa o Piçarrão, tem uns prédios mais imponentes, um conjuntão. Aquilo é Garcia?

David: Quando você passa a anhanguera?

Marcela: Quando você chega ali, não...

David: Passa aquela ponte e tem aqueles prédios? Aqueles prédios são recentes.

Marcela: Então, mas ali é Garcia?

David: Ali é Jardim Garcia, ali naquele prédio era um campeão de futebol, a gente chamava de campeão, porque a nossa região Noroeste aqui, no caso hoje Noroeste vai até, mas as primeiras periferias, o Nóbrega, o Castelo Branco, entorno aqui tinha uns três times de futebol que eram tradicionais. E eram rivais. E eu antes da capoeira passei por isso, passei por essa história aí. Nóbrega era o Sargento, não lembro o nome dele, mas era um negrão guarda-roupa, policial, ou do exército, acho que era policial.

Marcela: E o nome do time?

David: Era Nóbrega. Era Nóbrega, boa pergunta, mas era Nóbrega, não tinha um nome assim, porque na verdade a gente falava time do Sargento, que era o Nóbrega. Na Vila Bela, o Castelo Branco, né, era o seu Chico, e no Jardim Garcia era o seu Paulo. Era os três, os três que eram os mais representativos e rivais, então era time do Sargento, time do seu Chico e time do seu Paulo, então não tinha nome assim, a referência era o bairro, Nobrega, Castelo Branco e Garcia.

Marcela: Que são os três bairros mais juntos, né?

David: É.

Marcela: Quando você fala Parque dos Eucaliptos é mais distante, mais recente, não é isso? Eu sempre vejo esses três nomes.

David: Aí ali era o campo do seu Paulo. Do seu Paulo porque seu Paulo fazia e treinava lá. Ele era o dono do campo, mas era um campo, não tinha construção. Era um campo, não tinha construção, um raspadão ainda não, era um campo. O Nobrega, lá onde a gente vai na Mãe Iberecy, no final da rua é onde tem ... até hoje tem, era o nosso campo.

Marcela: Onde tem as transmissões elétricas ali, não é?

David: É, do lado das fazendas, das antigas fazendas, era raspadão, era o nosso. E do Vila Bela eu acho que não tinha campo, acho, ou tinha um campinho assim mais informal, podia ter, mas era assim, era Sargento, seu Chico e seu Paulo.

Marcela: A Vila Bela é um bairro mais simples?

David: Ele é igual o Nobrega só que não tem prédios. É COHAB só que não teve prédios, é só casinha mesmo.

Marcela: E nem a parte de esportes, porque aqui teve...

David: Praça de esportes também não.

Marcela: Não teve aqui? Já teve essa ideia da praça do começo, né?

David: É, na planta, na verdade era uma praça de esportes onde tem o campo aqui. Tem o campo raspadão, mas sempre teve um campinho aqui também. Onde até hoje tem, onde mais para baixo tem um campo, que hoje eles chamam que eu vejo no amator, de futebol amator de Campinas, de Maria Mãe do Povo, aí ficou praça Maria Mãe do Povo ali, mas na planta do...

Marcela: Que é o nome da igreja.

David: Na planta, no Nobrega, desde de sempre ali era para ser uma praça de esporte, não foi e hoje é uma praça de esporte? Só tem um campo ali. Colocaram grade e tal, alambrado, colocaram alambrado, então é assim.

Marcela: E aí vocês disputavam futebol...

David: E aí tinhas os campeonatos, campeonato não, na verdade era jogo. Não era campeonato que se alongava...

Marcela: Como hoje em dia....

David: Marcava o jogo e ia, e aqui pelo time do Sargento nós jogamos contra o Guarani, ele sempre conseguia esses amistosos assim.

Marcela: E acabou por que?

David: Éramos apaixonados por futebol, tinha a molecada do bairro que amava futebol, que jogava para cima e para baixo na rua, e aglutinava essa galera toda aí. E quando eu descobri esse time aí, o Peninha que é meu amigo de infância que me levou, que é o Peninha que a gente começou aqui também juntos, treinamos juntos com o mestre Ted e quando reativamos ele que falou vamos lá, o que você acha de a gente voltar, que eu falei na gravação anterior. Aí ele me levou, e foi uma época difícil porque meu pai sofreu um acidente grave na empresa que ele trabalhava, foi uma hora extra que ele foi fazer, foi ele e o Arruda, amigo dele que trabalhava com ele, na sexta-feira parece que eles foram limpar a caldeira, e a Miracema Nodex é

empresa química, né? Faz produtos químicos e tal. Fica ali na Santos Dumont, ela é fedida para caramba, até hoje existe a São José, está bem de frente com a Santos Dumont, sentido aeroporto. E aí eles limpavam essa caldeira, tiraram esses produtos químicos que eles tinham que soldar, não sei o que nessa caldeira, aí vieram embora na sexta, quando chegou na sexta de noite, chegou um caminhão para descarregar produto químico e não tinha lugar, aí a desinformação, né? Falta de comunicação, o cara que estava lá de noite falou "descarrega ali que está vazio, naquela caldeira". No outro dia chega meu pai e o Arruda para trabalhar, para fazer a solda lá, meu pai era encanador industrial nessa época...

Marcela: E o negócio estava lá...

David: E o negócio estava cheio, ou seja, quando teve contato de fogo com o produto químico estourou, meu pai voou não sei quantos metros do carro, para cima. A caldeira que eu falo não é caldeira pequena, é do tamanho desse prédio daqui. E subiram lá, foram fazer o bagulho e bagulho estourou. Eles foram não sei quantos metros para cima. E o Arruda foi direto para o chão, meu pai tinha uns andaimes próximo, meu pai, na direção que ele foi, quando ele caiu, caiu nos andaimes. Meu pai é mais fácil falar o que ele não quebrou. Ele é assim. Ele renasceu naquele dia, meu pai ficou vários meses para se curar, eu lembro que engessou braço, quebrou nariz, depois ele passou vários anos tendo convulsão por conta dessa coisa aí. A única coisa positiva disso aí é que ele bebia, ele era alcoólatra, né? E nessa época ele parou, teve que parar forçadamente, né? E aí ficou bastante tempo para se recuperar, a convulsão não deu mais, hoje não deu mais. E aí eu me lembro que foi na semana que aconteceu esse episódio que a gente desceu. Estava eu, o Peninha e o Sargento, eu com frio na barriga do sargento, negãozão mesmo, 2 metros, grande. A pessoa se olhava para ele falava "pô", sabe aquele respeito sem conhecer? Aquela coisa, eu lembro até que a gente comentou, o Peninha comentamos nesse dia sobre esse acidente, e eu até falei pô, foi até legal comentar para sensibilizar e ele me aceitar no time, né? Fica com pena de mim, aí eu comecei a jogar no time do Sargento.

Marcela: Porque esse time acabou?

David: Ele, acho, eu não lembro assim, mas foi, ele foi ficando velho e tal, e nunca tiveram apoio, os três times dificilmente tiveram algum apoio. Aí fica difícil continuar, várias coisas, tempo, as crianças crescendo, as novas já nem tanto no mesmo pique. E aí foi. E aí foi e depois de um tempo não existe mais, e também teve o time

do seu... como é o nome dele? A gente chamava de Suvinil. Porque Suvinil? Porque esse senhor, que morava aqui embaixo, não sei se mora ainda, no Antares, que é o tio da Alessandra do Jongo. Ele conseguiu um uniforme, um jogo de camisa que a gente chamava, né? Com a marca Suvinil atrás, e tem um campinho aqui embaixo, e ele começou também, mas bem depois. Na época, mas só que depois desses três, né? A treinar a molecadinha no campo lá, como a gente chamava ele? Seu Mário? Que chamam ele de tio Dudu,

Marcela: Sei quem é ele, aquele mesmo tio. É tio Dudu que eles falam...

David: Isso, mas aqui a gente chamava seu Mário, que era o time Suvinil por causa da camiseta que ele conseguiu que tinha o nome Suvinil atrás, então foi essa história aí. E eu pegava ônibus e ia para Barão Geraldo, meu tio era profissional, né? Meu tio o apelido dele é Medalha. E não sei porque, porque existiu, ele era lateral direito, e existiu um grande lateral direito, que eu não sei que time que jogava, que era o Toninho, que era o nome desse cara. E meu tio pegou esse nome Toninho. Pegou, não sei se alguém falou que jogava igual Toninho, sei lá, sei que ficou lateral direito Toninho. E lá em Barão Geraldo, onde ele cresceu e passou boa parte da vida dele, era a família da minha mãe, ele era conhecido como Medalha. O apelido dele era Medalha porque ele era bom mesmo, futebol, ganhava muita medalha. Então subi no Medalha, né? Onde tinha conhecimento eu ia. Jogava, pegava ônibus criança e ia atrás de bola.

Marcela: Mas vamos voltar para Vila Manoel da Nobrega...

David: Aí conheci a capoeira e não parei mais.

Marcela: Você parou o futebol por causa da capoeira ou você fez as duas coisas ao mesmo tempo?

David: Foi pela capoeira e por falta de apoio mesmo, assim né? Dificuldade financeira, acho que eu falei na outra gravação que não tinha apoio nenhum assim financeiro, né? É difícil, né? E meu tio já jogava futebol profissionalmente para outros times longe, ele foi para o Rio, foi para vários estados aí. Se ele tivesse aqui na Ponte ele inclusive ia me levar junto, né? Então no Nóbrega a gente tinha isso aí, as brincadeiras do dia a dia, de criança, de pega-pega, polícia e ladrão, pipa, pipa era febre. E as brincadeiras da época... peão, tinha a época do peão. Era isso aí que a gente tinha aqui no bairro, a gente não tinha muita referência fora do bairro assim, era difícil essa questão...

Marcela: Vocês não saiam muito daqui...

David: Não saíam muito, depois de um tempo que começou, eu lembro que uma época começou ônibus de graça de domingo. Aonde a gente vai? Brincar de esconde-esconde? No cemitério da Saudade. Eu lembro, a gente ia lá no cemitério da Saudade, tinha ônibus de graça, né? Ia lá no cemitério da Saudade brincar de esconde-esconde. Ainda tem uns amigos aqui, a gente ia lá brincar de esconde-esconde e tal.

Marcela: E você tem vários amigos aqui do bairro?

David: Tenho

Marcela: Da infância, desse período... você ainda vê essa galera...

David: Vários que já foram embora e tem alguns que...

Marcela: E deixa te perguntar uma coisa, você sentia, ou você passou a sentir em algum momento preconceito racial aqui no bairro? Você acha que tinha?

David: A questão do preconceito, eu acredito assim mais visível, não seria...

Marcela: Você sentia... é.... o que você percebia...

David: Mais perceptível no sentido de combate, sabe?

Marcela: Ou de te excluir de alguma coisa...

David: Não é uma coisa muito antiga, é uma coisa recente.

Marcela: Não tinha antes?

David: Como não tinha essa... igual hoje existe um embate forte contra, antigamente não tinha tanto, então existia, mas para gente era uma coisa comum. Infelizmente. Uma coisa comum. Eu, nós somos em 3 irmãos, dos três eu que fui mais para o lado da negritude, da mestiçagem da minha família eu que fui mais para o lado da negritude, em todos os sentidos, geneticamente...

Marcela: De afirmar os valores...

David: De ter o cabelo mais crespo, né? Minha irmã você vê que o cabelo dela é mais liso, né? Eu tenho o cabelo mais crespo e tal. E aí eu lembro que assistia novela e essas coisas de televisão, o que que era o padrão? Era aquele cara com cabelo, com o cabelo um pouco mais baixo aqui, era repartido no meio aqui, e atrás fazia aquela onda, sabe aquela onda? Essa onda foi foda...

Marcela: Por que?

David: Porque queria ter essa onda, era o padrão de boniteza, você está entendendo? Só que meu cabelo como não conseguia fazer essa onda... nunca que conseguia fazer essa onda. Você imagina eu, não tinha ainda descoberto o espelho

para olhar atrás, então eu achava que estava onda. Então eu pegava o pente, chegava aqui e fazia aquela onda e assim... mas ele não fazia onda...

Marcela: E você não conseguia olhar atrás também...

David: Ele fazia isso aqui, então... na escola a gente sempre percebia a diferença. Uma vez eu lembro que... isso não foi nem na escola, foi na creche, no pré, eu lembro uma vez que meu pai nessa empresa no fim de ano, ele tinha um contato lá que ele conseguia alguma coisa na praia, não sei se era com o sindicato ou alguma coisa assim, né? Eu lembro uma vez que eu fui e eu, e foi uma época que na creche ia ter uma festa lá que ia ter salada de fruta, não esqueço mais.... Aí eu sei que, como eu fui viajar, não participei da organização. Não sabia o que era para levar e blá blá blá. E existia muito preconceito, aí quando cheguei da viagem da praia, e tipo assim um exemplo, segunda-feira fui para creche, pro pré, quando cheguei na escola estava aquele monte de salada de fruta. Aí eu tive assim vários amiguinhos na minha turma que não concordaram de eu participar e comer da salada de fruta... porque eu vou comer salada de fruta se eu não participei, se eu não estava na semana anterior? E aqueles mais branquinhos, né? Cabelo liso, e eu não tinha o cabelo liso e escorrido... que esse neguinho vai...

Marcela: Você já ouviu essa fala?

David: Já, já ouvi.

Marcela: Pelas crianças?

David: Pelas crianças. E olha que nem sou nenhuma pigmentação mais... mas já a questão da mestiçagem mesmo, né? E ainda cheguei... tinha, tinha...

Marcela: E de família assim, você ia visitar um amigo e alguma família, algum pai e mãe falava não...

David: Não, mas eu sempre... meu pai, nessa Miracema, ele tinha uns amigos, ele fez alguns amigos na Miracema, e desses amigos que ele fez, todos eles eram de cargos acima dele, pessoas do RH, pessoas que trabalhavam na administração, que moravam aqui por perto, tinha um que morava no Jardim Garcia, dois moravam no Jardim Garcia, tinham um poder aquisitivo maior, né? E eu lembro que tinha algumas festas dessas famílias e a gente ia, né? Então assim, eu percebia que os filhos e os próprios pais...

Marcela: Não eram tão...

David: É.... Tipo assim, está ali e tal, percebia também que muitos iam viajar e pediam pro meu pai cuidar da casa. Moa aqui perto, acontecia alguma coisa com

meu pai fazia uma reformazinha lá, sabe essas coisas de “agregado”? Sabe agregado? E eu percebia isso, percebi que tinha uma distância entre eu e meus irmãos, deles. Acho que mais pelo lado social também, né? Eles tinham videogame, eu não tinha. Sabe essas coisas assim? Eu não lembro de um preconceito assim explícito deles assim, mas eu percebia essa questão, né?

Marcela: Eles se colocavam num lugar.

David: Exatamente, então... é os pobrinhos, né? São os pobrinhos, os coitadinhos, né? Isso aí é uma coisa que você me fez lembrar assim. Acontecia...

Marcela: E essa coisa do Jardim Garcia é.... você sempre fala desse Jardim Garcia como um lugar de gente mais... e o Jardim Garcia como bairro, tem, aí você pode até dizer, alguma coisa com relação a Vila Padre Manuel da Nobrega, eles se relacionam? Tem alguma separação, você acha dos bairros?

David: Então, porque o Jardim Garcia é grande né? De amizade os moradores do Nóbrega, no caso o pessoal da minha idade e do nosso meio aqui, tinha amizade com o pessoal que morava bem mais na divisa, vamos dizer assim, que é parte aqui de baixo do Jardim Garcia, agora a parte de cima, que vai do Lencastre, aquela escola ali... aquela região toda eu não tive nenhum amigo assim, e da parte de baixo raríssimo também, um ou outro.

Marcela: Não tem muita comunicação dos bairros?

David: Não. E era sempre assim, com moradores que eram bem vizinhos do Nóbrega e do Castelo Branco, fazia isso aqui, agora com o pessoal daqui, dessa área aqui nunca tive assim, nunca tive amizade, contato com ninguém. Jardim Garcia ele era mesmo assim, para gente aqui, ele era um bairro de pessoas com poder aquisitivo maior.

Marcela: E da Vila Bela?

David: A Vila Castelo Branco ela é mais velha que o Nóbrega, né?

Marcela: Sim, 10 anos.

David: 10 anos, né? Então, a imagem que a gente tem da Vila Castelo Branco, ela sempre teve essa questão, que a gente sabe, da desigualdade, o que gera isso? Gera criminalidade, gera diversos fatores, né? Então a Vila Bela por ser mais antiga ela já tinha uma... já tinha um histórico dessas questões de pessoas que foram para o lado do crime, então a gente sempre teve muito, muito cuidado de estar transitando lá. E não vinham muito para cá. Não vinham muito para cá. E com o

tempo acabou que se tornou assim um pouco de rivalidade entre o Nóbrega e o Castelo Branco. Tipo, quem daqui fosse lá não era muito bem recebido e vice-versa. Mas eu tive, até que eu tive bastante acesso a Vila Castelo Branco porque o Peninha, que era meu vizinho, a vó dele morava na Vila Castelo Branco. A mãe dele, a mãe dele que é a Elza, chamava de tia Elza, ela é madrinha do meu irmão. E não sei hoje, mas antigamente, por exemplo, ela era madrinha do meu irmão, então meu irmão era tratado como se fosse primo dos filhos dela. Por ser afilhado dela. E eu acabei que acabei sendo primo também, onde a gente saía a gente falava que era primo, e ficou primo mesmo, assim. Eu até falei com ele agora de pouco que a mãe dele tem diabete, que já perdeu o pé ou alguma coisa assim, está com problema na cama, que a irmã dele quebrou e está assim a cama dela, quebrou feio assim... Eu até conversei, porque ele parou outro dia aqui, perguntando se eu sabia quem tinha cama para doar. Até mandei no grupo do Ibaô se alguém tinha cama, né? Ai como tinha a vó dele lá ele me chamava as vezes, eu ia lá e tal, e você acaba conhecendo um amigo ou outro lá do bairro, então eu fiz algumas amizades. Fiz mais amizade lá do que no Garcia.

Marcela: E na escola tinha gente dos dois bairros?

David: Antigamente, o Mana era assim... se tivesse do Castelo Branco no Mana estudando era 1%. Por questões de vaga ou alguma coisa assim...

Marcela: Por que vaga mais perto, né?

David: Porque sempre teve aquela escola, o Antônio Fernandes que virou Padre Silva, que a Padre Silva era municipal.

Marcela: Deixou de ser estadual...

David: A escola fechou o prédio, era da prefeitura e desceram para esse prédio que era estadual, que era Antônio Fernandes. Chamavam de Fernandão antigamente. E essa escola hoje é o Padre Silva. Esse prédio e essa escola sempre existiu, então... e ele é enorme também...

Marcela: O Nóbrega estudava lá?

David: Então quem morava estudava lá, e quem morava estudava aqui. Apesar de você ver o Mana ali, o Mana ele está assim, a rua de cima do Mana é Jardim Garcia, a rua do lado é Castelo Branco, e o Mana descendo é o Nóbrega. Tendo o Mana e desceu é o Nóbrega. Então era bem dividido mesmo. Se você tivesse relação era assim, algum amigo, algum familiar que morava, você transitava e as pessoas vão te vendo, sabe que você tem alguma... mas durante uma época a gente tinha receio de

ir lá porque... tinha receio, porque tinha um... né? A fama da Vila Bela era igual da Vila Rica. A Vila Rica era mais... [primeiras vilas da Cohab]

Marcela: Por conta do crime ou do tráfico, ou tudo?

David: É.

Marcela: Tudo?

David: É. Então a gente tinha esse receio aí.

Marcela: Está, aí vamos mudar um pouco o foco, a gente chegou aí nessa sua infância, mas a gente podia ir para essa trajetória do David vindo para o Ibaô e como foi toda essa história, a gente falou de você utilizando o espaço enquanto era regional, né?

David: Aqui era um mercadinho, eu não lembro pessoalmente da época do mercadinho de comprar as coisas...

Marcela: Mas antes foi regional? Antes foi associação de moradores?

David: Não, aqui era mercadinho.

Marcela: Sempre?

David: Aqui começou mercadinho.

Marcela: Eu achei que tinha começado associação, depois mercadinho...

David: Parece que foi a SANASA que construiu ou financiou a construção desse espaço, junto com a COHAB, foi alguma coisa assim, mas aqui era mercadinho. Porque não tinha comércio nenhum, os moradores tinham que...

Marcela: E onde era associação de bairro?

David: Eu acho que a associação nessa época do bairro, que é bem complexo, acho que o Tavares pode te explicar melhor, porque, o que acontece? Vim saber depois, porque na planta do Nóbrega, no terreno, onde teria que ter sido a associação de moradores é onde é o salão da Igreja Maria Mãe do Povo. Primeira construção de lá para cá, onde hoje é o salão, ali é.... antes de construir essa igreja ali era a igreja, o salão. Aquele terreno era para ter sido a associação de moradores, por algum motivo alguém foi...

Marcela: Não foi...

David: Tomou a frente e fez o que é hoje. Se tornou uma coisa...

Marcela: Da igreja...

David: É. E o Nóbrega são três etapas. Primeira, segunda e terceira. Apesar de a gente não falar muito da segunda e terceira, só a primeira.

Marcela: De época de construção?

David: Da nossa infância, e popularmente a gente só falava a primeira etapa, já sabia que subindo essa rua você vê que ela não tem, ela não continua reto, tem um canteiro, que a gente teve que passar por trás. Daquela rua para lá é primeira etapa. Que depois eu vim descobrir que primeira etapa que foi a primeira parte construída.

Marcela: É, eu tenho as datas.

David: E aí como foi, acho eu, como foi o primeiro lote a ser construído, ali surgiu a... a associação de moradores, que é aquele espaço que eu falei para você que a igreja comprou. Que tinha uma quadrinha ali, e a casa, que era alguma coisa de administração que o cara ocupou ali e virou casa. Moradia. Ali eu acredito que foi a primeira associação de moradores. Ali em cima.

Marcela: Que é esse período que o mestre Marquinhos fala...

David: Esse período que o mestre Marquinhos teve lá. Teve lá com a capoeira, e aqui era mercadinho, só que em um curto tempo já surgiu os comércios pequenos, aqui não conseguia competir com os grandes, os daqui também já... compraram o espaço e fizeram comércio e aqui foi ficando espaço... e aí eu acho que primeiro foi, eles chamavam de... tinha uma placa aí em cima, era Centro Social da Vila Padre Manoel da Nobrega. Centro Social que atendia as famílias, as carentes, fazia vários tipos de trabalho e oferecia algumas atividades. Eu lembro que tinha datilografia, tinha várias coisas...

Marcela: Cabelereiro, você me falou...

David: Cabelereiro, curso de cabelereiro, tinha um grupo de mães que era bem ativo com a Dona Nena, a minha mãe já fez parte de bastante coisa aqui. As oficinas de tricô e crochê e tal, teve aula de modelo e manequim, minha irmã fez, se formou, né? Dentro da proposta aqui ela se formou. E até depois que ela se formou teve um tempo que ela começou a dar aula aqui de modelo, manequim e manicure. E aí também não deu muito certo e tal, aí depois disso foi essa época que o mestre Ted veio...

Marcela: Mas teve um momento que aqui ficou perigoso, ficou ocupado...

David: Esse momento não é tão antigo assim...

Marcela: Foi depois disso?

David: É recente.

Marcela: Está, você está contando na ordem cronológica...

David: E aí, eu estava lembrando esses dias, antes do mestre Ted, eu preciso levantar isso inclusive, antes do mestre Ted passou um cara por aqui, se não me

engano o nome dele é Santana. Nome, apelido ou sobrenome, é Santana, eu lembro desse nome. E ele, num curto período, ele deu aula de capoeira aqui, pelo Centro Social, alguma coisa assim, mas foi assim, passagem rápida. E foi antes do mestre Ted, se não me falha a memória. Mas não ficou...

Marcela: Não faz sentido que seja depois...

David: Não tem assim, não tem ninguém que sabe que tenha treinado que ainda fala, né? Eu lembro assim bem por cima, como foi uma coisa muito rápida, eu nem lembrava mais disso aí. Mas a história da capoeira aqui é mesmo o mestre Ted, né? E aí como ele chegou aqui eu não sei...

Marcela: Mas algum tempo ele ficou aqui como Centro Social dando aula de capoeira que você me contou da outra vez, não foi isso?

David: Na época que ele começou a dar aula aqui eu acho que já era associação de moradores. Acho. E a Dona Nena acho que pode confirmar...

Marcela: E aí depois deixou de ser associação?

David: Não, aí ficou associação de moradores.

Marcela: Sempre foi a capoeira dentro da associação?

David: É. Aí faleceu tal, ficou parado aqui, a gente reassumiu em 98 aqui na associação de moradores, aí... está... aí depois a Dona Nena estava meio começando a se cansar com essa questão, e aí tem seu Argemiro, ex-jogador da Ponte Preta, que inclusive mora nessa rua, descendo aqui, que eu até parei ele esses dias atrás aqui, para perguntar quantos anos ele morava no bairro, né? Hoje ele está bem debilitado, né? Ele mora descendo nessa rua aqui. Ele assumiu aqui, antes disso, mas ele assumiu de uma forma meio na pressão, sabe? Tanto que a Dona Nena hoje, ele e ela não... ela fala muito mal dele assim. A forma como ele levou a situação...

Marcela: Ele ocupou.

David: Ele ocupou e meio que tirou ela, sabe? Só que ele entrou aqui e subiu a cabeça dele, ele entrou aqui achando que era dono de tudo, tanto que eu lembro até hoje, quando ele assumiu aqui, a associação de moradores, isso foi em 99. Por aí. Eu lembro que cheguei para dar aula, e a Dona Nena deixava a chave, uma chave para gente. Eu cheguei aqui e estava tudo trancado, e minha chave não abria mais o cadeado. Ele trocou tudo, sabe? Eu até fiquei indignado, porque antes disso, antes dele assumir aqui, eu frequentava a casa dele, meu irmão tocava baixo, num grupo de pagode que ele era o empresário, vamos dizer assim, né? Tinha um grupo de

pagode aqui. Que meu irmão tocava baixo, o filho dele sempre tocou cavaquinho. E ensaiava lá na casa deles, eu ia as vezes junto com eles para ver eles tocar, meu irmão mais novo, eu ia junto. Então assim de frequentar a casa, a mulher dele, é que já deu horário e você chegou um pouco depois, mas todo dia acho que cinco e meia, seis horas ela desce do ônibus ali e passa "Oh filho", "oh tia!", essa relação, até hoje, outro dia eu dei carona para ela até lá em cima para ela comprar não sei o que para ele, tinha acabado de fazer cirurgia e ela estava sem o carro, que o filho dela estava com o carro. Então por ter essa relação eu fiquei indignado, seu Miro está fazendo isso cara? E a gente sempre teve uma galera meio revoltada também, meio anarquista, eles fizeram mobilização aqui na frente. Um barulho até que na pressão ele teve que abrir e ceder.

Marcela: Para capoeira? Ele abria para outras coisas? Ele fechou só para capoeira?

David: Ele assumiu aqui, fechou e....

Marcela: Para que? Com que objetivo?

David: Tinha que passar por ele, ele queria ser a pessoa que...

Marcela: Centralizou...

David: Centralizar assim mesmo, né? E aí eu lembro que ele liberou e tal, colocou várias condições. Porque na época da Dona Nena a gente já pagava mensalidade. E aí ele, continuou pagando mensalidade para ele, até que seu Miro pegou e entregou... mas enfim ele acabou entregando... Isso foi o que? 2003, 2004, 2005...

Marcela: Já?

David: essa época aí.

David: A gente já estava também com o pessoal de formação, pleiteando outras situações, né? Que sempre fazíamos eventos de capoeira, na época só capoeira mesmo e a gente ia atrás de ajuda, de patrocínio, de apoio, e tal, e aí numa dessas você vai descobrindo outro universo, né? Vai vendo outras formas, inclusive de não ser só pedinte. Não é ser pedinte, é direito mesmo, sabe? E a gente fundou a entidade, que é o Ibaô, foi em 2006 para 2007, mais ou menos. Que é Instituto Baobá de Cultura e Arte, e tal.

Marcela: Aí vocês chegaram para os caras da COHAB e falaram a gente vai assumir?

David: Aí quando a gente ficou sabendo disso aí, né? Lógico, quietinho, sem ninguém saber, acredito que até antes de chegar essa carta.

David: É, só que aí como a gente soube disso, eu não me lembro muito bem como foi esse, foi alguém que falou, agora não consigo lembrar. Como é que foi, mas eu lembro que a gente tinha a entidade, o instituto fundado, aí gente pegou todo o material, as atividades e foto tal, e a tia Helena, essa advogada, que era minha aluna na época, a gente pegou e foi lá para COHAB. A gente foi para COHAB, que tinha um Vanderlei lá, que hoje continua lá, mas ele deve está em outro setor. Aí fomos lá, conversamos com o Vanderlei ele já conhecia todo o histórico, sabe do bairro e essas coisas todas... e deu a maior força para gente na época, tanto que na inauguração ele veio. Eu acho que até hoje ele deve estar lá. E aí, e ele deu a maior força para gente, explicou e tal. E a gente conseguiu fazer um... Comodato. E está até hoje, estamos aí.

Marcela: E você sente que enfrenta resistência da população o Ibaô?

David: É, a gente percebe que depois daqui ter esse caráter de Centro Social, e por ter essas atividades, e por ser Centro Social, e de repente muito enfatizado prefeitura, ainda tinha algum acesso, esse acesso que tinha aqui nunca foi de uma população, dentro da população, uma grande parte da população frequentava aqui. Não era... o Nóbrega não é pequeno também, mas era bem pontual, eram pontuais as pessoas que frequentavam aqui. Aqui nunca ficou de gente saindo pelo ladrão. Era uma atividade e outra, datilografia e tal, tanto que a datilografia era na sala da informática que é hoje. Quantos cabem ali? É pequeno. Nunca teve aquelas coisas de... sabe? É coisa de bairro mesmo, nunca teve essa questão de encher, ser uma coisa. Ter um vigor, uma coisa assim. Aí tem essa população, aí tem o pessoal que eu te falei que era chegado, muitos não estavam diretamente ligados ao crime, mas faziam parte de alguma forma, que eles não se conformaram de ter perdido o espaço, igual perderam lá em cima. E por ignorância porque é muito fácil entender porque perderam o espaço. E aí como eu continuei, no começo eu lembro que teve um ou outro dessa turma que tentou derrubar a gente de alguma forma. Não, apesar de a gente ter o comodato da COHAB cedendo espaço para o Instituto Baobá, mesmo assim eles... demorou. E mesmo assim acho que tem essa questão da associação de moradores.

Marcela: Essa associação não existe mais em lugar nenhum?

David: Ela existe, ela existe. Documento deve está atrasado, não sei se tem alguém atrás disso...

Marcela: Mas eles não existem mais num local?

David: Não tem local.

Marcela: E nem associação constituída, com diretor, presidente?

David: Eles têm, existe associação de moradores do Nóbrega existe.

Marcela: Formalmente?

David: Não sei como ela está hoje.

Marcela: Não sabe onde eles ficam, não sabe nada?

David: Não tem espaço físico, tem a documentação.

Marcela: Mas aonde eles se reúnem?

David: Não, acho que nem ativo eles estão. Mas quando a gente assumiu, teve uma, duas ou três vezes que teve uma... chegou até a gente alguns comentários, algumas informações que eles estavam tentando se reunir, no sentido de criar uma nova associação. Não uma nova associação, novas pessoas para estar invadindo aqui e tirando a gente.

Marcela: Mas vocês têm algumas denúncias também por conta do Afoxé?

David: É.

Marcela: Do povo achar que...

David: É, isso veio depois, porque em 2007 não tinha Afoxé ainda. É mais no final de 2008 para 2009.

Marcela: A capoeira em si não traz resistência, mas o Afoxé tem uma população que acha que está associada a uma prática mais...

David: Não. Preconceito sempre teve assim. Eu mesmo descia com o uniforme ali você via as mulheres, as fofoqueiras do bairro... "É, isso não dá futuro para ninguém!", entendeu? "Isso não dá camisa para ninguém, isso sei que lá, sei que lá...". Sempre teve, mas... na verdade assim, boa parte da população nunca se lixou para cá, para esse espaço. Boa parte da população do Nóbrega nunca se lixou para esse espaço, acredito. Porque senão não tinha deixado a criminalidade tomar conta, nem o Ibaô.

Marcela: Mas eles criticam a questão do Afoxé depois...

David: Mas aí depois quando é criado o Afoxé que a gente começa e tal...

Marcela: E você acha que é mais o Afoxé do que outras coisas?

David: Não, hoje é o espaço, né? O Ibaô mesmo assim.

Marcela: Mas que você percebe que tem um preconceito, que tem uma reclamação, foi o Afoxé que gerou essa reclamação...

David: Mas quais foram as reclamações que surgiram aqui? É barulho. Reclamação de tambor, de barulho, sabe, nada ligado assim, uma vez teve reclamação de festa, que a gente estava fazendo festa.

Marcela: Mas teve uma associação do Afoxé com macumba, que eles denunciaram...

David: A questão do Afoxé quando foi, quando a gente fundou o Afoxé e no primeiro ano a gente colocou o Afoxé na rua. Isso aqui nunca teve no bairro. Entendeu?

Marcela: Aí nesse momento incomoda?

David: É. Aí quando a gente sai lá do terreiro da Mãe Iberecy e vem com o cortejo, e vem até aqui, aí acredito, tenho quase certeza que a comunidade evangélica do bairro faz uma pressão em cima da utilização... aí eles querem arrumar alguma linha para poder está reclamando, para reclamação ser efetiva, ser absorvida, né? Ai já teve reclamação que a gente usa aqui para fazer Candomblé, sabe? Fazer algo religioso, já teve reclamação disso aí, outro dia a gente teve pessoal que deixou carta dentro da nossa caixinha de correio ali.

Marcela: Dizendo?

David: Fazendo, chegou um livrinho todo a mão...

Marcela: Eu lembro dessa história, aí falava?

David: Escrito um monte de coisa...

Marcela: Vocês guardaram?

David: Guardou, mas eu não lembro onde está isso aí. Ai no envelope estava lá "Ao bloco Afoxé Ibaô", é bem louco, tem muita coisa assim diabólica, umas coisas muito "punk... Eu nem lembro onde foi parar isso aí, a gente queria fazer B.O. na época e acabamos nem fazendo... E teve assédio, nesse ano, depois não teve mais assédio assim não, e nem reclamação diretamente. É porque o Vanderlei, acho que faz um ou dois anos que não está mais no setor que ele estava, que nem é o setor, por exemplo, eu até não entendia, porque o setor que ele era responsável, gerente, era setor de transporte da COHAB. Que era ele que respondia por aqui assim, não entendia o porquê, mas enfim, ele não está nesse setor mais. Quando teve a transição, e sentamos com o Ney e com o Gabriel [secretário e diretor de cultura, respectivamente], de passar o comodato para Cultura em vez do Ibaô, foi essa época que ele estava mudando de setor lá, que mudou inclusive a diretoria. A diretoria da COHAB mudou nessa época, então eu não sei para onde ele foi. Mas no começo eu lembro que eu ia lá, nessa revalidação de dois em dois anos, quando eu

ia lá para revalidar o comodato ele comentava que nego ligava lá e começava a falar um monte de besteira, inclusive um ele falou para mim, ele falou "seu Miro que ligou, perguntei ele falou outro nome, mas pela voz eu sabia que era ele..."

Marcela: E qual era a reclamação?

David: A Reclamação? Inventava um monte de coisa que era para poder... porque como o crime tirou ele daqui, quando nós assumimos ele ficou é mais fácil eu tirar o Ibaô que tirar o crime, né? E voltar o espaço, aí ele fez de tudo para querer voltar, né?

Macela: Mas agora já está velhinho e não está tentando...

David: Agora ele está... quase bateu as botas um tempo aí, está bem debilitado. Acho que ele não quer mais esse B.O. para ele. Então assim, o espaço por ter essa história, como te falei não era o bairro todo que utilizava isso daqui o bairro tem muito, hoje menos, mas durante muito tempo ficou com a questão de Salão Social, eles tem a ideia de ser um Salão Social do bairro, onde você quer fazer um aniversário, você mora no bairro você vem aqui e faz. O seu Miro mesmo, muito da parte financeira do espaço era isso, ele alugava para festa. Dona Nena. ela fala para você, ela alugava porque precisava de dinheiro. Então isso ficou enraizado essa cultura que aqui esse espaço era para alugar para festa aniversário e blá blá blá.

Marcela: Então eles perderam o espaço de lazer...

David: Como não tem mais isso, a gente 'perdemos' uma grande força, né? Ganhamos um grande espaço para ganhar inimigos. Porque na COHAB a gente tem a cláusulas, que não pode fazer isso, pode fazer aquilo. E uma das coisas que a gente falou quando surgiu esses projetos grandes, da Lei Rouanet que a gente teve, a gente gastou muito dinheiro aqui dentro. Se você conhecesse isso aqui antes e ver hoje, você desconhece.

Marcela: Vocês refizeram, né?

David: Tudo, tudo. Piso, banheiro trocou tudo. Fiz um levantamento na época e deu mais de 50 paus de reforma, juntando tudo. Então como você vai alugar para festa? Porque eu lembro, como eu lembro, era uma dureza, porque eles alugavam para festa no fim de semana, as pessoas que usavam e faziam a festa não limpavam o salão, a gente chegava de terça-feira na aula de capoeira de roupa branca...

Marcela: Tinha que limpar tudo...

David: Limpar? A gente não tinha tempo de limpar...

Marcela: Ah! Vocês se sujavam...

David: Nossa cara, isso era uma imundice Marcela, era horrível. Era horrível essa época. Ai durante muito tempo fazendo isso, imagina como não estava isso daqui, sabe? Aqui não era fechado assim, os carros entravam mesmo e tal. A gente revitalizou tudo isso aqui. A gente foi naquela coisa de flores da prefeitura, que fica ali naquela mão branca lá na frente, esqueci o nome daquele lugar lá, a gente foi lá e conseguimos doação de vários, pingô de ouro, tudo que você está vendo aqui, fui tudo de lá que trouxe de caminhão para cá. Plantamos todas as coisas, demos outra cara para o espaço, e você tem que ter zelo, né?

Marcela: E tem uma coisa que a gente não falou aqui na entrevista, mas foi ponto de cultura³¹, né? É um ponto de cultura e de memória, né?

David: É, em 2008 teve ponto de cultura. 2008 ou 2009? Foi 3 anos. 9, 10, 11, 12. Acho que foi 2009 que teve coisa de cultura, muita coisa que possibilitou a gente estruturar o espaço. Como você vai alugar para festa? Você sabe que a pessoa vai detonar tudo isso aí.

Marcela: É, tem outro propósito.

David: Então isso aí para população é difícil, eu tô tranquilo. Então isso para população é difícil, sabe? E o histórico do bairro de ter assim... você acha que se seu Miro tivesse, se ele fosse uma pessoa assim, que tivesse o mínimo de apoio, a criminalidade tinha tirado ele daqui?

Marcela: Mas você também está contando uma coisa que o bairro inteiro não comparece, mas também não tem espaços de lazer, não tem lugares que essa população do bairro vai.

David: Não.

Marcela: Nunca teve esse espaço?

David: Época de moleque tinha porque a gente fazia, a gente fazia atividade, era o raspidão, era a rua, era dentro do prédio, mas falar assim, quando surgiu o Pinicão, quando surgiu atividades lá...

Marcela: O que é Pinicão?

David: Pinicão é o clube. Praça dos Trabalhadores é Pinicão lá, quando surgiu o Pinicão...

Marcela: Por causa da história do lixão...

³¹ Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura. <http://www.cultura.gov.br/cultura-viva1>

David: É, também. Mas porque... como era uma coisa pública que nunca teve... E aí, como era uma coisa pública e na região nunca teve, vinha gente de tudo que é.... o morro dos macacos vinha gente...

Marcela: Onde é morro dos macacos?

David: Morro dos macacos é lá na Roseira.

Marcela: Falaram muito desse morro dos macacos um tempo atrás para mim...

David: Morro dos macacos é o seguinte, na verdade é nem Roseira, é Jardim Novo Campos Elíseos, é Novo Londres, eu assim que é uma mistura de Jardim Londres, que é o bairro aqui próximo, né? Mas ele passa da John Boyd, então é Jardim Londres com

Marcela: Mas ele não chama mais morro dos macacos...

David: Ainda chamam lá de morro dos macacos, mas bairro ali eu acho que ele é mais Londres que Roseira. Porque na verdade a rua de baixo que é Roseira. Que é o Jardim Roseira, é Jardim Roseira?

Marcela: É.

David: E a parte de cima é Londres, e o final dele acho que é Jardim Novo Campos Elíseos, alguma coisa assim, imagina essa galera toda, essa piscina eu sei que chegava... abria oito horas, por exemplo, chegava cinco da tarde estava preta a água. E defecavam na piscina, então assim...

Marcela: Por isso ficou Pinicão?

David: Pinicão, sem falar... já até pessoas mortas apareceram lá. Matava e jogava lá. E o lazer é quando surgiu o clube, que eu me lembre assim. Ai lá no clube eu fiz basquete.

Marcela: O clube chama?

David: Clube dos trabalhadores.

Marcela: Mas não é o dentro da Praça dos Trabalhadores?

David: O clube todo é Praça dos Trabalhadores.

Marcela: Isso, o que você está chamando de clube é o todo ali?

David: É o todo. E o clube todo era Pinicão, não era só a piscina que era Pinicão. O clube todo era conhecido como Pinicão, vou lá no Pinicão, vou lá no clube dos trabalhadores, na praça dos trabalhadores.

Marcela: Eles fizeram uma reforma na piscina?

David: A piscina foi para cima, mas faz anos que não funciona. Também surgiu alguns problemas ali, de terra também se não me engano.

David: mas enfim, aí eu fiz atletismo, fiz basquete nesse clube, fiz natação...

Marcela: Mas tudo prefeitura.

David: Na época que tinha e começou a ter coisa no bairro diferente.

Marcela: Você lembra quanto tempo foi isso?

David: Foi rápido, foi demorado, porque para criança, né? A gente era criança. Sei lá, uns 5 anos ativos. Olha, vamos ver aí, tirando a capoeira aqui. Foi dos meus 11, 12 anos, até meus... foi 3 anos acho ativo assim, 3 ou 4 anos. Sei lá compreende aí 90...

Marcela: 30 anos atrás você tinha nove.

David: Ano de 90...

Marcela: É o governo... Jacob [Bittar]

David: Jacob? Não lembro.

Marcela: 89 é?

David: Tem uma placa lá, quando você entra tem uma placa. Aí fala quem era o prefeito, fala o ano, né?

Marcela: A gente falou muito da história do Ibaô, e como é para o David chegar no terreiro, você fala em chegar pelo mestre Ted. E aí? Como foi o interesse?

David: A primeira vez eu fui diretamente, a minha mãe e meu pai já frequentavam. O cabelereiro do meu pai era dos filhos de santo antigo da Mãe Iberecy. Morava aqui nesse prédio, em frente a farmácia, e eu cortei meu cabelo quase a infância inteira com ele, meu pai ia cortar o cabelo eu ia junto. Eu nunca perguntei para meu pai, nunca entrei em detalhe. Mas meu pai de alguma forma frequentou e minha mãe também. Mas eu diretamente, foi através da capoeira. O mestre Ted, a mãe dele era mãe de santo também. Inclusive ela e a Mãe Iberecy se conheciam,

Marcela: Ah, ele não era filho da Mãe Iberecy?

David: Não ele era da mãe dele. Aí a Escola de samba era na Vila 31 de março. O terreiro era o braço forte da escola de Samba Renascença, que era do Dadão, finado Dadão, ele era o presidente, que era filho de santo da Mãe Iberecy. Então, é como se fosse o Ibaô e o Terreiro, agora que tô fazendo essa analogia, e resumindo, a Mãe Iberecy pedia autorização às divindades e fechava o terreiro no período do Carnaval e enchia de máquina de costura, fazer as fantasias, confeccionar os figurino. A finada Bá fazia essa parte das costuras, ela mandava bem. Até pouco tempo ela costurou, essas saias que ficam penduradas no Ibaô, mais antigas, que

era azulzinho claro, que o pessoal mais gosta, foi a Bá que fez, confeccionou, ela costurou essas saias.

Então, assim, o que acontecia, época de carnaval sempre tinha essa cultura da escola de samba ter uma ala da capoeira, não era só a Renascença, todas as escolas de Campinas. A capoeira sempre esteve na comunidade, projetos sociais. É fácil de entender essa participação natural, de ter uma ala, o que não acontece nem no Rio, nem em SP. Campinas sempre tem uma ala que é da capoeira. Aí, lembro o momento que o Ted convidou todo mundo “Vai ter o desfile esse ano e a gente vai ter a ala de capoeira, quem está interessado, dia tal a gente vai subir lá na dona Vani e vamos medir o figurino, a fantasia. Ali foi meu primeiro contato com o terreiro, eu tinha o que, 12 anos de idade.

Marcela: Através do carnaval?

David. Através da capoeira e do carnaval. Aí, lembro que quando eu entrei lá, do jeito que eu entrei e bati o olho, nunca mais aquilo saiu da minha essência.... Logo em seguida eu já quis saber como funcionava, de que dia era. Não perdia uma sessão enquanto consulente. Eu era bem novo, não via a hora de chegar, antigamente era de segunda e sexta, os trabalhos e eu não via a hora de chegar. Eu me sentia muito bem, aquilo ali me tocava, me toca muito e aí...

Marcela: Você ia com seus pais?

David: Não, ia sozinho. Quando eu, empolgado para caramba, sabe, joguei búzios para saber qual era meu orixá e tudo mais, aí quando fui entrar mesmo, falei, vou conversar com meu pai e minha mãe, eu era “de menor”. Com meu pai eu sempre tive uma relação difícil, nunca tive uma liberdade, a relação era difícil, mas era tão forte o negócio que eu fui e falei com ele. Primeiro eu falei com minha mãe, ela não era evangélica na época, ela tinha mais o pé no espiritismo do que no catolicismo, e no caso hoje ela é evangélica. Aí lembro que ela falou tranquilo, aceitou normal. Meu pai, eu lembro, estava no quarto dele e sentei na cama, falei: “preciso falar com você, com o senhor”, com você nada, se falasse você era soco na boca e aí expliquei, não lembro as palavras dele, mas não relutou, nada, na capoeira ele também não relutou. Mas sempre quem mais me incentivou foi minha mãe, eu lembro que quando eu tomei uma pancada e abri aqui (o supercílio), ele foi o primeiro a falar, olha o que a capoeira dá aí. Mas hoje ele tem que engolir, olha o

que a capoeira me deu, sabe, mordeu a língua, enfim. Aí quando autorizaram eu já estava com a roupa branca, estava indo na sessão, e fui embora, assim que eu comecei na religiosidade. Já comprava vários livros, aquela série “Mãe de santo” que passava na TV Cultura, ou na Manchete, não lembro agora, gravei todos os episódios, cada dia era um orixá. Sempre fui muito interessado, naquilo que eu me propunha a fazer, nunca fui acomodado, era curioso e queria aprender mais e mais, tinha muitos livros, muitas fitas de vídeo sobre religião, sempre estudava muito. Assim como na capoeira, na cultura, tudo que eu vivencio diariamente. Foi assim que começou.

Marcela E hoje, você e sua irmã frequentam o terreiro.

David: Minha irmã começa a frequentar mais quando começa a namorar o R. filho carnal da Mãe Iberecy. Depois dessa situação que começa a fazer parte mesmo de lá. Mas frequentou também assim...

Marcela: E seu outro irmão é evangélico?

David. Meu outro irmão é evangélico, já há alguns anos. Mas se for ver, o caminho dele era o mesmo nosso.

Marcela Chegou a frequentar?

David: Frequentar não, chegou a tomar passe, mas ele tinha um grupo de samba aqui no bairro, não lembro o nome do grupo, que inclusive veio no Sambador³², era um dos componentes, pessoas do bairro, o mais velho, ele fazia parte desse grupo de samba. O samba assim, essas coisas, está tudo meio próximo, depois desse grupo de samba, ele se tornou evangélico, é até hoje. Agora eu e minha irmã estamos aí até hoje também.

³² Projeto do Ibaô, iniciado em 2013 com grupos de samba e pagode da região.

4.3 TONINHA

“As meninas brincavam por lá, não saíam na rua. Não havia lugar para brincar na rua, só dentro mesmo”.

Dona Toninha foi indicada por uma colega minha do trabalho, pois eu procurava uma outra forma de chegar aos moradores do bairro que não fosse por referência do David, queria ouvir diferentes pessoas, suas lembranças sobre o bairro. Foi a primeira entrevista que fiz e foi importante para que eu me deparasse com a aplicação da entrevista em si, com um pré-roteiro básico, porém genérico demais, observei posteriormente.

A partir desse momento constatei que para saber sobre as manifestações culturais afro-brasileiras eu teria que perguntar diretamente sobre o assunto, não apareceria espontaneamente na lembrança de pessoas não praticantes das manifestações. Acredito ter sido essa a grande contribuição da entrevista inicial, corrigir a rota para seguir adiante.

O marido de dona Toninha, senhor Nelson, estava com ela e nos acompanhou durante a entrevista e deu algumas respostas, que aparecem no texto abaixo, em meio a entrevista.

Cheguei a casa de senhor Nelson e dona Toninha no horário combinado, 8:30 h. Eles me esperavam, ao tocar a campainha, já estavam na porta. Perguntaram onde estava meu carro, parecia importante para eles saberem isso, e me acompanharam até a calçada para que eu mostrasse a eles. Havia conversado por telefone com eles para marcar a entrevista, mas não os conhecia pessoalmente. Eram um casal de idosos, simpáticos, porém calados, ressabiados

Entramos e seguimos até a cozinha, onde sentamos à mesa, local em que ocorreu a entrevista. Expliquei a eles novamente o que estava fazendo lá, que estava no mestrado e meu estudo era conhecer a Vila Padre Manoel da Nóbrega, como chegaram ao bairro, que atividades faziam por lá.

Mencionei também a necessidade da gravação, se eles me autorizavam, inclusive por escrito, expliquei que depois mostraria a eles o que havia transcrito, caso necessário faríamos complementos ou modificações. Ao ver o tablet, que seria utilizado para a gravação, percebi o semblante de ambos se fechar e tentei

tranquiliza-los. Estavam também vivenciando um a situação de luto, pois o vizinho idoso e acamado, que senhor. Nelson cuidava tinha morrido naquela semana. Iniciam contando que moravam no bloco C dos apartamentos:

Marcela: Vocês já tinham filhos? Vocês tem uma filha?

Dona Toninha: Não, não, temos só uma filha.

Marcela: O que tinha para fazer no bairro, e ele responde:

Dona Toninha: Ia para a Igreja, da religião católica, ia a missa, festas, por aqui mesmo. Daqui a gente ia para Amparo, a família dela, se referindo a esposa, a minha também, a maioria dos meus irmãos moram para lá, Monte Alegre do Sul, Arcadas.... Então a gente ia passear bastante para lá, agora não, agora está devagar, estamos indo a cada 2, ou 3 meses, um pouco é problema de saúde, problema para resolver, agora morreu o vizinho.

Marcela: E naquele tempo, o que vocês faziam, a Rita comentou [Rita é a pessoa conhecida que indicou o casal] que vocês vão a baile?

Dona Toninha: Isso agora, mas não é do nosso tempo, não sei se tinha antes, mas nós “não íamos”... é, no PROGEN³³, tem baile hoje. Então tinha antes na Praça dos Trabalhadores, depois surgiu o PROGEN aí começamos a ir, agora é no PROGEN. Os dois são bons. Lá tem ginástica, festinha, festa caipira, tem aqueles aparelhos que a gente pode usar também, tem relaxamento, tem quem conta história, eles fazem livros... Na praça dos trabalhadores tem piscina, mas não cuidavam, aí ficou largada, a gente via com água e falava por que dá dengue, né, que gosta disso, barrinho, aguinha, aí já mandaram limpar.... Tem o postinho, uma quadra que você anda a mais é a igreja, a Igreja Guadalupe. E o PROGEN [ao lado da Igreja], tem muita criança lá... tem tudo lá, artesanato, pintura.

Marcela: Atende a mais bairros?

Dona Toninha. Sim, conheço gente que vem do Jardim Aurélia (bairro contíguo), tinha um que vinha lá do Santa Lúcia. Tem palestra, dão lanche, tem viagem, vão para Holambra... a gente não paga entrada e ainda ganha o lanche, não paga entrada, nem o ônibus.

Marcela: Como foi o começo no bairro? Tinha alguma coisa para fazer? Tinha ônibus, se faziam as coisas pelo bairro mesmo...

³³ Projeto Gente Nova, ONG assistencial, atua com crianças, adolescentes e terceira idade.

Dona Toninha: Tinha, mas aquele largo que tem ali embaixo, depois da igreja, onde tem o campo de futebol, era tudo mato, passava rio lá, tinha barro. Pegava desde onde nós moramos até lá embaixo, tinha um ribeirãozinho que vinha lá do Piçarrão.

Marcela: Era rio de nadar?

Dona Toninha: Não, era sujo. Quando chovia não tinha condições de passar ali. Tinha que fazer a volta lá por cima. Quando fizeram a igreja ficou tudo arrumado.

Marcela: Quando foi que arrumaram?

Dona Toninha. Na década de 1980, quando nós mudamos demorou um pouco....

Marcela: Quando vocês mudaram já estavam todo os prédios construídos?

Dona Toninha: Sim, as casas foram feitas, mas a praça foi feita depois. Tinha praça já, mas ali era só mato.

Marcela: Tinha um lugar que tinha uma quadra? Me falaram... e tinha a associação de moradores?

Dona Toninha Quadra tem na Praça dos Trabalhadores, aqui tem um centro comunitário. Aonde tem a banca de Jornal.

Sr. Nelson. Tem a pracinha, onde vende o pastel. Aqui era uma feira de primeira, sabe, uma bela de uma feira, mas foi indo... indo acabando e só sobrou o pastel. Acho que tem caldo de cana também, mas só de sexta, viu. No Jardim Garcia também tinha uma bela de uma feira, mas agora só de quarta... Mas agora está tudo difícil, tem muita coisa fechando, tem loja fechando, o comércio está difícil.

Dona Toninha: Para a gente aqui de ônibus está bom, tem três e passa toda hora. Tem um para quem vai para o Iguatemi (shopping), tem outro que passa que vai até o Dom Pedro (shopping) e tem outro que vai até a cidade.

Marcela: O que acontece no bairro, soube do baile, o baile é só para terceira idade?

Dona Toninha: Mas que vai gente de toda idade, ele é "aberto. São dois por mês, um de terça, as duas da tarde e outro na sexta, as 5 da tarde. É na última sexta o baile dos aniversariantes do mês. Hoje tem, vai visitar o baile.... Começa às cinco e termina as oito.

Marcela: as pessoas são cadastradas lá para eles saberem os aniversários?

Dona Toninha: sim. E é tudo gente boa, nossa... maravilha.

Marcela: Vocês conhecem todo mundo no bairro?

Dona Toninha: Todo mundo não, mas a gente conhece muita gente. Ele [senhor Nelson] fala de mudar e eu não, porque aqui é assim, você conhece todo mundo, com quem você não conversa, você conhece de vista. Se passar estranho aí a cachorra já late, você já fica sabendo, se for vendedor e essas coisa o cachorro já late e quando é a gente que passa ele não late. A turma comenta a questão de droga, mas não tivemos problemas...

Marcela: Todo o tempo que moraram no bairro sempre foi tranquilo?

Senhor Nelson: Hoje está perigoso em todo lugar, aqui, graças a Deus, melhorou bastante. Tem o Sebastião que limpa a praça, ele mora aqui na rua de baixo, ele falou: “Olha Nelson, eu nunca vi como está bom esse bairro”, é o pessoal, é tudo gente boa. “Vou sair daqui só morto”. Ele tem minha idade, 73 anos, então a gente conversa na praça, a “veiarada” aposentada vai ali, conversar, bater papo.

Marcela: Já vi o pessoal sentado na praça...

Nelson: é bom, é gostoso.... Esses dias eu nem estou indo, não dá tempo, está muito quente e outra, vou atrás de uma coisa, ia atrás da senhorinha que estava velhinha,

Dona Toninha: Desde quinta passada, a outra, faz 15 dias, ele sai todo dia.

Dona Toninha: a PUCC (hospital) é perto, e o postinho do bairro é bom, “tem até dentista”, entre o postinho e a praça tem o CAPS [CAPS Integração]. O Posto aqui é bom, não são todos que tem dentista. Para baixo do Jd. Roseira [bairro próximo] tem um também, tem o Balão do Laranja (outro Centro de Saúde da região).

Marcela: Tem casos de roubo, de mexerem na casa?

Dona Toninha: Tem caso de roubar *com a pessoa em casa, quando a casa está fechada* não.

Marcela: Sua filha cresceu no bairro?

Dona Toninha: Cresceu, estudou aqui, depois formou na PUC. Fez Biologia, aqui na PUCC. E graças a Deus está trabalhando. . “Ela gosta de banda, tem amigos lá, desde o Bentão [refere-se ao colégio técnico em Campinas]

Marcela: conta mais sobre o que faziam no bairro...

Dona Toninha: Quando ela era pequena, a gente ia muito para o clube, depois não foi mais... o Clube Santa Clara, nós íamos bastante lá, até dia de semana... Você pega a Av. John Boyd Dunlop, chega lá para o Campo Grande, pega uma entrada a direita, 1 Km e meio.... Tem piscina.

Marcela: em que época?

Dona Toninha: Em noventa e pouco, não lembro o ano ao certo.

Marcela: E a filha estudava no bairro mesmo?

Dona Toninha: No Mana [refere-se à Escola Estadual Mario Natividade, que fica na Vila Padre Manoel da Nóbrega].

Marcela: Ela ainda tem amizade com os amigos do tempo da escola?

Dona Toninha: Ela sai bastante com os amigos da PUC. Ela tinha amizade com três amigas do Bentão, uma foi transferida para o Rio, e outra foi para outra cidade. A outra está desempregada. Agora as amizades são no “serviço”. Ela paga aluguel lá com as duas, moram em três. Ela ia todo dia, para Piracicaba, agora fica lá. É que ela não gosta de levantar cedo, disse que cedo ela tem sono, e de tarde já está cansada. Eu quando penso que ela está dirigindo até assusta, tem tanto acidente naquela estrada.

Marcela: Vamos voltar para o bairro... o que tinha de cultura no bairro, apresentações, o que se fazia?

Dona Toninha: Tinha bastante coisa, mas sabe, a gente não frequentava, a gente ia e as vezes não ia. Tinha coisa boa, festa, brincadeira, mas agora está tendo mais, ou agora a gente está indo, antes a gente não ia. Mas agora tem mais coisa, tem que conversar com a Isabel, ela lembra mais.

Marcela: E o bairro, fazendo uma suposição: imagino o bairro sendo criado e as pessoas vindo morar, como foi? Tinha escola? Vocês chegaram em 1984, como foi,

já tinha escola, como era? Tinha lugar para passear? O que vocês faziam, saíam? Estavam mais trabalhando? Como vocês conheceram as primeiras pessoas aqui?

Dona Toninha: a única coisa é que a gente ia a supermercado, fazer compras. Nós não fazíamos coisas no bairro. Por que ali já tinha a capoeira e tudo ali [se refere ao espaço do Ibaô], já tinha coisas antes. Ali na época vendia coisas, não tinha nada na época, nenhum supermercado. É por isso que eu estou falando, a Isabel quando a mãe dela vendeu a casa, ela morava no São Bernardo, aí ela ficou com a mãe dela até sair o apartamento. Ela está a par de tudo que tinha.

Marcela Já tinha escola?

Dona Toninha: Sim, tinha creche, o Herminia ali [refere-se à EMEI Prof^a. Herminia Ricci] ela fez até o pré ali, depois foi para o Mana. A creche é “ali em cima”, você já passou por ali, fica pertinho da Igreja Perpétuo Socorro: eu estou indo agora na missa aqui. E agora tem o supermercado que é bom, o Villa, antes não tinha. Tinha uma época nós ia no Eldorado. [Eldorado foi um supermercado no centro de Campinas, que pegou fogo em 1986]. Esse Villa era Bompreço de primeira, agora é Villa, onde era a Regional Cinco. (AR 5) e agora é supermercado. A Regional Cinco agora está lá em cima, sim, lá onde era a escola Padre Silva, ficava na Vila Castelo Branco (bairro contíguo também da COHAB, projeto anterior). Ela conta que mudou todo mundo para o Fernandão (Escola Estadual Antonio Fernandes Gonçalves).

Marcela: e a vizinhança? Como era morar no prédio, antes da casa?

Dona Toninha: Sempre tinha alguma coisa, sabe, é prédio né? A maioria é gente boa, mas tem alguém que sempre gosta de sei lá...

Marcela: as pessoas saem dali para outros bairros?

Dona Toninha: Alguns vão para as casas, tem uma que foi para a casa ali atrás, o apartamento, a cozinha é muito pequena. A nossa sala era melhor do que de outros apartamentos que nem eram da Cohab, mas a cozinha era pequena, a turma mexeu muito, dá até medo, mudaram muita parede. É perigoso.

Marcela: todos os prédios são iguais?

Dona Toninha: Só os da rua Ema. Os dois condomínios grandes são diferentes. Tem uma escada, pelo lado de fora, aí você passa tudo em frente as portas (dos outros apartamentos).

Marcela: Tinha criançada nos prédios, moçada, se eles se encontravam, ouviam música?

Dona Toninha: Brincavam, eles se juntavam para jogar bola. Era bola pra lá, bola pra cá. No Brasil é bola.... Nós mudamos para esta casa quando ela tinha 13 anos, as meninas brincavam por lá, não saíam na rua. Não havia lugar para brincar na rua, “só dentro mesmo”. As mães não deixavam também porque a rua é muito movimentada. De primeira a gente ia caminhar na Pedreira, você viu a Pedreira ali? Agora a gente parou, por causa da dor na perna.

Marcela: Não dá para caminhar ainda?

Dona Toninha: não, preciso me recuperar para fazer do outro joelho.

Marcela E sobre a capoeira, é mais recente?

Dona Toninha: Não. Quando nós mudamos para cá já tinha. Era no mesmo lugar. Lá também mede a pressão, às 4ª feiras. De manhã. Todas pessoas que querem ir vão lá, ver pressão, ver o sangue. Vem o pessoal da PUCC, médicos e médicas. Enfermeiros, enfermeiras, estudantes. Muitas coisas eles fazem ali.... Agora aquela cultura Tainã, já tinha desde que a gente mudou aqui. O homem que tem lá fica sempre na pracinha, você já viu?

Marcela: O TC? Ele se apresenta na cidade toda e até no Brasil.

Dona Toninha: Ele está sempre tocando instrumento lá na pracinha,

Marcela: Ali é Castelo Branco ou Nóbrega?

Dona Toninha: É Nóbrega. A praça é Nóbrega e o postinho é Castelo Branco.

Marcela E a população, é mais negra ou branca?

Sr. Nelson: É branca.

Marcela: A Casa de Cultura Tainã trabalha com as manifestações culturais afro-brasileiras...

Dona Toninha: As fotos que ficam lá, antigas, já entrou lá? Pode entrar lá, não tem problema. A essa hora mesmo está tendo coisas. Tem relaxamento as 8, depois 9 e meia, por aí, começa a. pintura quando eu estava indo, agora não sei se mudou alguma coisa. E tem a do chinês lá como chama, a ginástica?

Marcela: Lian Gong, prática corporal feita pelos profissionais da rede básica de saúde, com a população?

Dona Toninha: Sim. E tem a dança do Wanderley, conhece o Wanderley?

Sr. Nelson: A gente morava nos Amarais, bairro na região Norte de Campinas, e mudou para a Chácara do Vovô, [bairro próximo à Vila Padre Manoel da Nóbrega]. Lá na Chácara do vovô paguei aluguel com meu irmão e meu cunhado, depois que vim e comprei apartamento. Depois do apartamento que eu aposentei e comprei a casa e reformei.

Dona Toninha: O parque dos eucaliptos, até chegar na PUCC, está tudo construindo ali.

Marcela: O parque dos eucaliptos, eram eucaliptos mesmo né? Antigamente tinha o bambuzal...

Dona Toninha: Ainda tem, uma parte eles cortaram, mas ainda tem numa beirada Aqui para baixo é uma fazenda, até leite a turma vai buscar lá. A Isabel mesmo morou lá perto.

Marcela: A fazenda existe ainda? E um lugar que as pessoas nadavam aqui perto?

Dona Toninha: Sim. Nadava, né? Aqui embaixo tinha uma lagoa, parece que chegou a morrer alguém lá. O Parque dos Eucaliptos é ali, você segue pela rua debaixo. Antigamente ali era barraco, agora estão fazendo casa de dois andares.

Marcela: A área próxima à Pedreira é invasão? [Termo que designa área ocupada irregularmente]. Desde quando?

Dona Toninha: sim, anterior à década de 1990. Tem um colega que tem a terra dele ali e está até hoje e ficou para ele, vai regularizar. Tem até vaca na área. Chama recanto dos Pássaros.

Marcela: Quando vocês mudaram já tinha esse hábito de pegar leite da vaca? Entregavam nas casas?

Dona Toninha: A turma ia buscar”. A fazenda fica ali, era da família do prefeito.

Marcela: onde vocês passeavam?

Dona Toninha A gente ia para Amparo, tem uma irmã que mora em um bairro chamado Cidade Jardim, primo que mora em Capivari. Então, a gente ia passear nesses lugares assim, mercado, shopping, quando dava, quando não dava ficava em casa.

Marcela Tinha atração musical, dança, ou algo que vinha para o bairro?

Dona Toninha: Mais no tempo da eleição, tinha até festa na praça, vinha uns cantores para show.

Marcela Aonde? Na rua?

Sr. Nelson: Ali na Igreja Perpétuo Socorro faz festa todo ano, fecha a rua lá em cima, tem pastel, muita coisa para comer e beber, jogo de bingo eles fazem, é divertido, passa a hora...

Dona Toninha. Lá no PROGEN toda semana tem uma coisa, uma vez é cacareco, outra vez é stop, tudo de terça. O pessoal vai passar a hora, se divertir. O cacareco é que ela vai pedindo as coisas, quem trouxe, tem que levar um monte de bugiganga lá.

Marcela: É tipo uma gincana?

Marcela: As pessoas andam de bicicleta aqui?

Dona Toninha: Sim, é plano por aqui, as pessoas vão à Pedreira. Esses tempos teve um negócio lá, de moto, motocross, faz uns quinze dias. De domingo eles vem soltar aviõzinho, sabe aqueles aviõezinhos? As vezes vem até gente para pular da pedreira, com aquelas cordas. Mas não pode, eles proibiram, já morreu até um uma vez aí. Acho que tinha 20 anos. A Pedreira tem 30 metros de altura.

4.4 – ISABEL

“43 anos que eu costuro, essa é minha história.”

Com o telefone da dona Isabel, dado por dona Toninha, pude ligar e agendar a entrevista, por telefone mesmo pude explicar o propósito e ela prontamente agendou na semana seguinte. Desde o início disse que ela fazia o seu tempo, porque costurava e me recebeu em um período da manhã, em seu ateliê de costura, composto de três máquinas e roupas e tecidos por toda a parte.

Pensei que dona Isabel deveria fazer muitos serviços de costura, que não só consertava, mas também confeccionava as roupas. Fiquei sabendo depois que ela já fez roupas para Mãe Iberecy, que foi muito obesa e fazia roupas sob encomenda com dona Isabel, conhecida por todos que entrevistei como a costureira do bairro.

Ainda no começo da entrevista, enquanto eu ligava o aparelho, Dona Isabel começa a contar do clube municipal da Praça dos Trabalhadores e da piscina.

Isabel: Mas depois o abandono assim, foi um abandono, eu achei.

Marcela: Você lembra em que época foi isso?

Isabel: Que fizeram a piscina?

Marcela: Que fizeram e que abandonaram.

Isabel: Olha, acho que foi 90, foi de 89 a 92.

Marcela: Que fizeram?

Isabel: É que fizeram aquele clube e tal. Porque ali era um imenso buracão, era enorme o buracão ali, aí o que acontece, eles pegaram fizeram o centro esportivo. Fizeram o que fizeram ali. Fizeram aquela piscina grande pra adulto e a pequeninha para a criança. Era lindo demais, tudo cercadinho, tudo arrumadinho, sabe? Mas depois eu acho que as pessoas também foram muito mal-educadas no uso. Sabe? Muito mal-educadas, e não tinha aquele, não tinha aquela gerência, aquela coisa para melhorar, em vez de entrar em decadência, foi entrando em decadência e não tinha melhora. E foi assim invadida por marginal, a gente nem pode está contando

esse tipo de coisa, então como é até hoje um ponto até de marginalidade. Você vê a gente passa lá a gente conhece as pessoas do bairro, né? Então a gente nem pode entrar assim em assunto, mas em vez desse negócio do lado lá, o Nóbrega é um bairro bom de se morar, já foi um bairro muito perigoso. Já foi. Foi porque a bandidagem.... tinha as brigas, tinha um centro esportivo aqui embaixo, era um campo de futebol.

Marcela: Onde?

Isabel: Aqui nessa rua aqui, na rua Canário, no começo da rua, que agora foi vendida por uma igreja evangélica que não construíram essa igreja porque parece que não tem lugares para estacionar carros e essas coisas. Como eles estão em muitos irmãos, muito assíduos no negócio de culto, eles não têm onde pôr o carro, para por em porta e deixar na rua eles não querem. Então não construíram essa igreja, ali em cima está cercadinho e arrumadinho. Não deixava de cuidar ali do pedaço deles ali. E de resto, está faltando muita coisa, sabe? Eu acho, como moradora, que falta muito. Tem muito a desejar... mas não sou eu que vou....

Marcela: Desejo né?

Isabel: É um desejo.

Marcela: Não vai fazer sozinha.

Isabel: É um desejo assim, se todos lutassem tinha muita coisa aqui, como lá no Aparecidinha, aquele bairro eu acho maravilhoso, a Vila União maravilhosa, o prefeito está fazendo coisas boas lá e em outros bairros também, é admirável e louvável a atitude que ele está tendo, né? Em matéria de progresso assim, mas aqui está sendo meio judiado. Muito esquecido, e é um bairro bom. Se for ver, ele é um bairro assim, intermediário. Nós estamos assim num lugar quase no centro. Não é?

Marcela: Bem perto.

Isabel: Bem perto do centro. Acho que poderia por mais assunto aqui sabe, posto policial não sei, porque no Londres tem, acho que não é isso aí. A gente, graças a Deus, tem a guarda municipal e o que precisa a gente socorre a ela. Em matéria de médico a gente tem a PUCG que é 6 minutos de carro, 20, 10 minutos de a pé, dependendo da pessoa, né?

Marcela: Do centro de saúde...

Isabel: CAPS. Então quer dizer que tem coisas maravilhosas menina, tem. Eu gosto daqui se fosse para eu morar eternamente aqui, eu moraria.

Marcela: Eu acho um lugar gostoso.

Isabel: Eu tenho apartamento, não tenho casa. Eu tenho apartamento que eu alugo.

Marcela: Aqui?

Isabel: É, no Nóbrega. Eu alugo lá e aluguei essa casa por causa do meu trabalho. Porque eu trabalhava assim, no quarto que eu dormia eu trabalhava 24h naquele quarto lá, não tinha espaço, muito pequeno, aí vim para cá. Faz 10 anos que eu moro nessa casa, e no bairro desde 79.

Marcela: No comecinho do bairro...

Isabel: Começo do bairro, desde 79 eu moro aqui. A gente enfrentou dificuldade no começo porque nós não tínhamos ônibus, as ruas eram todas de terra. Então na época a gente só... asfalto era da Ibirapuera para cima, então a gente andava no barro até na Ibirapuera, tanto é que quando saía para o trabalho a gente levava um chinelo, ia de chinelo e botava o sapato no ônibus, limpava os pés com um pano úmido, botava num saquinho, para pôr o sapato para trabalhar, né?

Marcela: E não chegar com barro.

Isabel: E não chegar com barro, porque em época de barro a gente patinava. Eu muitas vezes eu caí, porque...

Marcela: E o ônibus chegava aqui perto ou não?

Isabel: Não, demorou mais de um ano, depois que entrou aquela empresa chamada CTC, aí eles entraram aqui pra baixo. Mesmo assim com terra, aí depois, graças a Deus, aquele Chico Amaral tomou posse da prefeitura e ele que fez, ele patrocinou o asfalto de graça naquela época, nós não pagamos asfalto, quem pagou foi a prefeitura que fez. Ele asfaltou todo o bairro, foi aonde o bairro foi melhorando mais. E as pessoas pegavam a casa do jeito que a COHAB entrega e foi melhorando, aqueles que tiveram posses né? Foi melhorando, foi deixando o bairro mais bonitinho, né? Então essas coisas aí.

Marcela: Esse começo, esse tempo todo aí da Vila, como que foi chegar aqui, porque eu fico pensando: não existia o bairro, de repente eles constroem os prédios, as casas, e aí vem um monte de gente, de onde vem as pessoas? Como fizeram amizade? De onde as pessoas se conheceram? Queria, se você conseguisse resgatar "quando chegou, fui conhecendo as pessoas", o que fazia aqui, como as pessoas se divertiam e se conheciam... o que tinha de cultura...

Isabel: Quando a minha mãe veio em 76, minha mãe veio. Três anos depois eu vim. A gente começou a se conhecer porque não tinha muro as casas, era gente estranha, e uma comunidade de pessoas maravilhosas. E a gente foi fazendo amizade, e aquele mundo de amizade. E as crianças que vieram junto, era gente de todo lugar de Campinas, de todas as regiões...

Marcela: Era sorteio?

Isabel: Foi sorteio. Então a gente conheceu pessoas da Vila Nogueira, Jardim São Fernando, Jardim Santa Eudóxia, Vila Marieta, foram as pessoas mais próximas a minha mãe, porque primeiro foi feita aquela etapa. Aí depois vieram nessa etapa e depois a etapa do prédio onde eu morava, tenho apartamento. E lá no meu bloco, quando eu mudei, então, teve conhecimento da turma aí, a gente ficava assim, como uma família reunia no fim de semana. Conversava, batia o maior papo.

Marcela: Crianças brincavam.

Isabel: Não tinha muro, pulava a mureta. Mãe que saia para trabalhar a gente que... a minha mãe por exemplo, que não trabalhava, a minha mãe e minha irmã cuidava do filho dos outros para a pessoa sair para trabalhar, era assim na base da amizade. Então aí, e na minha parte, que eu me lembro. [telefone]. Na minha parte quando mudei em 79 eu conheci pessoas assim, lá no prédio, pessoas que veio, que moravam dentro da escola de cadete, ali naquela região, pessoas que moravam na Vila Costa e Silva, Vila Costa e Silva não... como chama ali? Vila Nova. Vila Aurocam.

Marcela: É aqui perto, né?

Isabel: É. Moravam no Jardim Ieda. Tudo foi pegando apartamento. E vieram morar, nós morávamos em 12 famílias, aí depois de um tempo, eu morei 19 anos nesse

apartamento, então, tempos depois a gente já foi... assim, cada um foi saindo, tanto é que hoje não mora pessoas antigas lá, moram pessoas mais novas...

Marcela: E essas 12 famílias moram no bairro ainda ou foram embora?

Isabel: Foram embora.

Marcela: Todos?

Isabel: Todos, umas foram pra Valinhos, outra moro em Aguaí, outras moram em...

Marcela: Foram embora de Campinas...

Isabel: Foram para Poços de Caldas, saíram de Campinas.

Marcela: Não ficaram filhos, nada aqui no bairro?

Isabel: Então, um dos filhos foi morar ali na CPFL. Naquele bairro ali, é Santa Cândida?

Marcela: Acho que é. Nos predinhos ali, Mansões Santo Antônio...

Isabel: É, um dos filhos que eu sei, outros foram pra Valinhos, que não lembro mais, morreram muitos, um a família foi para o Japão, abandonou o apartamento e foi embora, está lá o apartamento abandonado.

Marcela: Até hoje?

Isabel: Até hoje.

Marcela: O que acontece?

Isabel: Eu não sei porque a COHAB não deu uma providência ou de passar para uma outra pessoa, pra está ajudando a gente a melhorar mais o prédio, ou como diz, encontrar uma pessoa que... né? Porque na realidade aquele apartamento é de herdeiro. A esposa do homem mesmo, do dono, eu acho que ela morreu, ele era amante da japonesa, a japonesa foi para o Japão com o filho, aí está abandonado, está lá abandonado. Não sei, está lá. E outras coisas do bairro que a gente sabe, que de vez em quando tem uma festinha aparece uma coisinha pra lá, uma coisinha pra cá, porque eu acho que... Aqui teve assim no começo uns anos depois a construção do Parque dos Eucaliptos. Eles falam que o Parque dos Eucaliptos

pertence ao Jardim Londres, na realidade não pertence. Pertence ao Nóbrega, que ele é um canto do Nóbrega, mas cada um é cada um, fazer o que...

Marcela: Teve uma história que o pessoal brincava nos Eucaliptos.

Isabel: Era muito bom, era fazenda ali. Era muito gostoso, agora desativaram...

Marcela: O que faziam? Visitava?

Isabel: Visitava, porque era tipo assim uma mata. Era muito gostoso, para você ter ideia, o ar era outro, não era esse ar poluído que a gente está sentindo aqui, porque os eucaliptos captavam toda a poluição que vinha da John Boyd Dunlop, captava. Aí vinha o arzinho assim e já vinha com aquele cheiro de eucalipto, não era esse cheiro de gasolina que tem aí, né? Que está parado aí no ar, ou então quando chove que vem aquele cheirinho ruim, né? Aquele riozinho ali também, então tinha a pedreira, essa pedreira da Lix da Cunha, né? Essa pedreira aí estragou bem o nosso bairro...

Marcela: Ela existia quando vocês mudaram? Era da Lix da Cunha?

Isabel: Era da Lix da Cunha.

Marcela: Aí eles estavam cavando.

Isabel: Aí cavava e dava aquelas explosões enormes, as casas eram assim... tinha rachadura quase que constante. Porque era dinamitado, né? E o negócio vinha que era para valer, e estragava. Às vezes vinha cascalho de pedra aqui no Garcia, ali no comecinho perto da pedreira, muita gente vendeu porque não aguentava morar ali. Chegava uma hora dessa assim, 11 horas, era aquele apito e aquela explosão que parecia que o mundo ia acabar.

Marcela: Devia sujar tudo.

Isabel: Sujava, era muito danado mesmo, agora não.

Marcela: Quanto tempo já, que acabou a pedreira?

Isabel: Acho que já está com uns 20 anos.

Marcela: Porque ficou bonito a área, né?

Isabel: Ficou, porque eles arrumaram. Esse prefeito está dando o maior auê nesse pedaço ali, né? Porque estava feio.

Marcela: Largado...

Isabel: É, largado. Eles não estavam nem aí. Aí veio, acho que o Doutor Hélio, mandou passar uma máquina lá e fez um caminho para a gente caminhar ali dentro. Para ver se melhorava, né? E parou. Aí era mato, e aí depois na hora que o Donizete entrou, o negócio foi melhor, deu um...

Marcela: Cuidou mais...

Isabel: Cuidou mais. Está bem mais cuidado que antigamente. Então, e do mais a gente a precisa. É isso que tô falando.

Marcela: Mas do que as crianças brincavam? Vamos voltar para aquela época, aí você falou que ficavam na casa, um visitava o outro, vocês faziam festa, churrasco essas coisas no final de semana?

Isabel: É, festinha, churrasco no final de semana, muitas vezes tinha aniversário a gente participava e cada um levava uma coisa, essas coisas e tudo assim, né? Depois foram evoluindo, foi fechando os muros, as pessoas ficavam mais no seu pedaço, cada um no seu quadrado. E que mais eles faziam... as crianças brincavam assim de bicicleta, pipa, aqui nesse campinho que eu falei que é onde a igreja agora, as crianças brincavam de bola ali, aí fizeram uma quadra com vôlei e essas coisas, aquela bola com cesto lá...

Marcela: Onde é essa quadra?

Isabel: Aqui na rua Canário.

Marcela: É lá que tinha a capoeira?

Isabel: A capoeira fica na rua Ema.

Marcela: Agora, mas naquela época não teve uma história que tinha quadra e puseram lâmpada, luz na quadra.

Isabel: Tinha a quadra, puseram luz na quadra, aí eles jogavam futebol a noite, e participava. Tinha capoeira sim, tinha capoeira, era um centro social onde as pessoas se reuniam para falar assunto do bairro, por isso que eu falo que o seu Tavares entra aí, porque ele foi o primeiro morador a se posicionar em fazer muita coisa para o bairro. Na época dele ele fez mesmo, fez coisas maravilhosas, o asfalto

principalmente. Através dele e do Chico Amaral, ele parece que trabalhava na prefeitura e parece que ele conversava, tinha muita amizade ali, através dele mexeu bem aqui no bairro.

Marcela: Que ano foi?

Isabel: Seu Tavares desde o começo...

Marcela: Mas aí não existia a associação de moradores? Vocês que criaram?

Isabel: Não existia, eles que criaram. Aí teve o postinho de saúde, o primeiro aqui na rua Sabiá. Duas quadras acima na terceira casa. Aí ficou muito pequeno aí foi lá para o Castelo Branco, ampliaram e fizeram maior. Foi lá pro Castelo Branco, perto lá do CAPS e essas coisas. Tem a sede, uma sede aqui, onde as vezes as pessoas se encontram, tem ainda capoeira...

Marcela: Da rua Ema que você está falando?

Isabel: É da rua Ema, ainda tem.

Marcela: Lá eu sei que ainda tem capoeira, que é o Ibaô.

Isabel: Tem. De vez em quando... tem uma senhora que tem um centro de candomblé, não sei, e eles descem pra baixo fazendo coisas assim...

Marcela: Manifestação afro...

Isabel: É da afro. É muito bacana, também é a única coisa diferente que eu vejo.

Marcela: Ah é?

Isabel: É, e tirando isso tinha aquelas festinhas, agora que graças a Deus, temos um templo para cá que cercaram embaixo, na Pelicano. Aquilo ali era tudo... era tudo desativado ali. Era mato e mais mato, agora não, fizeram lá tipo de uma praça de esporte, de campo. Às vezes de domingo a gente ouve fogos assim, que acho que tem torneio, né? De futebol, isso daí. Ai agora eu sei que tem aquelas danças nessa... no centro social, como é que chama...

Marcela: No Ibaô?

Isabel: Praça dos trabalhadores, e tem outras atividades, né? Com as pessoas de idade e essas coisas. Ai que eu falo, que precisava melhor aí, e colocar a piscina que é para os velhos faze natação, esse tipo de coisa aí...

Marcela: Lá é muito usado, pouco usado, como é? Não a piscina só, mas...

Isabel: É muito usado sim, porque parece que ali tem aula de... como é que fala? Aulas de trabalho de pintura e essas “coiseras” aí. Eu não participo, não tenho tempo e não participo. Então, agora tem pessoas como a Toninha, a Toninha participa lá na quadra de esportes deles fazendo dança e essas coisinhas aí...

Marcela: Agora ela está parada...

Isabel: É, ela está parada porque tem problema no joelho que ela operou e tal. E essas coisas aí, pouco participo aí...

Marcela: E essas crianças? Foram crescendo, daí eles faziam alguma coisa de atividade aqui ou quando pensavam em lazer, em passear em cultura ia pra fora?

Isabel: Ia pra fora.

Marcela: Ia pra onde?

Isabel: Pro Taquaral, o Taquaral é um centro que todos vão. Iam para o Taquaral, iam lá pra Feira Hippie. Eu lembro que minhas filhas elas foram criadas assim, de sábado iam para a Feira Hippie, voltavam e de domingo passeava no Taquaral. Andava de bicicleta pelo bairro, ia as vezes na John Boyd Dunlop. Voltavam, e foi assim, eu criei as minhas filhas nesse sistema.

Marcela: Estudavam aqui?

Isabel: Estudavam numa escola aqui, no Mário Natividade. A minha neta estuda aqui no Mário Natividade, que foi uma escola muito boa. Muito boa, então, mas agora deixa a desejar também, porque muita marginalidade. E a gente nem pode nem está comentando, né? Mas de resto... aí abriram um bairro aqui, embaixo, também é nome de pássaro. Como é que chama? Largo dos Pássaros, alguma coisa assim... tem gente muito boa, já foi da pesada.

Marcela: É o que é? Ocupação?

Isabel: É ocupação, foi uma ocupação que depois o prefeito da época deu o terreno e tal...

Marcela: Regularizou...

Isabel: Regularizou... Recanto dos Pássaros, mora muita gente boa, eu não sei qual a atividade deles ali, mas tem muita gente legal...

Marcela: E ele surgiu junto com o bairro? Ou depois...

Isabel: Depois, anos depois.

Marcela: Porque aqui todas as casas são da COHAB, todos os prédios, não tem casa que não seja?

Isabel: Não.

Marcela: Tudo foi construído pela COHAB?

Isabel: Pela COHAB, tudo pela COHAB Campinas. Então...

Marcela: E já tinha comercio aqui?

Isabel: Não tinha comercio, a rua do comercio na época, quando abriu aquela terceira etapa que teve o apartamento, é na rua Ema, ali era o comercio. A gente tinha uma feirinha, que agora não tem mais, só tem uma barraca de sexta-feira do pastel. Que a turma reúne ali e fica na praça comendo pastel assim. Tem a pracinha ali... eu não participo, mas fica muita gente ali de sexta-feira, de sábado, ou quando vem algum movimento... esse movimento afro aí que eles falam tocar aí, participa e fica tudo ali, sabe?

Marcela: E isso faz tempo?

Isabel: Que tem essa atividade? Faz. Já faz bem. A feira foi desde do começo, aí depois fechou a feira...

Marcela: E essas atividades...

Isabel: E essas atividades continuam, né? Falar na realidade faz muitos anos que eu não desço ali no centro social, que eles falam aí, não sei nem como se está lá dentro, depois que eu mudei lá do meu apartamento eu não... dificilmente... é o que eu falo, eu não ando...

Marcela: Está mais pra cá...

Isabel: Mais pra cá, fico aqui, minha família vem pra cá de sábado e domingo a gente fica no papo, não vai atrás de mais nada. É isso aí. É como diz, é pouca participação, né?

Marcela: E nesse momento que o seu Tavares pôs asfalto, teve essa quadra, aí as pessoas iam lá...

Isabel: Na quadra...

Marcela: E aí tinha um povo que fazia outras atividades além de esporte? Fazia coisas culturais assim? Tinha parte de música? De dança?

Isabel: Nessa quadra não. Aonde teve muita coisa de música e de dança foi nesse centro social. E agora lá na praça dos trabalhadores.

Marcela: E o centro social era quem que cuidava disso? Você lembra?

Isabel: Então, na época eu lembro que na época foi um comércio lá dentro, que a gente não tinha comércio, aí foi aquele comércio, aí depois os comerciantes, quando surgiu aqueles predinhos com aquela área de comércio embaixo, os comerciantes já saíram de lá e foram cada um para o seu pedaço que comprou da COHAB e tal. Que agora as vezes até prejudica um pouco a gente, em parte de bar, sabe? Tem uns bares que castigam o dia inteiro, até altas horas da noite, está prejudicando mesmo, as pessoas falam, né? É o que eu falo, eu estou aqui em cima eu não vejo nada lá embaixo.

Marcela: Mas faz parte da COHAB também?

Isabel: Faz parte da COHAB, eu acho que a COHAB tinha que tomar uma providência, não deixar no abandono, porque é o que eu falo, aqui é um bairro bom, se melhorar nossa, tem muita gente que sai de longe para vir para cá, para morar aqui, sabe? Igual lá no meu apartamento já veio moço do Maranhão, quando eu mudei veio um rapaz do Maranhão, eu aluguei pra ele e ele morou 4 anos e 9 meses. Fez doutorado na Unicamp, aí ele voltou para São Luís do Maranhão e hoje ele está no Canadá. Que ele fez o doutorado e se especializou em negócio de... não sei se é hidroelétrica, não sei o que é, ele é professor e dá aula no Canadá.

Marcela: Tem contato até hoje?

Isabel: Tenho, quando ele sai do Canadá e vem pro Maranhão, ele liga. Quando ele vem em São Paulo ele passa por aqui. É gente boa, muito boa.

Marcela: E você acha que tem muita gente daqui que é de fora? Que aluga e não é da COHAB daquela época? Você falou que muita gente foi embora. Então mudou muita gente do bairro?

Isabel: Mudou muita gente, mas assim, os novos. Os filhos que vieram, cada um foi estudando, casando e saindo fora.

Marcela: Ninguém ficou? Pouca gente ficou?

Isabel: Pouca gente ficou, que é que a gente sabe. E aqueles que ficaram...

Marcela: Sua filha?

Isabel: Ela mora, mora junto comigo. Porque ela teve um casamento que não deu certo, né? Quando ela sofreu um câncer de seio o marido abandonou ela. Coisa besta, né? Então, mas minhas duas filhas moram aqui no bairro. Minha filha, uma... a mais nova morava lá no Cambuí. Ela está morando aqui de novo e ela fala "gosto daqui mãe".

Marcela: Aqui é muito...

Isabel: É gostoso, é um lugar quieto. Sossegado se for ver. Se for ver as três ruas mais movimentadas que tem aqui é a rua Pelicano, a rua Ema e a rua Pardal, onde desce ônibus, que de resto você vê pessoa na calçada a noite, desfrutando da... da vida...

Marcela: Isso ainda tem? Da pessoa que senta na rua? Isso é gostoso...

Isabel: Ainda tem, Tem. Na rua da minha mãe principalmente, as pessoas, lá na rua Condor, você passa a noite e vê as pessoas sentadas assim, conversando. Tem um casal que faz churrasco com outro casal, eles são pessoas mais novas que a gente, mas faz churrasquinho na calçada ali... participa, são participantes. Nessa rua aqui já não pode se dizer tanto. Porque aqui é uma área de acesso, onde ela vai pro centro...

Marcela: Passa muita gente...

Isabel: Passa muita gente, desconhecido, passa pessoas aqui que a gente não conhece. E dá medo, né? Eu sento ali de fora, mas do lado de dentro da grade. É medo, né? Mas também não pode ter tanto medo assim... mas é essas coisas assim, é o que eu falo, se você quiser saber uma história antiga nada melhor que o seu Tavares para contar...

Marcela: Eu quero saber várias histórias. Falar com várias pessoas...

Isabel: Porque ele...

Marcela: Seu Tavares também, se você puder me indicar...

Isabel: Eu levo você nele lá, ele é muito bacana, uma pessoa assim, que vou te falar, a gente deve muito para aquele homem, e para a Dona Shirley também, a esposa dele. São pessoas maravilhosas, religioso, os dois. Ajuda muito a turma jovem, através do seu Tavares a gente tem conhecimento que tem pessoas que moram fora do Brasil, porque ele participa de um negócio de mórmon lá, e ele ajuda muito as pessoas que vem de fora. E manda as pessoas daqui pra lá e tudo jovem...

Marcela: Até hoje?

Isabel: Até hoje. Gente muito bacana, eu posso levar você porque aquele lá é um historiador. É a história do bairro.

Isabel: Tem coisas que não me lembro assim, quer dizer de momento eu não me lembro, mas coisas assim, eu participei quando morava no prédio, eu cuidava tanto do meu prédio que era o melhor prédio que tinha ali. Era muita planta, arborizado, eu saí de lá a turma arrancou tudo. Tacou cimento, virou um... morar em cima de pedra, eu não gosto disso. Eu gosto de planta, eu gosto de árvore, eu gosto de ver natureza. Tanto que as vezes eu saio fora que é pra mim ver lá fora como está, mas ali já não está tendo jeito.

Marcela: E no prédio vocês faziam coisas?

Isabel: Fazia sim, fazia festinha, cada criança que fazia aniversário a gente fazia uma festa. Eu era muito de fazer bolo, salgadinho, essas coisas e tal. A gente não esquecia do aniversário de ninguém, tinha aquela lista do mês lá, aniversariantes do mês, ia e fazia festinha. Ninguém saia triste. Então era bem participativo. É como eu falei, que depois foi cada um mudando. Foi mudando, foi morrendo. Morrendo as

peessoas mais velhas, na realidade a única velha que eu acho que ainda existe da época é eu, uma moça que chama Lindalva. Senhora, moça não. Eu falo moça, mas é sessenta e tantos anos igual eu. A Lindalva, a Fátima. E o de resto mudou, morreu uma família inteira. E é assim, é continuo, vai mudando o ciclo da vida, essas coisas aí...

Marcela: Está aqui há quase 40 anos...

Isabel: É, 40 anos. E religiosamente a gente participou na construção do barracão da igreja Maria Mãe do Povo, depois de anos fizeram a igrejinha da Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. Agora tem aquela praça que segue em frente, que eles fizeram. Como eu tô te falando, aquela praça, ali era um buracão no puro mato. Onde as pessoas, como diz, eu vi muita coisa ali, naquele lugar. Vi coisa que na época da falta da carne, a turma matava cachorro e jogava. Uma vez eu vi um cheiro ruim e fui procurar onde estava aquele cheiro, aí eu e minha amiga, nós fomos lá e tinha dois sacos cheio de cabeça de cachorro. Nós chamamos a polícia na época, porque a gente não sabia de onde vinha aquilo, de onde originou aquela... só a cabeça. Então...

Marcela: Porque? Eles comiam o resto?

Isabel: Eu não sei o que fizeram com aquilo lá, nos não sabíamos. Eu não sei o que fizeram com aquilo lá...

Marcela: Mas continuou acontecendo?

Isabel: Não porque depois daquilo começaram a limpar, a gente começou a exigir que eles limpassem aquilo ali. Que deixassem limpo, porque não era justo, chegou a morar uma família de pessoas assim, acho que veio de longe, no meio do mato, debaixo de uma árvore. Então, a gente começou a exigir que limpasse. Depois eu mudei de lá, eu...

Marcela: E agora como está lá?

Isabel: Está limpo. Construíram, fizeram uma praça, fizeram o canteiro pra pessoa fazer caminhada.

Marcela: Isso aonde?

Isabel: Ali na rua Pelicano, no meio da Pelicano e a Castelo Novo. São duas ruas. No meio também tem a polícia de prefeitura...]

Marcela: A guarda...

Isabel: O guarda noturno. Ficou muito bom, deu assim, começou a melhorar nessa época. Que eles puseram a guarda noturno. Essa guarda municipal, quer dizer. Porque parece que impôs mais respeito no bairro. Ai que a gente viu que foi saindo aqueles maus elementos e foi chegando pessoas bem melhor.

Marcela: Que moravam?

Isabel: Que moravam.

Marcela: Porque você falou que teve um momento no bairro que não foi bom, é isso?

Isabel: É isso aí.

Marcela: Década de 90, 80?

Isabel: 1995 não foi bom. Foi uma péssima época de 90 a 95. Ai depois foi dando uma amenizada. E depois foi mudando assim, acho que vereador, eu nem sei se tínhamos vereador nesse bairro, não chegamos a ter. Tinha sim no outro bairro que...

Marcela: No Castelo Branco?

Isabel: Do Garcia, que o atual agora que rege toda essa região é o Schneider [verador]. É bom, só que assim, faz mais benefícios para aqueles lados, aqui fica a desejar...

Marcela: Aqui não tem exatamente uma liderança agora. Isabel: Não, eu acho que a gente teria que ter mais... como diz, mais limpeza no bairro. Eles tão limpando, como diz assim, catando os trecos aí, cata-treco, reciclagem, está fazendo, mas tem coisa assim igual árvores, tem arvores que precisa de uma poda e limpeza já de imediato, né? As vezes fica, você passa e vê os bueiros cheio de coisa em cima. Às vezes eu só até meio intrometida, se eu vejo um bueiro todo lascado, tudo cheio de coisa, eu pego um pau eu vou tirando e pondo num lugar que eu vejo que não vai prejudicar,

tipo esse negócio aqui da Petro³⁴ aqui, então eu ponho ali que eu sei que a Petro uma vez por mês, ou a cada dois meses ou três meses, eles vêm e fazem a poda e junta tudo e leva.

Marcela: E de festa do bairro? Que que tem?

Isabel: Menina, vou te falar a verdade que eu acho que não vejo nada.

Marcela: Igreja?

Isabel: A igreja tem uma vez por ano duas. Igreja católica, igreja evangélica você não vê eles fazendo nada assim de diferente. Ouço assim, de vez em quando, um falatório na praça do esporte. Teve acho que festa de criança esses dias no domingo, na segunda-feira.

Marcela: De antes também não?

Isabel: Antes não tinha, tinha assim, é o que eu te falei, essa coisa de capoeira, esse joguinho ali, que agora já é lá pra baixo. Mas fora disso não tem muita coisa, não deixa a nada desejar. É o que eu falei, tem bairros mais novos que o nosso bem mais em atividade, igual tipo o Anchieta. Um bairro que começou pequeno igual o nosso. Ele progrediu. Ele era pequeno, ele progrediu assim. Fizeram muita coisa, fizeram teatro, fizeram hospitalzinho que tem, aquele pronto-socorro lá da Anchieta, tem muita coisa que deveria ter também nesse bairro. E não temos, não sei se o bairro é pequeno, acho que tem 3 mil e poucas residências.

Marcela: Umas 10 mil pessoas. 3 em cada.

Isabel: Eu não sei, deve ser mais ou menos isso. De resto, nada a desejar, desejo que aqui tenha alguma coisa melhor, né? Porque não tem. Também é só isso, tirando esse comércio aí.

Marcela: E esse passeio que você falou que suas filhas faziam era mais pra John Boyd... o Enxuto já existia? O Enxuto não, o Unimart já existia?

Isabel: Não, isso aí. Minha filha mais nova está com 40 anos. E a outra com 43. E não existia, os passeios delas eram no Taquaral, ali no Largo do Rosário quando tinha alguma atividade, lá no Largo do Rosário, na feira Hippie ali no.... não tinha coisas assim, não tinha. E essas coisas, e o mais historiador, que pode te contar

³⁴ Fez referência dutos que passam pela avenida, da Petrobrás.

tudo, que ele tem tudo acho que em relato é o seu Tavares. E o seu Tavares ele mora ali na, como chama, na rua Canário... não é. Canário ali, é na última rua, é na última casa lá embaixo, ali se você perguntar por seu Tavares todo mundo conhece. Seu Tavares é uma figurinha fácil. Ele é uma pessoa maravilhosa. Se você for lá ele vai te contar um livro de histórias sobre o nosso bairro, porque ele tem todos, ele tem tudo documentado assim, uma pessoa divina.

Marcela: Qual é a rua que ele mora? Você não sabe o nome?

Isabel: É rua da fazendinha. Ai meu Deus, como chama aquela rua? Rua da Fazenda. Se você descer aqui, entrar naquela rua que tem a Transamazônica, começa a rua Biguá, você vai até o fim, você vai ver a porteira da fazenda, aí você vira à direita, é na última casa antes do...

Marcela: E tem uma porteira de uma fazenda?

Isabel: Tem uma porteira de uma fazenda.

Marcela: E essa fazenda existe?

Isabel: Essa fazenda é do Mokarzel. Existe. Tanto que ela existe lá em cima, que ela existe lá embaixo. É uma história, essa fazenda é uma história. De fato, a fazenda parte grande mesmo, ela está lá embaixo. Você teria que descer e ir lá no fundo. E eles moram lá ainda. O filho dos filhos, não sei, do Mokarzel. Moram ali, e a outra parte é arrendada pro.... como chama? Dirceu? Conheço ela, a Betty. A Betty que saia uns 20, 25 anos que eles arrendaram ali para benefícios deles mesmos, né? Porque no bairro não tem benefício nenhum, só o cheiro dos bichinhos, é só...

Marcela: É o afoxé?

Isabel: É muito bonito, menina, é lindo de se ver mesmo. É assim emocionante. Para quem gosta, né? Tem pessoas que nem ...acha que aquilo é coisa de macumba, não dá muita atenção, mas é bonito.

Marcela: Tem gente que é contra?

Isabel: Tem pessoas evangélicas, né, geralmente que a gente vê. Eu acho lindo, tanto é que quando sai, eu vejo que está aí, que eles vão descer, meu neto, minha neta, minha filha, a gente acompanha eles, onde eles vão.

Marcela Ah, eu quero ver.

Isabel. Você vai ver, é muito bonito, lindo mesmo. Eu gosto e umas amigas minhas que moram lá embaixo também gostam, a Toninha e o Nelson também gostam, a Elza, Terezinha.

Marcela E faz tempo que tem?

Isabel: Ah, já faz hein, faz um tempinho bom.

Marcela: E eles sempre passam no bairro?

Isabel: Sempre, eles saem daqui, descem, dão uma volta lá embaixo, e sobe a rua Ema e ficam lá na Praça, cantando, dançando... e é muito bonito, lindo mesmo. E de vez em quando também eles vão lá para o centro da cidade, vão lá para a Cultura e descem a 13 de maio. Eles descem, fazem o ritual deles, e depois sobem cantando. Muito bonito, eu gosto demais.

Marcela: Também acho bonito, a capoeira também tem um movimento bonito...

Isabel: Tem a capoeira também e tem tudo aí, tem aquele também da praça dos trabalhadores, não sei se você conhece.

Marcela: A Tainã? Ali já é Castelo Branco?

Isabel: Ali não é o Nóbrega? Por que a escola é do Nóbrega, a praça também é do Nóbrega.

Marcela: E os frequentadores? São do Nóbrega ou do Castelo Branco? Ou dos dois? É bem na divisa, né?

Isabel: O Castelo Branco é da parte da rua Castelnuovo para lá, que não é a praça. A praça é do Nóbrega, situada no Nóbrega. A idéia que tem ali da escolinha de criança, Emília Ricci, o grupo aqui, o Mário Natividade, os prédios, pertencem ao Nóbrega. A rua Formorao lá em cima, para baixo, é o Nóbrega. Então quer dizer, que aquilo ali faz parte do Nóbrega. Aquela escola de samba, Rosa de Prata é do Castelo Branco, que é para lá... eu não sei quem frequenta, porque é o que falei para você, eu pouco saio... não sou muito de sair.

Tem o cara que fica ali direto, faz várias atividades...

Marcela: O TC?

Isabel: É, ele é pai de uma amiga nossa, a Laila, mas tem muita gente que pode expressar mais que eu, igual o Tavares, aquele cara é bárbaro, é maravilhoso. Então, esses dias eu vi ele descer, mas não deu tempo de ir falar com ele, estava ele e a Shirley, quando vi eles já estavam longe.

Marcela: Eu queria entrevista-lo sim, você tem o telefone?

Isabel: Não, é só ir lá, ele vai te atender, fala, “senhor Tavares, to fazendo uma pesquisa com moradores antigos”, pode falar que a Isabel, filha do Senhor Moisés e da Dona Aparecida, disse que o senhor é uma pessoa importantíssima para ser entrevistada. E a Vani [nome civil de Mãe Iberecy], ela tem muita coisa para contar.

Marcela: Ah, to aguardando para falar com ela sim.... Queria te perguntar mais sobre essas manifestações, o que você lembra daqui, do Nóbrega, contar um pouco do terreiro, o que você lembra?

Isabel: eu lembro assim, eles são pessoas participativas, a família toda, são cantores, são assim sabe eu sei que tem uma das irmãs dela, às vezes eles cantavam aqui do lado, porque eles moravam em frente à casa aqui debaixo, na outra debaixo, aqui, era tudo aqui, então sei que quando começavam a ensaiar para algum evento, aqui enchia de gente, era muito gostoso até. Aí depois a senhorinha que morava aqui, que é a mãe da Vani, mudou, foi para a casa da Vani, então quer dizer, está tudo ali. Eu vejo um movimento, principalmente a noite, do candomblé deles, acho que de segunda e de quinta ou sexta.

Marcela: É aqui na rua?

Isabel: É, aqui na rua Canário, e enche de carro, vem gente de longe, ela, acho que deve ser uma mãe de santo muito boa, porque é muita gente, tem gente. Diz que vem gente aí do Brasil inteiro, de tão boa que ela é. E ela é uma pessoa sincera, sabe, eu vejo muita sinceridade na Vani, porque para começar, além de amiga, eu costuro para ela há muito tempo e a sinceridade e a amizade dela é muito boa, a família toda. E a família toda é festeira, sabe. Pessoas que participam de tudo no bairro.

Marcela: Ela também?

Isabel: Ela também, ela canta, chegou a gravar CD de axé, é, bonito, cantam bem, gente boa mesmo.

Marcela: E você acha, pelas suas lembranças, quando ela chegou no bairro, como o bairro recebeu, essa questão do candomblé? Como o bairro olha para o terreiro?

Isabel: As pessoas tem o maior respeito por ela, um respeito muito grande, mesmo ela sendo desse candomblé. Porque todas as pessoas que passam aqui e falam: “olha como está cheio lá na Vani”, o pessoal fala, quem é bom sempre prevalece. Está aí, ó, além da simpatia, a família tem uma afinidade muito grande com as pessoas do bairro. A gente não tem do que reclamar, ninguém ali.

Marcela Ninguém reclama do barulho, nem da manifestação? Em nenhum momento?

Isabel Nunca reclamaram, é o que eu falo, tem aqueles preconceituosos.

Marcela Existe no bairro? Ela sofreu algum preconceito?

Isabel: Existe, eu nunca vi, essa parte eu não vi não, mas existe. Porque quando ela sai, assim, bonita, bem vestida, com aquelas roupas, chega a ser até exuberante. Então as pessoas admiram até, porque é uma beleza diferente, o fato de elas serem negras e não terem preconceitos nem racismo, isso que eu admiro também neles. Porque as pessoas não podem ter tanto preconceito ou racismo, né? E eles são gente “normais” (sic) e leva a vida maravilhosamente bem.

Marcela: E no bairro todo mundo sabe? Se perguntar onde é o terreiro?

Isabel: O terreiro da Vani, todos sabem. Na verdade, é Iberecy o nome dela, o nome do como é mesmo dela lá?

Marcela: lalorixá?

Isabel: É Iberecy que ela fala, as vezes está com o celular na mão, ela atende Iberecy. Ela é muito famosa em Campinas e outros lugares aí. Ela é da faculdade, da federação espírita lá de SP, vai toda semana para lá, para fazer o estudo, você vê que ela é bem atualizada no estudo dela.

Marcela: Eu a conheci agora.

Isabel: Você vai ver que pessoa boa, maravilhosa. Eu gostaria que você entrevistasse ela sim, porque ela tem história.

4.5 TAVARES

“...eu não troco camisa, respeito aquilo que faço e terceiro, não sou vira-casaca e acabou. Não fico espalhando por aí, o que fiz.”

Senhor Tavares foi indicado ou citado por alguns moradores que foram entrevistados, entre eles: Mestre Marquinhos, David, Isabel, Senhor Ademar, Senhor Sebastião. Fundou a Sociedade de Amigos do Bairro (SAB) e trouxe melhorias para o bairro.

Bati na porta e o senhor Tavares veio atender, sorridente, com a chave na mão. Comecei a falar com ele, me apresentar e falar sobre a pesquisa, ele ia abrir o portão quando sua esposa gritou de dentro para ele entrar, perguntou quem era e me pediu para voltar depois. Saí e voltei em meia hora, quando fui atendida.

O casal foi muito atencioso comigo durante o tempo da entrevista, demonstrando uma certa felicidade ao relembrar o passado e receber visitas. Dona Shirley nos acompanhou durante a entrevista. Ao fim da gravação, me apresentaram a casa, ofereceram refrigerante e nos despedimos.

O senhor Tavares, apresentava uma sequela perceptível de comprometimento motor, com dificuldade de fala e movimentos corporais limitados, andava com dificuldade, com pouco equilíbrio. Durante a entrevista mostrou muitas fotos da época que era presidente do bairro e ficava com o olhar perdido nas fotos. Falava de seus feitos como presidente do bairro com muito orgulho e foi auxiliado por sua esposa, dona Shirley, em alguns assuntos, pela aparente dificuldade de fala.

Marcela Como foi esse começo senhor Tavares, o senhor chegou aqui para morar?

Tavares: A gente formou uma associação amigos do bairro

Marcela O senhor teve a ideia de formar junto com outras pessoas?

Tavares: Não, puseram-me como presidente. O povo precisa trabalhar, trouxe várias coisas para aqui, iluminação, quiseram banheiro, consegui banheiro.

Marcela: Conseguia com quem, com a prefeitura?

Tavares: Sim, com a prefeitura. O salão lá embaixo da rua Ema fui eu que consegui, várias coisas que a gente realizou. Os campeonatos na quadra, futebol, festa junina, tudo para as crianças. Depois fui presidente da fundação da Consabs (Conselho de sociedade de amigos de bairro) de Campinas ... e fomos trabalhando...

Marcela: Aqui no bairro eu soube que tinha – entrevistei algumas pessoas – uma contou sobre o moço que dava aula de capoeira, dava aula de capoeira em uma quadra, e que tinha luz, porque não tinha luz na rua. Se o senhor quiser contar sobre isso, não tinha luz na rua?

Tavares: A gente trouxe iluminação para a quadra, tinha vários esportes, vôlei, basquete, futebol de salão. Nós preparamos tudo aqui, para as pessoas, nós queríamos.

[Esposa fala que eles tinham filhos pequenos nessa época]

Marcela: Eles (os filhos) participavam da programação?

Tavares: Todo mundo participava.... Fui buscar fotografias...

Tavares: A primeira presidente da Cohab.

Marcela: O senhor lembra o nome dela?

Tavares: Isso foi uma festa de Natal.

Marcela: O Pessoal fazia papai Noel

Tavares: Entrega do presente

Marcela: O que estava acontecendo nessa reunião, era para lançamento do bairro?

Tavares: era para ceder o espaço para a Associação... O coral...

Marcela: Aqui é a escola? Qual escola é?

Tavares: Aquela escola lá.... Foi o aniversário da escola e eles me deram...

Marcela: O senhor foi presidente por mais de uma gestão?

Tavares: Está vendo, foi o aniversário da escola e eles me deram [uma homenagem aparece na foto]. Eu fui o fundador e depois eles me chamaram de novo.

Marcela: O senhor Tavares é muito “falado”, todo mundo disse que eu tinha que entrevistar o senhor. Falam muito bem do senhor. Muita coisa do que aconteceu no bairro foi o senhor que participou? [Ele continua mostrando as fotos...]

Tavares: Ali continua a entrega...

Marcela: Essa foto aqui não é da folia de reis? Sim, é a Folia...

Tavares: É, a folia de Reis, mas essa festa é tudo aqui no bairro. Aqui foi natal, fizemos um papai Noel e o Jesus Cristo...

Marcela: É um presépio vivo?

Tavares: A mãe, a Maria, o José... [risos] Aqui a foto do Zé Roberto³⁵

Marcela: E essa mesa de bilhar? Onde era?

Tavares: Acho que era lá mesmo. Era tudo ali. Tudo ali na sede. O pessoal aproveitava.

Marcela: Essa é a quadra?

T. Não, aqui é a escola.

Marcela: E a quadra, a quadra não existe mais?

T. A quadra venderam, a Cohab vendeu.

Marcela: Fotos do coral?

Marcela: tinha bastante criança nas fotos? Tinha bastante criança no bairro?

Tavares: tinha viu.

Tavares: Esse era o presidente da Cohab..

Marcela: O senhor gostou da experiência de ser presidente?

Tavares: Ajudar o próximo é sempre muito bom. Ajudei as famílias todas. Veja bem, você vai aqui no bairro, todo mundo me conhece: ô, o Tavares, ô o Tavares.

Marcela Eu perguntei na rua, onde mora o Senhor Tavares? Me indicaram.

Tavares: Nós fomos os primeiros a mudar para cá, em 1975.

³⁵ José Roberto Magalhães, prefeito de Campinas de 1983 a 1988 e de 1993 a 1996.

Marcela: Logo quando o bairro surgiu, uma das primeiras casas? E sempre foi essa? Vocês já moraram em outra?

[Dona Shirley fala: Sempre foi essa e ele não quer mudar daqui. Ele é economista, formado em Coimbra, o irmão dele quer que ele vá para lá, ele não quer ir].

Marcela: O senhor gosta de morar aqui?

Tavares: Eu gosto de Campinas. Desde menino, inclusive eu recebi um cidadão campineiro*, da Câmara. Pelos serviços prestados em Campinas.

Marcela: Que legal. Por conta dessa experiência do Nóbrega?

Tavares: Por tudo, o Consabs, que eu ajudava também, fui presidente do Conselho da CPFL. Tudo isso para que? Para ajudar o outro. Em Campinas, o povo me conhece.

Marcela: O senhor morava onde antes do Nóbrega?

Tavares: Nós morávamos na Vila Mariana.

Marcela: Em São Paulo? O senhor nasceu em Lisboa?

Tavares: Vim para o Brasil em 1955.

Marcela: O senhor nasceu em Portugal, veio para o Brasil em 1955?

[Dona Shirley diz que veio em 1959].

Tavares: Com 29 anos.

Marcela: O senhor é de 1930?

Marcela: Aí o senhor veio para o Brasil para Campinas?

Tavares: Não, desci em Recife, de lá fui para Belo Horizonte, de lá para o Rio. Em 1964 vim para Campinas. Eu trabalhei no Banco Real, no Banco América do Sul, depois fui para Manaus. Onde tivemos nosso filho, depois viemos para Campinas. Não quero mais sair daqui.

Marcela: Então o senhor foi para Manaus, mas já morava em Campinas? Em Campinas veio de volta em 1969 Foi e voltou?

[Dona Shirley conta sobre a transferência do trabalho do marido. Voltou em 1972 e queriam transferi-lo para o Maranhão e ele não aceitou]

Marcela: Aí o senhor veio para que bairro de Campinas?

Tavares: Vila Marieta, Vila Nova, aí já conseguimos essa casa, com o prefeito Chico Amaral. Trabalhei como gerente no Banco América do Sul e entrei na prefeitura, fui um dos fundadores da secretaria de transporte, junto com um colega, em 1980. E a vida foi andando...

Marcela Em 1980 o senhor já morava no Nóbrega? Mas aí essa passagem, da Vila Nova para o Nóbrega, vocês se inscreveram no programa da Cohab?

Tavares: Foi bem engraçado, era por meio de sorteio... porque fui um dos primeiros a tirar o papel, a ser sorteado, e foi a última casa a sair...

Marcela: O senhor continua me contando por favor, aí veio o moço aqui, convidou o senhor...

[Dona Shirley, interrompe e conta: “Sabe, aí a gente ficava aqui vendo televisão, com as crianças, eu até não queria ficar aqui, eu achava que aqui era provisório, era provisório, aí de repente veio um moço aqui, o moço bateu... “olha... a gente gostaria de conversar com o dono da casa... a gente gostaria de montar uma sociedade de amigos do bairro aqui e a gente vê que ele é uma pessoa muito assim gentil, simpático... Será que ele não aceitaria participar? ” Aí eu disse: aceita Zé, fica só aí vendo televisão... vai aceita”... e ele trabalhou bastante, ele é muito decidido...]

Marcela: Senhor Tavares, o senhor continua me contando... a dona Shirley contou que vieram aqui convidar o senhor para a sociedade, para montar a sociedade de amigos do bairro

Tavares: Isso foi quando começou, eu já tinha uma certa idade, puseram-me como presidente...

Marcela: E já tinham as construções prontas? Os predinhos? Ou não tinha nada ainda... a sociedade veio antes?

Tavares: Não, só existia essa parte. A segunda parte não tinha, a terceira parte não tinha. Vieram depois.

Marcela: E o bairro foi bem atendido, nos pedidos para a prefeitura?

Tavares: É um bairro muito bom... a prefeitura sempre atendia.

Marcela: E quando vocês vieram, era um bairro novo, tinha escola? Teve que construir a escola?

Tavares: Tinha a creche. Acho que é um dom meu fazer amizades.... Eu tinha amigos na prefeitura, inclusive prefeitos. E eles me ajudavam. Já existia a escola estadual.

Marcela: E como era senhor Tavares, as crianças estudavam, faziam atividades na praça? Na quadra.

Tavares: E hoje essas crianças são mães, avós

Marcela: Muita gente continua no bairro?

Tavares: Coisas que a gente não esquece... nessa escola (aponta para a foto), os alunos me deram um presente, lá embaixo...

Marcela: E na quadra, por que o senhor escolheu a capoeira?

Tavares: Foi mais tarde, foi lá na sede, o pessoal queria. Fazíamos lá na rua o dia das crianças, esportes

[Dona Shirley interveio, ela perguntou da capoeira, sabe o que é capoeira?]

Tavares: Eu sei o que é capoeira!

Marcela: As pessoas pediram? Como foi? Queriam capoeira na sede? Eles já faziam a capoeira no bairro?

Tavares: Foi diversão, tínhamos futebol de salão, fomos campeão em SP, aqui o Nóbrega.

Marcela: Os moradores daqui vieram todos de Campinas? Moravam em outros bairros e participaram do sorteio da Cohab?

Tavares; Havia o sorteio e as pessoas mudaram.

Marcela: E a casa estava pronta para as pessoas morarem? Já vinha com acabamento? Ou tinha que fazer tudo?

Tavares: Não tinha acabamento. A segunda parte foi em 1977. Aqui em 1975. Ali, aqueles apartamentos, foi em 1977. A outra, a terceira parte, lá em cima foi em 1979. [A esposa diz que foi em 1980]

Marcela: E tinha essa fazenda aqui?

Tavares: A Fazenda Ribeirão, ele foi prefeito, Mokarzel – A esposa corrige, ele não, o tio dele...

Marcela: em Barão tem família Mokarzel também, tem nome de rua.

Marcela: Então você me contou que as pessoas ficaram e hoje convivem todos? E o bairro, o que vocês acham do bairro? O que viram durante esse tempo no bairro O bairro melhorou, piorou, está igual? Como vocês percebem o bairro?

Tavares: Nós temos uma boa convivência bonita, sempre melhorando. Até uns anos atrás, para mim, o melhor bairro de Campinas, porque a família era unida, todo mundo ajudava uns aos outros. Agora cada um por si, e olhe lá.

Tavares: Uma coisa muito simples: todo mundo sempre me perguntou, o senhor conhecido, nunca foi político, candidato a vereador, pois bem, eu digo: eu não troco camisa, respeito aquilo que faço e terceiro, não sou vira-casaca e acabou. Nunca fui candidato a nada. Ajudei muitos políticos, trabalhei com políticos, mas nunca fui candidato. O prefeito que está aí hoje, ele e seus irmão, vinham fazer show aqui para nós. Não fico espalhando por aí, o que fiz, ajudei muitas pessoas.

Marcela: O senhor fez muitas coisas no bairro.

Tavares: As coisas que estão aí, fui eu que consegui. Eu tinha amizades e as pessoas acreditavam em mim. Não sou nenhum Zé Ninguém, sou formado em Ciências Econômicas.

Marcela: Imagino que em uma época mais difícil a construção de um bairro, é importante ter esse conhecimento?

Tavares: As pessoas ficam provando o que fizeram, eu não falo para ninguém. Se estão falando é porque viram eu fazer. Que eu falei, não falei.

Marcela: O senhor fez coisas importantes, conseguiu capitalizar essa movimentação do bairro e fazer com que as coisas acontecessem. E hoje em dia isso é muito difícil, pessoas que consigam fazer as coisas acontecerem.

Tavares: Hoje tem muitos assaltos, mortes, porque não existem mais sociedades de amigos do bairro. Outros tempos... piores.

Marcela: teve uma pessoa que eu entrevistei que disse que gostava do bairro quando as casas não tinham muros, que daí um olhava para o outro. Se viam. Ela acha, que quando os muros chegaram... antes sentava, conversava. E vocês? O que acham? Queria ouvir de vocês...

Tavares: A gente acredita muito no pai celestial. Essa casa nossa foi a única que não foi assaltada. Tal

Marcela: E existiam muitas religiões aqui no bairro? As pessoas conviviam? Católica, espírita, evangélica?

Marcela: Queria saber um pouco dessa convivência de vocês, porque além de trazer as coisas para o bairro, vocês também conviviam com as pessoas, o que as pessoas faziam? As crianças brincavam? Seus filhos? Cresceram, iam a outros bairros? Namoravam?

[Dona Shirley: Meus filhos namoravam na igreja só. Uma coisa que era bem gostoso aqui, eles colocavam uma cordinha no poste e ficavam jogando vôlei aqui, na rua].

Você quer mais água?

Tavares: A minha história dava um livro.... Importante é ajudar o ser humano. Dar aquele apoio, que nós todos precisamos. A gente tem que se ajudar mutuamente.

Marcela: Mas acho que o resultado de olhar hoje para o Nóbrega, ser um bairro tão gostoso, agora enquanto eu aguardava, dei uma volta na praça, a praça cheia, criança brincando, tinha uma rua fechada com a criançada jogando bola, isso já não se vê por aí.

Tavares: Já passou ali embaixo, onde tem a creche ali, lá embaixo, o centro esportivo dos trabalhadores, tem uma foto junto com o José Roberto (Magalhães

Teixeira), ele é para servir para os bairros Londres, Garcia, Nóbrega, Castelo Branco.

[Dona Shirley: Para ficar aquela coisa ali. Hoje tem aquela piscina que não deu certo, está feia, faz um espaço coberto, lugar para jogar tênis, sei lá, não tem o Taquaral? As pessoas não vão lá? Porque as pessoas não podem ir lá?]

Tavares: Desculpa a gente desabafar, mas as vezes a gente precisa.

4.6 SANDRA

“Ninguém é obrigado a gostar do tom da minha pele, mas acho que respeitar.... Eu acho que tem que respeitar. ”

Conheci dona Sandra em uma reunião no Ibaô com a comunidade do bairro para organizar os preparativos do Balaio das Águas, primeiro evento do ano na cidade que abre os festejos afro-brasileiros, com integração de grupos da região noroeste e de outros lugares da cidade.

Ela era bastante participativa durante a reunião e fui apresentada a ela. Ao saber que ela morou na Vila Castelo Branco desde criança e que viu a Vila Padre Manoel da Nóbrega “nascer” como ela disse, convidei-a a participar da pesquisa, me concedendo uma entrevista. Ela respondeu bem animada que sim e que teria muitas coisas a contar e trocamos contato para marcarmos nosso encontro.

Dona Sandra foi ao Ibaô para me receber, porém estava fechado e fomos ao apartamento dela para que ela me contasse. Eu tinha curiosidade de saber como eram os apartamentos, só conhecia as casas, em geral, já modificadas da planta original. Durante a pesquisa documental localizei a planta do imóvel, que se encontra nos anexos deste trabalho.

Dona Sandra começa a contar orgulhosa antes que eu fizesse uma pergunta específica.

Sandra: O Nóbrega, eu vi o Garcia e vi o Nóbrega nascer. O Garcia, acho que por causa da condição social do pessoal, apesar de não ter crescido muito, eu acho que o Nóbrega, em termos de crescimento ele está em melhor situação que o Garcia.

Marcela: Agora?

Sandra: Que o Jardim Garcia, agora.

Marcela: Mas antigamente o Jardim Garcia tinha uma condição melhor?

Sandra: Não.

Marcela: Nunca teve? O Jardim Garcia é loteamento, não é COHAB?

Sandra: É uma construção também por cooperativa, mas os recursos lá na Vila Padre Manuel da Nóbrega e o os recursos do Jardim Garcia não se compara. Por

exemplo, a gente tem comércio aqui, tem a sede, né? A pessoa não frequenta muito acho que por conta falta um pouco da divulgação, de trabalhar mais a população com essas coisas, mas o Jardim Garcia não tem isso....

Marcela: Não tem comércio?

Sandra: Não tem comércio, se tem, tem muito pouco. O Nóbrega tem mais, essa avenida você pode ver que é uma avenida do comércio, ao passo que o Garcia que começou primeiro não tem isso. Tem o supermercado lá longe e uma sede do Garcia agora pertinho da Guadalupe. Mas o Nóbrega cresceu bem mais em termos de comércio...

Marcela: A senhora viu os dois bairros se formando?

Sandra: Vi os dois. Eu tive aqui com oito anos.

Marcela: Que legal. No Castelo Branco?

Sandra: No Castelo Branco.

Marcela: Com seus pais?

Sandra: Com minha mãe.

Marcela: Sua mãe vinda da onde?

Sandra: É que eu nasci aqui em Campinas, mas nós fomos embora para Santos. Aí meu pai morreu lá, aí minha mãe voltou, nós éramos muito criança. Meu pai morreu tinha 36 anos, e aí minha mãe veio embora para Campinas. Aí fomos morar no São Bernardo, e do São Bernardo viemos aqui para o Castelo Branco. Eu tinha oito anos quando mudei aqui...

Marcela: E sua mãe foi sorteada na COHAB?

Sandra: Foi sorteada na COHAB, e aí nós viemos morar aqui. Então era pasto do Garcia, pasto da Vila Padre Manuel da Nóbrega. Aqui era um campo enorme, era uma pastagem enorme.

Marcela: Tinha vaca?

Sandra: Tinha...

Marcela: Gado?

Sandra: Tinha, tinha um matadouro aqui onde é o Parque dos Eucaliptos, era um matadouro, tinha uma fazenda. Nós íamos buscar leite aqui em cima...

Marcela: Essa fazenda é a que tem ainda?

Sandra: Não.

Marcela: Essa aqui do Mokarzel?

Sandra: Não, era uma outra fazenda. Então era um campo enorme, nós brincamos nessa pastagem aqui...

Marcela: Que legal!

Sandra: Muito bom. Tinha uma nascente, deixa eu ver onde que fica aqui. Tinha uma nascente nessa caída do bairro aqui, nesse espaço dos apartamentos lá, e aqui. E nós brincávamos nessa nascente.

Marcela: Que legal, que gostoso, nadava...

Sandra: Nunca soube nadar, mas pulava dentro da água.

Marcela: Era rasinho?

Sandra: Era mais ou menos, mas tinha uma nascente e nós brincávamos aqui, aqui era a nossa área de lazer, aí aos poucos foi construindo, construindo, foi povoando, foi povoando.

Marcela: Primeiro o Garcia?

Sandra: Primeiro o Garcia.

Marcela: Você lembra o ano?

Sandra: Aí, não lembro.

Marcela: Que aqui eu sei que é 76 aqui, fez 40 anos agora.

Sandra: Acho que 76... foi antes de 76...

Marcela: Aqui? Ou o Garcia?

Sandra: É. Aqui foi antes de 76, porque meu filho nasceu em 76. E já existia a Vila Padre Manuel da Nóbrega.

Marcela: É?

Sandra: Já. Era novo, mas já existia...

Marcela: Uma fase só?

Sandra: É. Já existia, porque o irmão do meu cunhado mora nesse bairro, desde que começou. Meu filho tem 39 anos... é acredito que uns 40 anos, 42 anos.

Marcela: Mas meio que na mesma época? [

Sandra: É, nessa época.

Marcela: A senhora estava grávida, estava...

Sandra: É. Começou um bairro e já depois começou o Nóbrega. O Nóbrega, por isso que eu digo que deve ter mais de 40 anos, porque eu tinha oito, faz 40, eu tenho 57. 49 anos que nós moramos aqui...

Marcela: No Castelo Branco...

Sandra: No Castelo Branco. Então faz uns 43, 44 anos do Nóbrega, por aí. E meu filho, me desculpa te interromper, meu filho com 5 para 6 anos vinha, eu trazia aqui na Hermínia Ricci, essa creche já existia e o Nóbrega começou primeiro. Então faz um pouquinho mais de 40 anos.

Marcela: Aqueles documentos que eu vi que tem um pouco essa fase aí. É que demoraram anos para eles conseguirem começar, né?

Sandra: É que na verdade é assim, é como eu lá no DIC, eles constroem, vende a casa pra população, mas a documentação oficial ela não existe, passado um tempo fica tudo registrado e acredito que a partir daí que o bairro começa a existir, entendeu?

Marcela: E como que é? O Castelo Branco já estava todo pronto, já existia tudo...

Sandra: Já existia.

Marcela: Mas também não tinha comercio?

Sandra: Não existia.

Marcela: E daí como faziam as casas? Como que as pessoas buscavam? Aonde?

Sandra: Nós íamos lá perto do Covabra, tudo que nós precisávamos... até transporte era lá perto do Covabra, um ponto que tinha perto do Covabra.

Marcela: Está, a John Boyd Dunlop já existia?

Sandra: Existia, mas assim, malcuidada. Sem asfalto, estava bem... bem começando mesmo, e nós subíamos a pé com muito barro, porque não tinha asfalto, era uma dificuldade enorme, mas tudo que precisava você tinha que subir até lá perto do Covabra, para comprar 1kg de açúcar tinha que subir, aqui embaixo não tinha. Ai depois na idade do meu filho de 4 anos, depois que meu filho completou, porque eu tive meu filho com 18 anos, com 4 anos, meu filho já tinha a idade de 4 anos, quando começou a ter o comercio ali por perto.

Marcela: Com a idade do seu filho dá bem para ter uma ideia de tempo, né? E você veio para cá e estudava aonde?

Sandra: Estudava no Carlos Lencastre, no Lencastre não, Antônio Fernandes Gonçalves, que hoje é Padre Silva, não é mais Antônio Fernandes.

Marcela: Ele? Ele estudou?

Sandra: A escola.

Marcela: Você?

Sandra: Eu estudei no Antônio Fernandes Gonçalves.

Marcela: Era outro nome o Padre Silva...

Sandra: Outro nome.

Marcela: Como é Antônio?

Sandra: Fernandes Gonçalves.³⁶

Marcela: E aí começou a crescer o bairro, a senhora lembra quando começou a chegar as pessoas? E a ter o comércio? Você estava aí nessa fase de oito a dezoito, estava crescendo? E aí as pessoas faziam o que por aqui? Como é que era, as pessoas passeavam aqui ou elas passeavam fora do bairro?

Sandra: É assim, nossa infância a minha mãe não deixava sair muito, então nós brincávamos quando ela saía pra trabalhar. Então, assim, esse contato eu não tive muito. Eu tive os amigos de trabalho, porque comecei com 12 anos e nós éramos um grupo grande. Esse na verdade era nosso lazer, sair pra trabalhar porque nós sabíamos que domingo, sábado e domingo os pais não deixavam sair, então trabalhar era nosso lazer, mas assim, aqui mesmo no bairro, tem ruas desse bairro aqui que eu ainda não conheço, porque eu nunca entrei. Mas a gente saía muito pouco, nós começamos a infância aqui trabalhando mesmo.

Marcela: Trabalhava aqui perto?

Sandra: Não, trabalhava... sabe onde é o Paulistão? Lá na Orosimbo Maia? Eu trabalhava numa ruazinha atrás do Paulistão.

Marcela: Longe. Quer dizer, hoje em dia não é, mas naquela época...

Sandra: É, longe, pegava o ônibus lá na padaria, descia na Francisco Glicério onde era o ponto de ônibus aí ia a pé até o lugar que eu trabalhava de empregada doméstica, eu ia a pé até essa casa para trabalhar.

Marcela: Uau. Todo dia?

Sandra: Todos os dias.

Marcela: Aí voltava, ia pra casa e final de semana?

Sandra: Final de semana é casa da mãe, não fazia muita coisa, até porque não tinha mesmo muita atividade, mas a minha mãe, por ter ficado viúva muito jovem, a minha irmã mais nova tinha dois anos e a mais velha tinha nove, então ela tinha muito medo, então ela criou a gente assim, tudo muito, nós não tínhamos muito contato com a rua, a não ser trabalho e escola, só.

Marcela: E na escola já começou a ter um pouco essa frequência do pessoal que morava aqui também no Nóbrega?

³⁶ Antonio Fernandes era a escola estadual, que foi municipalizada e passou a chamar Pe. Silva

Sandra: Não...

Marcela: Foi depois? Não existia ainda...

Sandra: Não existia, e quando construíram o Nóbrega, construíram o Mario Natividade também.

Marcela: Junto com o bairro?

Sandra: Junto.

Marcela: Isso eu não sabia...

Sandra: É, Mário Natividade quando o bairro começou o Mário Natividade ele cresceu junto, ele apareceu junto. Foi uma construção, o clube ainda não tinha, esse clube aqui embaixo, não tem um clube entre o Nóbrega e a...

Marcela: Da praça dos trabalhadores, ali?

Sandra: Isso, não tinha, não tinha nada, mas a escola já existia.

Marcela: Ali era um terreno baldio, né?

Sandra: Era um terreno baldio...

Marcela: Dava rato, né?

Sandra: Nossa! Ali foi difícil, porque você conhece a Noêmia que era do grupo, você conheceu?

Marcela: Conheço o nome...

Sandra: Os irmãos dela, porque assim, houve até uma situação que marcou muito a gente na infância, que ali foi construído, quando estava construindo o Nóbrega, acabou acumulando terra. E essa terra virou um lago, e esse lago virou um monte e afogo e ela perdeu duas irmãs ao mesmo tempo dentro daquele lago.

Marcela: Que triste.

Sandra: É, bem triste, a gente éramos crianças e ficou todo mundo apavorado, nós éramos adolescentes na época, aí era uma situação difícil que aconteceu dentro desse lugar, nós achamos até que essa sede não vai muito pra frente por causa disso, porque a piscina que já foi construída ali, já foi desativada, já foi encontrado um menino morto lá depois de um tempo também, mas aí já era a piscina, já era o clube tudo. Mas é um lugar que lembra muito, pelo menos pra mim na infância, lembra muito as meninas, as vezes eu olho ali e penso assim "isso aqui não foi pra frente por causa do que aconteceu".

Marcela: E elas morreram afogadas juntas, no mesmo dia?

Sandra: No mesmo dia.

Marcela: Que triste. E aí ninguém mais podia brincar lá então?

Sandra: Nós podíamos brincar, mas eu particularmente tinha horror a chegar lá naquele lugar, porque foi um lugar que marcou muito, tanto que a piscina era lá, a piscina não deu certo lá, a piscina veio mais pra cima, mas a piscina era justamente no lugar que as meninas morreram.

Marcela: Até hoje ela não deu certo, né?

Sandra: Não dá, aquela piscina não dá certo, é estranho, mas não dá certo.

Marcela: E ali é meio que a divisão do Castelo Branco e do Nóbrega...

Sandra: Na verdade ali pertence muito mais ao Nóbrega do que pra nós do Castelo Branco, porque já é calçada do Nóbrega.

Marcela: Mas quem utiliza é muita gente do Castelo Branco, também? Eu vejo mais gente do Castelo Branco lá... por causa da TC talvez... da Tainã...

Sandra: Olha, eu falo ainda para o David, que assim, esse trabalho que eles têm ainda é muito pouco divulgado, tanto que tanto do TC, como o dele, que eu vejo até... não é porque eu sou amiga do Davi não, mas eu vejo muito mais seriedade no Davi, muito mais interesse, muito mais vontade de fazer com que o grupo cresça, que a comunidade participe mais do Centro Social, do que o TC, por exemplo. Eu não vejo isso nele....

Marcela: TC vem de um outro momento também...

Sandra: É, também... eu não vejo essa vontade do TC, eu conheço o TC há 40 anos, que é a idade do meu filho, e assim, eu nunca vi essa coisa que o Davi tem, talvez porque ele seja mais jovem, não sei.

Marcela: O jeito também de cada um... eu vejo também o jeito do David...

Sandra: Eu vejo que o pessoal ali é mais fechado, é mais entre eles mesmo, são amigos deles, mas os que tão de fora não tem aquele interesse do convívio, de chama, da participação, então, eu acho assim, o que falta no bairro e poderia ser melhor é a participação nas comunidades, que a gente não tem aqui, e a gente assim, o clube, o TC, eu ouço falar dos eventos hoje porque meu tio trabalha na jardinagem lá. Se não, nós não saberíamos o que acontece, entendeu?

Marcela: E aqui tentam divulgar...

Sandra: Isso, aqui eu também não conhecia, mas a partir do momento que eu conheci, conversando mais com o David, que a gente vê que o interesse é outro, a proposta é outra, entendeu? A proposta é aproximar a população, tirar quem está na marginalidade a participar do evento que faz bem, e a o mesmo tempo faz o bairro crescer.

Marcela: É, bem essa ideia mesmo que eu vejo lá com o ponto de cultura, e como você conheceu o David?

Sandra: O David foi através do Rai. Porque na verdade o Davi conhece meu filho, meu filho conhece o David e assim, eles não têm muito contato, mas o Davi eu conheci através do Rai.

Marcela: Eles são quase da mesma idade, né?

Sandra: São, são quase da mesma idade.

Marcela: Eles se conheciam do bairro.

Sandra: Do bairro, mas eu não conheci o David através do meu filho, eu conheci através do Rai. Saiu lá do outro lado pra me apresentar o David aqui...

Marcela: E como você conheceu o Rai?

Sandra: O Rai eu conheci através do meu filho. Porque meu filho morou na Itália muitas vezes, né? E numa das vezes que ele foi morar na Itália ele conheceu o Rai. Aí acho que tinha se encontrado lá e tudo, aí meu filho voltou pro Brasil e daí um tempo o Rai apareceu. Ai o Rai apareceu de novo. E aí ele morou um tempo cm meu filho, né? E aí meu filho casou e ele veio pra cá. Foi assim.

Marcela: E depois dizem que o mundo não é pequeno, né?

Sandra: É interessante, porque eu falei mesmo como são as coisas, a gente tem que passar e vivenciar, assim, você não consegue desviar dele. Eu vim lá de... eu morei aqui 27 anos, aí com 29 anos eu já encontrei meu apartamento lá, fui sorteada lá no DIC VI...

Marcela: É COHAB também?

Sandra: É COHAB. Aí eu mudei pra lá, e meu filho cresceu, sabe como é, homem ainda, eles são... vão buscando os espaços deles, aí morei 21 anos sozinha lá. Ai de repente conheci o Rai na casa do meu filho, e meu filho de mudança, o Rai pra mudar também, e eu: "Aí tô sozinha lá em casa, você não quer morar junto comigo? Você mora junto comigo, né?" Porque na verdade eu nem vinha para cá, mas aconteceu e acabei vindo para cá, então não é por acaso que essas coisas acontecem.

Marcela: Eu não achei que ele morava aqui no bairro, eu achei que ele morava fora.

Sandra: Não, não, ele mora aqui.

Marcela: Que legal, e conta mais, porque vocês não ficaram na casa que sua mãe morava? No Castelo Branco.

Sandra: Eu não fiquei porque consegui a minha casa e fui embora...

Marcela: Casou e foi fazer outras coisas...

Sandra: Fui fazer outras coisas...

Marcela: E aquela casa continua? Ela pode continuar para algum herdeiro?

Sandra: Minha mãe é viva, pode...

Marcela: É da pessoa?

Sandra: Depois que quita é sua...

Marcela: E sua mãe mora aí até hoje?

Sandra: Minha mãe mora aí até hoje. Eu tenho até que apresentar você para ela, porque...

Marcela: Você falou, por causa dos documentos...

Sandra: Eu acho que ela vai ter muito mais coisas para passar para você do que eu. Porque a Dona Ana vivia, deixa eu ver...

Marcela: Não, mas eu quero te ouvir também, conta essa história, essa experiência desse crescer aqui, como foi...

Sandra: Então, na verdade foi uma infância, mas a maioria de nós, no nosso tempo nós trabalhávamos, e eu trabalho desde dos 12 anos de idade, então, foi mais trabalho. Brinquei bastante também, tive uma infância feliz, não posso dizer que por conta de não ter tido recursos eu não tive infância, porque o que eu corri nesses espaços aqui acho que ninguém correu mais que eu. Foi boa a infância, que mais é que tinha...

Marcela: E os amigos? Eram daqui mesmo? Continuam por aqui?

Sandra: Eram daqui e continuam por aqui, por coincidência tem um amigo que morava na rua de baixo, onde mora minha mãe, que morou no condomínio que eu moro hoje. E outro que morava dois quarteirões da minha casa mora dois quarteirões no DIC também.... Então, muitos que saíram daqui da Castelo Branco, por exemplo, migraram pros DICs, e aí nós nos acabamos nos encontrando de novo.

Marcela: Eu ouvi algo assim, que muita gente daqui foi pra Vila União, pro DIC..

Sandra: DIC, Itajaí...

Marcela: É isso mesmo? Tem muita gente que foi?

Sandra: Tem muita gente que foi embora.

Marcela: E reciclou, e vieram outras pessoas morarem pra cá.

Sandra: Na verdade foram nossos familiares que permaneceram, porque a minha mãe e as irmãs moram aqui. Eu sou a única que mora fora, eu sou a única que saiu de casa, fui cuidar da minha vida. As outras moram com minha mãe.

Marcela: Moram com sua mãe...

Sandra: Moram com minha mãe, tem uma que mora duas casas da minha mãe, que é casada. E tem duas solteiras que moram com minha mãe, então eu que resolvi passar a mão na bolsinha e....

Marcela: E voltou, né?

Sandra: Eu voltei...

Marcela: Não voltou pra casa da mãe, mas voltou pro bairro.

Sandra: Voltei pro bairro...

Marcela: Gosta daqui? Por escolha?

Sandra: Porque aqui eu tenho mais recurso que lá, o DIC os apartamentos são bons também, mas em termos de recurso, pelo menos onde eu fico, é muito difícil. E morando sozinha, os anos vão passando e não dá mais pra ficar assim tão sozinha. Se bem que pra mim é indiferente, mas pra minha mãe que tem 82 anos, e tem uma preocupação como se eu tivesse esse tamanho, pra ela está ótimo que eu tô aqui pertinho, entendeu?

Marcela: E deixa eu te perguntar mais coisa, eu encontrei a senhora lá no Ibaô no meio da reunião, da atividade, e como vem essa aproximação com o Ibaô com as atividades no bairro? Como eram essas atividades aqui antes? Eu tô trabalhando um pouco com essa ideia do afro, das manifestações afro-brasileiras, eu tô trabalhando com a ideia do terreiro, como manifestação cultural mesmo, já existia esse terreiro, ele tem bastante tempo, né?

Sandra: Então, eu não conheço na verdade, meus pais são evangélicos. Eu cresci em igreja evangélica.

Marcela: A senhora é evangélica também?

Sandra: Eu frequento a igreja evangélica. Eu acredito em Deus, respeito as outras religiões, mas eu cresci num lar evangélico, não tem assim muito conhecimento, muito contato. Respeito...

Marcela: Mas sabia que existia?

Sandra: Não, não sabia, nunca soube.

Marcela: Soube agora?

Sandra: Soube agora, mas nunca soube que existia... por conta de... meu pai morreu dentro da igreja, meu pai estava dentro da igreja e enfartou. Ele estava dentro da igreja, então, desde que eu me entendo por gente, eu estava dentro da igreja. Então a minha história o tempo inteiro, e eu sempre fui atrás de igreja, ia

nessa igreja, ouvia, ouvia, ouvia. Aí essa aqui não está boa, vou pra outro lugar. Porque assim, eu sempre gostei de conhecer outras igrejas, outras religiões, pra ver qual me identificava, e eu acabei me identificando com a evangélica mesmo. Só que a minha maneira de ver as coisas não é geralmente como a igreja gostaria. Aí você acaba não ficando, você tem fé...

Marcela: Não concorda com tudo...

Sandra: Ah não, tem coisa que não dá pra aceitar, então, mas eu acredito em Deus...

Marcela: Sua formação é evangélica...

Sandra: Mas eu respeito as outras religiões, acho que tudo que... eu aprendi com meu avô, que todas as religiões você tem que levar a sério, se você vai seguir uma determinada religião, você tem que levar a sério... e tem que respeitar o espaço, a religião do outro, a crença do outro, mas eu não consigo me ver em outra igreja, mas não consigo me firmar em nenhuma. Por conta da maneira que as vezes eles trabalham, principalmente nós mulheres, por exemplo, eu sou sozinha, então é complicado chegar numa igreja eu, mulher, sozinha. É complicado.

Marcela: Você acha que tem preconceito?

Sandra: Tem, tem. Isso eu digo depois de experiência própria. Tem sim.

Marcela: Interessante, eu acho muito interessante a gente tocar nesse aspecto. Porque eu queria lidar um pouco com essa questão, de lidar com o preconceito da mulher, da mulher negra, como é esse lugar, como que conquista esse lugar, né? Conta um pouco dessa história, como você percebe isso na sociedade, além da igreja, percebe aqui no bairro...

Sandra: Na sociedade a gente percebe... hoje acho que hoje o pessoal está mais discreto, por causa dessa questão do crime, que é crime. Na verdade, eu acho que muito mais falta de educação do que crime, né? Mas tudo bem, eu acho que assim, ninguém é obrigado a gostar do tom da minha pele, mas acho que respeitar, assim como você né? Eu acho que tem que respeitar. Eu lembro de uma experiência que eu fui fazer uma ficha numa loja no shopping, e eu passei na prova, mas eu não fui contratada porque senão os clientes não se aproximariam. Foi isso que a mulher disse. Isso lá no passado.... Então, é assim, você tem sempre que mostrar que você é melhor. Porque senão você não fica. Então é complicado isso, você tem sempre que mostrar que é....

Marcela: Se destacar, né?

Sandra: Se destacar, porque senão você não fica. Ou então você não é contratado, é complicado.

Marcela: Agora você acha que é menos? É que também você já está no laboratório já faz uns anos, né?

Sandra: Eu tô no laboratório faz 9 anos...

Marcela: O laboratório, eu acho que assim, de todos os lugares que eu fui. O laboratório foi um lugar, até acho que eles respeitaram tanto na cor, como na idade. Porque eu já tinha 48 anos quando eu fui lá, trabalhar lá. E eu já achava que não ia trabalhar mais em lugar nenhum, porque quando eu saí da clínica onde eu trabalhava, com o dr. Adailton, eu falei que não ia trabalhar mais porque estava desgastada de tudo, mas a minha colega falou manda currículo pra eles e eu mandei. E aí... ele mandou me chamar, e eu falei pra ele assim: tô terminando um curso. Eu arrisquei, né? Minha amiga falou você é louca. Eu arrisquei. Ele falou que ia me contratar como auxiliar de enfermagem e depois quando você terminar seu técnico, eu te promovo. Eu falei: mas eu tô terminando meu curso, e eu gostaria de terminar meu curso. Então não tem problema, você termina seu curso e depois você me avisa. E eu terminei o curso, liguei, fiz o que tínhamos combinado e aí liguei pra ele, na quarta-feira, na sexta-feira já comecei a trabalhar na Confiance. E assim, era tudo que eu não sabia de laboratório, porque até então eu só trabalhei em clínica, hospital, consultório. E hoje eu ajudo a treinar os funcionários, mas foi difícil...

Marcela: Conquistou esse espaço...

Sandra: Conquista o espaço, porque era uma das poucas negras que trabalhavam lá também, acho que só eu. Tinha só eu e mais uma só.

Marcela: Que coisa né? Pensa que o mercado de trabalho não é, mas ainda é, né?

Sandra: De 10 na coleta tinha eu e uma outra, e na recepção tinha mais uma. O resto, se você pegar aquela bancada da Orosimbo... hoje não, hoje a gente vê que está bem mesclado mesmo. Mas no começo. A maioria... tinha essa questão e dava pra perceber, e aí alguma coisa que você não fazia certo, porque no começo você erra muito, né? E aí, as vezes você ouvia falar "tinha que ser", mas eu ficava na minha. Aí falava: ai meu Deus, amanhã não volto pro emprego. As vezes "quem foi?" "foi Fulana" "aí, tinha que ser...". Agora eu aposentei, e a coordenadora pede pra ficar um pouco mais pra treinar os funcionários, porque ela não tem funcionária habilitado pra fazer, então eu falei foi difícil, não foi fácil.

Marcela: Mas é um reconhecimento também.

Sandra: É. Na clínica mesmo foi difícil no começo, porque não por eles, não pelo dr. Adailton, mas os clientes que chegam, paciente. Porque como eu entendo bem de saúde da mulher, então vou adiantando isso, isso e isso, o paciente não gosta, não quer, não quer você na sala. Eu lembro que uma vez, uma mulher que veio dos EUA ter neném aqui. Eu não entendi o inglês, mas pelo que meu patrão falou pra ela, disse que aquilo que ela falou ao meu respeito era um preconceito. Porque sabe assim quando a sala silencia? E eles até modificaram o comportamento comigo com o passar do tempo, ela usou um termo lá que ele virou e falou pra ela na língua dele lá, mas eu entendi que foi um preconceito que ela falou pra criança, e eu estava perto pra ajudar alguma coisa, e a criança foi depressa pra que eu não pegasse, entendeu? Então a gente sente muito isso, mas...

Marcela: E no bairro? Você sentiu isso?

Sandra: No bairro não. Não sei se também é porque é uma classe mais, o pessoal é mais unido, a rua da minha mãe, a rua Zoca, por exemplo, que é uma rua famosa, não sei se você já ouviu falar, mas procura...

Marcela: É, eu vi no Google Maps...

Sandra: Ali o pessoal é família mesmo. É um pelo outro, então nós não tivemos esse problema ali. Se a casa está cheia de gente na casa de um, a gente sai e dorme na casa do vizinho, dorme na casa do outro. Toma banho na casa do outro. Não tem café em casa você entra e toma café na casa do vizinho...

Marcela: Que legal, até hoje?

Sandra: Até hoje. Meu filho chega e vai na vizinha ver se tem café. Minha irmã levanta de manhã, se o café não está pronto, vai na vizinha saber se o café está pronto. Vai dormir na vizinha você não chama não acorda. Então é esse vínculo que a gente tem. O preconceito é menor.

Marcela: E com relação ao Castelo Branco, o Nóbrega e o Jardim Garcia, você vê diferença? Tipo, "ah! Ele é do Nóbrega" ou "ele é do Castelo Branco"? Ou "ele é do Garcia"?

Sandra: Do Garcia sim, mas do Nóbrega e do Castelo Branco não, nós do Castelo Branco o pessoal é mais junto.

Marcela: O Garcia o povo se diferencia?

Sandra: É, se diferencia...

Marcela: Sempre?

Sandra: Nem todo mundo, mas a maioria...

Marcela: Sempre foi assim?

Sandra: Sempre foi assim...

Marcela: Dos bairros o que você conhece e o que você acha que faz isso? É um povo que mora lá que é mais...

Sandra: É, que tem um recurso melhor que o Castelo Branco e o Garcia, né? Que é de um povo mais humilde... então...

Marcela: Eu não conheço o Garcia, conheço só o Castelo Branco e o Nóbrega...

Sandra: Tanto que o Garcia é um bairro mais fechado, né? E o Nóbrega e o Castelo Branco não, já tem essa integração, esse barulho, né? Já tem esse barulho...

Marcela: É, acho que esses dois são mais próximos, né?

Sandra: São mais próximos. E esse bairro aconteceu depois, na verdade...

Marcela: Dez anos depois?

Sandra: Eu acho que menos até. Acho que menos até, mas aconteceu depois, tanto que eu mudei na Castelo Branco não tinha energia elétrica, dois dias depois que veio a energia elétrica. O Nóbrega não deve ter sido, eu não lembro muito bem, mas não foi muito diferente não. Agora o Garcia quando o pessoal entrou, o pessoal já entrou até com asfalto e luz na rua, entendeu?

Marcela: Tem essa diferença... pela formação do bairro também, porque o Castelo Branco e o Nóbrega são COHABs e lá não...

Sandra: Sim... e lá não...

Marcela: Interessante. Então você acha que na relação do preconceito você vê mais com relação ao Garcia em relação aos outros dois bairros?

Sandra: É, o Garcia com os outros dois...

Marcela: E as pessoas que moram no Garcia estudam aonde?

Sandra: Tem o Carlos Lencastre, né? Que é lá embaixo, uma escola separada...

Marcela: Que é mais pro pessoal do Garcia?

Sandra: É, mais pro pessoal do Garcia.

Marcela: Não tem muita gente daqui lá...

Sandra: Agora... porque assim, o Antônio Fernandes Gonçalves hoje ele é Padre Silva, né? Então as crianças foram redistribuídas, tanto que minha irmã é secretária na escola Carlos Lencastre agora, mas ela foi funcionária do ...

Marcela: O Lencastre é municipal também?

Sandra: Estadual.

Marcela: O Mário Natividade?

Sandra: Estadual também... No Padre Silva que é municipal, mas antes era estadual também...

Marcela: E aí meio que o Nóbrega e o Castelo Branco estudam no Mário Natividade?

Sandra: Sim. Concentra mais.

Marcela: E o Lencastre é mais o Garcia...

Sandra: Isso, acho que até por isso essa integração do Castelo Branco com o Garcia, porque muitos subiram do Nóbrega pro Castelo Branco e outros desceram, então mesclou mais, sabe? Se misturaram mais...

Marcela: E você falou que conhece o TC há muitos anos, essa coisa do tambor, da cultura, essa coisa dele, da capoeira, isso você via no bairro?

Sandra: Não. Eu só conheci porque meu ex-marido é... nome dele é Natanael, você conhece Nael, não conhece?

Marcela: Já ouvi falar do Natanael...

Sandra: Natanael Santu, então, ele é meu ex-marido, e através dele que eu fiquei conhecendo esse trabalho que o TC desenvolvia.

Marcela: Na época que você era casada com ele?

Sandra: Na época que era casada com ele, mas até então eu não conhecia.

Marcela: E o que o TC fazia nessa época?

Sandra: Na época ele fazia parte do grupo de dança de ballet afro.

Marcela: Está, já no clube? Não?

Sandra: Aí, não... eles ensaiavam, eles se encontravam, sabe o casarão que tem ali na Andrade de Neves? O casarão antigo? Bem você não conhece, é mais nova... tinha uma cervejaria Columbia.

Marcela: Sim! Eu trabalho na Estação ali...

Sandra: Não tem um casarão velho que acho que tem estacionamento, tem a escola Orosimbo Maia, do outro lado tem aquele casarão velho. Era naquele casarão que eles se reuniam...

Marcela: Que é o Museu da Cidade...

Sandra: É. Aqui no bairro o pessoal nem ouvia falar, eu só...

Marcela: Isso é década de 80 pra 90, não é?

Sandra: 75/76.

Marcela: Antes do bairro...

Sandra: Antes do bairro, mas eu só fiquei sabendo por causa do meu ex-marido.

Marcela: Que foi em 80?

Sandra: Isso, até porque até então ninguém ouvia falar, sabia que o TC participava de alguma coisa, de algum evento, mas não sabia do que se tratava. Que dançava um ballet, que tinha um ballet afro...

Marcela: Nem tinha tambor ainda?

Sandra: Não tinha.

Marcela: TC era mocinho?

Sandra: Era, era bem novo. Para você ver, minha mãe conhece a mãe dele, que conhece a gente... que cuidou do meu filho, uma das irmãs dele que cuidou do meu filho na maternidade, porque meu filho ficou 15 dias na maternidade, então o pessoal se conhece, até porque a minha mãe, as mulheres daquele tempo saiam todas para trabalhar. Minha mãe saía para trabalhar, a mãe do TC, as senhoras ali da rua, a sogra da minha mãe, todas as mulheres saíam ali para trabalhar e nós crianças é que cuidávamos umas das outras, né? E elas fizeram amizade entre elas e nós entre a molecada da rua. E foi assim que nós crescemos...

Marcela: O TC tem a mesma idade?

Sandra: Não, o TC é um pouquinho mais velho que a gente ainda...

Marcela: Não dá para sabe, né?

Sandra: É, não dá, mas ele é um pouco mais velho que a gente. Ele já deve ter uns sessenta e poucos anos já...

Marcela: E o Alceu? Também é do Castelo Branco?

Sandra: O Alceu morava ou mora na rua de baixo ali da... onde morou meu ex-marido. Mas o Alceu eu nunca tive muito contato com o Alceu.

Marcela: Mas ele já fazia as coisas de cultura dele também?

Sandra: Eu via ele com um violão pendurado no pescoço, mas eu não sabia o que ele fazia. Porque, o que aconteceu também, teve a primeira fase da Castelo Branco, que é a região onde mora o Alceu, que é a rua da feira pra cima. Sabe onde fica a feira de domingo? Não? Sabe a igreja Guadalupe? Tem uma avenida enorme, primeiro construíram aquele bairro, e pessoal mudou ali. E nós viemos pra segunda fase do bairro. Então o contato lá de cima... é muito mais fácil pra gente ter o contato com o pessoal desse pedaço do Nóbrega do que aquela parte de cima da Castelo Branco.

Marcela: Que é mais antiga...

Sandra: Então não é todo mundo que a gente, é lógico que a gente hoje... eu trabalhei no posto de saúde da Castelo Branco, eu conheço muita gente, mas por causa do centro de saúde, não por contato mesmo...

Marcela: Do Balão do Laranja, uma vez que a gente falou?

Sandra: Trabalhei também no Balão do Laranja, porque como eu trabalhei pela PUC, então num período eu fiquei aqui na Castelo Branco, depois que construiu o Balão do Laranja nós fomos pra lá...

Marcela: O Castelo Branco é Integração? [Centro de Saúde Integração]

Sandra: É o Integração, mas antigamente é um posto lá em cima, sabe a praça lá em cima que é a sede do carnaval? Lá da escola de samba?

Marcela: Rosas de Prata.

Sandra: Em frente a praça, do outro lado, ali era uma casa que era um posto de saúde, onde começou o posto de saúde daqui... E o posto de saúde do Garcia era ali na região do Vivendo e Aprendendo, do pedacinho, aí eles integraram, por isso é centro de saúde integração. Castelo Branco, Prefeitura e PUC.

Marcela: E a feira tem até hoje?

Sandra: Já foi melhor. Hoje está, hoje o pessoal...

Marcela: Tem pastel?

Sandra: Tem, uma delícia, o pastel continua bom...

Marcela: Aonde eu moro também, a feira não está muito boa, mas o pastel continua bom...

Sandra: Então, é isso, mais que assim, como a gente começa a trabalhar muito na infância, a gente não tem muita atividade esportiva, eu sempre gostei de correr, apostava corrida com os meninos, eu sempre achei, sempre desafiava os meninos porque queria ganhar deles, mas assim, era tudo na brincadeira mesmo, a gente nunca teve alguém que estimulasse nós na infância a fazer outras coisas que não fosse o trabalho. Então nós estudamos, minha mãe mesmo sozinha com quatro filhas, porque minha mãe ficou viúva com 30 anos. E ela deu o que pode, não faltou, mas assim, tudo “regradinho”.

E ela era... ela não deixava a gente sair, batia colega na porta ela queria saber o que queria falar... você acabava nem conversando... mas ela sempre foi bem assim... e o que ela escrevia de manhã era lei pro dia todo, então a gente tinha não sei se medo ou respeito, mas nós tínhamos muito medo de que alguma coisa não desse certo durante o dia, ela chegasse à noite e ficasse brava. E depois teve uma fase que ela

trabalhava, e antigamente nas casas tinham que servir jantar antes de ir embora. Então as vezes nós víamos minha mãe na quarta-feira que era uma folga e no domingo. O resto chegava à noite e nós estávamos dormindo, saía de mãe e nós estávamos dormindo. Ela deixava recadinho, deixava as coisas, deixava almoço pronto, mas as vezes nós não víamos minha mãe. Então nós crescemos assim as quatro.

Marcela: Interessante essa história, e seu filho? Nasceu no Nóbrega ou já no DIC?

Sandra: Nasce já aqui na Castelo Branco, meu filho é mais popular que... eu fiz muita amizade com muita gente depois que ele nasceu, porque ele faz amizade com todo mundo, então ele é muito mais conhecido do que eu. Isso porque ele chegou depois, né? Mas ele é muito, e assim, se integra bem com todo mundo...

Marcela: Ele casou e está onde?

Sandra: Ele mora em Valinhos. Eu acho que você conhece meu filho também, deixa eu ver....

Marcela: Como ele chama?

Sandra: Abimael.

Marcela: Abimael não, talvez um apelido...

Sandra: O nome dele é bíblico, né? Eu até passei uma mensagem pra ele no casamento dele, porque o pessoal falava: nossa, mas Abimael? Que nome, né? Significa que ele é cuidado por Deus. Porque nossos filhos não são nossos, então tem que cuidar pra eles saírem com vida, né? E Abimael também foi um dos descendentes de Noé, que sobreviveu ao dilúvio, que significa luta, mas saiu com vida da história, saiu bem com a história, então eu pus o nome por conta disso...

Marcela: Que bonito, muito bonito... e ele estudou aqui na Mário Natividade?

Sandra: Ele estudou um período no Mário Natividade, primeiro ele estudou um período aqui nessa escolinha do Nóbrega (Hermínia Ricci), depois eu consegui uma bolsa no colégio Ateneu. Então ele fez um período lá no colégio Ateneu. Ai depois ele veio pro Mário Natividade, e aí depois disso nós fomos pro DIC.

Marcela: E como foi essa diferença? Vamos ver se faz algum sentido, essa linha de... a senhora cresceu aí e tal, e depois foi mãe de um menino que cresceu aqui também, como foi essa infância dele? Era diferente da sua? Você via ele mais fazendo coisas?

Sandra: Ele fez mais coisas, até porque ele por estudar numa escola particular ele tinha mais atividade.

Marcela: Lá no Ateneu?

Sandra: Lá no Ateneu. Aí ele aproveitou mais tudo, ele sempre gostou de querer ser artista quando era pequeno, então todas as atividades que tinha no colégio Ateneu ele levantava a mão. Não sabia se eu tinha recurso ou não pra bancar, mas ele participava. E aconteceu até um fato interessante, porque eu sustentei a escola por um período depois não deu mais. E aí ele veio pra escola estadual, aí a professora perguntou o porquê, porque na escola ele era, ele sempre foi hiperativo, e na escola ele dava muito trabalho por causa dessa, e aí a professora perguntou porque ele não parava quieto, não... ele falou: a escola não tem atividade, não tem um teatro, não tem um programa pra gente participar, não tem nenhum evento. E porque ele era líder da classe, levava a classe tudo, mudavam ele de sala, chegava lá na sala e daqui a pouco os professores não estavam aguentando mais, porque ele já estava liderando todo mundo da sala de aula. Ele falou: "aqui não tem atividade, não tem nada que a gente possa participar, então acho que falta coisa, por isso não paro quieto".

Marcela: E ela?

Sandra: Aí ela montou um teatro na escola, só que ela, na época, eu entendi que era pra diminuí-lo

Marcela: Ele já adolescente isso?

Sandra: Ele tinha uns 10 anos...

Marcela: Nossa, que novo,

Sandra: Ela montou uma peça lá, e tinha um homossexual nessa peça, e quem seria o homossexual? Meu filho. Ai tô vendo que ele vai, ele ensaia, que ele faz e acontece e minha irmã não fala nada, aí chegou na véspera da apresentação, porque eu ia pra apresentação, minha irmã falou: Sandra, tem uma coisa pra te contar, ele vai fazer o papel de homossexual. Falei "olha, ele pode ir, mas se isso repercutir mal pra ele, eu vou resolver de outra maneira". Minha irmã falou "está, mas você fica quieta". Aí ele foi, o que ele esqueceu ele improvisou, no final da apresentação a plateia toda aplaudiu de pé, e no outro dia ele estava mais popular que nunca na escola. E aí a outra professora falou pra ela assim: "viu? gostou do que você fez?", então na verdade o objetivo era fazer ele amansar...

Marcela: Ela fez de maldade...

Sandra: Só que ele acabou sobressaindo e no outro dia ele estava mais líder do que nunca na escola.

Marcela: E aí continuou tendo teatro na escola?

Sandra: Não.

Marcela: Que pena....

Sandra: Mas, assim, por um lado foi bom, porque ele não ficou constrangido pelo personagem que ela deu pra ele, né? Porque me preocupou até por causa do preconceito, da fala, falo que se tivesse um filho homossexual ia ser a mesma coisa. Mas meu filho é filho, né? Mas como repercute na escola, porque hoje o pessoal fala de bullying e tudo, e lá no passado, como seria, né?

Marcela: Como era, né? A gente lembra um pouco...

Sandra: Então eu falei ele vai, já que ele quer. Minha irmã falou assim: você quer? E ele falou: "quero".

Marcela: E sua irmã também muito tranquila, né?

Sandra: É, tranquila. E aí deu tudo certo, ele cresceu na escola, depois essa questão do bairro, ele sempre teve amizade com todo mundo. Porque eu aprendi com minha mãe isso também, que a gente não anda com quem a gente não deve andar, mas a gente não faz a secção de pessoas, nem deixa de dar um bom dia e boa tarde, seja quem for. Então, por conta disso, ele tem amizade com todo mundo, não tem quem não conheça. A minha amiga ainda falou assim outro dia: Encontrei com seu filho na cidade ele parecia um príncipe, porque toda hora ele dava tchau pra um, tchau pra outro. E assim é no bairro, a mesma coisa.

Marcela: E faz tempo que ele casou e mudou daqui?

Sandra: Ele casou em agosto do ano passado.

Marcela: Agora... ele morava aqui até então?

Sandra: Ele morava no Taquaral...

Marcela: Ah está, ele já não mora no bairro há um tempo...

Sandra: Ele já não mora comigo faz tempo.

Marcela: Nem no bairro?

Sandra: Nem no bairro. Ele fez a mesma coisa, pegou a malinha dele e...

Marcela: Mas ele fazia coisas aqui na adolescência? Na juventude?

Sandra: Ele tinha muito contato com o pessoal do Garcia. Porque assim, também por conta dessa coisa da... ele tinha muita amizade com o pessoal do Garcia, e o pessoal do Garcia as vezes ia pra passeio ciclístico e levava ele. Ia pra algum evento e chamava ele, tinha futebol, chamava ele pra participar dos torneios... então

ele participou muito mais com o pessoal do Garcia do que nós aqui do Castelo Branco...

Marcela: Que coisa...

Sandra: Mas ele também, não sei, é o perfil dele mesmo, mas ele é meio chatinho, sabe? Ao mesmo tempo que ele gosta de estar num nível melhor que o dele, e não...

Marcela: Não no mesmo... até porque ele tem uma compreensão cultural diferente...

Sandra: E aí com 18 anos, 19 anos, eu achei interessante até que eu tive um sonho, eu estava na farmácia ali do Balão do Laranja, e eu sonhei que ele chegou na janela e falou assim pra mim "mãe, eu vou viajar", aí eu fiquei esperando, será que ele vai viajar mesmo? Porque ele não falou nada e.... aí deu 30 dias certinho ele chegou na janela da farmácia e falou pra mim assim: "mãe, eu vou pra Itália", eu falei quando? E ele falou na segunda-feira, aí ele respondeu assim "na quarta-feira". Quarta depois de amanhã? "É, quarta depois de amanhã, é que eu não falei nada pra senhora, porque se falasse e parari, parará..."

Marcela: E ele foi fazer o que?

Sandra: Foi com a cara e com a coragem trabalhar...

Marcela: Sozinho?

Sandra: Tinha uns amigos dele lá, mas na verdade ele ficou uma semana sozinho até encontrar a pessoa que ele tinha combinado de encontrar. E aí...

Marcela: Corajoso.

Sandra: Corajoso.

Marcela: E ele ficou quanto tempo lá?

Sandra: Uma vez ele ficou um ano, depois ele foi e ficou seis meses, depois foi e ficou dois anos, depois ele foi pra Londres e ficou dois anos. Na verdade, ele foi pra Itália, aí chegou lá na Itália ele falou pros meninos "eu vou pra Londres", os meninos falaram "você não vai conseguir entrar", ele "vou", "você não vai conseguir entrar", "vou". Comprou lá a passagem, não sei como funciona, e entrou em Londres e ficou dois anos.

Marcela: E como que não, né?

Sandra: Então ele é ousado mesmo, ele é corajoso. É uma pessoa assim, como eu posso dizer? Dominante. Acho que é... ele é dominador...

Marcela: Tem uma liderança, né?

Sandra: É! Isso mesmo...

Marcela: Desde de pequeno, pelo que está contando... Legal, e daqui do espaço do Ibaô? Da onde é hoje o Ibaô, o que a senhora lembra desde então? Porque ali sempre foi alguma coisa, né?

Sandra: Ali eu lembro que a minha irmã fez um curso de cabelereiro aqui, mas meu filho já tinha nascido na época.

Marcela: É, o David falou...

Sandra: Curso de cabelereiro, mas é aquilo que eu falei pra você, a gente, eu particularmente não participava, não sabia. Não sabia. A gente via a sede aqui, as vezes no passar, mas nós nunca entendemos como um lugar que a comunidade participasse, entendeu? Então um lugar mais reservado, dessa maneira nós víamos essa sede aqui do Nóbrega, e eu na verdade só conheço porque mudei pra cá.

Marcela: Vizinha...

Sandra: É, tô conhecendo agora, nesse apartamento.

Marcela: E o seu Tavares fez um trabalho com a associação de bairro? Conhece ele?

Sandra: Ele eu não conheço...

Marcela: Ele é o primeiro presidente da associação de bairro, e aí eles faziam os trabalhos aqui no bairro, mas eles não repercutiam lá no Castelo Branco?

Sandra: Nem se ouvia falar...

Marcela: E lá no Castelo Branco não tinha nada que tivesse de associação de moradores? Nem uma atividade?

Sandra: Não, não tinha, o que aconteceu depois de um tempo, foi o projeto Gente Nova ali...

Marcela: Que é o PROGEN?

Sandra: Que é o PROGEN. Ali um dos meus sobrinhos que cozinha, fez curso lá, porque na verdade o objetivo era trazer os meninos de rua, mas como não tinha ia os nossos mesmo, né?

Marcela: O PROGEN nasceu querendo trazer crianças de outros lugares?

Sandra: De outros lugares...

Marcela: De outros bairros, não daqui porque aqui não tinha...

Sandra: Aqui também tinha, mas esses meninos mesmo muito morreram, né?

Marcela: Mas eles não eram de rua, eles tinham casa...

Sandra: Tinham casa e tudo, mas mãe que nem nós, minha mãe nós não víamos todos os dias, nós crescemos graças a Deus são e salvos, mas muito, depois de uns tempos pra cá, de uns 30 anos pra cá, perdeu-se muito jovem...

Marcela: Aqui no bairro?

Sandra: Aqui no bairro. E o objetivo do PROGEN era resgatar esses meninos...

Marcela: Esses meninos daqui? E não de outros lugares?

Sandra: Daqui e não de outros lugares.

Marcela: E aí esses meninos não foram?

Sandra: Não foram, quem ia mesmo era as crianças que tinha uma estrutura familiar melhor, aqueles que realmente necessitavam...

Marcela: E esses meninos onde foram parar? O que aconteceu? Continua tendo?

Sandra: Parte desses meninos muitos morreram, né? Porque a Castelo Branco também é um bairro de muito consumo de droga, então nós sobrevivemos a isso também. Isso foi bom.

Marcela: Não quando a senhora mudou? Não tinha... já tinha?

Sandra: Já, a nossa juventude toda... é que a gente não, mas a nossa juventude toda, tinha uma rua, a rua, eu esqueço o nome, mas é uma rua de cima do Padre Silva. Ali, aquela rua ali era um comercio e isso a olho nu. De consumo de droga...

Marcela: E é ainda?

Sandra: Hoje eu acho que até é, mas é mais discreto, até porque a minha irmã foi inspetora de alunos, e ela começou a participar da sede da Castelo Branco numa época de carnaval, e como ela tinha muito contato com os meninos que foram crianças na escola, cresceram, se tornaram homens e organizadores ali da sede, e ai ele conversou com eles, que eles deveriam abrir mais pra sociedade, mas enquanto tivesse daquele jeito, com consumo de droga, comercio de droga ali, as famílias jamais participariam dali. E daí pra frente melhorou, porque hoje o pessoal até vai um pouco mais, fizeram até uma época que a escola, essa época que ela comentou com eles, que as coisas melhoraram, a escola ganhou, eles homenagearam ela por conta dessa mudança, porque ela conseguiu também trazer mais meninos pra escola, mais integrante pra escola. Então pra eles foram uma vitória, porque melhorou os dois lados, a participação da comunidade e o investimento na escola. Tanto que a escola destacou no ano que ela conversou com eles a respeito disso. Hoje já não sei como é que está, mas já melhorou bastante, porque também não tinha condições de ir. Não tinha.

Marcela: Então foi um momento mais difícil...

Sandra: Pesado até pra criar os filhos, porque meu filho... eu sempre deixei ele participar de eventos, mas sempre com muito medo, porque você não sabe o que vai acontecer, né? E eu sempre fui muito bem rígida, mas olha, nós podemos dizer que somos sobreviventes. Porque o consumo de droga é grande...

Marcela: O Consumo e o tráfico, né?

Sandra: O tráfico principalmente, o comércio...

Marcela: Isso tanto no Castelo Branco quanto no Nóbrega?

Sandra: Eu acho que o Castelo Branco é mais ainda que o Nóbrega. Se o Nóbrega é, eles disfarçam bem. Porque assim, eu nunca ouvi muito falar daqui, eu sei que tem, todo lugar tem, mas que concentra mais na Castelo Branco, concentra.

Marcela: Daqui eles falam de um lugar ali...

Sandra: De uma "baixadinha" ali...

Marcela: Que foi uma ocupação, uma coisa assim...

Sandra: Isso, mas a Castelo Branco foi bem pesado de comércio de droga.

Marcela: Era até conhecido na cidade, né?

Sandra: Era, eu lembro uma vez que, a primeira vez que o Rai veio pra Campinas ele falou pro motorista de táxi "eu vou pra Castelo Branco", e ele "tem certeza que você quer entrar lá?", ele falou "tenho porque meu amigo mora lá...". Aí trouxe, o Rai entrou no bairro sem problema nenhum, mas as pessoas...

Marcela: Mas tinha isso das pessoas pra entrar no bairro precisava pedir permissão ou não?

Sandra: Não, o pessoal que começaram aqui a Castelo Branco que é bairro perigoso.

Marcela: Mas por conta disso não tinha assalto, tinha mais a questão do tráfico?

Sandra: Tinha mais a questão do tráfico e a segurança, infelizmente, é melhor do que a da polícia.

Marcela: É verdade isso?

Sandra: É verdade. A minha irmã...

Marcela: Não tem assalto no bairro?

Sandra: Você nem ouve falar, e se tem... não sei quem, faz devolver, porque outro dia roubaram a mercearia ali do Vanderlei, que está lá desde que meu filho tinha 4 anos. O chefe fez o assaltante voltar, trouxe a bolsa, entregou e mandou conferir se o dinheiro era aquele mesmo. Mas não foi a polícia, né? Minha irmã antes de ser

secretária ela era inspetora. E ela chegou pra um rapaz que estava dentro da escola vendendo droga, e pediu que ele se retirasse, primeiro porque não podia, e segundo porque a Rota Escolar ia passar. E coincidentemente a Rota Escolar passou e levou esse menino. Esse menino atormentou minha irmã 30 dias. Todo o dia ele ia com arma na escola, ameaçar minha irmã de morte. Aí chamava a polícia, a polícia vinha, dava meia volta, daqui a pouco no outro dia olha ele lá. Aí ele falava "olha se eu quisesse te matar hoje", aí as mães do bairro foram na casa de um cara que era chefão do bairro. Falou pra ele "olha está acontecendo assim, assim e assim com a Maria. Você já estudou na escola e você já conhece a Maria, hoje seu sobrinho estuda lá, e o rapaz está ameaçando a Maria lá dentro...". Foi ele que deu ordem pra esse cara que estava ameaçando a Maria tomar conta da porta da escola, e se acontecesse alguma coisa errada, ele ia prestar contas com ele. Mas foi ele que tomou uma providência porque minha irmã até adoeceu por conta disso. Mas, então...

Marcela: Então as pessoas sabem quem é o chefão do bairro e ele tem uma relação boa com a comunidade? Ele é um cara da comunidade mesmo?

Sandra: Tem uma relação boa com a comunidade, você nem diz quem é. Até um tempo atrás eu não sabia quem era, mas você nem diz quem é. Porque é uma pessoa extremamente discreta, perfil bem discreto, mas se não der a palavra... então não tem assalto.

Marcela: E é sempre o mesmo? A mesma pessoa? Ou isso vai mudando?

Sandra: Vai mudando, já morreu. Esse que era mais forte já morreu, mas eles sempre que tomaram conta, infelizmente. Nós nunca tivemos uma segurança, assim, chamou a polícia. Não, tem que fazer e saber...

Marcela: A lei do bairro. Primeiro falar com ele... chamar a polícia também vai arranjar encrenca com ele...

Sandra: Na maioria das vezes a polícia não toma muita atitude também, porque eles não têm muito.... Eu tenho uma amiga que era da polícia, que hoje ela saiu, porque ela falou que prendia ele aqui, daqui duas/três horas ele está na rua. E até ri da cara deles, então se eles põem muita pressão, depois nem eles têm autoridade sobre eles. Então é difícil...

Marcela: A senhora acha que o bairro poderia ter mais coisas, nesse tempo aí todo?

Sandra: Acho que poderia. Poderia sim, poderia, dá tempo, tem espaço, acho que só falta mais uma divulgação, fazer conhece, por exemplo, o que é o Ibaô, estava

falando pro David... fazer conhecer o Ibaô, ver como ele é, qual objetivo, porque tem seriedade na proposta, porque infelizmente o pessoal vê a cultura afro com uma coisa... do negro, mas ao mesmo tempo com um certo preconceito, até o próprio negro. É o negro mesmo que não se mistura, porque ele acha que aquilo ali não vai dar nada, e o objetivo é ganhar espaço pro negro, melhorar a qualidade de vida do negro também, porque na verdade acho que tanto o branco pobre, como o negro, os dois sofrem preconceito, é lógico que a raça negra a gente já sentiu na pele, não foi uma e nem duas vezes, mas o objetivo é dar uma qualidade de vida melhor pra todo mundo, né? Branco, negro, pobre, entendeu? Estudou um pouquinho mais, então que tenha acesso a comunidade, porque você se integrando com a comunidade você vai ter mais conhecimento. Eu tinha experiência aqui no Balão do Laranja, porque eu participava do controle de peso, de hipertenso, todos os grupos. Então a gente sabia a situação e na medida que um tinha, eles se ajudavam entre eles...

Marcela: Mas aquele centro de saúde é uma referência mesmo, né?

Sandra: E uma família mesmo...

Marcela: Porque conseguem fazer justamente isso. Trabalhar com a comunidade.

Sandra: Isso, porque é isso que falta. Eu estava falando pro Rai outro dia, "agora eu aposentei, mais dia ou menos dia eu para de trabalhar, mas o que eu vou.... tem a comunidade, mas o que eu vou fazer na comunidade eu não sei..." Tem bastante coisa? Tem saúde, tem bastante coisa, eu não tenho autoridade profissional pra liderar um grupo, por exemplo, na área da saúde, mas eu sei por onde caminhar pra conseguir um médico, uma enfermeira, uma fisioterapeuta, entendeu?

Marcela: A senhora tem interesse em depois de se aposentar ficar fazendo trabalho comunitário?

Sandra: Aí, eu preciso fazer alguma coisa.

Marcela: Que legal!

Sandra: Preciso fazer alguma coisa, porque o Rai falou esses dias pra mim: esses dias a senhora não ficou em casa a senhora ficou menos estressada do que a senhora ficou outros dias. Mas não é, eu não paro. Hoje eu tô aqui, mas eu saio do laboratório, vou na cidade, eu passo na minha mãe, ou vou lá na minha casa no DIC. Ou se foi um dia muito tumultuado eu vou na cidade, dou uma volta e depois venho embora. Então, não posso ficar o dia todo sem fazer nada. Eu preciso me ocupar. E assim, duas coisas que eu gostaria: trabalhar com a população na área da

saúde, e trabalhar com os animais, porque eu amo animal. Mas que é uma coisa mais difícil também.

Marcela: Mas também não é muito longe da área da saúde, não sei aqui, mas onde eu moro tem muito cachorro abandonado, o pessoal fica cuidando, porque é uma questão de zoonose também... é interessante.

Sandra: São duas coisas que eu gostaria de fazer, mas vamos ver, eu estava falando pro Rai o que eu vou fazer? Tem o Ibaô aí, tem o objetivo, a linha é trabalhar com a comunidade afro e coisa e tal, mas será que não poderia ter mais alguma coisa além disso?

Marcela: Sim, e eles tem uma relação com o centro de saúde, né? Tinha uns grupos que aconteciam lá, não sei se está acontecendo mais, tinha um grupo que via pressão, tinha um pessoal que ia lá...

Sandra: Porque você traz o pessoal, infelizmente...

Marcela: Tipo o Balão do Laranja...

Sandra: É um povo carente que vem buscar ajuda, e de repente a participação acaba tudo, ninguém está mais doente. A gente tinha um... eu participei de um trabalho lá no Jardim Aurélia também com as mulheres com mais de 40 anos, 50 anos, porque nessa fase da vida nós não olhamos mais no espelho, porque nós queremos nos olhar no espelho quando estamos mocinhas, corpinho bonitinho, cabelinho bonitinho, rosto bonitinho, mas depois com o passar dos anos você se apronta e sai. É lógico que um dia especial você passa um batom, mas você já não se olha mais no espelho como antigamente, e lá fazia o trabalho com as senhoras, de toda vez... tinha dança, tinha roda, tinha verso. Mas todo mundo, cada ponto tinha um espelho. Pra que nós nos olhássemos no espelho, o tempo passou, mas continuamos tendo o mesmo direito de se olhar no espelho, de se arrumar. Nós temos valor ainda, a gente não se olha mais por que? Você não é mais valorizada, você envelheceu. Porque é assim que o brasileiro vê o velho, né?

Marcela: A sociedade, né? Ficou velho, ficou velho com que idade? Como é esse conceito...

Sandra: É.... eu vejo isso lá no trabalho, foi mandado um moço bem jovem e eu fiquei. Nossa a moça está que olha pra mim com uma cara de ódio. Ela falou para as meninas lá: a Dona Sandra: que tinha que ter ido embora, não ele.

Marcela: É uma questão de capacidade...

Sandra: E lá está um ambiente difícil, mas eu sou a mais velha. Entendeu? Mas é o que, onde já se viu, ela aposentou, como que manda embora e ficam com ela? Eu sei que mais dia ou menos dia eles vão me dispensar, mas é assim que o velho é visto na sociedade. Então, se a gente desenvolver um trabalho bom traz a senhoras pra dizer uma aulinha, pra cortar cabelo, pra conversar, trocar experiência. Tudo isso...

Marcela: Mas a senhora está pensando em fazer aqui no bairro mesmo?

Sandra: Que caiba dentro da comunidade.

Marcela: Que legal.

Sandra: Mas eu não sei onde eu entro, nem quando e se vou conseguir isso, mas esse era o objetivo, ainda que seja... direcionado pra atividade afro, que isso possa integrar dentro desse trabalho, entendeu?

Marcela: Tem quase um projeto na mão...

Sandra: Porque na verdade quase todo mundo é descendente de alguma coisa, não é? Dizer que nós não somos descendentes de branco, índio e negro. Nós somos uma única raça se a gente for ver. Porque todo mundo tem. E com o mesmo objetivo.

Marcela: Se um é de um jeito e outro do outro.

Sandra: Melhorar a qualidade de vida pra todo mundo.

Marcela: Que legal, ia ser interessante fazer esse trabalho no bairro, né? Teve aqui a vida inteira.

Sandra: E nada aconteceu. E a gente vê, olha, eu vejo a minha mãe... minha mãe é uma pessoa extremamente ativa, minha mãe participou de curso, mas tudo ela foi buscar, não que o bairro tivesse oferecido. Eu não lembro da minha mãe ter feito um curso, dos cursos que ela fez, de ter feito no bairro. De ter feito uma reunião de senhoras, de trocar experiência, depois que o Integração começou a fazer isso....

Marcela: O PROGEN não tem isso?

Sandra: O PROGEN não, o PROGEN começou uma coisa, mas parece que não... começa e não termina. Acaba ficando nos adolescentes mesmo, que já é uma grande coisa, né? Eles passam... o futuro é deles mesmo, mas eu acho que precisa disso, eu acho que o bairro precisa disso, e não tem. Nunca teve.

4.7 – ADEMAR

“Cada um para um canto... muda muito, porque tudo na vida da gente tudo passa, tudo é passagem, né? Passagem... a gente conhecer as pessoas, ver crescer, depois vai cada um para um canto e não vê mais. É assim. É assim a vida.”.

Senhor Ademar morava no bairro desde a década de 1980. Seu filho havia feito capoeira como o Mestre Ted, junto com David. Atualmente é motorista aposentado da Unicamp e frequenta a praça do Nóbrega, onde fica nos fins de tarde conversando com outros colegas, em geral aposentados também, como tive oportunidade de conhecer alguns.

Fui apresentada a ele por David, na frente do Ibaô e ele aceitou conceder a entrevista, marcada para o dia seguinte, na praça.

Marcela: Senhor Ademar, como era por aqui quando o senhor mudou, me contaram que os muros baixos entre as casas...

Ademar: Estava com aqueles murinhos pequenininhos de cimento, né? Aí cheguei em casa e falei pra minha esposa assim: e agora? Vamos ter que ir para lá, né? É nossa casa, né? Vamos para lá, vamos ver como está isso aí.

Ademar: Tem de tudo aqui, uma beleza.

Marcela: E não tinha comércio?

Ademar: Não, não. O comércio era na “sedinha” aí, tinha um mercadinho. Aí funcionava um mercadinho, vendia verdura, pão, leite, tudo aí.

Marcela: Era o único?

Ademar: Era o único, aí montaram uma barraquinha de madeira aqui, e outra aqui nessa esquina aqui. Nós “viveu” as coisas... cebola, tomate, essas coisas para o pessoal aí, o pessoal não saia daqui, naquele tempo acho que até ônibus era difícil no começo. Não tinha. Eu, por exemplo, trabalhava na Unicamp, era motorista e vinha com o carro para casa.

Marcela: Mas já tinha a John Boyd Dunlop?

Ademar: Já tinha, só que da Vila Teixeira para cá era uma pista só. Tinha o pontilhão lá que passava o trem, ali só, depois fizeram avenida e tudo. Depois de algum tempo fizeram a avenida, isso aqui é fora de série, o bairro.

Marcela: E mudou todo mundo de uma vez? Que aqui foram três etapas, né? Todo mundo da primeira etapa? Ou não? Foi aos poucos?

Ademar: A primeira etapa, se não me engano, foi em 1974. Nós viemos para cá em 76. Aqui tem 4 etapas. Segunda é a maior que é essa daqui a terceira ali perto da Rua Corruíra atrás daqueles prédios lá, aquela praça. E a quarta onde tem a creche ali, que tem a rua pescador, tem papagaio, periquito, tudo ali. Jandaia, Embu, aquela ali foi a quarta parte, última parte que fizeram, mas estamos aí.

Marcela: E aí já foi em que ano, vocês lembram quando foi essa última?

Ademar: Essa última? Já passava dos anos 80... 85, por aí, 84,85. Essa terminou em 76. E ainda não terminou totalmente tinha uns prédios fazendo ainda, aquele prédio estava fazendo, esse aqui. Estava fazendo prédio aqui ainda, aqui ainda quando nós viemos para cá, não era asfaltado, inclusive no mesmo dia que mudei aqui fiquei com o carro atolado aí.

Marcela: E como que seu filho ficou sabendo dessa capoeira? Foi depois?

Ademar: Ah, muito depois...

Marcela: Foi junto com o começo do bairro?

Ademar: Bem depois. Viu? Quando ele veio na capoeira eu acho que já tinha uns 12/13 anos de idade mais ou menos, 14 anos.

Marcela: Já era década de 80?

Ademar: É, mais ou menos, década de 80. Ai o Ted abriu a capoeira aí e ele se inscreveu, se inscreveu e acho que ficou dois anos aí. Depois não sei se ele enjoou, não quis mais fazer.

Marcela: Porque eu entrevistei o seu Tavares...

Ademar: Sim, foi o presidente da sociedade aqui. Foi um dos melhores que teve aqui, foi o único melhor. Agora tem isso aqui, mas aí eu não sei se participa com as atividades da vila, porque eu não vejo nada. Com o Tavares não, o Tavares colocou desenho, cerâmica pra meninas, colocou datilografia na época, hoje não tem mais, minha filha fez datilografia aí, minha filha aprendeu a fazer pintura em cerâmica, tudo aqui no tempo do Tavares...

Marcela: E tinha capoeira também numa quadra? E tinha esporte?

Ademar: Não, no tempo do Tavares não tinha esporte, só teve um time de futebol aqui, que acho que fazia parte daqui, disputou o desafio ao Galo, é um time bom, um time forte tinha aqui.

Marcela: Lembra o nome?

Ademar: Era Nóbrega mesmo. Aquele desafio ao Galo, era uma varzeana em São Paulo, foram várias vezes que jogaram, porque ia ganhando ia ficando, eles ficaram vários domingos jogando. Agora o tempo do Tavares aqui teve essas coisas aí, as meninas pintura em tecido, em cerâmica, datilografia, minha filha fez aí. Depois que o Tavares saiu aí caiu bem a sociedade.

Marcela: Foi com ele?

Ademar: Caiu bem, caiu bem que não teve nada mais, acabou tudo, inclusive ele participava de algumas brincadeiras assim, tinha de tudo...

Marcela: Umas gincanas? Eu vi umas fotos...

Ademar: É.... tempo do Tavares... inclusive eu pagava uma coisa simbólica, naquele tempo lá eu não sei se era um cruzeiro por mês, a mensalidade, aí eu já pagava as 12 para não ter trabalho, pagava as doze.

Ademar: Tinha bailinho de sábado no fim de semana.... Várias pessoas fizeram festa nessa área aí...

Ademar: Agora tem esse Ibaô aí, que não sei, a gente tem até dúvida, apesar que o David é gente fina, a gente não sabe o que eles, qual a atividade geralmente deles. Se é folclore, se é a capoeira, a gente não se envolve muito com eles aí, parece que fica meio isolado, você entendeu? Não é que eu tô contra, nada disso...

Marcela: Eu entendi. Eles não se inserem tanto no bairro...

Ademar: Não, não... fazem essas brincadeiras, no carnaval fizeram um batuque aí... E ele faz capoeira o Davi, né? Ele é professor de capoeira aí.

Marcela: Eles dão aula de capoeira. Eles trabalham mais com essas manifestações afro...

Ademar: Afro, justamente...

Marcela: Trabalham essa coisa do tambor, do afoxé e da capoeira.

Ademar: A pouco, quer dizer, foi no carnaval, uma brincadeira aí o dia todo, foi bacana. Aí teve porco no rolete, né? Tinha as bancas das comidas afro, foi até bacana, isso foi pelo Ibaô aí...

Marcela: Isso quando?

Ademar: Nem lembro mais, sei que... Tempo do Tavares, né? Tavares ficou vários anos como diretor...

Marcela: Tem ainda? E quem que põe?

Ademar: Ajuda, eles patrocinam, eles fazem a brincadeira...

Marcela: Mas tem alguém aqui no bairro que faz isso? Vai lá embaixo e fala...

Ademar: Tem as meninas...

Marcela: Organiza?

Ademar: É. Fizeram inclusive...

Marcela: As mães? São isso?

Ademar: Mais ou menos assim, né? Elas conseguiram Coca-Cola, Guaraná, bebida, pão, salsicha, fazia cachorro quente, elas faziam na praça aqui, ficou muito bonito. Dia das crianças.

Marcela: São Cosme e Damião não?

Ademar: Não, São Cosme e Damião não teve.

Ademar: Essa praça aqui estava cogitada para ser uma igreja, a igreja queria comprar a praça aqui...

Marcela: Agora ou tempos atrás?

Ademar: Poucos anos atrás, né?

Ademar: Aí venderam aquela parte lá debaixo que era a sede onde tinha um esporte, basquete, futebol de salão, aí venderam lá... aqui permaneceu porque bateram o pé, e fizeram isso, mas estava para vender isso daqui para a igreja...

Marcela: E essa aqui é a única praça?

Ademar: A única praça que tem... Isso quem cuida não é a prefeitura não, quem cuida aqui é seu Sebastião, ele não está ainda... acabou de chegar ele.

Marcela: Eu já conheci ele.

Ademar: Ele que cuida aqui, a gente quando a máquina quebra aqui, a gente faz uma vaquinha e compra, dá dez reais cada um quando quebra, manda arrumar. É ele que faz tudo isso, seu Sebastião. Ai no fim do ano o comercio aqui dá uma cesta para ele, aí corre uma listinha aí e cada um dá dez, dá cinco, e dá uma força para ele no natal dele.

Marcela: Mas ele faz porque quer também?

Ademar: Porque quer também, porque a prefeitura não, se largava a prefeitura isso aqui, o mato ia...

Marcela: As arvores foi ele que plantou?

Ademar: Um pouco foi, um pouco já estava aí. Um pouco ele trouxe, acho que esse cedro foi ele que plantou, essas arvores aqui... aquela ali, o pau brasil aqui foi ele que plantou...

Marcela: Qual que é pau brasil?

Ademar: Esse daqui...

Marcela: Vocês não lembram quando colocaram o balanço?

Ademar: Esse balanço acho que tem mais de um ano, dois anos mais ou menos...

Marcela: Ah, é de agora?

Ademar: É de agora. Agora essa mesa não tinha.

Ademar: Tinham aqueles bancos só aqui, aí eu e o Sebastião conseguimos essas mesas, cadeira.

Marcela: Com que ele conseguiu?

Ademar: Na AR (Administração regional). Aqui a gente jogava dominó antigamente... baralho não, só dominó.

Marcela: Não joga mais?

Ademar: Joga, mas diminuiu bastante.

Marcela: É uma praça gostosa, né?

Ademar: As árvores cresceram, faz sombra...

Ademar: Aqui tem um posto de saúde muito bom...

Marcela: Que é o Integração.

Ademar: Justamente, muito bom aquele postinho lá, inclusive ele preenche todas essas Vilas aqui, Garcia, Castelo Branco, Nobrega. Tudo isso ele pega. Jardim Londres, tudo isso aí. É grande, bastante movimento.

Marcela: E essa questão dos bairros que você falou agora. A Vila Castelo Branco, o Jardim Garcia, vocês se sentem vizinhos de quem? De todos?

Ademar: De todo esse pessoal...

Marcela: Londres vocês não falaram...

Ademar: Está mais afastado, está para cima aqui, vizinho mais ou menos. Um pouco vizinho, pega um pedaço do Londres, mas aqui nosso mesmo é Castelo Branco e Garcia.

Marcela: São os três bairros?

Ademar: Os três bairros, e tem o Recanto dos Pássaros lá embaixo, né? Um pessoal que apossaram de uma terra lá que tinha lá e fizeram as casinhas deles, lá chama Recanto dos Pássaros. Inclusive ontem eu escutei o entregador de pizza perguntar para o vizinho onde era a rua Jacari. Aí o vizinho falou "Eu não sei onde eu vi essa rua", quando eu fui sair para falar onde era, porque eu sei onde que é, o motoqueiro foi embora. Ele acha.

Marcela: E é lá?

Ademar: Lá embaixo, a rua Jacari.

Marcela: E deixa eu perguntar, quando eu venho para cá tem um balão, aí se eu for para lá eu vou para o Recanto dos Pássaros, mas antes dali tem uma viradinha que parece uma fazenda, indo para a Pedreira assim, ontem eu vi um senhor negro entrando, parece um caminhozinho. É só uma casa?

Ademar: Bom, se você chegar no balão ali e continuar indo em frente, tem um negócio, uma rotatória aqui, que depois que a prefeitura põe terra, põe pedra, certo? Mais adiante um pouquinho, ali tem... o pessoal invadiu um terreno, fizeram umas casas ali, quatro ou cinco.

Marcela: E essa não é o Recanto dos Pássaros? É outro lugar?

Ademar: Outro lugar, aí você passa a tubulação da Petrobrás, que é aquele canteiro, você entra a direita no fim da rua Canário, tem uma pracinha, que é o ponto final do ônibus. Aquela pracinha, na parte de baixo é Recanto dos Pássaros, aquela parte ali. O fim da linha do 241. A linha do ônibus vai lá no Recanto dos Pássaros.

Marcela: E agora é regularizado lá já?

Ademar: Tem água, tem luz, tem tudo.

Marcela: Mas os terrenos também?

Ademar: Terreno também, tudo terreno pequeno, 100m², tomaram conta lá, né..

Marcela: E esse outro lugar vai ser no mesmo caminho? Esse outro que tem umas quatro, cinco casas?

Ademar: Olha, não sei se vai ser não, porque a prefeitura cercou ali e está usando como bota fora de material...

Marcela: É público?

Ademar: É, mas se ela bobear, a turma vai...

Marcela: E são pessoas negras?

Ademar: Que moram naquelas casas? Não, não.

Marcela: Mas eu vi um senhor negro descendo.

Ademar: Pode ter sim, mas é branco que mora ali.

Marcela: E aqui tem mais branco? Mais negro?

Ademar: Aqui? Eu acho que tem mais branco. Inclusive aquela parte da Petrobrás do canteiro, que não pode construir, não pode construir toda essa marginal aqui, para tirar o córrego do Piçarrão lá embaixo, tão construindo tudo, não sei o que vai ser aquilo lá não. Se vai criar casos. Porque não pode construir em cima do oleoduto.

Marcela: Tem tubulação embaixo, né?

Ademar: Tem tubulação embaixo, estão construindo do lado assim, encheram de casa ali. Está cheio de casa. Qualquer hora manda derrubar tudo, porque ali o projeto da prefeitura que a gente escuta falar, também não saiu do papel até agora, é que vai fazer uma ligação até o Boa Vista ali, vão fazer uma avenida ali, terminar a avenida ali, na rua Canário e na rua Pardal. Elas vão atravessar o Piçarrão e vai para o Boa Vista, vai sair na cidade de Monte-Mor, aí evita isso daqui. O projeto é esse aí, agora já construíram tudo lá onde ia ser a avenida. Isso aí para a Prefeitura manda derrubar e acabou. Manda sair fora e acabou. Só que o pessoal ali vai ficar sem moradia. Apossaram ali da terra, pelo menos tem a moradia deles.

Marcela: E conta uma coisa, o senhor tem um filho.

Ademar: Eu tenho um casal de filhos.

Marcela: Uma filha também, e o senhor tem filhos? Não. Eu fico pensando, porque o Davi perto de 40, os seus filhos devem ter mais ou menos essa idade.

Ademar: Mais ou menos isso, meu filho nasceu, esposa veio para cá grávida, nós viemos para cá em setembro, em junho meu filho nasceu. Em junho de 77.

Marcela: É o mais velho? Ou ela já tinha nascido?

Ademar: Não, ela já tinha seis anos quando ele nasceu.

Marcela: E aí eles já estudaram aqui também?

Ademar: Estudaram no MANA, aí a minha filha fez o segundo grau no Dom Barreto e meu filho fez segundo grau aqui no MANA, aí depois seguiram o caminho deles...

Marcela: Eles não moram mais no bairro?

Ademar: Não moram no bairro. Meu filho morava aqui na rua Jaó, vendeu a casa, começou com o apartamento em Capivari, vendeu apartamento e comprou a casa, vendeu a casa e construiu uma casa aqui no fim do posto de saúde do Perseu ali.

Chama Parque das Fazendas. Bairro novo, loteamento novo. Ele fez uma casa lá, está morando lá. Acho que faz uns seis meses que ele mora lá.

Marcela: Ele mudou agora?

Ademar: Mudou agora. E a minha filha mora no São Conrado, já faz muitos anos. Construiu uma casa lá, compraram terreno ela e o marido e construíram uma casa lá e tão morando lá.

Marcela: E ele quando mudou, só pra entender essa história da COHAB. Ele quando morou aqui pegou da COHAB? Ou não pode mais pegar da COHAB hoje em dia?

Ademar: Não, não. Ele comprou, foi com o dono da casa que pegou da COHAB.

Marcela: Porque hoje quase todas as casas estão quitadas, então todo mundo é dono. Não tem mais COHAB?

Ademar: Não, não tem mais COHAB. Eu tenho a escritura da casa... agora se a gente quiser vender vende direto para a pessoa, sem a COHAB. Então ele comprou a casa de terceiro e vendeu já a casa. Vendeu a casa e já vendeu para outra pessoa. Ele construiu lá, lá vai ser difícil de sair. Casa bonita que ele fez, um sacrifício tremendo aí para construir a casa.

Marcela: Legal construir, vai fazendo do jeito que quer.

Ademar: A casa lá é um palacete lá.

Marcela: Para entender essa relação da COHAB, como foi, lá atrás... eu vou no futuro, depois volto no presente... quando vocês fizeram era sorteio, como que é? Ficaram sabendo? Já tinha Castelo Branco?

Ademar: Sim, já tinha. A gente fez inscrição em 71 quando eu me casei, era na rua Costa Aguiar que eu fiz inscrição.

Marcela: Já para cá?

Ademar: Para esse bairro, para essas casas aqui. Quando foi em 76 eu peguei a casa, 5 anos depois. Aí teve o sorteio da chave lá na prefeitura, no ginásio da Lagoa

do Taquaral, aí minha esposa pegou a chave já com o endereço da rua, rua 37, hoje a Uirapuru, número 76. Aí vim ver a casa.

Marcela: Eu vi umas fotos das casas, era... [motos ao fundo].

Ademar: Devia ter tirado foto da minha casa, não tirei. O murinho era um bloco de cimento, duas “fieiras” assim, um portãozinho de madeira, só.

Marcela: Mas teve uma pessoa que entrevistei que falou bem disso, falou "aí, era legal porque não tinha muro, que você tinha mais conversa com o vizinho"...

Ademar: Tinha mesmo.

Marcela: Você achava bom ou ruim? Como é que era?

Ademar: Não sei, tem que pensar em privacidade, né? Agora a primeira coisa que eu fiz quando entrei na casa foi fazer muro. Eu fiz um muro de 1,80m. Para ficar à vontade, né? Sai no quintal e a mulher, a esposa do outro está lavando roupa, essas coisas, pode abaixar, não quero. Nem ver a dos outros, nem a minha. Eu subi 1,80m o muro, depois fiz a frente e depois fui arrumar a minha casa devagarzinho. Aterrei a casa que tinha um desnível de 1 metro, mais ou menos. O vizinho tinha terra demais, eu tinha de menos. E do terreno dele jogava para minha. Pela pá por cima do murinho. Aterrei todinha a minha casa e arrumei a terra dele lá, que ele tinha problemas cardíacos e eu fazia isso no fim de semana. Aí nivelei todinho o meu e o dele. Aí eu comecei a reformar.

Ademar: Apesar de que naquela época, um pouco depois, de uns tempos para cá, se roubava botijão de gás, roupa no varal. Não tinha muro. Acontecia muito isso. Não era pessoas que moravam aqui não, era molecada do Castelo Branco que vinha aí roubar. Adolescente, né? Roubava varal, roupa, tênis, para comprar droga.... Por isso foi bom fazer o muro, né?

Marcela: Mas era mais unido, se conversava mais?

Ademar: Sim, se conversava mais, hoje depois de um tempo que moramos juntos aí, parece que o vizinho falou... escutei o cara falar para o Arlindo ali em cima, que eu sou metido a rico. Porque a casa dele é toda relaxada, toda bagunçada, suja. Aí eu

falei com esse cara que falou para mim, aí falei: 'você acha que arrumar sua casinha, ter o seu carrinho para passear, ter uma vida boazinha é se metido a rico? Então eu sou metido a rico'. Que eu quero o bem-estar meu, então é isso, minha casa é bem arrumada. Moro no 76, uma hora você passa lá, tem meu carrinho para passear, faço minhas viagenszinhas por aí, a gente passeia, vai para a praia. Tive até Natal, já tive Natal, Rio Grande do Norte, a gente passeia. Agora isso é ser metido a rico? Então sou metido a rico, né? Não sou metido a rico. Eu tenho um salário razoável, dá para viver muito bem, então eu tô tranquilo. Eu aposentei no trabalho. Faz 19 anos que eu aposentei e não trabalho mais, tem uns coitados aqui que o salário não compensa, aí tem que trabalhar para ganhar mais. Eu não precisei fazer isso. Eu tô aí há 19 anos, não dependo dos meus filhos e nem meus filhos dependem de mim. Formei uma família bacana. Então se tudo isso é ser metido a rico eu sou metido a rico. Minha filha tem faculdade, meu filho tem todos os cursos de SENAI que queria, e é isso que fiz com a minha família.

Marcela: Feliz, né? E a criação dos filhos foi boa no bairro? Eles tinham amigos aqui? Eles faziam coisas?

Ademar: Faziam, andava de bicicleta. Andava a cidade todinha para a Lagoa do Taquaral e esses cantos aí para passear.

Marcela: E saía daqui andando?

Ademar: É daqui. Meu filho é cabeça tão boa, meu filho nunca precisei falar vai fazer isso vai fazer isso, vai fazer aquilo. Ele falava assim: ô pai, posso fazer o curso de torneiro mecânico? Vai fazer, depois de um tempo ele aparecia "posso fazer SENAI?". E é assim. Aí fazia, é um cara que tinha iniciativa.

Marcela: E a filha o que fazia? Andava com outras amigas aqui no bairro?

Ademar: Nossa, tinha! Elas montavam a piscininha lá em casa e brincava tudo. Boas amigades, e as que estudaram juntos no MANA aí, a Alessandra, a Dri, a Magali e a Luciana são quatro amigas inseparáveis. Elas convidam, vão almoçar uma na casa da outra. Marca para ficar uns dias juntos, tudo, são bacanas essas meninas. Essas quatro meninas.

Marcela: E onde elas moram agora?

Ademar: Uma mora aqui em cima, comprou casa aqui no Nóbrega, a outra mora na casa do vô dela, ali mesmo. A outra Alessandra acho que mora na Vila Nova e a minha filha mora no São Conrado.

Marcela: E dessas duas moças que moram aqui, elas ficaram na casa dos pais ou não?

Ademar: Essa ficou na casa que era do avô dela. O Avô tinha casa e a mãe tinha casa, aí o avô morreu e deixou a casa para ela, e a outra casa lá embaixo vai ser do irmão dela que é da mãe. E essa outra Luciana comprou a casa na primeira etapa, na parte de cima lá, ela comprou a casa, financiou talvez, e adquiriu a casa. Porque está acostumado a morar aqui, né? Meu filho morou aqui, mas ele achava a casa muito pequena, a rua apertada. Ele se colocasse um carro na rua tem que botar o outro em cima da calçada senão não passava. Só essa rua aqui que eu moro que é mais larga. Aí ele resolveu vender a casa. Vendeu a casa, comprou um terreno, financiou o terreno em oito anos. E o dinheiro que ele vendeu a casa ele construiu. E gastou mais 40 mil reais para terminar a casa.

Marcela: E ele tem amigos aqui ainda?

Ademar: Tem, o Leandro.... Ontem fui na lojinha comprar uma tomada, o menino falou "e o Leandro como está?". É amigo dele, falei "está bem", "então fala para ele que tô aqui", "eu já falei para ele que está aqui", "então manda ele vir bater um papo comigo aqui", falei que depois ele vem aí...

Marcela: A vida corrida acaba...

Ademar: Cada um para um canto muda muito, porque tudo na vida da gente tudo passa, tudo é passagem, né? Passagem, a gente conhecer as pessoas, ver crescer, depois vai cada um para um canto e não vê mais. É assim. É assim a vida. Agora aqui foram boas amizades. Nós temos boas amizades.

Marcela: Eles ouviam música por aqui? O que eles faziam mais?

Ademar: Meu filho não participava muito do bairro de música não, mas ele gostava de dançar na Gênesis, uma discoteca que tinha aqui no Bonfim, ele ia muito lá, mas ia todos os amiguinhos aqui junto, para dançar lá.

Marcela: A maior parte das pessoas se conhece desde sempre ou tem gente nova no bairro?

Ademar: Tem, mudaram muito porque venderam casas. Tem pessoas que saíram daqui, venderam a casa e foram embora, inclusive alguns voltam de vez em quando para passear, para bater papo com nós, a maior parte sumiu, a gente não vê mais.

Marcela: Nem sabe para onde foi?

Ademar: Nem sabe para onde foi.

Marcela: E aí tem um povo mais novo, mas não tão novo?

Ademar: É, compra uma casa, compra e vem, né? Vem para comprar. Meu filho vendeu a casa aí, tinha um amigo dele que falou: "porque você não falou para mim comprar a casa", ele queria vir para cá, ele sabe que aqui é um bairro bom.

Marcela: É um bairro tranquilo, né?

Ademar: Tranquilo, aqui tem todo o conforto que você possa imaginar. Você tem o Enxuto, Covabra, tem o Atacadão, tem tudo aqui, tem shopping, tem o Bandeira, tem o Unimart, tem o Campinas que também não é longe. Tudo perto aqui.

4.8 TONINHO

“Eu ainda não pago nada para ter o meu pensamento. Eu não posso é falar, aí vou pagar caro, mas pensar só, pode pensar ainda... é bom”.

Senhor Toninho apareceu na praça para “prosear” com os colegas, como fazia em suas tardes. Ao me ver entrevistando o senhor Ademar, se colocou à disposição, também querendo “conversar” como ele disse. Fiz a entrevista com ele após encerrar com o Senhor Ademar. Era aposentado, da Rhodia, mas contou sobre seu passado, veio na década de 1970, da região Noroeste do estado de São Paulo, trabalhava no campo.

Marcela: É que assim... eu estou fazendo uma entrevista com as pessoas aqui do bairro, porque eu estou estudando esse bairro, a Vila Padre Manuel da Nobrega. O que as pessoas faziam de hábitos culturais, tinha presença de manifestações culturais aqui? A escola? A música? Aí perguntei o que o filho fazia, a filha. Aí vou perguntar outras coisas para você nesse sentido. Quando você mudou para cá? Em que ano? Você lembra?

Toninho: Deixa eu pensar um pouco, faz muito tempo, então...

Marcela: No começo do bairro?

Toninho: Foi, que eu me mudei para cá foi quando me casei, em 78.

Marcela: 78. E aí foi em qual etapa?

Toninho: Segunda.

Marcela: Já tinha filhos?

Toninho: Não.

Marcela: Tem filhos?

Toninho: Tem duas filhas e três netos.

Marcela: Nasceram aqui?

Toninho: Duas filhas e três netos. As filhas “tudo” nasceram aqui. Eu que vim de longe.

Marcela: De onde o senhor veio?

Toninho: Eu vim lá do outro lá, como é que fala? Do interiorzão mesmo. De Bauru, da região de Bauru eu vim, mas eu sou nascido em Brotas, daí fui embora. Até final de 69, 70 que mudei para cá e tô aqui até hoje.

Marcela: E os filhos foram criados aqui? Moram aqui? São só filhas?

Toninho: São duas filhas.

Marcela: Elas moram aqui ainda?

Toninho: Ela mora aqui em Campinas.

Marcela: Mas não aqui na Vila?

Toninho: Na Vila não. Tem uma que mora na Ponte Preta. Ali perto do Samaritano. E a outra agora mudou lá para... não vou lembrar o nome, do lado do shopping lá. Tem a Leroy lá na Dom Pedro, não tem?

Marcela: O Iguatemi?

Toninho: É mais longe, ela morava do lado do Iguatemi. Agora comprou lá no condomínio fechado... Alto da Colina.

Marcela: Sousas?

Toninho: Não, é Campinas ainda. É ali perto do Jardim Boa Esperança, por ali. Eu falo o nome, mas conhecer...

Marcela: Aquele lado de Campinas cresceu muito nesses anos.

Toninho: Quando eu vim para cá não tinha nada, só um centrozinho, alguma vila, que era tudo popular, o Costa e Silva, o Castelo Branco, depois veio o Nobrega, certo?

Marcela: Mas o senhor mudou de perto de Bauru, não era Bauru?

Toninho: Bem antes de Bauru.

Marcela: Como chama a cidade?

Toninho: Eu não morava na cidade, eu morava num sítio, depois eu mudei para usina de açúcar. Trabalhei uns 10 anos nessa usina, mais de 10. Quatro de menor, até os 24. Foi mais de 10 anos trabalhando nessa usina.

Marcela: E de lá o senhor mudou para Campinas?

Toninho: Mandaram embora, né?

Marcela: Mas aí o senhor mudou para Vila já ou para Campinas?

Toninho: Não, a gente veio pagando aluguel.

Marcela: Que bairro o senhor morava?

Toninho: O primeiro aluguel foi Proença na rua do professor. Lá no Proença, do lado do antigo moinho São Paulo, que tinha lá, não sei se você lembra disso. Hoje onde é a UNIP hoje, lá em cima. Primeiro aluguel que a gente pagou foi lá. Depois começa a subir, a gente veio mais para o centro, ali na Gabriel Penteado. Tinha a garagem da CTC. Era lá embaixo, quase divisa com o Jardim Eleonor. Você está aqui no quartel, se olhar para o lado do Jardim Eleonor, é aquela baixada ali. Vila, o nome da vila agora fugiu, não é Vila João Jorge, é Vila...

Marcela: Mas é ali perto?

Toninho: É tudo encostado ali.

Marcela: Aquelas vilinhas ali que tem a ver com as ferrovias...

Toninho: Não, não. Tem o Jardim Eleonor, você indo sentido Parque Prado lá, bem na baixada, hoje é tudo casa que tem na baixada, mas a baixada era um terrenão, igual aqui. Depois de lá a gente foi morar na Marieta. Sabe onde é?

Marcela: Sei.

Toninho: Tem a Doutor Betim, você subindo a Doutor Betim, a direita tem uma outra casa lá. Onde era mais barato a gente tinha que mudar, né filha? A “trempa” era grande e ninguém ganhava quase nada, ganhava, mas era aquele salário...

Marcela: E ali você não tinha as filhas ainda? Mas era casado já?

Toninho: Não. Solteiro.

Marcela: Morava com a família?

Toninho: Morava com a família, mas...

Marcela: Seus pais vieram também para Campinas?

Toninho: Quando eu vim o puxador de samba tem que acompanhar.

Marcela: Quem veio para Campinas?

Toninho: Primeiro fui eu. Eu saí já trabalhando, aquele tempo era bom para isso. Já saí trabalhando. Casa de colega, dormindo aqui, dormindo para cá, aí veio meu pai e minha mãe, veio com a família, e o resto e as duas irmãs. Meu irmão e mais outra irmã. Mais um outro irmão. E daí começou a batalha. E aí a gente foi mudando, né? Até compramos terreno, onde tem a casa lá, no Parque da Figueira I, porque lá tem Parque da Figueira I e II, que é atrás do Nova Europa.

Marcela: Isso foi em que época? Isso foi antes? Depois dessa casa da Vila Marieta?

Toninho: Depois que a gente morava no Marieta. Lá que quando lotearam, inclusive era Fazenda Taubaté lá.

Marcela: Que virou Figueira?

Toninho: Que virou Figueira. Era Fazenda Taubaté.

Marcela: Como o senhor veio chegar aqui? Tem outro lugar antes? Aí o senhor comprou no Parque da Figueira e foi sorteado aqui também?

Toninho: Vou contar, depois de lá, a gente trabalhando e começamos a construir uma casinha lá, para sair do aluguel, até que a gente conseguiu, construiu, comprou. Aí mudamos para lá e de lá a gente, lógico, não tinha outro jeito. Eu tinha 24 anos, estava na flor da idade, meu irmão também já estava com idade, minhas irmãs arrumaram servicinho aí, meu outro irmão arrumou. Trabalhei na CTC antes. Meu irmão também trabalhou, depois eu saí e entrei pra Rhodia. Aí começou a clarear, né? Aí trabalhei 23 anos na Rhodia, meu irmão trabalhou na Clark. Depois trabalhou, tenho irmão que trabalhou na montagem da Petrobrás. Era terceirizado, que era só montador, aí quando terminou a Petrobrás que ele entrou na Clark, da Clark ele foi pra Bosch. E aposentou na Bosch, eu aposentei na Rhodia e os outros ficaram, aí deu problema em um dos meus irmãos, aposentou por invalidez. O mais novo, o caçula que tinha tudo para subir mais, que veio garotinho, não quis saber de estudar, aí bateu cabeça. Aí apareceu um rabo de saia, acabou.

Marcela: O senhor está falando que se aposentou, mas quando o senhor mudou para cá. Como foi vir para a Vila Padre Manuel da Nobrega?

Toninho: Quando eu casei.

Marcela: O senhor se inscreveu?

Toninho: Nesse meio aí minha mãe foi na COHAB, naquele tempo faia inscrição, minha mãe fez inscrição, tempo do prefeito Péricles Gonçalves. Ele era muito bom para esse tipo de coisa, tanto é que ela fez a inscrição com a casa, com a família, que seria usos e fruto. E até que um dia foi sorteado um lote, eu já estava namorando, né? Ai até entregar a casa tem um certo tempo, coisa e tal, aí eu firmei com a mulher, né? Mas demorou um tempo, foi esperando eles entregarem. Ai quando eles entregaram a casa, aí depois eu falei que posso casar porque tem onde morar. Sem casa não dá. Ai que mudei aqui.

Marcela: E foi em que ano?

Toninho: 78.

Marcela: 78. Comecinho do bairro, segunda etapa?

Toninho: É. Tinha a primeira feita, depois foi a segunda essa daqui, depois foi a terceira, que é ali na frente onde tem o parquinho, o parque infantil e ali beirando o Garcia, a terceira etapa.

Marcela: E suas filhas estudaram aonde?

Toninho: Minhas filhas fizeram... estudaram no MANA.

Marcela: Só tinha o MANA?

Toninho: Aqui só tinha o MANA, e tinha lá no Garcia aquele outro lá... não lembro o nome agora...

Marcela: Eu já soube, também esqueci.

Toninho: Se formaram, terminou ali, acho que até a 8ª série, e fizeram faculdade. As duas fizeram faculdade. E também arrumaram marido e se casaram. E ficou eu e a dona da pensão.

Marcela: E o que o senhor se lembra aqui do bairro? Da época que as meninas eram mais novas, de acontecer? Tinha umas gincanas, eu vi umas fotos do seu Tavares.

Toninho: Tinha, mas eu... sabe, quando eu trabalhava lá em Paulínia, na Rhodia, eu não tinha tempo para casa, tinha mês que trabalhava direto. Entendeu? É longe, então saía 6h e chegava 18h30 e ia dormir cedo porque no outro dia tinha que levantar. Eu mesmo curtir a Vila assim eu não tive tempo de curtir, como a cidade de Campinas, tem lugar que eu nem conheço. Hoje eu até posso conhecer, mas você vai em lugar que não tem parente, não tem nada, vai fazer o que? Eu penso assim, você vai no lugar onde você tem alguma coisa, tem um parente, tem um colega, entendeu? Amigo não falo, porque amigo é diferente. Colega é colega e amigo é amigo. E não é todo mundo que é amigo. Colega como nós estamos aqui conversando, posso falar que você é minha colega, todo mundo que está aqui é meu

colega. Amigo? Não. Amigo é um grau mais acima. Eu vejo desse lado. Então a gente não tinha tempo.

Marcela: Mas lembra das meninas fazendo coisa? Do que você lembra? Tinha amigos no bairro? Brincava?

Toninho: Não, no bairro era difícil.

Marcela: Por que?

Toninho: Porque elas, até a oitava série, eram criança de tudo. E a mãe que ficava com elas, ficava sabe marinha, também veio lá de Rio Preto, cidadezinha pequena, então vem com uma mentalidade totalmente diferente. Fazia seguir o que elas tinham passado, o que o pai tinha ensinado. O que mãe tinha dito, e ela passava pra meninas, então elas ficavam...

Marcela: No sentido de não sair muito?

Toninho: Não sair mesmo. Depois que entraram para a faculdade que começaram a conhecer mais menina, mais colega, fazer amizade, mas não deu muito trabalho não, não tem muita coisa pra... porque eu também sempre fui um cara... não gostava de bagunça, a maneira de ser, sair. Hoje eu chego a ver aí "tchau pai, tchau mãe", sábado oito horas da noite e só aparece no domingo à tarde e olha lá. Então eu não tenho muito de reclamar, de falar. Não tenho que comentar, agora a gente não vê, a gente não conviveu o dia-a-dia, eu não tinha tempo. A verdade é essa. Mas compensou...

Marcela: E o senhor se aposentou quando?

Toninho: 94.

Marcela: E depois que aposentou? Ficou aqui no bairro?

Toninho: Tô descansando, até hoje.

Marcela: E aproveitou mais o bairro? Ou não?

Toninho: Não.

Marcela: Ficou mais em casa? Vem na praça?

Toninho: Às vezes eu venho aqui bater um papinho, quando dá certo eu vou para a praia, porque eu adoro praia. Meus parentes foram tudo para o interior, outros foram pra São Paulo. Só que eu nunca fui na casa deles. Sabe? Essas coisas que a gente, a gente pensa de longe, mas não tem aquele convívio. Tem pessoas que são, que convivem, acha falta, não é que a gente não ache falta, mas eu sou daquele que perai, cada um tem o seu direito de ter. As vezes até minha mulher fala: "pô, você não liga" e eu falo "mas liga para mim?". Não liga para mim eu não ligo para ele. É uma besteira que a gente, mas cada um com sua cabeça, né?

Marcela: Mas o senhor gosta do bairro?

Toninho: Para mim é excelente. Tranquilo, você entendeu? Não é bairro violento. Tem, sempre tem, mas não é igual... você não tem, não tem essa molecada bandido, bandido mesmo. Não. Não é como uma Castelo Branco e outros bairros por aí. Tem uns vagabundinhos aí, mas não mexe com ninguém daqui, para a gente, depois que começa a ver, começa supermercado... a coisa melhorou, né? Então um dia.... minhas filhas que falam. Já é outra cabeça, né? "Vende aqui, vamos embora...". Eu falei não, para que? Está bom aqui. Enquanto está bom.

Marcela: E o senhor chama Toninho...

Toninho: Antônio Carlos Grana.

Marcela: Grana?

Toninho: G-R-A-N-A.

Marcela: Legal. Antônio Carlos Grana.

Toninho: Isso. Era animado aí, com esse tal de Tavares. Ele, a mulher, mais os colegas. Tinha um outro senhor que faleceu... fez tipo de um mercadinho, aí saiu os predinhos, fez comercio embaixo. E daí foi crescendo mais, que eu me lembre tinha a sedinha, uma outra sede lá em cima, tinha joguinho de futebol. Sabe que não é para todo mundo, mas assim, a comunidade aqui fazia coisas. Sinceramente, não me lembro de ter passado por isso, porque a gente vê bairro aí que as pessoas

trabalham, quem mora, colabora, ajuda, né? Mas por aqui, depois vai mudando, né? Aquelas senhoras que tinham vontade de ajudar já envelheceu um pouco mais, aí vem os filhos e começa a estudar em outro lugar. O convívio, a cabeça já é uma outra. Onde mora mesmo é só para dormir. Não tinha nada que oferecia. Entendeu? Esse é meu lado de ver. Não é um lugar que você mora, vai ter isso, vai ter aquilo, coisa e tal. Aí é diferente, mas aqui nunca teve coisas para atrair, os rapazes, as meninas.

Marcela: E das... pensando na população negra, tem a capoeira aqui, faz tempo? Tem terreiro... questão espírita no bairro.

Toninho: Na primeira etapa tem uma casa que faz tempo que eles fazem barulho lá de noite, acho que de quarta-feira. A gente não.

Marcela: Que é a coisa do tambor. E é o pessoal da capoeira que tem aqui?

Toninho: Não sei se é o mesmo pessoal.

Marcela: Está, mas aqui também tem a presença da capoeira, faz tempo que tem a capoeira?

Toninho: Já faz uns anos aí, estava largado, estava no caso de perder isso aqui, certo? Inclusive tinha aparecido comprador. Mas a COHAB segurou, não pode. Eles queriam aí, mas não vende, queriam comprar a praça. A praça não pode. Mas tem a vendinha, foi brigado na prefeitura, tem a sede lá em cima. Aí desmancharam a sede, venderam quase tudo a sede, só ficou um pedacinho para dizer que está lá, se amanhã ou depois alguém falar da sede. Tem lá a sede. E como aqui é uma outra etapa, tem que ter alguma coisa. Então segurou, isso aqui não era para ter. Se fosse outra pessoa que não pensasse, isso aqui seria igreja, essas igrejas de... igreja de crente. Todos nós somos crentes, nós cremos, mas tem aquele velho ditado e isso não perde. Então de capoeira tem esse pessoal aí, tem essa semana, tem duas ou três semanas. Eles fazem aí cada temporada, tipo de uma feirinha... O pessoal se instala aqui e tudo, vender coisinha, essas comidas. Mas não é sempre. Eu acredito que, não sei se a cada seis meses, uma vez por ano. É a única coisa aqui, você entendeu? Que tem aí, falando aqui. A Castelo Branco, Garcia. O Nobrega mesmo, a gente não, porque sabe como que é. O pessoal que mora num lugar não valoriza o

lugar. Não valoriza isso. É quase cem por cento que "não vou ficar nessa Vila aqui".. Cada um tem uma cabeça. né? Eu não tive tempo, eu não fui. As vezes falo para as minhas filhas, eu não fui como igual vocês foram, tiveram tempo de sair e de viajar, de ir não sei para aonde. Eu não. Eu me contento com Praia Grande, está bom. Quando eu posso ir eu vou. Para mim está excelente. Conhece Praia Grande? A única coisa que não proibiram é a gente pensa ainda, né? Eu ainda não pago nada para ter o meu pensamento. Eu não posso é falar, aí vou pagar caro, mas pensar só, pode pensar ainda... é bom.

Toninho: Era animado aí, com esse tal de Tavares. Ele, a mulher, mais os colegas. Tinha um outro senhor que faleceu. Que puxava, sempre tinha... [áudio obstruído]. da COHAB fez tipo de um mercadinho, aí saiu os predinhos, fez comercio embaixo. E daí foi crescendo mais, que eu me lembre tinha a sedinha, uma outra sede lá em cima, tinha joguinho de futebol. Sabe que não é para todo mundo, mas assim, comunidade que fazia coisas. Sinceramente, não me lembro de ter passado por isso, porque a gente vê bairro aí que as pessoas trabalham, quem mora, colabora, ajuda, né? Mas por aqui, depois vai mudando, né? Aquelas senhoras que tinham vontade de ajudar já envelheceu um pouco mais, aí vem os filhos e começa a estudar em outro lugar. O convívio, a cabeça já é uma outra. Onde mora mesmo é só para dormir. Não tinha nada que oferecia. Entendeu? Esse é meu lado de ver. Não é um lugar que você mora, vai ter isso, vai ter aquilo, coisa e tal. Aí é diferente, mas aqui nunca teve coisas para atrair, os rapazes, as meninas.

Marcela: E das... pensando na população negra, tem a capoeira aqui, faz tempo? Tem terreiro... questão espirita no bairro.

Toninho: Na primeira etapa tem uma casa que faz tempo que eles fazem barulho lá de noite, acho que de quarta-feira. A gente não.

Marcela: Que é a coisa do tambor. E é o pessoal da capoeira que tem aqui?

Toninho: Não sei se é o mesmo pessoal.

Marcela: Está, mas aqui também tem a presença da capoeira, faz tempo que tem a capoeira?

Toninho: Já faz uns anos aí, estava largado, estava no caso de perder isso aqui, certo? Inclusive tinha aparecido comprador. Mas a COHAB segurou, não pode. Eles queriam aí, mas não vende, queriam comprar a praça. A praça não pode. Mas tem a sedinha, foi brigado na prefeitura, tem a sede lá em cima. Aí desmancharam a sede, venderam quase tudo a sede, só ficou um pedacinho para dizer que está lá, se amanhã ou depois alguém falar da sede. . Tem lá a sede. E como aqui é uma outra etapa, tem que ter alguma coisa. Então segurou, isso aqui não era para ter. Se fosse outra pessoa que não pensasse, isso aqui seria igreja, essas igrejas de... igreja de crente. Todos nós somos crentes, nós cremos, mas tem aquele velho ditado e isso não perde. Então de capoeira tem esse pessoal aí, tem essa semana, tem duas ou três semanas. Eles fazem aí cada temporada, tipo de uma feirinha. . O pessoal se instala aqui e tudo, vender coisinha, essas comidas. Mas não é sempre. Eu acredito que, não sei se ac ada seis meses, uma vez por ano. É a única coisa aqui, você entendeu? Que tem aí, falando aqui. A Castelo Branco, Garcia. O Nobrega mesmo, a gente não, porque sabe como que é. O pessoal que mora num lugar não valoriza o lugar. Não valoriza isso. É quase cem por cento que "não vou ficar nessa Vila aqui". Cada um tem uma cabeça. né? Eu não tive tempo, eu não fui. As vezes falo para as minhas filhas, eu não fui como igual vocês foram, tiveram tempo de sair e de viajar, de ir não sei para aonde. Eu não. Eu me contento com Praia Grande, está bom. Quando eu posso ir eu vou. Para mim está excelente. Conhece Praia Grande? A única coisa que não proibiram é a gente pensa ainda, né? Eu ainda não pago nada para ter o meu pensamento. Eu não posso é falar, aí vou pagar caro, mas pensar só, pode pensar ainda... é bom.

4.9 SEBASTIÃO

“Comecei em 1997, comecei a cuidar daqui, não ganho nada, só por lazer e um “ambiente que nós curte”, quando chega lá pelas três e meia, você pode olhar que a “velharada” está tudo aí. É um ambiente que nós frequenta”.

Senhor Sebastião estava na praça, limpando, varrendo as folhas, como tem o hábito de fazer cotidianamente, quando o abordei. Ele já havia sido evasivo em uma outra oportunidade que eu propus a entrevista, nesta vez, fui mais incisiva. Ele tentou responder de forma reticente, comecei a falar com ele sobre as folhas caindo no outono, até que prometi que seria breve, o tempo de ele descansar uns minutos do ato de varrer as folhas, afinal era uma atividade que precisava de uma pausa.

Comentei com ele que também havia tirado as folhas da árvore da minha casa, procurando uma aproximação, pois ele ainda se mostrava ressabiado, engatamos em uma conversa sobre plantas, os tipos das árvores da praça, como era antes, até que senti ser possível insistir no convite para a entrevista e ao fazê-lo, ele aceitou.

Marcela: Sobre a cultura do bairro, o que as pessoas faziam, aqui começou na década de 1970, o senhor mudou para cá logo na década de 1970?

Sebastião: 1976?

Na época foi sorteio das casas?

Sebastião: Foi sorteio, na época foi sorteio, pegou geral...

Marcela: E o senhor se inscreveu?

Sebastião: Me inscrevi.

Marcela: Onde o senhor morava antes?

Sebastião: Nesse tempo eu morei no Jardim Miranda.

Marcela: O senhor é nascido aqui em Campinas?

Sebastião: Não, sou nascido em Herculândia, estado de SP, lá perto de Tupã.

Marcela: e o senhor veio para Campinas com que idade?

Sebastião: Eu vim para cá tinha vinte e poucos. Eu aposentei na Singer na época, trabalhei lá por 28 anos, aposentei com 51 anos, então vim com 23.

Marcela: Aí o senhor mudou para cá para o Nóbrega?

Sebastião: Fiquei morando lá no jardim Miranda até que saísse minha casa, aí aconteceu, né, fui sorteado aqui, vim para cá e estou aqui até hoje.

Marcela: Já casado? Com criança?

Sebastião: Tenho três filhos. Ah, o mais velho estava com dois anos na época, agora está com 50 anos

Marcela: E foram criados aqui, estudaram nas escolas aqui?

Sebastião: Tenho duas filhas também, a caçula nasceu no bairro.

Marcela: E eles moram aqui no bairro?

Sebastião: O filho mora, é solteiro.

Marcela: Mora com o senhor?

Sebastião: Mora, agora a filha, tem uma que mora no Via Norte e a outra mora na minha rua também, mas paga aluguel. Com dois netos.

Marcela: O senhor tem dois netos?

Sebastião: Essa daqui sim, e a outra tem um. São três netos.

Marcela: E o senhor começou a cuidar da praça, como foi essa história?

Sebastião: Comecei em 1997, comecei a cuidar daqui, não ganho nada, só por lazer e um “ambiente que nós curte”, quando chega lá pelas três e meia, você pode olhar que a “velharada” está tudo aí. É um ambiente que nós frequenta.

Marcela: Soube que o senhor plantou também aqui?

Sebastião: Plantei, plantei 22 árvores.

Marcela: E não tinha balanço, não tinha nada aqui?

Sebastião: Foi a AR que trouxe, a regional.

Marcela: Mas vocês que pediram?

Sebastião: Não, eles que vieram. Trouxeram por conta própria. Disseram que ia trazer mais, até o momento não veio.

Marcela: Faz tempo que eles puseram aqui?

Sebastião: Deve fazer uns cinco anos.

Marcela: E tinha tudo assim, os caminhos?

Sebastião: A praça já estava toda modelada, do jeito que você está vendo aí, tudo já tinha.

Marcela: E a praça sempre existiu no bairro?

Sebastião: Desde o princípio já tinha essa praça. Só tinha essas árvores que você está vendo ali atrás, os arvoredos ali grandão, da área antiga, eles entregaram assim, agora essa parte mais nova, que você está vendo, essa aqui por exemplo, fui eu que plantei. Tem 22 árvores plantadas.

Marcela: E está lindo, viu, parabéns.

Sebastião: Isso é um lazer meu, fazer alguma ginástica, com a idade, né, tem que fazer alguma coisa.

Marcela: E a praça fica bonita. O senhor faz isso todo dia?

Sebastião: Não, essas coisas aqui a cada oito, dez dias eu tenho que dar uma faxinada, principalmente agora, época de cair folha, né... roçar... roçada agora é pouco, porque a sombra acabou com a grama, muita sombra, a grama não vai, ela morre, só tem grama onde pega sol, você está vendo? Aqui eu roço e faço num dia só...

Marcela: E o que senhor fazia no bairro? Quando estava com as crianças pequenas?

Sebastião: A única coisa que eu fazia de serviço era aqui na praça, porque eu sou aposentado, né? Tenho compromisso em casa também de ajudar minha esposa, no serviço doméstico. Ajudo bastante minha esposa, sou responsável por lá, ela não tem muita saúde, então eu tenho que dar uma força. Adianto o expediente lá para vir para cá.

Marcela: E o bairro, sempre foi tranquilo?

Sebastião: Não muito viu, na ocasião era, agora dá muito ladrão. Roubo, roubo de carro, na porta de casa assim, eles levam, minha filha saiu para entrar em casa e o moleque chegou com o revólver nela.

Marcela: Agora?

Sebastião: Ah, está fazendo um ano... meu vizinho abriu o portão para entrar, fazia uma semana que tinha comprado o carro novo na agência, saiu com seguro, quando ele entrou na garagem, o cara chegou junto: “deixa a chave no contato e põe o carro na rua “ e levou o carro, sorte que tinha seguro. Foi o caso da minha filha também, tinha seguro. Se não tinha dançado. Roubo aqui está direto, uma molecadinha aí, dos seus quinze anos, treze anos que está roubando adoidado. Esses dias veio um moleque que mora aqui, na terceira rua aí, a Siriema, esse moleque é muito levado, ladrãozinho e ele bateu num moleque lá em cima, do Recanto dos Pássaros, você sabe onde é o recanto dos Pássaros? Lá no ponto final do ônibus, bateu no moleque e a mulher passou a mão no revólver e veio para matar o moleque, veio armada, sorte que não encontrou, senão tinha matado. Então, a boca está quente aqui.

Marcela: Poxa.

Sebastião: Antigamente era Castelo Branco, você conhece o Castelo branco? Lá é o ponto da malandragem, um bairro muito perigoso, Vila Rica... o Nóbrega era um sossego, hoje você não pode dormir com as portas abertas, não... o portão tem que trancar, tem que ficar muito esperto. A gente que é muito antigo aqui tem muitas pessoas amigas e acho que por esse motivo a gente é respeitado. Para começar não tenho carro, não tem o que roubar de mim. Outra coisa, não ando de relógio. Relógio é isca de ladrão.

Marcela: Mas aqui no bairro?

Sebastião: Em qualquer lugar, eu sou pedestre, ando de condução, e essas quebradas aí dá muito ladrãozinho. Não uso carteira. Tenho presenciado vários assaltos por aí. Não uso carteira, não uso relógio, esses dias minha filha me deu um relógio de marca, falei: “eu dispenso”, ela perguntou por que? Eu falei, ladrão, eu sou um cara pedestre, ando a pé para tudo que é lado, já presenciei roubo por aí. Não eu vou evitar isso aí. Ela disse: dá par quem o senhor quiser então, não vou levar de volta”. Dei para o sobrinho, ele vai aproveitar.

Marcela: é bom que o senhor nem precisa se preocupar com a hora... só para entender melhor, no bairro sempre tem alguma coisa acontecendo, atividade cultural, as crianças da escola... como é que era esse momento?

Sebastião: No momento não está tendo não.

Marcela: Mas já teve?

Sebastião: O centro social aqui antigamente, tinha corte e costura, era outro presidente do bairro...

Sebastião: O Tavares, uma senhora que chama Nena, ela também foi presidente do bairro, era excelente, tinha corte costura, mais aula para a molecadinha, um passatempo, que ajudava bem, aí apareceu um cara da capoeira, um tal de David, e tomou conta da boca, então aí é só para ele, capoeira e mais nada. Volta e meia tem aquela turma da saia comprida, do saravá, fazem os trabalhos deles, não dá direito a ninguém. A Regional, a prefeitura, falou para manter o portão aberto que era para o pessoal, pessoas idosas que frequenta aqui ter uso de banheiro e não tem. O cara só abre, ele é professor de capoeira, então ele vem fazer o exercício deles aí não sobra espaço para ninguém, só para ele. Então tem esse lado aí.

Marcela: O senhor acha que ficou mais fechado o espaço? Era o que tinha de atividade no bairro.

Sebastião: Era, a atividade maior que nós tinha era esse aí. Agora negócio de creche é do outro lado do bairro.

Marcela: E as escolas fazem atividade?

Sebastião: Não vejo atividade especial nenhuma aqui.

Marcela: Seus filhos estudaram aqui?

Sebastião: Minhas filhas estudaram no Mario Natividade, conhece o grupo ali? No Lencaster, estudaram aí. De fato, a escola foi excelente, escola não tem dúvida né, todas as escolas, depende do professor e do aluno.

Marcela: E aqui no bairro então tem boas escolas? E de cultura, o senhor acha que tem aqui o espaço?

Sebastião: Aqui no Nóbrega mesmo não tem escola. Tem aqui no jardim Garcia, o Lencaster e o Mário Natividade, o Mario Natividade é Nóbrega, né?

Marcela: O MaNa, né, e o Lencastre no Jardim Garcia? E tem a creche?

Sebastião: tem uma creche particular também.

Marcela: E igreja, tem igreja no bairro?

Sebastião: Igreja temos uma aqui, subindo a rua Pelicano, sabe? O Supermercado Vila? Você pode olhar a esquerda tem uma igreja ali, muito boa a igreja, uma igreja católica,

Marcela: E tem outros tipos de igreja aqui? De outras religiões.

Sebastião: Tem uma igreja de crente aqui, em matéria de igreja, o bairro está completo.

Marcela: E tem terreiro no bairro?

Sebastião: Que eu saiba não... você diz umbanda? Terreiro é isso aqui (aponta para o Ibaô), tem essa turma aqui.

Marcela: Para saber das religiões que tem no bairro.

Sebastião: Tem porque faz parte, né? Volta e meia tem reunião aqui, é o Centro de Umbanda. Eles frequentam e faz os trabalhos, inclusive aqui, subindo reto, do outro lado, tem uma casa azul, ali mora a turma da umbanda.

Marcela: Então tem de tudo no bairro?

Sebastião: É, de tudo que tem, não falta nada. A gente que é antigo aqui é respeitado, né? Então... não tem bronca nenhuma. No meu caso, como eu faço a faxina aqui, sou muito considerado, então o pessoal fala assim "quando o senhor morrer, quem vai fazer esse tipo de trabalho aqui? " A AR não me dá gorjeta nenhuma, não ganho nada deles. Mas tem um senhor aqui no apartamento, quando chega o fim de ano, ele sai na rua pedindo uma ajuda para mim, uma cesta básica, eu não peço nada, não exijo de ninguém, faz uns dois anos que começaram com isso. E outra, é a porta da casa deles, interessa mais, um ambiente limpo, mais tarde as esposas deles vem aqui, sentam na praça.

4.10 CIDA

“Eu fiquei 15 anos aqui, mudei, acho que foi em 1993 para o Aurélia. Sempre os mesmos vizinhos, a música do Ronnie Von, “a mesma praça, o mesmo banco...”

Dona Cida é proprietária da banca de jornal do bairro, há trinta e sete anos, embora tenha se mudado para o bairro vizinho, todos os dias trabalha na Banca. Conhece as pessoas no bairro, e auxilia o Ibaô a colocar convites de eventos nos jornais que vende. Apesar de o David se disponibilizar a apresentar ela, quis ir falar com ela sem ele, para que ela pudesse ficar a vontade no momento da entrevista, embora isso não tenha acontecido, pois marcamos na banca de jornal mesmo.

Dona Cida. Faz 37 anos que eu tenho a banca.

Marcela: Você mora aqui no bairro também?

Dona Cida: Não, eu moro no jardim Aurélia.

Marcela: É aqui do lado, né?

Dona Cida: É sim.

Marcela: E desde que você está com a banca, já morava no Jardim Aurélia?

Dona Cida: Morei aqui, faz vinte e três anos que eu moro no Aurélia

Marcela: Antes você estava aqui no Nóbrega? Prefere que chame de senhora ou você?

Dona Cida: Pode chamar de você...

Marcela: Você veio também pelo sorteio das casas? Em que ano você mudou?

Dona Cida: Eu mudei para esse bairro em 78.

Marcela: Foi pelo sorteio lá no Taquaral?

Dona Cida: Sim, no ginásio de Esportes do Taquaral.

Marcela: E como foi mudar, chegar na casa, ainda não conhece os vizinhos? Como foi?

Dona Cida: Quando eu mudei já tinha tudo pronto, não tinha que arrumar nada, era apartamento, já tinha vizinho...

Marcela: Já tinha escola?

Dona Cida: Já tinha essa escola

Marcela: Você tinha filhos?

Dona Cida: Uma filha, na época tinha 5 anos.

Marcela: Ela cresceu aqui no bairro, como foi a infância aqui no bairro? O que tinha para fazer?

Dona Cida: ah, na época ela só estudava. Ia para a escola, estudou aqui até oitava série.

Marcela: Em qual escola?

Dona Cida: No Mário Natividade. Aqui só era até oitava série. Depois ela foi fazer colegial lá onde era o ESAMC, fez colegial lá..

Marcela: Que era o Colégio Evolução?

Dona Cida: É, que era o Evolução na época. E só. Prestou o vestibular, fez Direito.

Marcela: E mora em Campinas?

Dona Cida: Mora aqui no Parque Taquaral hoje.

Marcela: E a senhora ficou aqui no Nóbrega, mudou para o Aurélia em que ano?

Dona Cida: Eu fiquei 15 anos aqui, mudei acho que foi em 1993 para o Aurélia. Sempre os mesmos vizinhos, a música do Ronnie Von, “a mesma praça, o mesmo banco...”

Marcela: E sua filha tinha amigos por aqui?

Dona Cida: Não tinha muitos não, ela trabalhava e estudava. Sempre trabalhou, fazia muitos cursos.

Marcela: Aí você mudou para o Aurélia e continuou aqui na banca...

Dona Cida: Mudei e continuei aqui, até a uma e meia.

Marcela: Desse tempo, tentando lembrar e a as pessoas aqui do bairro, eu entrevistei o senhor Tavares, a Dona Isabel também perguntando isso, como era antigamente no bairro? O cotidiano

Dona Cida: Tinha aqui o centro Social, tinha muita coisa, festas, tinha..

Marcela: E você participava? A banca já era aqui mesmo?

Dona Cida: Participava, vinha, trazia a menina... Mas hoje já não tem mais, tudo foi acabando e está bem parado.

Marcela: Não tem muita coisa acontecendo?

Dona Cida: Aliás, não tem muita coisa não, não tem nada... tem a capoeira aqui, né, aí onde era o Centro Social era negócio de amigo de bairro, como falava, tudo resolvia aí... e hoje não tem mais nada disso..

Marcela: A sociedade de amigos de bairro não tem mais?

Dona Cida: Não, não existe mais.

Marcela: A capoeira está aí...

Dona Cida: Eles que toma conta, abre de vez em quando. Às vezes... não tem mais sociedade de amigos do bairro, não tem mais festa... não tem mais nada, que era sempre aqui, hoje já não tem mais nada.

Marcela eu soube que tem um pastel aqui na sexta, bastante gente vai do bairro?

Dona Cida: Uma banca muito boa, por sinal, bastante gente, é um movimento na sexta, todo mundo fica esperando a sexta para vir comer o pastel.

Marcela: E o pessoal também se encontra?

Dona Cida: Se encontra... os amigos mais velhos... o pessoal que não via faz tempo, vai lá e vê..

Marcela: Gostoso, né, o senhor Sebastião estava contando da praça, que ele vai lá e cuida, plantou árvores.

Dona Cida: Tudo ele que cuida, trabalha todo dia nessa praça, não ganha nada. Muito legal ele. Ele cuida como cuida da casa dele. Corta a grama, varre, todo dia....

Marcela: Então o bairro está parado?

Dona Cida: Está, do jeito que você está vendo aqui, entra semana, sai semana. De segunda-feira é mais parado ainda.

Marcela: Mas você acha que está mais parado em que, as pessoas circulavam mais na rua?

Dona Cida: Olha, eu acho que... tinha açougue aqui nessa rua, tinha um açougue bom, uma frangonete boa, agora não tem mais nada... era bastante gente que circulava porque vinha nos açougues, não tem, não vem mais.... Vai para outros lugares, supermercado. É muito parado esse bairro, a turma até fala, que o Anchieta, outros bairros por aí, de Cohab, tem movimento, aqui não, você pode vim de domingo que está assim.

Marcela: Parece tranquilo, né?

Dona Cida: Tranquilo é... até demais. O povo é sempre o mesmo, não é um bairro violento igual tem muito tem em outros lugares... aqui não é nada disso... você não vê nada...

Marcela: E você acha que mudou muita gente nesses anos?

Dona Cida: Muita gente mudou, vendeu, foi para outros bairros, mudou de cidade, está sempre gente nova. Hoje mesmo eu estava conversando e passou um monte e tudo mora num apartamento aí.. sempre tem gente diferente. Um vende, outro compra e vai virando...

Marcela Isso muda bastante? De quem mudou na época ainda tem bastante?

Dona Cida: Tem, mas já não é tanto, muitos morreram, mudaram...

Marcela E os filhos não ficam no bairro?

Dona Cida: Acho que não. Os primeiros que saem são os filhos... casam, já vai morar para outro bairro

Marcela: Casam e não ficam no mesmo bairro?

Dona Cida: difícil.

Marcela: Casa com alguém do bairro?

Dona Cida: Difícil, né, muito pouco casa com alguém do bairro... aí muda...

Marcela: E pensando no pessoal que mora aqui, você acha que tem uma população mais branca, mais negra?

Dona Cida: Acho que aqui é tudo misturado, tem bastante negro, bastante branco, bastante japonês. Então é assim... Japonês tem muito aqui no bairro, bastante, o salão aqui na esquina é de japonês, lá embaixo tem a japonesa, bastante japonês aqui.

Marcela: no comércio? Ou em geral?

Dona Cida: No comércio tem salão de japonês, só, são 3 comércios...

Marcela: E o aspecto de religião, tem todas as religiões aqui?

Dona Cida: tem católico, tem evangélico...

Marcela: Eu passei por uma igreja ali, como chama? Tem uma casa paroquial depois.

Dona Cida: Aquela era a Maria mãe do Povo, como é o nome, mudou...

Marcela: Mas não é mais esse nome, né?

Dona Cida: Ela estava em construção no começo do bairro, era isso, depois que terminaram parece que mudou...

Marcela: E tem uma outra igreja no bairro que chama Guadalupe?

Dona Cida: A Guadalupe é no Castelo Branco.

Marcela: Ah, não é no Nóbrega?

Dona Cida: Não, é Castelo Branco. Acho que é Nossa Senhora do Perpétuo o nome agora...

Marcela: E tem igreja evangélica também?

Dona Cida: Tem, bastante, nessa rua aqui mesmo tem um salão do Nazareno, aqui onde está aquele carro e as plantinhas é uma outra... sempre foi igreja, uma

igrejinha bem simples... acho que é só... ah, tem a Batista, logo ali, grandona, entra na rua que desce. Acho que é só..

Marcela: Terreiro tem? Espírita, kardecista?

Dona Cida: Parece que tem um aqui em cima, que é da turma da capoeira aqui, mas ninguém nem fala, fica lá pra cima, perto do parque dos eucaliptos.

Marcela: Parque dos eucaliptos é para lá?

Dona Cida: É ali onde está aquelas caixas d'água, lá, entra onde está aquele carro, passa a primeira, segunda terceira rua você sobe, sai nele, tem a portaria dele.

Marcela: Então, tem de tudo no bairro né?

Dona Cida: Já teve mais coisa, casa lotérica, mas não foi para a frente.

Marcela: Você acha que falta atividade cultural aqui? O pessoal não vem na praça, escutar uma música? Teatro

Dona Cida: Não, nada. Sempre parадão assim.

Marcela: Nunca teve?

Dona Cida: No comecinho, quando a gente veio para cá teve. Tinha bastante coisa, foi acabando, tinha festinha na praça, fazia bastante coisinha. Faz muitos e muitos anos que eu não vejo mais nada.

3.11 MESTRE MARQUINHOS

Mestre Marquinhos Simplício é como ele se apresenta.

Marcela: Então, como a gente conversou né? A gente vai falar um pouco dessa sua história na Vila Padre Manoel de Nóbrega, eu fiquei muito curiosa pra saber isso daí, quando você falou 1978, eu imagino como era aquele espaço, não tinha muita coisa, você conhece de antes? Como era?

Mestre: Eu... em 1978 tava meu compadre Agostinho, né, ele com minha comadre, a Néia, eles pegaram um apartamento no Nóbrega. E foram morar no Nóbrega. Eles saem ali do São Bernardo e a Néia sai da Vila Rica, então um da Vila Rica e um do São Bernardo. Se casaram e foram morar na Vila Padre Manuel de Nóbrega. Em uns predinhos, e como a gente treinava junto, já tava pronto pra tá se formando professor de capoeira, ele viu o espaço lá pra gente não ficar parado e se movimentar. "Vamos dar aula aqui no..", vi a setinha lá, fomos lá e conversamos com o presidente da época, que era o seu Tavares. E aí iniciamos o trabalho com a capoeira.

Marcela: Na sede Sociedade dos Amigos do bairro?

Mestre: Isso.

Marcela: O que é agora?

Mestre: Não. É a primeira fase. Fica mais pra cima ainda. Que é a primeira fase da Vila Padre Manuel de Nóbrega. E aí não existia ainda o Parque dos Eucaliptos, existia o condomínio, existia eucalipto tudo mesmo ali, era algumas casas, ruas ainda de terra, a associação era uma casa, então tinha um espaço que seria do salão, que foi feito como um salão, que não era grande, e a gente ali se iniciou. O trabalho com a copeira, mas uma coisa é importante que aconteceu, com a chegada da copeira tinha uma moça que dava aula de dança, e outro rapaz que dava de Kung Fu.

Marcela: E vocês davam aula de graça?

Mestre: Sim, e a gente fazia um trabalho social, mas era pra gente tá desenvolvendo um trabalho social, né?

Marcela: A prefeitura?

Mestre: Não, não, sem apoio, o apoio que tinha era da associação que cedia o espaço pra gente.

Marcela: Só o espaço.

Mestre: Cedia o espaço pra gente, e se tivesse alguém que pudesse pagar e não fosse sócio, então a gente cobrava uma taxa ali e 50% era revertido para ajudar na manutenção da associação do espaço, mas os sócios não pagavam da associação, então era uma forma também de atrair sócios, né? Então o que é que tinha? De benefício tinha sendo sócio da associação? Ah, você pode fazer a capoeira. ah! pode? Você pode fazer a capoeira. Você pode fazer dança, você pode fazer Kung Fu. Então nós entrávamos com uma parceria pra atrair também sócio para a associação. E com a capoeira, o que eu não posso garanti, o que trouxe de muito benefício foi a socialização com as pessoas, a integração com outros bairros. Com outros bairros vizinho Castelo Branco, a Vila Bela, do Londres, pessoas que vinham do Jardim Garcia, que vinham do outro bairro para praticar capoeira, tinha pessoas que vinham do Jardim Aurélia para treinar com a gente, várias pessoas que vinham de outros espaços, de outras regiões para treinar capoeira com a gente ali. Então havia uma integração com os outros bairros também. Através da capoeira, a gente conseguiu fazer assim, ampliar o círculo de amizade ali com as pessoas do Nóbrega, mas com as outras regiões, fazer essa integração, essa ligação. E aí.. foi assim que até mesmo as pessoas que moravam ali, ao redor, que praticavam capoeira, então aumentou o círculo de amizade, com eles e outras pessoas de outros bairros. Então a capoeira trouxe esse lado pro Nóbrega, essa contribuição.

Marcela: E era adulto, criança?

Mestre: Adulto, criança, tinha tudo. Tinha mulher, como homem, né? E aí foi um momento muito importante, e em 1978 também foi onde surge o nome da minha Academia que é o Grupo de Capoeira Angola Crispin Menino Levado, surgiu lá, foi lá o nome. No Nóbrega foi dado naquele espaço, no espaço da Associação de Amigos

do Bairro. E o processo, as ruas todas sem asfalto, na terra, não tinha quadra atrás ainda, não existia quadra, num movimento que houve ali com a diretoria, da Associação, a gente conseguiu espaço para construir a quadra, para construir a quadra. E essa quadra...

Marcela: Mas isso não era da prefeitura?

Mestre: Não.

Marcela: Não é a prefeitura que ia fazer a quadra...

Mestre: Não, não. Ali é através do movimento da Associação.

Marcela: Ainda esse seu Tavares?

Mestre: Tava seu Tavares. Depois veio na sequência o seu Osvaldo. Entre Osvaldo e seu Tavares, ficou assim, um sucessor do outro e tal. O Tavares, depois na sequência o Osvaldo, depois voltou.

Marcela: Eles eram moradores?

Mestre: E ali com o movimento da associação em construir uma quadra, na questão de lazer mesmo, que ali no espaço tinha uns raspados mesmo que a turma jogava bola ali, ou se reunia na rua, mas era terra raspada. E a associação teve uma ideia, uma sacada que foi muito boa, de construir uma quadra. E aí se constrói no fundo uma quadra, e ajudou a questão de carpir, de acertar o terreno, de nivelar depois a parte de concretar, de subir, e a gente participou dessa construção, desse movimento, teve essa participação. Na inauguração.

Marcela: Isso que ano?

Mestre: Acho que 79.

Marcela: Que aí não tinha os outros predinhos? Só tinha a primeira fase.

Mestre: Isso é ainda pra primeira fase aí.

Marcela: Acho que 82, né?

Mestre: Acho que 79 mais ou menos que a gente começa nesse processo que é construída a quadra. E com a construção da quadra, o que houve? Que a quadra foi construída também para ajudar na arrecadação de um dinheiro e ai alugar a quadra. Ter mais um espaço de lazer pros associados, pros moradores e também como manter o espaço? Alugando a quadra. E ai vinha pessoas, grupos fechados que vinham da Castelo Branco, que vinham dos outros bairros que alugavam a quadra e jogavam ali.

Marcela: Castelo Branco não tinha nada? Era conjunto habitacional, mas não tinha quadra, nada?

Mestre: Não tinha essa questão assim que se pudesse fazer todo, e o pessoal pediu, uma quadra nova, bem iluminada, aquelas coisas todas assim. Uma quadra. Então, o que acontece, com o aluguel da quadra em alguns dias, que era pra usar pra questão de aluguel e outros pros moradores e associados, né? Então ali foi um grande movimento, então época de festa junina.

Marcela: Tudo acontecia lá?

Mestre: É..

Marcela: E quem fazia? A Associação também?

Mestre: A Associação. Então várias, assim, que acontecia, se era dia das crianças é festa, as festas aconteciam e tinham os dois espaços que podiam ser usados, né? Além do salão, você tinha esse espaço grande, né? Que era a quadra. Houve torneio, diretores de cultura. É bom até lembrar que era o Carajá, ele jogava muito bem campo, ele trabalhava na Mercedes, e ai ele fez um campeonato, de dama, de jogos de mesa, então ali foi feito várias atividades, para movimentar, pra poder os associados dali, pra ter um pouco mais de lazer.

Marcela: Porque era a única opção? Tinha escola?

Mestre: O que tinha a gente tinha que praticamente sair pra Castelo Branco, ali naquele, no meio, entre a Castelo Branco, a praça dos trabalhadores, é onde tem a escola.

Marcela: Bem a divisa..

Mestre: Então fica tudo, é esse movimento que tinha que se fazer, né? Então a gente usava muito, também de vez em quando ir pro Parque dos Eucaliptos, e lá a gente ia treinar também.

Marcela: Mas ainda era eucalipto?

Mestre: Era tudo eucalipto, tinha como se fosse um bosque, um parque, onde você pudesse.. era um espaço assim, mais pra baixo, tinha aquele pasto imenso que saia lá da John Boyd, do outro lado, mas naquele pasto totalmente, e era pra baixo saia na PUCC, né? Aquilo lá era um pasto.

Marcela: E tinha um lugar de água também? Que o pessoal nadava?

Mestre: Tinha, tinha sim.

Marcela: Que era pro lado do Jardim Aurélia?

Mestre: Isso, e ali pra baixo tem a Pedreira.

Marcela: Já era desativada?

Mestre: Sim, já desativada a Pedreira. Então tinha um espaço ali que vem da Pedreira também, que era um outro movimento. Mas as pessoas se concentravam ali mesmo, pra baixo era complicado, mas esses dois presidentes, tanto o Tavares quanto o Osvaldo, umas pessoas que estão vivas ainda, mas que tinham uma visão muito.. É que o seu Tavares ele era presidente do Conselho de Habitação, ele era ali o presidente da Associação dali, agora.. eu vou ver tudo certinho e te passo.

Marcela: Tinha criança que morava lá e continuou morando?

Mestre: Tem. Ai eu vou passar pra você que tem o meu aluno e tudo ali no começo.. o Pingo que mora lá ainda. Tem uns familiares que moram ali ainda, eu vou estar vendo tudo e ai lhe passo.

Marcela: E você participava bastante desses eventos?

Mestre: Sim, sim, sim. Quando tinha as festas.

Marcela: As festas.. Nessa questão das festas, a apresentação da capoeira, ou da dança e do Kung Fu eram atrações, né? Então você via como atração.

Mestre: Então, a gente fazia parte, era atração.

Marcela: En as festas desciam os moradores todos ou uma parte?

Mestre: Dali vinham vários moradores. Vários.

Marcela: E essa juventude, assim, tinha os eventos com a capoeira, tinha as festas e no dia-a-dia, as pessoas circulavam pelo bairro? Ou não? O bairro era parado?

Mestre: Não, circulavam sim.

Marcela: Como as pessoas conviviam?

Mestre: Circulavam, mas a noite era bem menos.

Marcela: Porque o povo trabalhava.

Mestre: A iluminação era bem mais precária. Bem precária, então.. Então por isso a quadra quando vem a quadra fica sendo um point. Poxa, é um point..

Marcela: E ai juntava gente então?

Mestre: Juntava muita gente. Ficava ali..

Marcela: Era tudo que tinha lá? Esse espaço da quadra e da associação?

Mestre: Pessoal juntava e ai via, porque se está passando na rua tá acontecendo, jogo parava aqui, podia parar, não precisava se aproximar, você aqui e do outro lado da calçada via o que tá acontecendo. A quadra ela ficava na quina assim, num espaço alto e você tinha essa visão.

Marcela: Não sabe se existe ainda?

Mestre: Não sei se demoliram tudo a quadra e não transformaram em outras coisas lá, porque até faz algum tempo já, alguns anos eu passei, até fiquei de, passei com um aluno e falei: preciso vir aqui pra fotografar a casa, onde era a sede e falei e a quadra, pra deixar até mesmo na academia.

Marcela: Parte da história..

Mestre: Pra falar que aqui que foi que a Crispin Menino Levado começou a caminhada. A gente saia ali da Associação, e ali todo, no Parque dos Eucaliptos ali, ali fazer as nossas brincadeiras como era feito a chamada das emboscadas, simular de como era na época da escravidão, que a capoeira surgiu. De ir lá e fazer essa simulação. O pessoal do Kung Fu também faziam, eles iam lá e faziam simulação também lá dentro de.. essas brincadeiras de simulação de como era também com eles numa luta, dentro de um espaço onde ter árvore, então a gente fazia essa caminhada, então pra nós, assim, é bacana, uma coisa simples, mas daqui a pouco..

Marcela: E aí construíram a fase dois e você já não estava dando aula lá, né?

Mestre: Aí já não estava mais lá..

Marcela: Foi em 82, né?

Marcela: O córrego que você tá falando é o Piçarrão ali?

Mestre: É, isso pra baixo ali do, descendo os trabalhadores, né? Ali pra baixo, uns 50 metros, onde faz assim, você desce, né?

4.12 ARI

A entrevista com Ari ocorreu em 2014, antes de realizar as entrevistas com os moradores. O interesse em entrevista-lo ocorria em função de sua história como militante movimentos sociais e o conhecimento do município de Campinas. Como professor aposentado de Urbanismo da PUC Campinas (1977 – 2007), ex-presidente da COHAB e ex-secretário de habitação, ainda trazia o atributo de ter participado dos programas de urbanização de favelas no município. Conhecia as histórias sobre Campinas e o que interessava a este trabalho, a memória sobre fatos que não estavam na história oficial do município e que ele vivenciou. Sua entrevista foi uma aula sobre a cidade e seu desenvolvimento urbano.

Ari: Aumentava uma vez e meia além da cidade que existia, e ainda que naquela época você tivesse taxas de crescimento demográfico de migração muito altas, o que se construiu foi muito mais do que se precisava. E a maior parte do setor sabia disso, se distorciam números. Os loteadores avançaram pelas beiras da antiga estrada das Amoreiras, que já começou a virar avenida, pela antiga estrada do Campo Redondo, pela estrada do Campo Grande. Até mesmo a estrada velha de Indaiatuba, ela só não é muito ocupada, ali atrás do Royal Palm Plaza, ela só não é muito ocupada porque havia uma fazenda grande ali, foi comprada por um banco nos anos 60, que começou a aparecer o Bradesco.

Marcela: A Fundação Bradesco?

Ari: Isso, a Fundação Bradesco. Ela comprou um pedaço, mas ali você tem também periferia na direção do Campo Belo, a história de Viracopos leva um povoamento de periferia em volta do aeroporto também, a Santos Dumont só foi construída em 65, porque você ia pro aeroporto pela Amoreiras, ou pela Estrada Velha. Ai quando o aeroporto começa a ter mais movimento já planejam e constroem a Santos Dumont, mas a primeira grande rodovia que impacta completamente essa expansão, e permite essa explosão periférica a oeste, quer dizer o lado oeste dela, porque a leste era a cidade já, era São Bernardo, já tinha os bairros, o Jardim do Trevo, Jardim do Lago, o Nova Europa, esses bairros... já se... traçou a estrada de modo que a cidade chegou até aqui, passa a estrada aqui e não deixa a cidade encostar dos dois lados, mas não adiantou... Atravessou e o lado

esquerdo, o lado esquerdo da Anhanguera, o lado de quem vai pro interior, a oeste, ele ficou meio ao Deus dará, você tinha uma outra passagem, uma passagem que foi feita ali perto do Piçarrão, que é onde passa a John Boyd Dunlop, fizeram uma passagem pras Amoreiras, que isso era praxe, era uma estrada municipal, que ligava os municípios vizinhos, e nem trevo deveria ter, fizeram um trevo e tudo mais, e algumas outras passagens menores, e a Anhanguera seguiu.. a John Boyd Dunlop é um projeto, isso foi antes também da COHAB ser fundada.

Marcela: A John Boyd Dunlop é antes das COHABs?

Ari: Sim. Você tinha a Alberto Sarmiento, que terminava no balão, quando você vai hoje... que passava a linha do trem embaixo, ela não atravessava a linha do trem. Onde hoje é o Vila Rica, e onde hoje tem um pontilhão que passa o trem, passava lá o VLT, mas ali era a linha do trem da Sorocabana, uma “baixadona”, lá em cima tinha uma rotatória e tal, terminava a cidade lá, se você queria ir para a direção do Campo Grande você tinha que entrar ali por baixo do... esqueci o nome do bairro, acompanhando o Piçarrão e pegava a estrada do Campo Grande, que é a atual Juscelino Kubitschek, e ia embora pro Campo Grande. E ali embaixo tem uma baixada, o córrego do asilo e tal, e você tinha uma coisa que vinha pela SP-101, mas ali também passava a linha do trem, que é a Lix da Cunha. Então, você tinha grandes áreas do lado direito da Anhanguera, do lado de cá da Anhanguera, estavam relativamente vazias, mas quando chegam as grandes indústrias, as maiores, as multinacionais, elas já estão nas mãos dos atravessadores que tinham comprado as áreas industriais e mineiras da Anhanguera antes mesmo dela ser inaugurada. E tinham comprado e tinham lotes pequenos, relativamente pequeno, uma grande indústria precisa de 100 mil metros quadrados, tinha um lote lá de 5 mil, 10 mil no máximo, a própria Bosch tem que fazer uma operação comprando um pedaço da fazenda Boa Vista. E fora os fazendeiros que, rapidamente, com a Anhanguera passando no meio, partiram suas terras... principalmente usineiros e passaram a especular por isso. Ai chega uma indústria que interessava muito a Campinas em 53, interessada em se instalar aqui, a fábrica de pneus Dunlop. E que iria ser a maior fábrica de pneus do Brasil naquele momento, depois que eles inauguram descobre-se que não, que já tem fábrica que faz mais pneu que a Dunlop

ia fazer, mas uma fábrica muito grande.. a Pirelli, hoje quando você vai no Campo Grande tem lá a Pirelli, era a Dunlop..

Ari: A Dunlop vem pro Brasil e diz é aqui que nós queremos ficar, em Campinas. Só que aí eles vão ver os terrenos, eles queriam um terreno de mais de cem mil metros, o município esfrega as mãos, porque o progresso, o imposto, a arrecadação, o emprego e tal, mas não encontra nada na beira da Anhanguera. E mesmo um pouco mais longe da Anhanguera, já não na beira da rodovia, você também não tinha nada, aí eles encontram essa área, aliás que é uma área privilegiadíssima, um dos lugares mais bonitos de Campinas é a fábrica da Pirelli. O divisor de águas de bacias é um ponto alto, você tem vertente pros dois lados, uma vista maravilhosa, e um terreno relativamente inclinado, mas com caimento constante.

Ari: Enxuto, né? E tinha uma travessia sobre a Anhangüera ali, que antes era um trevo, então eles ligam esse trevo, passam por debaixo dele, eles puxam uma reta e vão embora na direção da fazenda Roseira, até chegar e encontrar a estrada do Campo Grande lá na frente. Quer dizer, todo esse pedaço do Ipaussurama até a Alberto Sarmiento foi um traçado novo de avenida, ela não era uma antiga estrada, até um pedaço ou outro podia ter um pedacinho de estrada. Ela é uma via nova, e é obvio que eles abrem isso pra quê? Pra viabilizar uma série de empreendimentos imobiliários, porque o corredor da Anhanguera já estava todo trancado, a Amoreiras que é tradicional e sai do Campo Grande, a estrada velha de Indaiatuba, todas as.. a estrada de Monte Mor, todos esses lugares já estavam com suas beiras de estradas comprometidas, habilmente a prefeitura planeja em 53, inaugura em 57, uma avenida que vai direto pra Pirelli. Entendeu? Atravessa e encontra com a estrada do Campo Grande já na altura do Ipaussurama, o Jardim Ipaussurama já foi loteado nessa época também, quando vêm a estrada nova. E durante muitos anos, dos dois lados dessa estrada nova você não tinha nada, o próprio Enxuto é recente, até hoje aquela baixada do córrego do asilo, você tem o Lar dos Velhinhos lá atrás e mais nada. Depois que você passou a Anhanguera, aí logo a seguir você tem o Garcia que era um desses loteamentos de beira de estrada mesmo, e logo a seguir você tem o Castelo Branco.

Marcela: Mas que não existia nada...

Ari: Não, passava ali um linhão de alta tensão, que foi a linha construída pelo governo Juscelino em 60, que é a principal linha de transmissão do interior de São Paulo, é a linha que faz a grande conexão da capital até o triângulo mineiro, uma coisa do Brasil grande. Então deixa um espaço enorme daquela linha de transmissão que até hoje está lá, porque ela tinha, era uma linha tronco. Hoje ela tá até subutilizada, mas deixaram uma faixa de domínio para a linha de transmissão muito grande. Você tem o Jardim Garcia claramente aqui e o Castelo Branco, eles estão radicalmente separados pela linha de alta tensão, já imediatamente...

Marcela: E o Nóbrega?

Ari: O Nóbrega também..

Ari: Eu tava te falando da questão do Nova Europa exatamente por causa disso. Ela foi produzida, foi traçada passando por áreas vazias, e isso permitiu a liberação de novos espaços, com uma avenida de frente pra uma avenida, que ela já foi traçada com tamanho de avenida, ela no começo foi pavimentada como pista simples, mas a faixa de domínio dela sempre foi larga, né? Uma avenida central e duas laterais, depois que desvirtuaram isso do outro lado, quando o governo do estado fez a Bandeirantes, em vez de fazer o pontilhão com a largura de avenida central e duas paralelas, ele fez uma avenida simples e olhe lá, por economia a prefeitura abaixo a cabeça e falou sim senhor, o que sempre fizeram e deixaram aquela porcaria lá até hoje. Você imagina um pontilhão que tem 11 metros de altura, como você vai fazer um segundo pontilhão? É uma obra caríssima, complexa, porque a altura dela sai completamente dos padrões de escoramento, de segurança de estrada, etc. Então foi um absurdo, já tinha aquilo que acontece com o shopping.. esse novo que fizeram lá..

Marcela: O Bandeiras?

Ari: O Bandeiras avançou pra cima da faixa de domínio da estrada, depois ele negociou generosamente, ele doaria pra fazer aquele acesso a ele. A prefeitura foi tão descuidada que do oleoduto do Manuel do Nóbrega, onde passa o oleoduto da Petrobrás por dentro, daquele trecho em que a John Boyd Dunlop cruza o oleoduto pra frente, toda essa coisa da largura dela, que ela tem no trecho inicial, Vila

Paulicéia, Londres e tal, que é uma avenida central com duas pistas, uma mão de ida e uma de volta, um canteiro central mais canteiros laterais e mais as ruas marginais, esse era o projeto da John Boyd Dunlop desde lá de cima, do balãozinho do fim da Alberto Sarmiento, da Vila Industrial, até chegar na entrada do Campo Grande, a rigor na Pirelli, que ela foi desenhada para atender a Dunlop. E deram o nome... John Boyd Dunlop era o dono Dunlop pneus, muita gente não sabia isso, porque chama Dunlop? Que esquisito, não... Dunlop era um nome, construíram a avenida e deram o nome do inglês pra deixar claro... Mas a Dunlop interessada na construção dessa avenida teria custeado uma parte dos custos, etc. é possível, porque o que ela economizou comprando uma terra a preço de rural lá, e tendo uma pista asfaltada que na época em 5 minutos acessava a Anhanguera, ela tá muito bom. Hoje a Dunlop é pra você ir da Pirelli a Anhanguera, por causa do congestionamento, você demora meia hora. Mas na época que fizeram era praticamente uma avenida pra atender sua fábrica..

Marcela: Ela tá bem carregada agora.

Ari: Os loteamentos proliferaram, quando a Dunlop se instala lá você tem o Jardim Satélite Iris inteirinho, que é o maior loteamento empreendido numa só, desenhado, o maior loteamento da história de Campinas.

Marcela: O Satélite Iris é anterior as COHABs?

Ari: Sim, ele é da periferia dos anos 50, o Satélite Iris é de 1953. O pedido de aprovação, né? Entrada na prefeitura, né? E ele tem a parte 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Tudo junto é o maior loteamento da história da cidade, mas como ele foi sendo todo esfacelado, ele acabou nunca.. se faz essa conta de somar os seis Satélites Iris, pô.. até porque uma parte dele virou Jardim Rossin, que não conseguiu regularizar, aí entra com projeto novo e tal, mas Satélite Iris era um empreendimento, o maior empreendimento imobiliário dos anos 50.

Marcela: Mas ele é feito para uma população de baixa renda também?

Ari: Então, a segunda característica, quando você inaugura a Anhanguera...

Marcela: É toda ela voltada para a periferia social, né?

Ari: Umas das principais atividades de fim de semana da classe média é passear pela estrada, é assim com os campineiros, vão almoçar em São Paulo e voltam a noite, olha que chique. Os paulistanos começam a viajar pela Anhanguera. Então Jundiaí começa a ter, essas coisas de beira de estrada, Frango Assado e essas coisas, né? Domingão o pessoal pegava os carrões, carro importado... eu tô falando da década de 50, né? Estava começando a indústria brasileira, e vinham pra Jundiaí, Valinhos, Vinhedo, aí começa também a comprar chácara e tal. E Campinas se tornou o paraíso da venda de lotes pra investir no futuro. Até hoje, eu tenho parentes que compraram lotes aqui, muitos parentes compraram lotes aqui, a maioria perdeu, porque esses loteamentos... boa parte deles acabaram não se regularizando, não se legalizando. Essa região toda a oeste da Anhanguera foi sendo loteada de forma irregular, clandestina. O Satélite Iris até hoje não está regularizado, ele tem 62 anos que foi lançado o loteamento e tem pedacinhos regularizados, né? O Florence demorou 30 anos pra regularizar, o Florence..

Marcela: Florence é ocupação também, né?

Ari: Florence é a segunda periferia, já é pós-ditadura. A gente separa a formação de periferia no Brasil, uma periferia típica que vai até o regime militar em 64 e outra que começa a se formar depois disso. Por causa dessas mudanças de regra de sistema habitacional, com a presença do estado induzindo a expansão periférica, com a COHAB, Castelo Branco e essas coisas eram fichinha, eram praticamente centro da cidade comparado com o Parque Itajaí. O Parque Itajaí era no extremo...

Marcela: Sim, por isso me surpreende de se falar que é antes, essa é uma ideia dos vazios, né? Eles iam lá longe, ampliavam e depois deixavam os espaços e aí voltavam.

Ari: O DIC, né? Quando o DIC é feito aqueles bairros do aeroporto e loteamentos da primeira periferia estavam vazios, você tinha 20, 30% de ocupação, a COHAB mete um empreendimento que, quando completo, teria sete mil famílias morando lá. Isso são 30 mil pessoas, uma cidade. Aí começa a entregar as primeiras fases do loteamento, os loteamentos vizinhos começam a crescer juntos. Mais loteamento de periferia mais pra baixo começam a pipocar. A política de terras da COHAB, das

COHABs de um modo geral, a de Campinas não fica atrás, foi de uma política impulsionadora de uma expansão periférica desgovernada.

Ari: Jogando conjuntos em locais distantes, o Castelo Branco até que não foi tão fora da cidade, tão longe da cidade como os demais, então essa primeira fase da COHAB, que ela resolve essas coisas de Vila Rica, ajuda a resolver o Itatinga, mas não quer colocar o nome dela lá, não quer se comprometer, começa a trabalhar com algumas outras áreas menores, ela parte pro empreendimento, já com o BNH oficializado, e quando o governo desaguar vai vir dinheiro, vão ampliar o fundo de garantia. Ela parte pra três empreendimentos simultâneos, que ela planeja junto, projeta junto, ainda que na hora de executar ela começa a obra de um primeiro.. ai três empreendimentos de.. ao contrário do que ela vai fazer depois, ela faz os três numa tacada só. Ela pega a gleba, ela planeja 2500 unidades, que é bastante. E faz 2500 de uma vez só. O DIC não, O DIC foi feito retalho por retalho, o Itajaí é retalho por retalho, mas o Castelo Branco, o Costa e Silva e o 31 de março, ela planeja os três empreendimentos, vai atrás do recurso. Quando ela tem a assinatura.

Marcela: Eles são da mesma época, né?

Ari: Eles são da mesma fase da COHAB, metade da segunda metade dos anos 60, e eles são construídos no final da década de 60. O Castelo Branco é o primeiro que começa a obra, o Costa e Silva logo a seguir e o 31 de março logo a seguir, eles são feitos quase que juntos. E quando se comercializam essas casas, a COHAB está no seu ápice. Ela fez uma coisa que nunca tinha sido feita, mas de uma etapa de uma vez só. E se você olhar os três conjuntos, ai tem uma coisa que é mais de arquiteto, mas que é significativa, os três conjuntos foram feitos com casas térreas. Nenhum deles tem apartamento. A COHAB começa a sua produção na base da casinha, do telhadiho..

Marcela: O Castelo Branco também?

Ari: Também.

Marcela: Depois vai se fazer nas outras etapas.

Ari: Eles reservaram algumas quadras, que seriam pra COHAB e anos depois eles negociam essas casas pra fazer alguns prediozinhos de três ou quatro pavimentos, mas o Castelo Branco tem pouco, deve ter uns 10 prédios.

Marcela: Mas você diz do ponto de vista arquitetônico porque é mais interessante que seja uma casa, uma política habitacional.

Ari: Sim.

Marcela: Por que a pessoa tem a condição de fazer modificação.

Ari: O Costa e Silva inteira não tem um prédio. A 31 de março é no fim da Carlos Grimaldi, quando você chega lá no alto, quando você já tá vendo o shopping lá embaixo, o Galleria e o 31 de março ali, hoje muito bem localizado. Agora ambos eram, não eram desgarrados da cidade, eles estavam no fim da cidade, o próprio Castelo Branco você já tinha o Jardim Garcia e o Jardim Paulicéia, loteamentos já com uma certa população morando e tal, não era um coisa assim..

Marcela: E aquela parte, pensando esse lugar, não tinha nada, nada? Tudo bem, tinha o Jardim Garcia, mas não todas as casas que existem lá são da COHAB? Tudo?

Ari: São, é que depois, encostado ao Castelo Branco, seguindo a John Boyd Dunlop, você tem um loteamento que é feito imediatamente após a COHAB anunciar que ia construir, imediatamente a iniciativa privada loteia aquela área. O trevo, antigo balãozinho da John Boyd Dunlop, né? Que agora é meio balão só, dali você sai pra entrar no Manuel Nóbrega por trás, né? Ali tem o bairro que chama Jardim..

Marcela: Perto do Aurélia, ali.

Ari: Isso.

Marcela: Condomínio Bandeirantes, ali?

Ari: Não, não. Tô dizendo, você tá seguindo a John Boyd Dunlop, passou o Castelo Branco, tá indo na direção da PUCC. Quando chega naquela rotatória ali grande, lá em cima, quando você faz a ligação pra ir pro Balão do Laranja, ali do lado direito

você tem o acesso pro Padre Manuel da Nóbrega, que fica pra trás do Castelo Branco..

Marcela: Sai a Transamazônica ali?

Ari: Transamazônica é onde passa a linha de alta tensão. Então, ali você tem o.. entre o Castelo Branco e o.. o Castelo Branco é encostado, o Padre Manuel da Nóbrega sai do CD e faz um L, ai a John Boyd Dunlop passa por aqui, esse espaço todo que sobra vai se estender loteado entre o lançamento do conjunto Castelo Branco e a entrega das casas do..

Marcela: E ai loteamentos particulares?

Ari: Loteamentos particulares. É claro que tinha retalho e vai loteando. E Jardim Londres do outro lado, já era um loteamento da primeira periferia que cresce, ai faz o Jardim das Roseiras, que é do lado esquerdo da John Boyd Dunlop encostado na fazenda Roseira, mas é um conjunto da década de 70. Da primeira fase da COHAB que é os três: Castelo Branco, Costa e Silva e 31 de março, era uma fase coroada de êxito porque o dinheiro vem, as casas são feitas, ai aquelas famílias que tinham se cadastrado saem felizes, porque recebem as suas casas.

Marcela: E que eram da onde?

Ari: Então, o Castelo Branco, principalmente, ele vai recepcionar essa sobra dos negros do centro.

Ari: Isso não é explícito, você não vai conseguir um documento da COHAB que diz..

Marcela: da COHAB não, mas eu consigo umas dissertações que dão essa inspiração um pouco.

Ari: Por causa disso. O Vila Rico já tinha feito uma parte da limpeza, e por inércia da prefeitura, e dos proprietários do imóveis que foram desocupados no centro, não se fez, não se iniciou imediatamente uma demolição, uma reforma, uma recuperação dos imóveis. Eles ficaram desocupados e vazios, e boa parte desses imóveis, que estão na mão de pequenos proprietários, ainda que o setor imobiliário dissesse pode

deixar que eu, nós temos acordo com o dono. O setor imobiliário em Campinas não é dono de nada..

Marcela: Ele é só o intermediário.

Ari: O pessoal que morava aqui foi todo lá pro tal de Vila Rica, vou passar uma cal aqui nos quartos, trocar os vidros quebrados e vou alugar de novo. E reocupa. Quando a prefeitura vai lá, meu deus do céu, era pra parar de ter esse uso.. não, mas com que base em que lei? Eu sou dono disso daqui, eu faço o que eu quero, eu tô alugando, gente pobre tá precisando de moradia, eu tenho um coração bom então eu tô alugando. Então o cortiço se reitera.

Marcela: Mas tinha uns códigos de postura, que não permitiam mais que tantas pessoas dentro..

Ari: Ainda hoje tem cortiço..

Marcela: Sim, mas isso não acabava mantendo..

Ari: Ai que tá, a diferença da infestação de negros, na linguagem deles, infestação de negros, uma coisa feia, antes de 64, que tinha aquele João Goulart que era o presidente comunista, e o Vila Rica, ele retira e permite a remoção e reassentamento de todos longe do centro. Mas isso se faz ainda um pouco nas normas de civilizar. Só que ai entra o regime da ditadura. Então a nova ocupação dos imóveis por famílias de baixa renda, ai a COHAB é chamada e dizem: olha, cadastra esse pessoal que eles terão prioridade no loteamento, e agora a policia vai cuidar disso aqui.

Marcela: Esse foi mais violento? O Castelo Branco inclusive?

Ari: Não a Castelo Branco. O local onde moravam essas pessoas antes. Quando elas saem de lá, ai tem ocupação efetiva de polícia, de vigilante, pra saída dessas pessoas. Ai vem os tratores e derrubam essas casas antigas.. Isso é segunda metade da década de 60. Que é uma destruição de muitos imóveis que tinham valor histórico grande na área central, eles são destruídos, derrubados, quando se faz essa desocupação, essa troca de uso. Eles deixam de ter uso residencial coletivo, e

são derrubados. Ai entram realmente setores do capital imobiliário pra construir aqueles prediozinhos, alguns prédios residencial em cima, começam embaixo, outros prédios começam e tal. A primeira restauração do centro, quer dizer, antes você tinha as casinhas pobres e tal, os casarões antigos que dividiam o cortiço, você tem um pedaço dele e é derrubado, e começam a aparecer uns prédios novos. Tem dissertações na FAU que estudam exatamente esse período de 65 a 75, em que você tem uma renovação de edificações na área central de Campinas, inclusive que é um momento que se caracteriza por uma verticalização mais ousada. Por que até então os grandes prédios de Campinas eram prédios de 9 andares, 10 andares e tal, ai que você começa a ter, por exemplo, aqueles prédios do Largo do Pará, Barão de Jaguará, que são prédios que tem 24 andares, 25. Você começa a ter prédios grandes..

Marcela: Que são apartamentos grandes..

Ari: Sim, pra classe média e etc. Aquidaban, a avenida Aquidaban que rasga o centro ao meio levanta prédios por volta de 68, 69. Então você tem um momento assim de renovação urbana no centro, um alargamento viário. A Moraes Salles é mais disciplinada, continuação da Orozimbo Maia..

Marcela: A Lix da Cunha é 70, né?

Ari: A Lix da Cunha na forma atual dela é 90, agora como avenida ela sempre existiu.

Ari: Ela era a estrada velha de Monte Mor. Você tá trabalhando com um empreendimento que foi situado numa gleba recém-viabilizada pela construção John Boyd Dunlop, cuja as obras foram feitas no final dos anos 50. Pra que a indústria de pneus pudesse se instalar com um acesso direto a Anhanguera, e aproveitaram e ligaram lá em cima com a Alberto Sarmiento, que era o fim da cidade, o fim da Vila Industrial. Aquele balãozinho bucólico que tem lá, a seguir dele tinha o mirante e você via o trenzinho passando lá embaixo..

Ari: A Anhanguera passava longe dali, era uma baixada.. então eles rasgam aquele pedaço, ai você passa a ter tanto o acesso a Anhanguera, daquela parte da cidade, um acesso direto a rodovia, como ela passa por baixo, e então ela vai desbravar o

Campo Grande. E foi uma via urbana fundamental. A John Boyd Dunlop, se ela não tivesse sido traçada assim, boa parte dessas ocupações e o próprio Castelo Branco, o Jardim Garcia, por exemplo, era um bairro maldito, porque fizeram o Jardim Garcia naquele trecho da Anhanguera, se você olhar no mapa, o Piçarrão passa pela.. o Piçarrão por trás do Jardim Garcia, então no loteamento Jardim Garcia você tem um córrego, que na verdade não é um córrego, é quase um rio.. eles chamam de córrego aqui porque ele fica na parte pobre da cidade, um corguinho, tipo esse aqui.. em Barão Geraldo chamam de rio.. Rio das Pedras e não córrego das Pedras.. Chamar o Rio das Pedras de córrego... atravessava as fazendas. O Piçarrão é quase um rio, no mínimo um ribeirão..

Marcela: E tem umas coisas que as pessoas contam que elas iam nadar ali, tinha uma área de piscinão..

Ari: Isso, aí tem a Anhanguera, ele atravessa por debaixo da John Boyd Dunlop, exatamente ali do lado da Anhanguera, quando você passa por debaixo da Anhanguera na John Boyd Dunlop logo a seguir passa por cima do Piçarrão. E ele continua, ele corre a sua direita, ele continua entre o leito da rodovia e a o Jardim Garcia, e faz um contorno. Vai lá, o Jardim Garcia não tem comunicação com a via Anhanguera, só lá adiante que o Piçarrão faz a curva e aí tem uma outra ponte, que permite ao Jardim Garcia se conectar com a Anhanguera por cima..

Marcela: Quando surge como loteamento ele é isolado de tudo..

Ari: O Jardim Garcia é um desses loteamentos isolados..

Marcela: Não tinha escola, não tinha nada..

Ari: Não, porque também eles conectavam lá com o Jardim Londres lá em cima, mas por uma ruazinha que pegava o Paulicéia que era um loteamento com rua de terra, não morava ninguém, o loteamento Campos Elíseos ficava um pouco mais pra cima, é tudo fragmentado. Nesse plano diretor de 91 você vê como todos esses loteamentos feitos na década de 50 são fragmentados..

Marcela: Então chegar o Castelo Branco, o Nóbrega é bom pro Garcia, forma um conjunto?

Ari: A John Boyd Dunlop que viabilizou a COHAB, adquirir ou desapropriar, sei lá se ela comprou aquela área, e planejar um empreendimento de grande porte lá, e já ficar de olho na continuação da gleba, que ia lá por trás, para no momento seguinte comprar também a área do Padre Manuel da Nóbrega e fazer o Padre Manuel da Nóbrega na década de 70. Quer dizer, entre o Castelo Branco.. eu tenho as datas certinhas de...

Marcela: O Padre Manoel da Nóbrega é de 78, acho que o primeiro sai em 76, você tem três etapas..

Ari: Você tem na verdade 10 anos praticamente de intervalo de um e outro, aí já é outra fase da COHAB, quando ela faz os Padres, o Padre Manuel da Nóbrega e o Padre Anchieta.

Marcela: É da mesma época os dois?

Ari: É, mas o Padre Anchieta já tá lá no.. tá lacrado na divisa de Sumaré.

Marcela: Já é uma outra história..

Ari: Já é uma outra historia, ele foi feito num lugar que interessava atrair população, etc., mas ambos são feitos na mesma época, são planejados do mesmo jeito, são conjuntos bem maiores, e combinam a posição vertical e horizontal no plano original. Os prédios que tem no Castelo Branco foram deixadas algumas quadras para que posteriormente fossem ocupadas, eventualmente, com prédios. E aí foi a iniciativa privada que pegou e fez aqueles predinhos. Tanto é que eles estão fechados, eles são diferentes do Padre Manuel da Nóbrega, onde você tem uma área toda de prédios já planejada, prédio atrás de prédio, praças, centros comunitários..

Marcela: Essa é uma dúvida... ele já previu praça, previu equipamento de lazer?

Ari: Prevía. Escola, áreas destinadas a isso, e nos Padres comércio, porque o Costa e Silva, o 31 de março e o Castelo Branco, a previsão.. a COHAB até reserva alguns terrenos em locais que poderão, e de fato se tornaram posteriormente, áreas boas pra comércio. Mas ela não tá planejando. O Padre Anchieta, por exemplo, já se vende box de comércio juntos. Casa, apartamento e área comercial.

Marcela: E o Nóbrega também?

Ari: O Nóbrega também. Só que o Nóbrega tem um processo de autorização da prefeitura que complica no meio da comercialização, então a COHAB suspende a venda dos lotes comerciais e continua a venda e comercialização dos apartamentos e casas, porque ela teve lá uma divergência com a prefeitura. Isso em função dos bairros vizinhos, o Padre Anchieta não tem problema nenhum de venda comercial porque quando ele chega lá você tem toda uma população de periferia de Sumaré, morando encostado do outro lado do município que não tinha comércio nenhum. E ali era, o Nova Aparecida é o grande reduto da fuga do negros, né? Eu já disse isso pra Alessandra, eu tenho alguns indícios desse negócio, quando a casa de cultura, o centro cultural.. se quiser estudar isso eu levo o que eu tenho..

Marcela: E o que você tem?

Ari: Porque você acha que chama Nossa Senhora Aparecida? [01:13:44]

Marcela: Não sei..

Ari: Porque o rio que tem ali embaixo chama rio dos Quilombos?

Marcela: É.. verdade, tem um estudo da Olga (?) que tinha batuque de umbigada ali no Nova Aparecida e tal.

Ari: Ali, o que eu sei.. primeiro que o ribeirão, os quilombos que nascem no Castelo, fazenda do exercito, as nascentes estão todas aqui em Campinas. Toda a cabeceira do quilombo tá aqui, e ai ele vai descendo bonito, atravessa a Dom Pedro, perto dos Amarais, a região dos Amarais, atravessa a estrada dos Amarais, e vai embora. Ele vai atravessar a Anhanguera já em Sumaré, e vem pelo lado esquerdo, ai ele passa dentro de Sumaré, ele passa dentro de Nova Odessa, a ferrovia acompanha ele inteirinho, passa dentro de Americana e deságua no Piracicaba ali em Americana. É um rio, o pessoal chama de ribeirão, é o que eu tô dizendo, a hierarquia é aqui por quê? Tem negrada, não vai nome de rio.. rio é o Rio das Pedras que tem 3km e vira rio, mas o Ribeirão dos Quilombos recebeu esse nome porque no momento que começa a fuga de escravos aqui de Campinas, o Ribeirão dos Quilombos era um dos ribeirões de mata densa em volta..

Marcela: Talvez tivesse um quilombo ali..

Ari: Sim, porque ali o pessoal conseguia fazer as palhoças nas margens que eram bem arborizadas, faziam palhoças e moravam escondidos lá, ele não era navegável..

Marcela: Mas tem dados disso?

Ari: Tem dados disso, por que deram o nome de Ribeirão do Quilombos, inclusive ouvi dizer de um pedaço que tinha, moravam 10, 15 famílias, um trecho dele, seria mais ou menos no que é hoje entre Sumaré e Nova Odessa, por ali tinha um quilombo. O nome é ribeirão, Ribeirão do Quilombo. E alguns lugares é grado como Ribeirão dos Quilombos. Essa situação se mantém até o século passado, até a república, com negros morando ali nas imediações do ribeirão, alguns que.. você sabe que aqui a alforria em Campinas era fraudada, nós éramos uma sociedade escravagista radical, mesmo com as leis imperiais, do ventre livre e aquela coisa, o sexagenário, aqui não respeitava..

Marcela: Mesmo quando acabou eles ficaram à míngua..

Ari: Mesmo quando acabou e etc., então esses foragidos, negros que conseguiram se livrar de seus feitores e, bem ou mal, tocar sua vida, se agrupavam nesse vale do quilombo ao norte da cidade de Campinas, no começo do século passado eles constituem uma comunidade católica que passa a ser admitida de devotos de Nossa Senhora Aparecida. E ai não sei como eles conseguem localizar uma parte de casas num morro, num dos melhores pontos a se encontrar a Pirelli, um dos pontos mais bonitos da cidade, onde está o Padre Anchieta hoje é um dos pontos mais altos de Campinas. Divisor de água de bacia, um lugar maravilhoso, ali no alto eles conseguem construir alguns casebres, não sei se houve alguma autorização, isso no começo do século passado. E ali perto eles cultivavam a encosta que desce pro Ribeirão dos Quilombos, para que hoje você desce a encosta lá embaixo, o maior conjunto da CDHU que existe em Campinas, que é o Edivaldo Orsi. Então eles plantavam por ali, e eles conseguiam morar ali na encosta e principalmente na parte alta, então é uma parte nobre e você fala.. os negros conseguiram, só que lá não morava ninguém, então eu não sei, isso tem que pesquisar. O que eu sei é que na

década de 30 eles já têm poder, ou status de comunidade e constrói a igreja. Uma capela na verdade. Constrói a capela e abre o arraial deles, e eles constroem a capela exatamente no símbolo do platô, como a gente chama, que é a parte plana alta, e pra trás da igreja começa a descida, e eles moravam do outro lado também do platô, e ali era um terreno todo deles. E a gente tinha fotos dessas festas que eles faziam, fazem festas religiosas da Nossa Senhora Aparecida, mas com tradições negras. Ai onde passa a via Anhanguera? Exatamente no meio dessa comunidade, quando vem o traçado da Anhanguera ela passa exatamente ali no meio, ela não passa atrás, à direita ou à esquerda, ela passa no meio. Você vai hoje a igrejinha tá lá, coitada, não tiveram coragem de demolir, mas que a estrada da alargada, provavelmente quando inauguraram a igrejinha até ficava uns 100 metros da estrada..

Marcela: Você acha que a igreja é alguma coisa pra se pensar em tombar, ou não?

Ari: Do ponto de vista de arquitetura dela, ela sofreu muitas avariações, pintura, hoje ela tá pintada de azulão, um azul fortíssimo, porque o terreno foi alugado para uma venda de piscinas. Então sabe essas vendas de piscina de beira de estrada? Aquelas piscinas de 6 metros de pé? Escora e coloca umas lâmpadas pra ficar aquela coisa azul e tal?

Marcela: Mas no terreno da igreja?

Ari: É, no terreno dela. A poucos metros da igreja tem as piscinas em exposição e tem a igrejinha ali no meio. Ela não tem acesso, tiraram aquele trevão da Dom Pedro que termina na frente dela e tal, ela tá ali, tem uma fábrica de um lado, tem uma loja de piscina do outro e a igrejinha tá ali. E a passarela de pedestre fica 1km pra baixo. Então se alguém quiser ir a igreja tem que andar 1km na direção de Sumaré pela marginal do lado do Padre Anchieta, atravessar a passarela e andar 1km pra cá e chega na igreja, mas se você estiver na frente dela, a 100 metros dela você não consegue. Atravessar a Anhanguera ali é impossível, você tem marginal, acesso a Dom Pedro, viaduto, pontilhão, canteiro central, segunda marginal, acesso ao trevo, não sei o que, ai que chega na igreja. A igreja, coitada.. só não derrubam por..

Marcela: Mas se é a mesma construída talvez interessante..

Ari: Ela foi construída na década de 30. Uma igreja simples dessa comunidade. E até 1900, mesmo com a Anhanguera aberta em 50, você pega o mapa da cidade de Campinas de 1965, essa região do Padre Anchieta e Nova Aparecida, era rural. E não existia distrito de Nova Aparecida, o distrito de Nova Aparecida..

Marcela: Porque ele é meio industrial, né? Essa ideia do distrito de Nova Aparecida?

Ari: Quando a Anhanguera abre, imediatamente indústrias se interessam pelas terras...

Ari: Até o nome de Nova Aparecida é porque ali tinha uma comunidade de devoto de Nossa Senhora Aparecida, construíram a igreja a suas custas..

Ari: Ai já eram negros e brancos, na década de 30, e eram pessoas de atividade rural, não tem urbanização nenhuma. Até chegar a Anhanguera em 50 era absolutamente rural. E até 65 você começa a ter alguns arruamentos de um lado ou do outro da Anhanguera naquele pedaço, mas também coisa muito incipiente, arruamento, mas pouca casa. Então essa comunidade simplesmente passaram a estrada na frente e esses negros eu não sei onde foram parar. A igreja ficou de um lado da estrada e eles do outro. Eles moravam do outro e a condição deles que era todo dia atravessar o terreiro deles e descer pra hortas e plantações acabou com a estrada passando ali.

Marcela: Tanto que já tem que ter uma faixa salarial de 3 a 5.

Ari: Isso você tem que entender quando faz a transição do Castelo Branco pro Padre Manoel da Nóbrega, ainda que gente do Castelo Branco vá pleitear e consiga se mudar pro Padre Manuel de Nóbrega, mas já são modelos de comercialização..

Marcela: De onde vieram as pessoas do Padre Manoel de Nóbrega?

Ari: Da fila da COHAB..

Marcela: De moradores comuns de Campinas que se inscrevem? De nenhum lugar específico que eles saíram?

Ari: Nos primeiros anos de 66 ela abre inscrição: campineiros que querem ter uma casa, uma casa própria, opções de casa própria. Então tinha, quando abriram a inscrição, os primeiros dias eram filas enormes, não precisa ter pressa, pode se inscrever com calma, mas as pessoas sabiam que o número de ordem na inscrição era o número de chamada. O que era um absurdo, mas era assim que se fazia. Até eu ser presidente da COHAB continuou esse cadastro. Em 2001 o cadastro era o mesmo, que foi começado em 65. E era todo manuscrito. Aquelas fichinhas.. e você não conseguia localizar ninguém no cadastro. Ele tava em ordem cronológica..A pessoa tem que dizer a data que ela fez o cadastro, porque a gavetinha dizia números tais a tais, fevereiro de 78 a março de 1980. então aquela gavetinha tinha os inscritos desse período, né? Era assim que se localizava. E aí como você atendia? Você ia puxando as fichas, você chamava cem pessoas, cem fichas. Chamava 100 pessoas, mandava carta e tal, chegava 40. Essas 40 que chegavam você separava as fichas, que bom, e as outras 60? Não vieram.. deixa lá, aí vamos chamar as seguintes. Tinha lá um negocinho de trabalho dizendo: chamada ou anotava na ficha "chamada em tal data e não compareceu", chegou um ano lá nos anos 80, 90, que resolveram que a pessoa que tinha sido chamada mais de três vezes e não comparecido ia perder a ficha. Aí entraram na justiça e tal, aí tinha um segundo arquivo..

Marcela: Que eram só desses que tinha..

Ari: Chamado três vezes, as fichas iam pra lá, porque eu tô há dez anos inscrito na COHAB, tem gente que chegou no mês passado e já tá na casa própria e eu não tô. E tinha, é claro, os vereadores tinham os esquemas deles pra ir enfiando gente na frente e tal, então o Padre Anchieta e o Padre Manoel de Nóbrega nos anos 70 já entra num momento de comercialização muito mais mercantil da COHAB e muito mais em cima dessa.. desse domínio do "eu arranjo uma casa pra você, pode deixar, dona Maria, o gabinete do vereador vai garantir uma casa para a senhora, agora seu nome será chamado", e com certeza, eu tô dizendo como mecanicamente seria feito.. na hora de comercializar duas mil casas já tinha a lista de 200 nomes de pessoas que os vereadores iam dar. A condição que a COHAB sempre respeitou é que não se comercializava com quem não estivesse cadastrado.

Marcela: Tem vários depoimentos que falam isso, tem um depoimento, acho que é do Castelo Branco, de uma senhora negra que morava numa árvore próximo da prefeitura, você já ouviu isso? É uma história interessantíssima, porque alguns documentos são de fontes orais, né? E aí tem uma senhora que morava na árvore e chegou um vereador da Câmara e falou: vai lá na COHAB, praticamente levando ela lá, ela se cadastrou e ela ganhou uma casa. É até justo, mas tem uns que não tinham nem a condição..

Ari: E a ideia da fila, que é uma ideia bem pequeno burguesa, que não tem nada a ver fila, você tem que atender com urgência o social. Então o cadastro..

Marcela: Não tinha esse critério?

Ari: O cadastro só seria informatizado, foi feito em 2001 na minha gestão, nós fizemos seis postos de cadastramento.

Marcela: E o critério socioeconômico?

Ari: Fizemos tudo informatizado, você ia lá e já cadastrava online, cadastrava direto e digitava, aí passava por um processamento de retaguarda, e de consistência e os dados já iam pro banco de dados.

Marcela: Tá, mas e, por exemplo, assistente social, ela vai ter assistente social na COHAB quando? Desde o começo? E esse critério sócio-econômico, eles não respeitavam? Se eles respeitavam a fila.. e o critério?

Ari: As assistentes sociais entram justamente para cuidar dessa comercialização, elas mesmas atendem, e a qualquer momento, hoje vai a dona Maria lá no COHAB, que tá aflita porque até hoje não tem a casa dela, o aluguel subiu, não sei o que, a assistente social vai atendê-la. Só que hoje a assistente social vai puxar na tela dona Maria não sei o que, ah tá.. "tô aqui vendo sua ficha dona Maria, a senhora já foi chamada uma vez" "nunca, nunca fui chamada" hoje você tem..

Marcela: Condição de falar alguma coisa..

Ari: De conversar, mas as assistentes sociais e os meninos da COHAB não sabiam muito bem fazer isso, elas eram assistentes sociais. Para elas a urgência social é

que devia ser o critério de precedência e não a ordem, mas aí a direção da COHAB impõe que é a ordem numérica. Entendeu? Para ter moralidade, decência e não sei o que..

Marcela: Mas aí como eles conseguem estabelecer o critério de salário, por exemplo, aquele vai morar a faixa salarial de 3 a 5..

Ari: Você imagina se tem um critério de salário no período dos anos 70 e 80, quando a inflação era de 500% ao ano, como você vai ter um critério de salário?

Ari: A ocupação e construção do Castelo Branco, que é no final dos anos 60, e a entrega das primeiras unidades do Padre Manoel de Nóbrega passa-se quase 10 anos. e nesses 10 anos os bairros vizinhos do Castelo Branco, ou as glebas vizinhas do Castelo Branco, rapidamente se lotearam e foram vendidas. E aí já num esquema de loteamento de, não tanto de periferia, mas já no esquema pós-ditadura, quer dizer, a segunda periferia de campinas não é aquela lentidão que foi a primeira. a primeira foi.. eu até falo o Satélite Iris começou a vender lote em 53 e 54, e você ia lá em 63 e não tinha ninguém morando. Passaram dez anos e zero população. Tinha problema de regularização, mas obviamente as ilhas de pessoas que compraram lotes lá não tinham tanta urgência em construir sua casa própria. Na segunda periferia, a grande mudança com a ditadura, ser inquilino passou a ser uma bola furada, antes da ditadura a lei de inquilinato existia e era uma das leis primordiais da vida do brasileiro. Que garantia e direito, depois de alguns anos chegava o dono da casa e dizia "vou dobrar o aluguel no mês que vem", o que é isso, o inquilino tinha direito, a ditadura acabou com isso. E principalmente a ditadura acabou com a estabilidade no emprego, que era uma outra característica não pra essa população do Padre Anchieta, desculpa, do Castelo Branco e Vila Rica, que eles eram na sua maioria empregos informais, mas a perda da estabilidade de emprego acabou com aquela história que na primeira periferia podia valer, eu tô trabalhando nessa fábrica a quatro anos, tô bem aqui vou ficar mais tempo, agora abriu um loteamento aqui perto. De lá pra cá da pra vir até de bicicleta. Eu vou comprar um lote e fazer minha casa lá. quer dizer, essa busca da relação de morar perto do emprego, dependia da estabilidade do emprego. Ela deixa de existir. Então essas duas coisas ficaram flagrantes já em 67, quando se comercializa Castelo Branco, Costa e Silva e já se sabe disso. Olha, não tem mais

essa história de que o cara vai morar aqui porque o emprego tá aqui perto. Ele vai morar aqui porque ele tem que sair do aluguel, e tem que ter a casa própria que a ideologia do programa dos militares impôs. E nós aqui estamos de acordo com isso. Quanto mais proprietário tiver menos confusão pros empresários. Essa era a lógica que entrava, claro que tinha a higienização no centro, acabar com os negros, e blá blá blá, mas isso já na fase Padre Manoel de Nóbrega praticamente a COHAB já não tá mais mexendo com isso. E esses loteamentos que se construíram em 10 anos entre o Castelo Branco e o Padre Manoel de Nóbrega, tem jeito até de recuperar isso por regra, eles rapidamente ocuparam, eles já são de segunda periferia. O cara comprava o lote, pegava ali, fazia o primeiro cômodo na casa, depois ampliava, vamos revestir depois, não sei o que, e vamos mudar pra lá porque não aguento mais pagar aluguel. Então é uma população que vai se agregando as vizinhanças do Castelo Branco. O Castelo Branco lota. A comercialização do Castelo Branco foi muito rápida, a COHAB sempre tem unidade pra recomercializar? Às vezes morrer a pessoa, ou porque ficou inadimplente e via judicial pegou a casa de volta e tal, mas o Castelo Branco é um dos conjuntos que mais rapidamente se ocupou, o Costa e Silva também foi muito rápida a ocupação, e que menos rotatividade teve. Então muita gente passou a morar ali nas casas vizinhas, nesses loteamentos que se construíram, então quando chega o Padre Manuel de Nóbrega ele já tem vizinhança, ele já tem o Castelo Branco vizinho, a linha de alta tensão e a Anhanguera do outro lado, o Piçarrão passando atrás, e ele tem, tá confinado. E todo lado entre o Padre Manuel de Nóbrega e a John Boyd Dunlop são bairros, loteamentos, avenidas, já tem escola, já tem um monte de coisa. A Tainã fica no limite do.. é uma área pública desenhada pela COHAB, no limite entre o novo conjunto que estavam construindo e o bairro vizinho, então há uma disputa muito grande quando se decide que aquela área teria uma atividade comunitária. Não vai ser nem escola, nem saúde, é comunitário. E aí é bom você pegar a história de como esses negros que moravam no, não moravam no Padre Manuel de Nóbrega porque tava em construção, alguns até depois vão morar lá, mas não moravam ainda. A disputa daquela área começa a se dar antes mesmo de terminar a obra da construção das casas e apartamentos do conjunto habitacional. Já começa a disputa, então uma parte dessa população mora no Castelo Branco e outra parte nos bairros de periferia que estão encostados no Castelo Branco. E dentre as organizações que reivindicam usar o espaço comunitário que tá sendo construído

pela COHAB está o grupo de negros ligados à cultura, arte folclore e etc. e tal que também pleiteiam e como eles ganham essa parada eu não sei, mas é evidente que há ressentimentos dos brancos e de outros grupos, né? Que disputaram e não conseguiram ganhar. E a disputa do Padre Manoel de Nóbrega que eu posso te antecipar, não só essa. De um centro comunitário que não é esse, o centro comunitário do bairro, ele fica ali, você seguindo pela linha de alta tensão, passa aquele vale onde tá a Tainã, a Tainã tá construída com muita coisa em cima do córrego. A nascente é logo ali do lado, ali é todo um córrego canalizado. Aquela praça largona..

Marcela: Eles tão plantando também, a Praça dos Trabalhadores..

Ari: É, mas é tudo, quando você chega lá embaixo, você vê que o córrego deságua no Piçarrão atrás, infelizmente, mas quando você passa essa baixada, tem uma enviesada e aí tem um centro comunitário, tem um centro de saúde e um centro comunitário do lado, que é da Associação dos Moradores do Padre Manoel de Nóbrega, os caras odeiam a Tainã. Quando você vai em reuniões e conversa com eles, eles falam duas coisas terríveis, uma delas é que naquela pracinha também, logo no começo, essa grande praça, tem uma quadra que a COHAB fez, uma área de esporte. Essa quadra caiu na mão do crime organizado e dos traficantes e passou a ser biqueira da região..

Marcela: Eu li isso e não consegui localizar onde é.. não é na mesma praça?

Ari: É equipamento do Padre Manoel de Nóbrega, e porque eu tô falando desses equipamentos? Por que o Castelo Branco foi um conjunto muito pobre, não teve. Teve uma pracinha ou outra, um lugar meio agradável, bucólico e tal, não tem essa praçona enorme que o Padre Manoel de Nóbrega. Não tem o centro comunitário, não tem uma quadra multiuso com vestiário e não sei o que. Essas coisas estão todas praticamente... não foram pensadas no Castelo Branco, agora elas até poderiam vir a ser feitas. Há uma discrepância muito grande entre áreas de uso comum, equipamentos sociais, culturais, mesmo praças, arborização, do Padre Anchieta e do Castelo Branco. o Castelo Branco é realmente quadra, rua, lotezinho. Uma e outra pracinha. Uma escola estadual aqui, um centro de saúde lá na frente..

Marcela: E de perfil de população vai ter diferença também?

Ari: Teve por conta das regras do jogo, e daquilo que eu te falei, da pressão imobiliária ao longo dos 22 anos de existência do BNH foi de sempre carregar cada vez mais pra cima a clientela. Ficou algum estigma do Castelo Branco ser uma segunda área de reassentamento de população negra tirada meio a força do centro de Campinas? A primeira foi retirada a força, mas na transição do regime democrático pro regime autoritário. E três anos depois quando o Castelo Branco vai pegar os que vieram depois, aí a coisa é diferente, a polícia vai lá e bota em camburão, bate, dá porrada e área num lugar que as assistentes sociais vão lá com mertiolate e dizem "nós vamos dar um jeito", é muito mais traumática a chegada desses moradores do Castelo Branco, do que foi o Vila Rica. O Vila Rica eles foram até, mais ou menos, achando que era um bom negócio. Mas o Costa e Silva não teve essa função de recepcionar egressos da área central que tinha que ser saneada, tinha que ser higienizada, nem o 31 de março. Foi o Castelo Branco que foi pegar a segunda leva de negros que ocupou os cortiços no centro.

Marcela: Mas eu penso na questão da política de exclusão mesmo do município, de mandar as pessoas para espaços distantes, que não tem acesso as vezes a escola, a escola vai chegando depois, em muitos desses espaços.

Ari: Essa coisa da precariedade do equipamento social, da demora em chegada, da escola que ainda não é boa, de certo isso acontece com os conjuntos, o Padre Manoel da Nóbrega tá numa fase assim mais da COHAB, foi o melhor, o período áureo da COHAB, em que ela não tinha problema financeiro, tava comprando o Itajaí, já tava recebendo, recebeu, tem doação à desapropriação do DIC, que é o maior pepino até hoje e ela não resolveu isso. Então a COHAB no final dos anos 70, começo dos 80 vivendo a sua melhor fase.

Marcela: Pode dizer que o Padre Manuel de Nóbrega é o conjunto exemplar?

Ari: Ele é um paradigma do que a COHAB entendia como uma das melhores, pra você ter ideia eles contrataram um arquiteto famoso que morreu ano retrasado. Joaquim Guedes pra fazer o projeto do Padre Manuel de Nóbrega, quebrando um pouco a tradição, porque até lá as casinhas do Castelo Branco, do Costa e Silva e

tal era tudo desenhada pelos arquitetos e engenheiros da própria COHAB e da própria prefeitura, mas aí quando resolvemos partir pra prédios e.... o Joaquim Guedes fez e participou do plano, da disposição, deu opinião, deu palpite em tudo e tal, o prédio, o apartamento é considerado um apartamento avançado, depois ele fez uns dois. O Padre Manuel de Nóbrega e o Padre Anchieta. Projetos diferentes inclusive, o prédio do Padre Anchieta é diferente do Padre Manuel de Nóbrega.

Marcela: E década de 70 é um momento que também vai ter grande migração, né? Tem migração em vários momentos, mas 60 pra 70, né?

Ari: O último grande momento migratório geral de imigração, que vieram para Campinas, foi na década de 70, e foi uma das tragédias que foi na crise da soja no Paraná. Então na década de 70 houve um investimento muito grande da ditadura, do governo militar, na venda de soja, já a partir de 67, 68, conseguiram um resultado excelente em 69, 70, aí promoveram um plantio em grande escala no Paraná, começaram a falar em fazer corredor de exportação da soja, e de repente rasteira do mercado de commodities mundial, a soja fica toda estocada e os produtores de soja recuam, queimam as plantações e botam boi, mato e pasto, etc., ou seja, onde trabalhavam 100 trabalhadores passou a trabalhar um, o êxodo foi enorme e muita gente veio pra Campinas. Boa parte dessa população é uma população que já tinha sido expulsa nos primeiros anos da ditadura de Minas Gerais, do Sul de Minas, e tava atrás desses eldorados agrícolas, e o eldorado agrícola foi à produção de soja do pontal do Paranapanema, no estado de São Paulo e o noroeste do Paraná. Aí foi todo mundo para lá, foi dois, três anos assim e de repente todo mundo na rua. Que era esses movimentos, você tinha movimentos de grandes massas, né? Essa migração que vem do Paraná é uma migração trágica, porque é um êxodo mesmo, eles vão saindo, alguns vão parando em cidades no caminho, ficam alguns meses lá e depois vão pra outros lugares, quer dizer, um êxodo como se fosse guerra. Sem nada, aí eles chegam e engrossam as favelas, na metade da década de 70 as favelas, a população favelada de Campinas praticamente dobra em número por conta dessas famílias que chegam e são recebidas aqui. E aí esses caras vão atrás depois também da periferia, consegue um emprego ou outro, etc. Agora, essa população a COHAB não consegue atender. Nem a população favelada, claro, tem muito ex-morador de favela que hoje mora, ou que sonha em morar em casa da

COHAB, mas, a maioria não consegue, e esses que migram na época de 70 tem mais dificuldade ainda, depois de emprego, de alguma coisa... A maior parte dessas pessoas acabam resolvendo seu problema de moradia comprando um lote da periferia, às vezes comprando o lote em dois, lote de 250 e divide a casa de frente e fundo e tal, e construindo a sua casinha lá a duras penas. Mas a grande maioria desses migrantes, que veio da soja do Paraná, não é atendido pela COHAB. Eles se cadastram, se matriculam, mas não são atendidos porque a COHAB já tá nesse momento com o cadastro meio saturado, ela tá fazendo parque Itajaí, está fazendo o conjunto DIC, DIC 1, DIC 2, DIC 4 e tal, ela tá produzindo e comercializando, mas o número de inscritos aumenta mais que o número de unidades que ela entrega, não dá mais conta da demanda. Até porque nos primeiros anos ela rapidamente produziu, então ela se tornou uma empresa confiável. E sem sombra de dúvida, pessoas de todos os municípios vizinhos, aí Valinhos, Sumaré, Vinhedo, se inscreviam. Pegavam o endereço de um parente que moravam em Campinas e se cadastravam como moradores de Campinas. Então há um inchaço muito grande, quando as pessoas calculam o déficit habitacional de Campinas com base na COHAB tá errado. A COHAB tem um déficit habitacional regional. Você tem gente de todos os municípios vizinhos que se cadastram. "Não, precisa ter endereço de Campinas", isso é fácil, todo mundo tem um primo, parente em Capinas, pega o endereço dele. Diz que mora lá de aluguel. Então a COHAB vai se afastando de público de baixa renda, praticamente foi o Vila Rica e esses três primeiros conjuntos, o Castelo Branco, o Costa e Silva e o 31 de março. Em que ela ainda trabalhava com uma demanda mais pobre. A partir daí o próprio sistema financeiro habitacional começa a exigir emprego estável, carteira assinada, renda mais alta, blá blá blá. E a fila da COHAB vira uma fila imensa, acabou a pobreza.

5 LENDO MEMÓRIAS

Neste capítulo tratarei dos temas que foram evidenciados através das entrevistas realizadas na Vila Padre Manoel da Nóbrega com os moradores. O conteúdo delas contemplou uma diversidade de olhares sobre o bairro. Segundo Bosi (2003, p.74/75), “o bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade”.

Iniciei as entrevistas imbuída desse “espírito de bairro”, com o intuito de conhecer a respeito das práticas culturais na Vila Padre Manoel da Nóbrega, por meio de seus moradores. Lá estão inseridos o terreiro Mamãe Oxum, de Mãe Iberecy e o Ibaô³⁷, lugares que representam o objeto de estudo ao qual essa pesquisa procurou conhecer e registrar as memórias.

As entrevistas continham algumas questões centrais como referência, que procuravam conhecer a respeito do bairro e das relações estabelecidas no mesmo, como as atividades culturais e de lazer existentes; a relação com a vizinhança no próprio bairro e dos bairros vizinhos; as escolas da região; a existência de preconceito racial e a religião. Foram feitas perguntas sobre a presença da capoeira e do terreiro no bairro. A criminalidade no local, foi um tema recorrente e espontâneo, proveniente dos entrevistados. As respostas a essas questões estarão presentes ao longo do capítulo, bem como os referenciais teóricos que buscaram compreender os processos envolvidos.

As referências teóricas utilizadas remetem ao capítulo 1, ao tratar dos temas Cultura - popular, brasileira e negra, memória e identidade e ao capítulo 2, relacionado à presença negra. Na tentativa de compreender assuntos que apareceriam como pano de fundo, como as políticas habitacionais e o processo de urbanização, foi necessário um processo de imersão em aspectos particulares que permeiam a cultura negra, em especial o preconceito racial e a intolerância religiosa.

Religião

³⁷ O terreiro está localizado na Vila Padre Manoel da Nóbrega desde 1987, possui uma característica singular: abriga as duas práticas religiosas afro-brasileiras mais populares, o Candomblé e a Umbanda. Seus cultos ocorrem em diferentes dias da semana e o Ibaô - Instituto Baobá - é uma Organização Social, Ponto de Cultura e Memória, que atua na difusão e recuperação das manifestações culturais afro-brasileiras, a partir da capoeira como linha central.

Dos entrevistados, seis são católicos, dois evangélicos e dois de religiões de matriz africana. A religião foi um dos temas que apareceu nas entrevistas, quando não espontaneamente, era diretamente levantada a questão, inicialmente não relacionada a nenhuma religião especificamente. As respostas se referiam em sua grande maioria à igreja católica. O terreiro não foi lembrado pelos entrevistados, com exceção de David e Mãe Iberecy, ogã e lalorixá do terreiro respectivamente.

As pessoas que se declararam católicas relataram sua participação nas missas ou nas quermesses, que também foram lembradas, além da construção da Igreja. Na região há duas igrejas católicas: a igreja Nossa Senhora Perpétuo Socorro e o Santuário Guadalupe.

Dona Isabel relembra sua participação nas obras da igreja, quando o entrevistador referiu-se ao fato de ela estar há quase quarenta anos no bairro:

“É, 40 anos. E religiosamente a gente participou na construção do barracão da igreja Maria Mãe do Povo, depois de anos fizeram a igrejazinha da Nossa Senhora do Perpetuo Socorro”.³⁸

O Senhor Sebastião também fez referências positivas à igreja católica. Em sua entrevista, foi interessante observar que ao ser perguntado sobre a presença de igreja no bairro, ele logo se referiu à igreja católica:

“Igreja? Temos uma aqui, subindo a rua Pelicano. Sabe o supermercado Vila? Você pode olhar a esquerda tem uma igreja ali, muito boa a igreja, uma igreja católica”.³⁹

Os dois entrevistados que se declararam evangélicos eram de igrejas diferentes. Senhor Tavares era mórmon, da Igreja dos Santos dos Últimos Dias e assim também sua família. Em alguns trechos da entrevista ele conta sobre os trabalhos missionários que mesclava com a associação de moradores. Demonstra sua fé e participação na igreja de forma atuante, por exemplo, com as relações de namoro de seus filhos que tinham como condição essencial a participação da igreja: “só namoram gente da igreja”⁴⁰, diz.

Em contraposição a essa participação mais próxima do Senhor Tavares com a igreja que frequenta, Dona Sandra se declarou evangélica desde criança, porém já frequentou diversas igrejas dentre as diversas existentes, mas não consegue se fixar

³⁸ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 08/10/2015.

³⁹ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 09/03/2016.

⁴⁰ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida 18/01/2016.

em nenhuma. Embora tivesse se identificado com a fé evangélica, reconheceu que já sofreu preconceito na igreja, por ser negra, mulher e sozinha. Fez crítica ao preconceito religioso de alguns fiéis ou pastores. Ao perguntar-lhe se conhecia o terreiro, respondeu:

“Eu frequento a igreja evangélica. Eu acredito em Deus, respeito as outras religiões, mas eu cresci num lar evangélico, não tem assim muito conhecimento, muito contato. Respeito [...]”.⁴¹

E continuou:

Mas eu respeito as outras religiões, acho que tudo que [...] eu aprendi com meu avô, que todas as religiões você tem que levar a sério, se você vai seguir uma determinada religião, você tem que levar a sério [...] e tem que respeitar o espaço, a religião do outro, a crença do outro, mas eu não consigo me ver em outra igreja, mas não consigo me firmar em nenhuma. Por conta da maneira que as vezes eles trabalham, principalmente nós mulheres, por exemplo, eu sou sozinha, então é complicado chegar numa igreja eu, mulher, sozinha. É complicado.

Em relação às religiões e às práticas culturais de matriz africana, considerou-se necessário fazer algumas complementações antes de adentrar no assunto, que se encontra a seguir:

A religiosidade é um dos elementos que compõem uma cultura com origem no continente africano e que se preservou no Brasil por meio da transmissão de geração a geração, como um ato de resistência, mantendo suas raízes africanas e resistindo a doutrinação católica. No presente trabalho, a capoeira e o terreiro representaram a espacialização das práticas culturais na Vila Padre Manoel da Nóbrega. Sobre isso, Sodré (2005, p. 125) considerou:

O terreiro seria o campo (o território de preservação da regra simbólica) delimitativo da cultura negra no Brasil, o espaço de reposição cultural de um grupo cujas reminiscências de diáspora ainda eram muito vivas. Nele se recriou a forma (com conteúdos selecionados e reelaborados) básica de coesão grupal negro-africana. Mediante a iniciação e a vivência na comunidade–terreiro, os indivíduos passam a absorver princípios ritualísticos que engendram atividades de dança, canto, narração, música, artesanato, cozinha, enfim, de algumas possibilidades discursivas negras.

⁴¹ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 16/02/2016.

Deste modo, a compreensão do terreiro, que associou a prática do afoxé, junto com a capoeira e o samba, fez parte desse processo de inclusão das manifestações na vida das pessoas da comunidade e se relacionam à formação identitária desse grupo social, chamado, como se referiu Gonçalves (2000), comunidade de santo.

A partir das referências teóricas, a pesquisa procurou compreender como os integrantes desse grupo cultural se viam no bairro e procurou compreender como eram vistos. Assim destacaram-se dois padrões diferentes de relatos nas entrevistas, cindidos entre os praticantes e os não praticantes das referidas manifestações, no tocante à presença das manifestações culturais afro-brasileiras no bairro.

David e Mãe Iberecy, do Candomblé, são também afrodescendentes e em suas entrevistas abordaram a questão do preconceito nos dois sentidos, racial e religioso, vivenciados por eles. Mãe Iberecy diz: “A religião nunca agradou muito, mas a gente não ligava não, a gente fazia, porque era um direito que a gente tinha, né?”⁴².

Na entrevista perguntou-se à Mãe Iberecy sobre o preconceito, se ela sentia que era com ela ou com o terreiro e ela respondeu:

“É, de mim não. Comigo eles sempre me respeitaram e me respeitam até hoje, entendeu? É da religião mesmo, o pessoal, até hoje a gente sofre intolerância religiosa, né?”⁴³

David considerou que o preconceito está presente pela falta de conhecimento que as pessoas têm sobre um assunto:

“No bairro você vai falar com as pessoas aí e vai ver o **preconceito** em todos os lugares, infelizmente isso aí é uma coisa, uma coisa que vai ser maioria, infelizmente inclusive”⁴⁴.

E continuou:

“Eu tenho quase certeza que eles vão atrelar, associar a questão da Umbanda, porque eles só têm preconceito, que é falta de conhecimento, né, então

⁴² Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 22/02/2016.

⁴³ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 22/02/2016.

⁴⁴ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 22/02/2016.

não vai discernir candomblé de umbanda. Tudo para eles vai falar que é macumba⁴⁵”.

A entrevista de David trouxe também elementos interessantes na temática sobre religião, a constituição de sua identidade, desde a aproximação com um padrão estético externo a ele, até a aproximação com a capoeira e com o terreiro, que lhe trouxeram referências negras:

Eu tenho o cabelo mais crespo e tal. E aí eu lembro que assistia novela e essas coisas de televisão, o que que era o padrão? Era aquele cara com cabelo, com o cabelo um pouco mais baixo aqui, era repartido no meio aqui, e atrás fazia aquela onda, sabe aquela onda? [...]. Porque queria ter essa onda, era o padrão de boniteza, você tá entendendo? Só que meu cabelo como não conseguia fazer essa onda [...] nunca que conseguia fazer essa onda. Você imagina eu, não tinha ainda descoberto o espelho para olhar atrás, então eu achava que tava a onda [...].⁴⁶

Francisco (2010), em seu capítulo sobre identidade cultural e racismo, expõe a ideia do preconceito difuso contra o negro, invisível, em que considera o fenômeno da harmonia racial um mito, baseando-se na análise sobre o preconceito de cor ou de raça e a discriminação, sob o ponto de vista da sociedade, em termos de raça e classe. Nesse sentido, “o preconceito e a discriminação teriam função política e ideológica de legitimar a exploração de classe e a espoliação maior dos negros e dos não brancos” (FRANCISCO, 2010, p. 140).

Abaixo, David relatou sua trajetória e a aproximação com as referências da cultura negra:

O primeiro contato com o terreiro foi através da capoeira e do carnaval. Aí, lembro que quando eu entrei lá, do jeito que eu entrei e bati o olho, nunca mais aquilo saiu da minha essência [...]. Logo em seguida eu já quis saber como funcionava, de que dia era. Não perdia uma sessão enquanto consulente. Eu era bem novo, não via a hora de chegar, antigamente era de segunda e sexta, os trabalhos e eu não via a hora de chegar. Eu me sentia muito bem, aquilo ali me tocava, me toca muito e aí [...] Quando eu, empolgado para caramba, sabe, joguei búzios para saber qual era meu orixá e tudo mais, aí quando fui entrar mesmo, falei, vou conversar com meu pai e minha mãe, eu era “de menor”. Com meu pai eu sempre tive uma relação difícil, nunca tive uma liberdade, a relação era difícil, mas era tão forte o negócio que eu fui e falei com ele. Primeiro eu falei com minha mãe, ela não era evangélica na época, ela tinha mais o pé no espiritismo do que no catolicismo, e no caso hoje ela é evangélica. Aí

⁴⁵ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 03/12/2016.

⁴⁶ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 03/12/2016.

lembro que ela falou tranquilo, aceitou normal. Meu pai, não lembro as palavras dele, mas não relutou, nada, na capoeira ele também não relutou. Mas sempre quem mais me incentivou foi minha mãe, eu lembro que quando eu tomei uma pancada e abri aqui (o supercílio), ele foi o primeiro a falar, olha o que a capoeira dá aí. Mas hoje ele tem que engolir, olha o que a capoeira me deu, sabe, mordeu a língua, enfim [...]. Aí quando autorizaram eu já estava com a roupa branca, tava indo na sessão, e fui embora, assim que eu comecei na religiosidade.⁴⁷

Ortiz (2015) tratou do processo de afirmação das identidades, em especial de comunidades quilombolas, ou grupos negros, em que é necessário buscar uma distinção para afirmação de suas identidades.

Intolerância religiosa:

Quanto à presença do terreiro no bairro, as referências dos entrevistados eram de desconhecimento e preconceito das práticas, como na expressão “turma da saia comprida” ou do “saravá”, como pode-se observar nas entrevistas abaixo.

Senhor Sebastião, ao ser perguntado sobre a presença de terreiro no bairro:

Que eu saiba não [...] você diz umbanda? Terreiro é isso aqui [aponta para o Ibaô], tem essa turma aqui. Tem porque faz parte, né? Volta e meia tem reunião aqui, é o Centro de Umbanda. Eles frequentam e faz os trabalhos, inclusive aqui, subindo reto, do outro lado, tem uma casa azul, ali mora a turma da umbanda.⁴⁸

Dona Cida responde à questão da presença do terreiro:

“Parece que tem um aqui em cima, que é da turma da capoeira aqui, mas ninguém nem fala, fica lá pra cima, perto do parque dos eucaliptos”⁴⁹.

Senhor Toninho também parece desconhecer a presença do terreiro:

“Na primeira etapa tem uma casa que faz tempo que eles fazem barulho lá de noite, acho que de quarta-feira [...] A gente não sabe [...]”⁵⁰.

De modo geral, os entrevistados não sabiam fornecer informações sobre o terreiro e havia uma conotação negativa em suas falas, nas entrevistas, pelos olhares, e respostas evasivas. Observou-se também que ao perguntar sobre as religiões presentes no bairro as pessoas não associavam às práticas de matriz africana.

⁴⁷ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 03/12/2015.

⁴⁸ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 09/03/2016.

⁴⁹ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 09/03/2016.

⁵⁰ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 01/03/2016.

Fragmentada em pequenos grupos, fragilizada pela ausência de algum tipo de organização ampla, tendo que carregar o peso do preconceito racial que se transfere do negro para a cultura negra, a religião dos orixás tem poucas chances de se sair melhor na competição – desigual – com outras religiões. Silenciosamente, assistimos hoje a um verdadeiro massacre das religiões afro-brasileiras (PRANDI, 2004, p. 231).

Nas entrevistas pode-se testemunhar a invisibilidade e o preconceito que acompanhavam as lembranças das manifestações culturais afro-brasileiras na Vila Padre Manoel da Nóbrega, o que me remeteu ao artigo de Prandi (2004):

Até recentemente, essas religiões eram proibidas e, por isso, duramente perseguidas por órgãos oficiais [...]. Seguem sob forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente de religião (PRANDI, 2004 p. 225).

David e Mãe Iberecy⁵¹ eram responsáveis pela transmissão das tradições de seus grupos através da oralidade e possuíam uma lembrança privilegiada das atividades nas quais tinham participação ativa. Contaram sobre festejos ligados a São Cosme e Damião, ao samba e ao carnaval. Nesses eventos também participavam o grupo de capoeira e os filhos de santo do terreiro.

A tratar do tema da memória, que permeia o presente estudo, o esquecimento possui muitos significados. Na introdução, o projeto refere-se a “memórias subterrâneas”, conceito trazido por Pollak (1989), que aparecem nos relatos dos excluídos, de grupos minoritários e foi uma referência relevante na compreensão dos lapsos e esquecimentos. Também autores como Le Goff (2012), Delgado (2010), e Bosi (2003) trataram do assunto nesse mesmo sentido, do risco de apagamento de memórias.

Os demais moradores, com exceção de Isabel, através de suas entrevistas, não demonstraram conhecer ou lembrar dos eventos relacionados à cultura afro-brasileira. Isabel referiu-se espontaneamente ao terreiro, associando-o à capoeira.

“Tem. De vez em quando [...] tem uma senhora que tem um centro de candomblé, não sei, e eles descem pra baixo fazendo coisas assim [...] É da afro. É muito bacana, também é a única coisa diferente que eu vejo”⁵².

⁵¹ Podem ser considerados os guardiões da memória, segundo Simson (2003), inclusive pelo caráter de oralidade que pressupõe suas práticas, conceito que reproduzi no capítulo 2, sobre a presença negra em Campinas. Ver também narradores espontâneos.

⁵² Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 02/10/2015.

Isabel contou também sobre o afoxé e ao falar da beleza da manifestação, destacou durante a entrevista o “aspecto exuberante das vestimentas”.

“É muito bonito, menina, é lindo de se ver mesmo. É assim emocionante. Para quem gosta, né? Tem pessoas que nem [...] acha que aquilo é coisa de macumba, não dá muita atenção, mas é bonito.”⁵³.

Sobre a capoeira, os entrevistados conheciam o Ibaô, sabiam da prática da capoeira, porém não sabiam dizer nada a respeito, como contou o senhor Ademar:

Agora tem esse Ibaô aí, que não sei, a gente tem até dúvida, apesar que o Davi é gente fina, a gente não sabe o que eles fazem, qual a atividade geralmente deles. Se é folclore, se é a capoeira, a gente não se envolve muito com eles aí, parece que fica meio isolado, você entendeu? Não é que eu tô contra, nada disso[...]”⁵⁴.

Atividades culturais e de lazer:

Bosi (2003) fez apontamentos sobre a cultura das classes pobres, pertinentes ao tema da presente pesquisa, bem como trata das práticas religiosas e suas relações com o enraizamento e desenraizamento do povo, ofertando subsídios para tratar de temas caros à história oral. “Não há métodos fáceis para reconstituir uma cultura popular: ela é uma história tecida de silêncios, uma vez que pertenceu sempre às classes dominadas.” (BOSI, 2003, p. 64).

Os moradores em seus depoimentos lembraram de poucas referências culturais da época, alguns eventos proporcionados pela sociedade de amigos do bairro, ou pela igreja católica. Suas falas possuíam um ar nostálgico e alternavam entre o sentimento de que “era bom”, ao lembrarem da convivência com os vizinhos e os filhos ainda na infância, e o “era difícil”, ao se referirem as dificuldades de infraestrutura inicial no bairro.

Senhor Toninho conta que aproveitou pouco o bairro:

Tinha, mas eu [...] sabe, quando eu trabalhava lá em Paulínia, na Rhodia, eu não tinha tempo para casa, tinha mês que trabalhava direto. Entendeu? É longe, então saia 6h e chegava 18h30 e ia dormir cedo porque no outro dia tinha que levantar. Eu mesmo curtir a Vila assim eu não tive tempo de curtir, como a cidade de Campinas, tem lugar que eu nem conheço⁵⁵.

⁵³ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 02/10/2015.

⁵⁴ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 01/03/2016.

⁵⁵ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 01/03/2016.

Sobre essa ausência de lembranças, ou de uma fala desmotivada, estereotipada, Ferreira e Amado (1996) referem-se às testemunhas e as dividem em dois grupos: grandes testemunhas, que parecem ter muito a dizer e que participaram dos processos da história e as pequenas testemunhas, que afirmam não terem nada a dizer, com um referencial de terem se submetido à história.

Para essas autoras, um outro binômio possível ocorreria em relação a um discurso trancado, construído e controlado, versus um discurso que passam lembranças menos ordenadas e espontâneas. A descrição sobre tipos de testemunhas levou à compreensão sobre um testemunho menos participativo, que inicia a entrevista dizendo que não saberia informar, que quem sabe é o outro, como ocorria nas entrevistas na Vila padre Manoel da Nóbrega.

Deste modo, a história oral subsidiou a análise das entrevistas para fazer a leitura dos temas que sobressaíram e que muitas vezes se encontravam imbricados devido à “sutileza” das memórias trazidas à tona, sem contar os silêncios e esquecimentos. Bosi (2003) apontou para essa sensação: “é o gesso do estereótipo que perpetua lembranças enquanto as imobiliza e resume” (BOSI, 2003, p.113).

Sobre as entrevistas, Bosi (2003) afirmou sempre haver uma intenção que configura a narrativa, vista como um todo, sendo necessário ficar atento as hesitações e silêncios, lapsos e incertezas do narrador. Não se deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que se escutou, sinalizando cuidados com estereótipos que podem se formar:

Como podemos encontrar o caminho das coisas, se já nos disseram tudo antes que as experimentássemos? Como nos salvar dos preconceitos penetrantes que governam nosso processo de percepção? (BOSI, 2003, p. 117)

Ao estruturar o presente capítulo, a análise foi dividida em três tópicos onde foram tratados os aspectos envolvidos, representados nas falas dos entrevistados e compreendidos à luz das teorias que deram sustentação à presente dissertação e se encontram a seguir.

5.1. - A REORGANIZAÇÃO URBANA E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.

Para tratar sobre a reorganização urbana e a reconfiguração das manifestações culturais afro-brasileiras em Campinas, na Vila Padre Manoel da Nóbrega, considerando o desaparecimento e a retomada das mesmas, utilizou-se como orientação um alerta de Delgado (2010) sobre os homens perderem sua base identitária quando o espaço se transforma e as referências espaciais se perdem. O tempo e o espaço, considerados esteios da identidade para a autora, “são suportes do ser no mundo”. (DELGADO, 2010, p. 37).

A saída dos negros da região central para bairros de periferia, construídos em Campinas a partir da década de 1960, com a entrega de moradia nos conjuntos habitacionais, retirava deles também as referências que possuíam das relações de vizinhança (KOFFES, 1976) e de acordo com Semeghini (1998), contribuiu para a segregação social. “Campinas reproduz o típico padrão de crescimento urbano vigente nas grandes cidades” (SEMEGHINI, 1998, p. 240).

A respeito da exclusão da população pobre e preta das grandes cidades, Gonçalves (2000, p. 52) pontuou:

“Além do projeto sanitaria, o projeto arquitetônico do desenvolvimento urbano tratou de controlar e quando possível expulsar os negros dos espaços mais centrais da cidade”.

Distanciados entre si, ao passarem a residir em conjuntos habitacionais diferentes, a reconfiguração oferecia a possibilidade de novas relações de vizinhança no próprio bairro e uma rede entre pessoas que se conheciam e residiam em diferentes “bairros de Cohab”, como são denominados pelos moradores.

Este estudo trata das temáticas do desenvolvimento urbano e da habitação no município por estarem relacionados diretamente à formação da Vila Padre Manoel da Nóbrega e ao aparecimento das manifestações culturais afro-brasileiras por lá. Os negros foram retirados da região central da cidade, conforme os estudos apontaram e as políticas de habitação levaram a população pobre e preta para áreas periféricas.

Sobre as famílias negras migrarem para as periferias das cidades, levando consigo a memória das manifestações culturais afro-brasileiras, Nogueira (2009) afirmou que as manifestações da cultura afro-brasileira se enredam em meio a significados e interpretações que foram construídos pelo grupo e que estão

associadas e seus membros, tornaram-se intérpretes e transmissores, conforme colocado no capítulo dois, sobre a presença negra na cidade.

As vilas populares, entregues pela Cohab eram identificadas, pelos moradores do município, como possuindo características semelhantes entre si, inclusive no que tange ao comportamento de seus moradores. Segundo Isabel: “eram pessoas vindas de todos os lugares de Campinas”. Em algumas entrevistas surgiram comparações com outros conjuntos habitacionais da cidade, como a Vila Padre Anchieta, ou Vila União, como expressa Dona Isabel:

É um desejo assim, se todos lutassem tinha muita coisa aqui, como lá no Aparecidinha, aquele bairro eu acho maravilhoso, a Vila União maravilhosa, o prefeito tá fazendo coisas boas lá e em outros bairros também, é admirável e louvável a atitude que ele tá tendo, né? Em matéria de progresso assim, mas aqui tá sendo meio judiado. Muito esquecido, e é um bairro bom.⁵⁶

E também Dona Cida fez comparações a outros bairros:

Agora não tem mais nada... era bastante gente que circulava porque vinha nos açougues, não tem, não vem mais... vai para outros lugares, supermercado. É muito parado esse bairro, a turma até fala, que o Anchieta, outros bairros por aí, de Cohab tem movimento, aqui não, você pode vim de domingo que está assim.⁵⁷

Nesse período de formação do bairro, a Vila Padre Manoel da Nóbrega possuía um acesso precário, ruas de terra e sem linhas de ônibus. Atualmente nos quarenta anos de existência da Vila Padre Manoel da Nóbrega, muitas pessoas já se mudaram dali, inclusive para bairros mais distantes. A saída dos filhos dos moradores também é uma constante, quando se casam ou saem para trabalhar. Como evidenciado nas entrevistas.

É o caso de dona Sandra, que conseguiu comprar seu apartamento da Cohab no DIC – Distrito Industrial de Campinas, próximo ao aeroporto de Viracopos, na região Sudoeste, porém alugou aquele para poder voltar a residir na Vila Padre Manoel da Nóbrega, em um apartamento alugado. Considerava o DIC muito distante, inclusive de seus familiares, que residem na Vila Castelo Branco. Seu filho também não reside mais lá, mudou-se para o município vizinho, Valinhos, ao se casar.

⁵⁶ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 02/10/2015.

⁵⁷ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 09/03/2016.

Em termos de dados demográficos da região⁵⁸, o censo do IBGE de 2010, aponta para uma taxa de crescimento negativa, nesta década, de -1,29%. Todavia, nem sempre foi assim. O histórico de evolução da população, considerando a década de 1970 como da entrega das primeiras fases da Vila Padre Manoel da Nóbrega, teve taxa de crescimento de 16,76%, no Censo de 1980. Neste período, a região possuía 11.502 moradores e subiu para 54.166, chegando em 1991 a 59.354 habitantes. A taxa passou a ser decrescente a partir do censo de 2000 e no censo de 2010 apresentou o número de 48.184 habitantes, que demonstra um perfil demográfico atual discrepante da região Oeste, em que está localizada.

A região Oeste de Campinas, representada pelas regiões Noroeste e Sudoeste como divisão administrativa, é a mais populosa do município, a mobilidade e os fatores de migração interna da população residente nas regiões periféricas de Campinas auxiliaram também a entender a moradia distante dos filhos de santo de Mãe Iberecy, que não estão apenas no bairro e sim em diversos lugares, até de fora de Campinas, como ela mesma contou:

Vem gente do bairro aqui, aqui dos predinhos, né? Da vila de baixo, daqui desse bairro aqui, da Vila Bela, vem muita gente, do outro bairro de lá da John Boyd Dunlop. Vem bastante gente daqui das redondezas. Jardim Garcia, mas muita gente de longe de Campinas vem aqui.⁵⁹

Falar dos “predinhos”, permitiu uma inferência, pois os prédios da Vila Padre Manoel da Nóbrega não permitiam ampliações como as casas, limitando o espaço, por isso menos valorizados e com moradores de menos recursos, portanto a fala de Mãe Iberecy observou que os frequentadores do bairro residem nos predinhos, levando à compreensão de receber pessoas menos favorecidas do bairro.

Ao buscar a relação entre o afoxé e o terreiro, encontrou-se na obra de Silva (2000) uma consideração interessante sobre essa relação. Em seu livro sobre o candomblé e a umbanda, ele compreende os terreiros como locais que proporcionaram desde o período colonial um espaço privilegiado de lazer, encontro

⁵⁸ A região considerada no estudo inclui a Unidade Territorial Básica 44, denominação administrativa da prefeitura municipal de Campinas e é composta por Vila Padre Manoel da Nóbrega, Vila Castelo Branco, Jardim Londres, Jardim Garcia e Parque dos Eucaliptos. Disponível em: <<http://campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/utb-loteamentos-2010.pdf>>. Acesso em: 16/03/2015.

⁵⁹ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 22/02/2016.

e solidariedade para negros, mulatos e pobres, oportunizando a reconstituição das heranças simbólicas dos mesmos.

Quanto às lembranças da Escola de Samba Renascença, localizada na Vila 31 de Março, região leste do município e sua ligação com o terreiro na Vila Padre Manoel da Nóbrega, na região oeste, é explicada por Mãe Iberecy com naturalidade, pelas afinidades religiosas e culturais. David completou dizendo que o terreiro era o coração da escola, pois o presidente era filho de santo do terreiro:

“É porque a escola era de lá. Só que nós éramos daqui. A gente fazia a escola aqui. E algumas alas eram feitas lá. Mas aí... E muitos componentes eram daqui também [...]. Eu fiz onze anos samba enredo para o Dadão”⁶⁰.

A participação do terreiro nos eventos da escola de samba se deve também à representação da ancestralidade atribuída aos terreiros, o que conferiria proteção divina aos integrantes da escola, cuja expressão cultural chegava a seu ponto máximo no desfile. Antes os preparativos eram responsabilidade também dos filhos de santo do terreiro, com apoio na confecção dos figurinos e composição do samba enredo.

David também contou sobre a participação da capoeira nas escolas de samba de Campinas:

Era cultural de ter [...] nas escolas de samba de ter uma ala de capoeira. Aqui em Campinas sempre foi assim, todo ano tinha uma ala que tinha que ter os capoeiristas [...]. Estando ou não no enredo, no canto, na letra da música da escola de samba, no samba. Independente se tinha no samba, lá na letra do samba, tinha capoeira ou não, tinha um grupo de capoeira.⁶¹

Para a compreensão da relação do terreiro com as demais manifestações, como a capoeira e o samba, é importante compreender o processo identitário que envolve a participação das expressões culturais afro-brasileiras e suas interfaces. É a crença na ancestralidade que eleva o terreiro à condição de espaço legítimo para a manifestação da cultura afro-brasileira e todos os ritos, a expressão dos tambores da capoeira, do samba e do culto religioso, que reproduzem o ritual africano ancestral e reafirmam a identidade cultural dos participantes.

Ao lembrar sobre os festejos da época, Mãe Iberecy começou a contar sobre outros eventos que eram feitos, alguns de origem religiosa e outros de caráter mais

⁶⁰ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 22/02/2016.

⁶¹ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 03/12/2015.

profano, porém tinham em comum as práticas que remetiam às matrizes africanas, sem a clivagem entre o profano e o religioso, demarcada de uma forma estanque pelas sociedades cristãs.

Nas práticas culturais afro-brasileiras um elemento importante é estar em sintonia com a ancestralidade, os ritos possuem um significado simbólico, o som dos tambores, os “pontos cantados”. Profanas ou religiosas, as manifestações culturais de matriz africana devem ser vistas em conjunto, sempre como um ato de fé nas divindades africanas, os Orixás. Possuem uma característica ímpar, o sincretismo religioso. Sobre o assunto, Sodré (2005, p. 125) escreveu: “Guardião de axé e auô, o terreiro é ao mesmo tempo, aiê e orum, matéria e antimatéria, lugar de irradiação de intensidades, de possibilidades de reversibilização para a sociedade global”.

Na entrevista, David expressou:

“Quando eu falo a gente, na verdade a gente é movido por uma energia que a gente depois que vai entender, o porquê das coisas. Eles que querem, nossos instrumentos, então os Orixás que [...] querem”.⁶²

Mãe Iberecy se queixou durante a entrevista de cansaço, de seus anos de lalorixá, revelou sua idade, 66 anos, e revelou que “desde os 12 está na espiritualidade”, como se referiu a seu dom, descoberto desde a infância. Desde o primeiro terreiro, em meados da década de 1970, esteve e está à frente do terreiro como líder espiritual há quarenta anos. Lembrou que muitos fiéis de outros tempos já não frequentam, em função da idade, ou porque morreram.

As atividades festivas de grande porte no terreiro como preparação para a festa de Iemanjá, ou o carnaval, já não ocorrem mais no terreiro. A festa de São Cosme e Damião que antigamente era na rua, agora acontece na área interna do terreiro.

Prandi (2004), em artigo sobre o mercado religioso do candomblé e da umbanda, aborda a fragilidade dos terreiros, por serem espaços pequenos, com conhecimentos ligados à figura do líder espiritual da casa, passados pela oralidade.⁶³

⁶² Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 03/12/2015.

⁶³ Em seu livro, anterior ao artigo, Prandi (1988) estudou os terreiros de São Paulo, na década de 1980 e trata, entre os demais temas que subsidiam o estudo dos terreiros, também sobre as relações comerciais do terreiro, como o jogo de búzios, abertas a pessoas externas ao terreiro. Sua carreira acadêmica e sua produção literária estão ligadas ao estudo das religiões afro-brasileiras.

O terreiro de Mãe Iberecy está sempre cheio, como presenciou-se nas cerimônias e como dona Isabel contou:

As pessoas têm o maior respeito por ela, um respeito muito grande, mesmo ela sendo desse candomblé. Porque todas as pessoas que passam, falam: 'olha como tá cheio lá na Vani'⁶⁴, o pessoal fala, quem é bom sempre prevalece.⁶⁵

5.2. - O IBAÔ E A RECUPERAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O Ibaô se constituiu na Vila Padre Manoel da Nóbrega como organização cultural que procurava recuperar as manifestações culturais afro-brasileiras, por meio de diversas linguagens e por oferecer ao público em geral, não apenas do bairro, uma programação de eventos e cursos de formação, seminários sobre as questões ligadas à cultura negra.

Por meio de recriações culturais, o Ibaô se propôs a recuperar as manifestações que ocorriam no bairro desde a década de 1980, ligadas ao terreiro e ao grupo de capoeira, que estiveram por um tempo enfraquecidas no bairro e passaram a retomar fôlego a partir de 2005, com a criação formal do espaço, o que novamente nos remete ao estudo de Pollak (1989), sobre as memórias subterrâneas e o estado de latência que permite a elas a sobrevivência em tempos adversos. Dentre o processo de recriação, começaram as pesquisas do grupo sobre os temas afro-brasileiros e o histórico do terreiro.

Para explicar o papel do Ibaô na recuperação das práticas culturais afro-brasileiras, como a capoeira e o terreiro e a introdução de elementos novos, como o Afoxé Ibaô e o Balaio, novamente usou-se referências a Francisco (2010), sobre a consolidação de novas formas de expressão cultural-religiosa e artística dos afro-brasileiros que ocorreu na década de 1980. Sobre isso também, o autor verificou:

A retomada do esforço público de afirmação, resistência e expansão dos diversos grupos que compõem a comunidade religiosa e cultural afro-brasileira e recriação, também, em níveis regionais e nacionais, do movimento negro político e urbano institucionalizado. (FRANCISCO, 2010, p. 141).

⁶⁴ Nome civil de Mãe Iberecy.

⁶⁵ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 02/10/2015.

A retomada, por meio das manifestações culturais, auxilia os filhos de santo também a vislumbrar alternativas de obtenção de recursos financeiros para a sobrevivência do terreiro e das pessoas que atuam em período integral nos trabalhos necessários de suporte para o terreiro e para o Ibaô. Os riscos de desaparecimento das manifestações culturais sofrem influência também de fatores socioeconômicos.

Importante contextualizar, conforme apontou-se no capítulo 2, sobre a presença negra em Campinas, pois a recuperação das manifestações culturais e os processos de afirmação da identidade negra, têm ampliado no país de modo geral, não se constituindo aqui um movimento isolado, muito pelo contrário, e Campinas, historicamente, participou dos movimentos negros desde os tempos da escravidão, localizados no capítulo dois da presente dissertação.

Através dos relatos de Mãe Iberecy, puderam ser conhecidas algumas práticas ocorridas no bairro, a partir da década de 1980, como um evento para angariar fundos para o carnaval, que ficou conhecido como Rua do Samba. A rua era fechada para dar lugar ao festejo, com a presença da escola de samba, como um pré-carnaval, com caminhão de som e venda de produtos.

“Eu não vencia de tanto vender acarajé”⁶⁶, contou Mãe Iberecy.

Outra festa que Mãe Iberecy se referiu foi o Dia de Iemanjá e os preparativos para a ida à praia, levar as oferendas. Descia com 4 ônibus repletos de fiéis e tudo tinha que ser preparado com muita organização, até mesmo a montagem do espaço na praia, além do cuidado com as oferendas para a “rainha do mar”. Abaixo os detalhes no relato de mãe Iberecy:

Na época, muito tempo atrás, a gente não falava balaio, a gente falava barco. E ele fazia o barco desse tamanho, um metro e meio, com velinha e tudo e ali era depositado todos os presentes como são depositados no balaio. Que hoje é o balaio que vai, né? Não tem mais o barco, ainda alguns terreiros ainda usa o barco, meu pai fazia o barco para a gente. E a gente levava o barco. Então essa festa de Iemanjá a gente saía daqui com o barco cheio de oferenda, e eu tinha umas pessoas que iam na frente, eles saíam meio dia daqui. Eles pegavam lugar, montavam, cercava tudo, fazia altar e a gente chegava.

A gente punha a volta inteira, a gente já tinha as estacas, tudo com cerquinha, o terreiro ficava lindíssimo. Meia noite e pouco eu tava chegando lá. E a gente já ia para lá. Então o terreiro era iluminado só com vela, a volta inteirinha. Tinha a entrada, que nem aqui, né?

⁶⁶ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 22/02/2016.

Fechava ali. É [...] Era retangular [...] E a gente 'batia' ali a noite inteira. A noite inteirinha. Só que o tempo foi passando, fui envelhecendo, fui cansando, falei gente: a mãe não vai mais para a praia. Porque os filhos foram ficando mais velhos, cansado também, né? E aí veio o Balaio. O Balaio começou lá no Ibaô.⁶⁷

Nessa passagem, Mãe Iberecy conta que estava cansada e já não fazia as viagens para a praia, quando os filhos de santo se articularam e criaram o Balaio, substituindo o ritual do barco. Deste modo, ouviu-se a origem do evento do Balaio das Águas, que descrever-se-á a seguir:

Em 2013, a comunidade do terreiro se reuniu e organizou o evento, como forma de homenagear Mãe Iberecy, que completava cinquenta anos de iniciação espiritual. O Balaio teve como programação um ritual de abertura no terreiro, descida com o grupo de afoxé até o Ibaô, local em que o balaio ficava exposto enquanto ocorriam as apresentações de grupos culturais como celebração e recebimento de oferendas de fiéis, e no fim do dia voltaria ao terreiro, com o afoxé, para ser encaminhado ao litoral, destino final, como oferenda à Iemanjá⁶⁸.

Desde então, novas edições têm ocorrido com o apoio do poder público municipal, por meio da Secretaria de Cultura e tem sido considerado o evento de abertura dos festejos culturais do ano. Com a proposta de uma festa, não apenas com grupos ligados às temáticas afro-brasileiras tradicionais, mas também a novos movimentos culturais que têm dialogado e possuem origem na comunidade negra e periférica, como o movimento do hip hop.

Sobre o papel mediador do Estado nas expressões culturais afro-brasileiras, como políticas afirmativas, Ortiz (2015) destacou que esse processo de inclusão é decisivo por possibilitar aos grupos minoritários a garantia de direitos que sempre foram negados. A fundamentação teórica apresentada no capítulo 1 incluiu trechos do material apresentado acima, de autoria de Ortiz (2015)

O Afoxé Ibaô Inã Ati Omi foi uma ideia dos filhos de santo do terreiro para recuperarem a manifestação, considerada um preceito do candomblé, um misto de dança, canto e indumentária próprios. Foi fundado em 2009 como estratégia de celebrar a ancestralidade africana e a ligação com a cultura brasileira. Se constituiu como uma atividade em grupo, realiza ensaios abertos durante o ano na sede e

⁶⁷ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 22/02/2016.

⁶⁸ Utilizou-se a palavra Balaio com letra maiúscula para designar o evento do Balaio das Águas e o balaio com letra minúscula atribuiu-se ao cesto que recebe as oferendas.

corporifica a relação do Ibaô com o terreiro, no período das festas carnavalescas, utilizando-se do trajeto do terreiro para a praça em frente ao Ibaô. Também se apresentam artisticamente em eventos de cultura popular e espaços que atuam nesse segmento, como as unidades do SESC e órgãos de cultura de governos municipal, estadual e federal.

David contou sobre o afoxé em sua entrevista:

É iniciativa de filhos de santo daqui, que são do Ibaô, que pensaram nessa situação de reativar essa. De tentar conseguir esse suporte pra ir e voltar a fazer, e envolver a parte cultural que seria o balaio lá embaixo né? Aquela programação cultural. Então foi essa ideia. O terreiro e o Ibaô juntos. O Afoxé começa quando eu já era filho de santo aqui. Eu dava aula de capoeira na sede lá, acaba as aulas de capoeira e a gente fazia um, tocava e cantava músicas de terreiro e tal. Como uma espécie de voltar a calma ali, de enfim, eu particularmente nunca separei a religião da capoeira [...].⁶⁹

Sobre os afoxés especificamente, localizou-se um estudo histórico sobre o assunto no Livro de Registro de Celebrações do IPAC⁷⁰, que fez o dossiê do registro do Bloco de Afoxé Filhos de Gandhi, em Salvador, BA, considerado o mais antigo do Brasil. Ao ler sobre sua história, encontrou-se a informação que vale reproduzir aqui:

Em 1902, os afoxés pediram licença à Prefeitura de Salvador para desfilar, o que lhes fora negado e debatido intensamente na imprensa. Esta informação confirma a ideia de que, até então, os afoxés resistiam ao carnaval oficial, o que faz pensar na existência de um debate político e racial de disputa por espaço entre as elites brancas e os negros libertos. (LIVRO DE REGISTRO DAS CELEBRAÇÕES – IPAC, p. 17).

A informação levou à confirmação a respeito de exclusão e resistência das manifestações culturais negras, porém chamou a atenção o fato ter ocorrido em 1902, o que demonstrou o atraso de Campinas em relação à participação do negro na sociedade campineira, que ainda proibia a presença do negro em eventos sociais na década de 1970, segundo Barbosa (1983), em seu estudo sobre as famílias negras em Campinas, também citado no capítulo 2 dessa dissertação, ou seja, setenta anos depois.

⁶⁹ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 03/12/2015.

⁷⁰ Instituto do Patrimônio cultural e Artístico da Bahia. **Dossiê**. Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/afoxes.pdf>>. Acesso em: 02/03/2016

Francisco (2010, p. xx) concluiu, após afirmar a existência histórica de grupos étnico-culturais:

Em conclusão, o negro, o negro-mestiço ou afrodescendente conforma uma etnia e constitui um processo identitário, fundamentado na herança cultural recebida, reelaborada e recriada que, em larga medida, orienta os esforços de vários segmentos da comunidade negra, de negros ou de negro-mestiços, no processo histórico de afirmação, resistência e acomodação da sociedade brasileira.

Os dois eventos destacados aqui como exemplos da recuperação das manifestações culturais pelo Ibaô, foram retomados pelos filhos de santo, reunidos com o intuito de reviver festejos para celebrar a religiosidade, são eles o Balaio das Águas e o Afoxé Ibaô Inã Ati Omi. Pode-se observar a constituição deles como produtos para a revalorização das manifestações na região e trazer destaque e simpatia da população de modo geral e não apenas à comunidade de santo.

Novamente estabelecendo conexão com o ambiente cultural do Brasil, o movimento de revalorização de manifestações culturais afro-brasileiras tem ocorrido, segundo Silva (2000), desde 1960 através de pesquisadores, intelectuais, o que mediou a relação com a classe média, possibilitando a popularização do candomblé, antigamente perseguido pela polícia e atualmente ainda visto por alguns como uma prática, quiçá, demoníaca.

O estudo de Rovai (2016) sobre políticas culturais e tradição popular revelou preocupação com o apagamento das experiências, das memórias, ao considerar que:

Apesar do histórico das políticas públicas voltadas à cultura, o processo pelo reconhecimento e valorização das culturas populares ainda tem sido marcado por uma longa luta contra o desprezo, o silenciamento e o esquecimento tanto por parte do governo, quanto pelo olhar social. (ROVAI, 2016, p. 242)

Neste sentido, as políticas culturais no município sinalizaram iniciar uma política que reconhecia direitos das comunidades culturais das diversas regiões de Campinas. A ação dos movimentos sociais ligados à cultura foram importantes agentes no reconhecimento da diversidade cultural e algumas políticas efetivas foram possíveis, no campo dos reconhecimentos, em se tratando aqui do objeto da pesquisa, as manifestações afro-brasileiras.

Contudo, a ação pública no município ainda se mostra incipiente na aplicação das políticas que cria para o fomento das culturas populares, contribuindo na manutenção dos preconceitos da população que não reconhece as práticas culturais afro-brasileiras ocorridas em seu território.

Ortiz (2015) ao tratar das políticas recentes, em um mundo globalizado, considerou necessário que o Brasil insira os símbolos de sua cultura em um mercado de trocas mundial. Como exemplo, a semana do Brasil na França, que levou elementos selecionados da cultura brasileira para serem expostos lá, entretanto, observou, que é a “primeira linha do nacional popular, isto é, “uma tradição construída em torno do nacional” (ORTIZ, 2015, p. 161), que não implica na valorização do regional. A ideia, que remete também ao conceito de Williams sobre a tradição seletiva, situada no capítulo 1 do presente trabalho.

Um exemplo é pensar no gênero da capoeira, difundida no mundo em que David, como representante, já viajou a onze países para apresentar e não possui reconhecimento na comunidade em que está inserida.

A relação com elementos do mal foi um dos pretextos utilizados por religiões pentecostais, segundo Prandi (2004), para a intolerância religiosa com as culturas afro-brasileiras. A violência constatada contra o “povo de santo”, como podem ser chamados os adeptos das religiões afro-brasileiras, foram noticiadas pela imprensa, porém se tornaram recorrentes.

Apesar da popularização, as religiões de matriz africana têm crescimento insignificante e mantêm as taxas de 0,3% da população brasileira que se declara devota, o que pode ser considerado pequeno, apesar de um ínfimo crescimento no censo de 2010 em comparação ao de 2001.⁷¹

A proximidade da religiosidade com as manifestações culturais, como citado por dona Isabel, influencia na opinião dos moradores, que ao considerar o afoxé fruto do candomblé, não estimula a admiração da expressão cultural. Neste ponto, o preconceito racial também influencia e se fortalece ao lado da intolerância religiosa.

O papel do Ibaô de recuperar as manifestações culturais afro-brasileiras é entendido por alguns moradores como uma ação exclusiva ao grupo de capoeira, ou do terreiro. Em alguns relatos aparece o preconceito:

⁷¹ As informações sobre os dados do censo e as religiões foram disponibilizados no link: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2013/12/o-censo-de-2010-e-as-religioes-no.html>>. Acesso em 03/05/201

“Volta e meia tem aquela turma da saia comprida, do saravá, fazem os trabalhos deles, não dá direito a ninguém” ⁷².

Essa fala representa um sentimento que alguns moradores demonstraram com relação a presença do Ibaô no local onde era a sede da associação de amigos do bairro, fundada na década de 1980, porém desativada atualmente. A interpretação do episódio que gerou esse conflito segue abaixo:

Quando a Vila Padre Manoel da Nóbrega foi entregue aos moradores, considerando as diferentes fases e anos das etapas, tinha uma infraestrutura precária, de acordo com relatos dos entrevistados. Os estudos sobre habitação, apontados anteriormente na presente dissertação também confirmam a informação. Na década de 1980, os moradores do bairro resolveram fundar uma Sociedade de Amigos do Bairro (SAB)⁷³, para reivindicar direitos e melhorias no bairro junto ao poder público.

A associação de bairro que substituiu a SAB já não realizava tantas atividades e foi enveredando para a decadência do espaço, até ser ocupado pela marginalidade por alguns anos. Com poucas atividades, poucos frequentadores, as pessoas não tinham mais tempo ou interesse para debater assuntos do bairro, talvez faltasse uma liderança como o senhor Tavares, talvez fosse só a mudança dos tempos.

O fato é que a associação alugava o espaço para festas no bairro e funcionou como um salão de festas por algum tempo que não se pode precisar pelas entrevistas, nem por documentos. David em seu depoimento fala sobre a dificuldade de realizar a aula de capoeira no dia seguinte às festas, porque o chão ficava muito sujo e a roupa de capoeira era branca:

Porque eu lembro, como eu lembro, era uma dureza, porque eles alugavam para festa no fim de semana, as pessoas que usavam e faziam a festa não limpavam o salão, a gente chegava de terça-feira na aula de capoeira de roupa branca [...].⁷⁴

David também contou que após o espaço ficar abandonado, ele junto com o grupo da capoeira, que ele continuou realizando no espaço, pensaram no projeto do

⁷² Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 09/03/2016.

⁷³ As SABs possuem um contexto político, retratado nos temas de Cidadania, porém não são objetos deste trabalho. Como referência, utilizou-se Holston, J. **Cidadania insurgente**, 2013.

⁷⁴ Sugestão: Informação verbal em entrevista concedida em 03/12/2015.

Ibaô, escreveram e apresentaram à direção da Cohab, solicitando o comodato do espaço, que foi aceito e vigora até os tempos atuais.

Para a instalação do projeto do Ibaô, David contou que investiu parte dos recursos provenientes de apresentações e de prêmios como do programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura. Colocou grades no espaço, conseguiu um caminhão de mudas de arbustos e árvores e plantou no local, remodelando a área. Em virtude de remodelação, não deixou mais os banheiros abertos para uso livre ou indiscriminado e alguns moradores se queixaram disso, o que David rebate justificando a limpeza do espaço.

Atualmente o espaço é referência nas políticas culturais do município, abrigando eventos em uma parceria como poder público, com a cessão da área. Sobre esse aspecto, considerou-se relevante evocar a leitura de Simson (2013) para analisar a ocupação do espaço pela comunidade negra. Sobre isso, as palavras da autora sobre resistência cultural: “A força da cultura e da solidariedade negras, provenientes da vivência em espaços comuns, gerou formas de resistência a essa tendência mais geral da sociedade” (SIMSON, 2007, p. 228). O que a autora chamou de resistência inteligente no âmbito da cultura. “Geralmente o exercício da resistência inteligente conduz à elaboração de novos fatos culturais que vem preencher as necessidades surgidas na diáspora” (SIMSON, 2007, p. 235).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com fontes orais em um trabalho de pesquisa que visa registrar as memórias das manifestações culturais foi uma premissa dada pela metodologia da história oral. Pensar em uma interpretação final dos dados requereu um momento de síntese, de alinhar o material mnêmico revelado nas entrevistas, a história conhecida e a história desconhecida do bairro. Utilizei como fio condutor os suportes teóricos oferecidos não apenas pela história oral, como também por outras áreas de conhecimento das ciências humanas e além de tudo, da experiência adquirida com a pesquisa de campo.

A pesquisa de campo compreendeu não apenas as entrevistas, mas a experiência de estar em reuniões do Ibaô com a comunidade do bairro, em celebrações públicas do terreiro. Fui à barraca do pastel, lembrada em algumas entrevistas como o local de encontro dos moradores do bairro, aos eventos do Balaio das Águas, do Afoxé, e circulei pela praça do Nóbrega, como ficou conhecida a praça sem nome oficial, conversei e entrevistei as pessoas que frequentavam o local.

Estive também pelas ruas do bairro, passei pelas escolas; pela Praça dos Trabalhadores, na divisa com a Vila Castelo Branco; pelo Progen; pela sede da escola de samba da vila Castelo Branco, Rosas de Prata. Recebi negativas de algumas pessoas para as solicitações de entrevista, com diferentes justificativas. Tive oportunidade de conhecer casas e um apartamento do conjunto habitacional da Vila padre Manoel da Nóbrega.

Bosi (2003), em suas indicações para a “colheita mnêmica” - assim denominada por ela, sugeriu que o pesquisador entrasse

[...] em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações de várias pessoas para configurar a imagem do campo de significações já pré-formada nos depoimentos (BOSI, 2003, p. 56).

A construção da experiência de campo, deu suporte para a análise dos dados, que pudessem contribuir com os objetivos da pesquisa. Se minha intenção inicial, como já revelado em capítulos anteriores, previa o registro das memórias dos

moradores sobre as práticas culturais afro-brasileiras, pude perceber nas primeiras entrevistas que não seria uma tarefa tão fácil.

Encontrei na frase de Bosi (2003) uma possível explicação para isso: *“a marginalidade política a que se relegam os estratos pobres da população é causadora do espantoso vazio memorativo do brasileiro”* (BOSI, 2003, p.54). Contudo não era o único fenômeno existente na ausência de lembranças das manifestações e o “esquecimento” poderia ser interpretado por outros vieses, que confirmei ao longo da pesquisa. O preconceito racial e a intolerância religiosa se faziam presentes de forma velada, por isso apontei a delicadeza necessária em desvelar os temas escusos.

Confirmei o “vazio memorativo” de uma parcela dos entrevistados não praticantes e ao observar atentamente, foi possível compreender que esse vazio não era apenas em função da resignação. Existiam outros fatores, ligados ao preconceito racial, pois mesmo ao perguntar a respeito das manifestações as respostas eram evasivas, em especial em relação ao terreiro. Poderia sugerir um desinteresse pelo tema, mas ressaltava o desconhecimento e ao prosseguir na investigação, algumas falas, como transcritas no capítulo anterior, demonstravam o preconceito.

Ao tratar do tema do racismo, que apontava para os riscos de apagamento da memória, deparei-me com um caminho a ser tomado na pesquisa, estudar as relações colocadas pelo racismo e possíveis consequências do fenômeno. Acrescentei o estudo sobre a presença negra em Campinas para que o contexto histórico ajudasse a compreender as relações estabelecidas com a população negra em Campinas.

O corpo teórico seria desenvolvido a partir de alguns temas que surgiram nas entrevistas, como a tríade memória, identidade e cultura. A frase de Simson, abaixo, expressa a valorização pelo âmbito da cultura, espaço de criações e ressignificações culturais:

As razões da visão diferente e da valorização dos grupos negros de utilizar o âmbito da cultura para se opor a dominação branca e conquistar espaços na sociedade brasileira. São formas de resistência exercidas dentro do sistema, no cotidiano da vida negra que, valendo-se de criações culturais próprias à nova vida urbana, demonstraram a capacidade de obter e construir espaços sociais

novos para os grupos negros, numa sociedade, a princípio escravocrata e, mais recentemente, altamente discriminatória. (SIMSON, 2007, p. 234/235)

Para tratar da memória das manifestações culturais da Vila Padre Manoel da Nóbrega, bairro do município de Campinas, considereei necessário conhecer um pouco mais também sobre como se desenvolveu a cidade, compreender em meio a que contexto surgiram os conjuntos habitacionais, portanto, incluí o estudo sobre o processo de urbanização e as políticas de habitação municipais.

Deste modo, a tríade memória, identidade e cultura foram essenciais para a compreensão do objeto de estudo, tendo como fio condutor a história oral. As manifestações culturais compreendidas a partir da afirmação identitária, por meio delas um grupo ligado ao candomblé e à capoeira, foram o mote para desvelar as relações estabelecidas no bairro e as memórias subterrâneas⁷⁵, que surgiram a partir do processo de recuperação instaurado pelo Ibaô.

Desta forma, houve a ressignificação de manifestações culturais oriundas dos terreiros por meio da construção de novos elementos pelo Ibaô, como o grupo de afoxé, e as celebrações, como o Balaio das Águas. Interpretados como eventos culturais, passam a receber destaque da imprensa e do poder público, atraindo entre seu público universitários que participam de um movimento de reaproximação com as manifestações culturais afro-brasileiras presentes na região.

Quanto à utilização do espaço público pelos grupos culturais, de maneira geral no município, o poder público tem se mostrado refratário às ações afirmativas, entretanto, a ocorrência dessas parcerias, sem oficialização ou sem uma política específica de fomento e de apoio, se arrasta por anos e acarreta dificuldades para os grupos e possibilidades de insucesso. A qualificação do entorno, que consiste no esclarecimento à população do tratamento do uso do espaço e incentivo à participação da comunidade se mostra uma ação efetiva na redução de possíveis conflitos.

O programa Cultura Viva desenvolvido pelo Ministério da Cultura, que foi criado em 2004 foi, em termos de avaliação como política cultural, considerado de ampla capilaridade e boa relação custo/benefício, com muitas experiências difundidas por pesquisas acadêmicas nacionais e internacionais. Porém como nas diversas

⁷⁵ Segundo Pollak (1989), citado no capítulo 1.

políticas culturais que existiram e continuam a existir, falta a efetividade das políticas, e serem pensadas em termos de política de Estado e não de Governo.

Bosi (2003) ao tratar sobre a cultura da classe pobre, tomou o cuidado de não determinar uma cultura elitista em detrimento da cultura popular: *“Aceitemos, pois, as cisões que nos separam da fala e da entonação popular que transcendem a divisão cultura popular X cultura erudita”*. (p.154) A partir desse referente, valorizou os testemunhos que recuperam as representações e valores, como determinantes para a diminuição das lacunas.

Os depoimentos dos trabalhadores que alcançaram, através de uma vida intensa das condições da sua classe, uma consciência militante. No trato destes depoimentos devemos ficar muito atentos a toda centelha de consciência. Atrás deles está uma pessoa que percebe, luta, cujas mãos tecem o tecido vivo da história: seguremos com força o fio dessa trama (BOSI, 2003, p. 155).

Ao procurar conhecer e registrar as memórias das manifestações culturais afro-brasileiras na Vila Padre Manuel da Nóbrega, a presente pesquisa alcançou o objetivo de registrar, a partir de fragmentos, uma lembrança que corria o risco de extinção, porém tem sido ressignificada pelo grupo, trazendo sentidos para cada um dos integrantes.

Bosi (2003) também observou que o conjunto de lembranças é um importante instrumento para constituir o que chamou de “crônica do cotidiano”. Neste sentido, a autora comparou a situação do cotidiano com o avesso da história política hegemônica ao trabalhar com grupos minoritários.

Um fator positivo neste trabalho, foi considerar, como apontado por Portelli (1997), que os resultados apresentados na presente dissertação pretendem contribuir, inicialmente pelo próprio processo de registro das memórias, que proporcionam um momento de reflexão para o entrevistado acerca das lembranças produzidas. Outro ponto relevante são as apresentações para a comunidade do bairro a respeito do material da pesquisa, que possibilitem o conhecimento das memórias do bairro, ou do processo de construção do bairro.

REFERÊNCIAS⁷⁶

ANTUNES, D. C. **Memórias das transformações de grupos comunitários como forma de favorecimento do envelhecimento bem-sucedido** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/Unicamp 2006.

ALBERTI, V. (2005) **Manual de história oral** 3ª edição RJ Ed. FGV 2013.

ARANTES, A. A. **O que é cultura popular** Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Ed. Brasiliense, 14ª edição. 9ª Reimpressão, 2010.

_____. **As tramas da memória:** antigas estruturas e processos culturais contemporâneos. Revista crítica de Ciências sociais, nº 32, junho de 1991

BAENINGER, R. A. **Espaço e Tempo em Campinas:** migrantes e a expansão do polo industrial paulista. Campinas. Dissertação (Mestrado). IFCH/UNICAMP, 1992.

BARBOSA, I.M. **Socialização e relações raciais:** um estudo de família negra em Campinas, Ed. FAPESP 1983.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória:** Ensaios de psicologia geral 2ª edição. SP Ed. Ateliê Editorial 2003.

CAMARGO, **Habitação coletiva popular na área central de Campinas (1980-2007):** formas, usos e conflitos 1991.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade São Paulo. Ed. USP, 2006.

CARVALHO, E. **Crise Urbana e habitação popular em Campinas** Dissertação Ciências sociais IFCH Unicamp 1991.

CEVASCO, M.E. **Dez lições sobre Estudos Culturais** São Paulo Ed. Boitempo, 2003.

CONSTANTINO, Lygia Gonçalves. **Habitação popular em Campinas.** São Paulo: Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP, São Paulo, 1997.

⁷⁶ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023 (2002).

_____. **Os espaços e suas tramas sociais.** Revista ANPUR - Rio de Janeiro vol. 9, p. 1013-1023, 2001.

DEÁK & SCHIFFER (orgs.) **O processo de urbanização no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

DELGADO, I. A. N. **História oral:** memória, tempo e identidades Belo Horizonte: Ed. Autêntica 2ª edição 2010.

DOMINGUES, P. **Movimento Negro Brasileiro:** alguns apontamentos históricos 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf> Acesso em 23/11/2015.

FRANCISCO, D. **Comunicação, identidade cultural e racismo** in Brasil afro-brasileiro, FONSECA, M.N.S. (Org.) Ed. Autêntica MG, 2010.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos** Volume IV da coleção Obras Completas, Ed. Imago 2001.

GIESBRECHT, E. **O Passado Negro:** a incorporação da memória negra da cidade de Campinas através das performances de legados musicais. Tese de Doutorado Instituto de Artes/Unicamp, Campinas, 2011.

_____. **A memória em negro:** Sambas de bumbo, bailes negros e carnavais construindo a comunidade negra em Campinas. Campinas/SP: Ed. Pontes 2013.

GONÇALVES, J.R. **Espaço, tempo e memória recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas:** o exemplo da Vila Castelo Branco. 2002. 192 f. Dissertação de Mestrado em Multimeios Instituto de Artes/Unicamp, Campinas 2002.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. in Arantes, A.A. (Org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24, p. 68-76. 1996.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** BH: Ed. UFMG 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.

HOFBAUER, A. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão** São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

HOLSTON, J. **Cidadania Insurgente**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOUAISS, Antonio (Ed.). **Grande dicionário Houaiss de língua portuguesa** Edição exclusiva para o assinante UOL. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/> Acesso em 30/07/2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. **Livro de Registro das celebrações: O Afoxé**. Salvador – BA, 2010. Disponível em <http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/afoxes.pdf> Acesso em 10/12/2015.

KOFFES, S. **Nós os pobres, eles os pretos** dissertação Mestrado Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, Unicamp. 1976.

LANG (2011), A. B. S. G. História oral: propostas e perspectivas. In: MAGALHÃES, V. B. SANTHIAGO, R. (Orgs.) **Memória e diálogo: escutas da Zona Leste**, visões sobre história oral. São Paulo: Letra e Voz/FAPESP, 2011 p.125 – 136

LAPA, J. R. A. **A cidade: Os cantos e os antros** SP: Edusp 1996.

_____. **O day after à abolição** Revista IEB/USP nº 30 p. 189-201. 1989.

LE GOFF, J. **História e memória** 6ª edição, Campinas Ed. Unicamp, 2012.

MARTINS, A. R. **Requalificação urbana: a Fazenda Roseira e a comunidade Jongo Dito Ribeiro de Campinas/SP**. 2011. 140 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2011.

NEVES, L. A. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade** – Revista HISTÓRIA ORAL, 3, 2000, p. 109-16

NOGUEIRA, A. **Batuque de Umbigada Paulista: Memória Familiar e Educação Não-Formal no âmbito da Cultura Afro-Brasileira**, Faculdade de Educação Unicamp 2009.

OLIVEIRA, V. **Elesbão** Edição do autor, com captação de recursos de Alteridade Crowdfunding, Campinas, 2016.

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

_____. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 5ª edição, 4ª reimpressão, 2001.

_____. um **outro território**: ensaios sobre a mundialização São Paulo, Ed. Olho d'água, 2005.

_____. **Universalismo e diversidade** São Paulo Ed. Boitempo, 2015.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. acesso em 04/03/2014 Disponível em:
http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf

_____. **“Memória e identidade social”**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro: 1992.

PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na história oral 1997, projeto História (15) abril/2007

PRANDI, R. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole Nova Ed. Hucitec/ Ed.USP 1991.

_____. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso **Revista de Estudos Avançados**, USP, 18 (52) 2004.

RIBEIRO, D. S. **Campinas no estado novo**: política de habitação popular na formação da cidade industrial. Campinas, 2007. 192 f. Tese Doutorado em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RICCI **Religiosidades, Cultura e Sociabilidade Em Algumas Antigas Igrejas e Largos de Campinas (SP)**: Santa Cruz, São Benedito e Rosário. 2007 ANPUH – XXIV Simpósio Nacional De História – São Leopoldo, 2007.

RODRIGUES, F. **A invenção da cidade**: população e planejamento urbano, imaginário e poder na formação urbana de Campinas (1930-2006) 363 f. 2008. Tese de Doutorado. Demografia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2008.

RODRIGUES, M. **Mudanças na segregação espacial em Campinas e influência sobre as redes sociais de pobres urbanos** 2008 Dissertação de Mestrado. Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, USP, São Paulo, 2009.

ROVAI, M.G.O. Políticas culturais e tradição popular: Uma reflexão sobre caminhos trilhados e sonhados. In SANTHIAGO, R. (Org.) **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2016.

SANTHIAGO, R. e MAGALHÃES, V. **História oral na sala de aula** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.

SANVITTO, M. L. A. **Conjunto habitacional BNH**: registro de um exemplar – Anais do 9º seminário Brasil interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente – Brasília/DF junho de 2011. Disponível em http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/026_M15_RM-ConjuntoHabitacionalBNH-ART_maria_sanvitto.pdf

SCHWARCZ, I. Raça como negociação. In FONSECA, M.N.S. (Org.) **Brasil afro-brasileiro** FONSECA, M.N.S. (Org.) Ed. Autêntica MG, 2010.

SEMEGHINI, U. C. **Campinas (1860 a 1980) Agricultura, Industrialização e Urbanização** Dissertação de Mestrado Instituto de Economia Unicamp. 1988.

SILVA, C. S. **Discriminações raciais**: negros em Campinas (1888 – 1926) Dissertação mestrado História Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, Campinas 1985.

SILVA, V. G. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira São Paulo. Ed. Ática 2000.

SIMSON, O. R. M. **Carnaval em branco e negro**: carnaval popular paulistano 1914 a 1988 Ed. USP/Ed. Unicamp 2007.

SODRÉ, M. **A verdade seduzida**: Por um conceito de cultura no Brasil 3ª edição, RJ Ed. DP&A, 2005.

TURINO, C. **Ponto de Cultura**: O Brasil de baixo para cima 2ª edição. São Paulo: Ed. Anita. 2010.

WILLIAMS, R. **A cultura é de todos** (1958). Tradução Maria Elisa Cevasco. Acesso em <https://pt.scribd.com/document/68474445/A-Cultura-e-Ordinaria1> em 20/06/2014.

_____. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

_____. **Palavras-chave**: Um vocabulário de Cultura e Sociedade. Ed. Boitempo, 2007 São Paulo – SP. 464 p.